

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL –
PPGPSI

ALEXANDRE MISSEL KNORRE

A RADIALIZAÇÃO DO SUTIL
– RÁDIO NA RUA, RITORNELOS, LADAIAS E VASTIDÃO –

Porto Alegre, RS, Brasil

2018

ALEXANDRE MISSEL KNORRE

A RADIALIZAÇÃO DO SUTIL
– RÁDIO NA RUA, RITORNELOS, LADAIAS E VASTIDÃO –

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Prof. Dra. Lílian Rodrigues da Cruz

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lílian Rodrigues da Cruz (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS')

Prof. Dr. Luís Artur Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS')

Prof. Dr. Rodrigo Lages da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS')

Prof. Dra. Betina Hillesheim
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Dedico essa dissertação
à *tan(ta)gente*,
aos meus pais, à Cláudia e à Brisa.

Agradecimentos

Agradeço meu pai e minha mãe pela incansável tarefa de criarem possibilidades para meus estudos e experimentações na vida.

Ao meu pai por ter me ensinado a importância de ser justo, alegre, disponível e principalmente, ensinou a disposição para aprender em qualquer momento da vida.

À psicologia e a filosofia por terem me ajudado a descobrir o paradoxo do ser justo e suas combinações éticas, singulares e imanentes.

À minha mãe agradeço, todo colo, toda reza, toda comida, toda bateção de panela, toda lavada de roupa, toda pimenta na língua, toda a preocupação, e principalmente, o ensinamento do malabarismo de cuidar de 5 filhos, casa, alunos, comida, roupa, higiene e amor.

Aos meus irmãos pelos exemplos de dedicação e criticidade.

Ao meu irmão Ique por toda nossa vida de brigas e por toda nossa vida de pazes. Pelo amor e respeito construído na admiração mútua. Pela alegria e renovação.

À minha irmã Márcia pelo exemplo de responsabilidade, de paixão pelas pessoas na sala de aula, de contágio pela tarefa, de empenho em reinventar a si e a educação.

À minha irmã Cláudia pelo carinho, alegria constante, esperança e amor pelo sol.

Ao meu irmão Eduardo, por todo sorriso, por todo estímulo, por todos tensionamentos buscando o melhor, pela parceria e arreganhos, pelo amor a fotografia e as plantas.

Aos dindos da Brisa, Átila e Júlia, amados amigos parceiros de som, de estudos, de esclarecimentos epistemológicos e que me ajudaram com as capas!

Ao amigo de infância Rafael Balardin, historiador, parceiro de todas as extravagâncias: dos primeiros amores, dos primeiros trabalhos, dos primeiros conflitos, da distância que nunca atrapalhou nossa amizade, mas deixa saudade; principalmente pelo incentivo insistente de que eu fosse ao mestrado.

Às Dés, as Déboras, pelo colo e distração, cuidado e parceria, alegria e intensidade.

Ao Ale Vargas e a Luciana Paz, pelo carinho em acolher as divagações e o encorajamento das ideias de jerico.

Ao Falcão pela alegria artística, a espontaneidade, a fala franca, divertida e divergente, contrário a qualquer modo de opressão. Um amigo e parceiro musical incrível, com um talento para todas as artes e principalmente para arte de ser amigo. Obrigado pela poesia de última hora.

Aos meus colegas de mestrado pelas discussões e aberturas.

Ao Seu Walmaro e a Dona Vera, por serem acolhedores, compreensivos, estimulantes, bons parceiros para dividir ideias e cuidados com a Brisa, mas principalmente por terem gerado a pessoa que não sei viver longe, porque só sei compartilhar vida junto dela.

À Cláudia Paz, amor, paixão, tesão, admiração, infinito, atual, minha força vital conjunta e junto. Me ouve, me cobra, me ama, me expulsa, me convoca, me cheira, me cuida, me desarma, me engravida, me ensina, me enlouquece. Quando beijo ainda sinto o som das sinetas da primeira vez. Essa dissertação só é possível por ser um projeto compartilhado e desejado por ti.

À Brisa, por esse amor inexplicavelmente estratosférico inesgotavelmente a brotar e me ensinar que só amando, só fazendo coisas que também sejam fortes. Com a Brisa é impossível uma pesquisa/prática burocrática e desimplicada. Antes dela já era difícil, com ela ficou impossível. Inflacionou a importância do tempo, do espaço, das ações, dos desejos. O amor infinito pela Brisa fez todos meus atos, longe dela, terem de ser desejos fortes, quase páreos; quase...

Ao amigo Fred pelo carinho e acolhimento das minhas especulações. Por desmembrar ideias e redes históricas, pela confiança nas minhas intuições, pelo incentivo da minha acuidade e presença na academia; pela amizade confiante e leal.

Ao violão por me salvar melodiosamente do desespero, da angústia, do pânico, me dando o que soar quando o corpo sofria com o horizonte nebuloso da escrita empacada.

Ao gravador que estocou a fala da banca de qualificação do projeto de pesquisa, por ter sido tão preciso em trazer a frequência clara e límpida das vozes dos 3 professores doutores, permitindo que eu me erguesse nos balões de gás que sugeriram.

À banca de qualificação, Luiz Artur, Rodrigo Lages da Silva e Betina Hillesheim, pelo acolhimento paciente das minhas especulações iniciantes. Por terem sido tão precisos e visionários nas proposições de referências de estudo. Ao ouvi-los repetidamente, indo aos textos e conceitos sugeridos foi o que me liberou e alegrou a escrita.

À internet, pelos acessos aos sites de buscas, à profusão de revistas científicas, de artigos, de pesquisadores à disposição.

Aos investimentos em políticas públicas que criaram condições para que meu modo de trabalho acontecesse junto a instituições do Estado.

À ONG rede do Circo, com o projeto Circo da Cultura Ações Culturais no Centro Pop, por acreditar na minha potência e incentivar as ideias de jerico.

À Luciana Paz idealizadora do Circo da Cultura, coordenadora, instrutora, atriz, amiga, dinda da Brisa, que confiou, permitiu e encorajou as experimentações no trabalho no Centro Pop desencadeadoras da Rádio na Rua; incansável em gerar e concretizar ideias.

Aos trabalhadores do Centro Pop abertos e acolhedores. Incentivadores de artistagens.

Ao pessoal que conheci com a rádio, as pessoas que convivi e nos aliamos para criar e executar a Rádio Na Rua juntos.

Ao Movimento Nacional das População em Situação de Rua, pela parceria e militância aguerrida.

Ao Jornal Boca de Rua incansável em gerar espaço midiático com a galera da rua.

À Rosina Duarte, pela criação do Jornal Boca de Rua e pelos botões.

Às pessoas da cidade, a vitalidade dos trânsitos nas ruas, ao infreável e incontrolável modo paradoxal do bem o do mal em cada uma, até na fila do sorvete.

Aos aparelhos de som, as caixas, a energia elétrica, ao transmissor FM, aos microfones, plugues, parafuso, principalmente a invenção da acoplagem por rosqueamento.

À colega Bruna Baptistelli pela ajuda nas tarefas acadêmicas, mostrando horizontes de possibilidades, tutorando meus inícios e apontando alguns atalhos.

Aos colegas de grupo de pesquisa Eduardo, Amanda, Marília, Luciana e Juliana pelo estudo compartilhado.

À Lilian Rodrigues da Cruz, pelo dia que fui defender meu projeto de pesquisa na seleção do mestrado em 2016, e ela me olhou. Ali fiquei com esperança. Obrigado, por desde de lá, cuidar de mim dentro da academia. Obrigado por apostar na força, a me estimular, por não aceitar minhas primeiras ideias muito mais para que eu tivesse outras do que por elas serem descartáveis. Obrigado pela paciência, pelo o esforço de entender minha linguagem, meus limites e meus freios com a academia. Obrigado por me ciceronear com tanto carinho, zelo, disponibilidade, orientando certeira e o essencial. Obrigado pela sobra de parceria, de delicadeza, de estímulo, incentivo, me desafiando a encontrar o disruptivo em mim mesmo. Lilian que coisa boa ter te conhecido. Escolheria tudo de novo do teu lado. E, acima de tudo, é uma apaixonada pela Brisa.

Ao professor Luís Artur Costa. Quando falo do Luís Artur como professor, costumo dizer que é o único professor, comigo, que fez uma aula expositiva valer o tempo de silêncio e de escuta. Foi um presente descobrir a dedicação, o talento em articular teorias com elementos diferentes do mundo, ampliando o alcance dos conceitos, facilitando a apreensão. Ao mesmo tempo em que demonstra rigor científico estimula a evasão rigorosamente artesanal e divergente do comum. Aprendi a entender, respeitar e desejar sua complexidade. Descobri uma pessoa sensível, com acuidade muito veloz, uma generosidade na leitura do outro e um faro aguçadíssimo à diferença. Um amigo para compartilhar a vida.

À Claudia Paz pelos chás, cafés, chimarrão, almoços, troca de fraldas da Brisa, banhos da Brisa, nanadas da Brisa, todo sobrecarregamento, para que houvesse estudo/escrita.

À Universidade Federal do rio Grande do Sul pelo ensino público de qualidade e o incentivo a pesquisa

Ao PPGPSI pela excelente dedicação, organização e rigorosidade na produção e invenção de conhecimento científico em psicologia.

Aos docentes do PPGPSI pelo solidário compartilhamento de conhecimento e incentivo ao estudo, pesquisa, sensibilidade e inventividade científica.

Minha mãe e minha sogra foram meu sul e o meu norte (o leste e o oeste eram o território das avós e a estrela guia, talvez, da bisá, de quem herdei o nome e a língua solta). Quando morreram, me deixaram saudade e dois vidros de botões. Para mim, representaram legados mais preciosos do que seriam porta joias de prata ou nácar recheados com ouro, esmeraldas e rubis. Durante muito tempo guardei-os comigo, ciumenta até de mim, pois não me atrevia sequer a costurá-los nas blusas ou casacos. Mas quando me tornei chapeleira, decidi compartilhá-los com o mundo justamente por serem mágicos demais para pertencerem a uma única pessoa. Os chapéus sempre têm pelo menos um botão como uma bênção feminina. Considero os chapéus guardiões de sonhos e os botões símbolos do livre arbítrio. Cada ser abre e fecha conforme sua vontade, sem precisar usar chaves, cadeados, trancas ou correntes. Circulares, coloridos, claros, escuros, brilhantes, foscos, iridescentes, eles são como astros de um universo particular. Um mundo nosso e de mais ninguém. (Rosina Duarte, criadora do Jornal Boca de Rua, jornal realizado por pessoas em situação de rua que se sustentam com a venda desses jornais há 18 anos. Texto enviado pela rede social da internet “Messenger” em 18 de agosto de 2018)

Resumo

O dissertado aqui tem como acontecimento principal e dispositivo Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua criada em 2012 durante oficinas de artistagem no Centro Pop em Porto Alegre. Essa rádio hoje com 6 anos de performance conjuga músicas, poesia, dança, conversas, entrevistas, debates, piadas, assuntos polêmicos, apresentação de talentos, sorteios, inicialmente acontecendo apenas no Centro Pop, e posteriormente, migrando para performances no espaço público, entrevistando e sonorizando os trânsitos das pessoas pelas ruas da cidade, comunicando as complexidades das vidas das pessoas em situação de rua no urbano. Nessa pesquisa, procurou-se problematizar primeiro como transduzir essa experiência, vivência, performance, ao texto científico acadêmico de modo a problematizar tanto o campo de condições de possibilidade da RNR quanto a forma de registrar essa intervenção. A pesquisa poderia ser resumida no problema: como foi possível a criação de um dispositivo coletivo como a RNR e o que ela faz fazer? Outra questão é qual a implicação teórico-técnica da psicologia nesse dispositivo. Para tanto, conciliou-se o método cartográfico com o método do *Looping* para o desdobramento de agenciamentos convergentes à RNR e disparados por ela. Acontecem aqui radializações, encrencas, ritornelos, ladaias e vastidão.

Palavras-chaves: pessoas em situação de rua; psicologia; invenção

Abstract

The dissertation here has as main event and device Radio On the Street: the radio of street people created in 2012 during artist workshops at the Pop Center in Porto Alegre. This radio, with 6 years of experience, combines music, poetry, dance, conversations, interviews, debates, jokes, controversial subjects, talent presentation, raffles, initially happening only in the Pop Center, and later, migrating to performances in public space, interviewing and sounding the transits of people through the streets of the city, communicating the complexities of the lives of street people in the urban. In this research, we tried to first problematize how to transduce this experience, experience, performance, to the academic scientific text in order to problematize both the field of conditions of possibility of RNR and how to register this problematic field. The research could be summarized in the problem: how was it possible to create a collective device like RNR and what does it do? Another question is what is the theoretical-technical implication of psychology in this device. For this, the cartographic method was reconciled with the Looping method for the unfolding of assemblages converging to the RNR and triggered by it. Radialization, trouble, *ritornelos*, *ladaias*, and vastness occur here.

Keywords: street people; psychology; invention

Lista de Abreviaturas

AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

AIDS – Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida

AM – Modulação em Amplitude

ASMR - Autonomous Sensory Meridian Response (tradução ao português: resposta sensorial autônoma do meridiano)

AV. - Avenida

CAPS – Centro de Atendimento Psicossocial

CEDIC - Centro de Documentação e Informação Científica

CENTRO POP – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

CRP – Conselho Regional de Psicologia

DJ – Disc Jockey (tradução ao português: disco jôquei)

DST – Doença Sexualmente Transmissível

EPA – Escola Porto Alegre

FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania

FM – Frequency Modulation (tradução ao português: modulação de frequência. Utilizada em aparelhos de rádio recepção)

Km - Quilômetro

MC – Mestre de Cerimonia

MNPR – Movimetno Nacional da População de Rua

MPB – Música Popular Brasileira

MST – Movimento dos Sem Terra

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

NOB/SUAS – Norma Operacional Básica da Assistência Social

ONG – Organização não Governamental

PANC – Planta Alimentícia Não Convencional

PVC – Policloreto de Vinila

PNAS -Plano Nacional de Assistência Social

PPAS – Políticas Públicas de Assistência Social

PPG/PSI – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional

RCA – Radio Corporation of America (nome da fabricante desse conector nos EUA)

RNR – Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua e de luta

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

TAZ – Zona Autônoma Temporária

TV - Televisão

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Prólogo	16
PARTE I	
Introdução: situando o leitor	
Vinheta 1 – Rádio Na Rua Da Ladeira	17
Presença e Performatividade	19
Ladaia Paradoxal Do Acontecimento Na Dissertação	22
Vinheta 2 – Encontro Com Pitinga	24
Vinheta 3 – Pitinga e o Morar Na Rua: Maquinhos, Cuidado E O Verão	25
Acontecimento, RNR E O <i>Looping</i>	27
Acontecimento, RNR E História	29
Vinheta 4 – O P2: Conexão e Delação	31
nós sou	34
Texto Mendigo – Sonar	35
Texto Mendigo – Anti-Dissertar	36
Balões Epistemológicos	37
Quadro de Encrencas	37
E-mail João Maurício	37
Primeira Ladaia – Profundidade E Superfície – O Sutil...	38
Vinheta 5 – Homem Da Cicatriz	41
Olhos D’água	44
Vinheta 6 – Silva Falando na RNR	45
O Sutil	48
Segunda Ladaia – Mecanismos De Esgarçamento	50
O Eterno Retorno, Repetição e Diferença	50
Texto Mendigo – Desespero No Eterno Retorno	51
Vinheta 7 – Dionlenon Criança Na Escola	51
O Eterno Retorno Usando O <i>Looping</i>	54
O <i>Looping</i>	55
Dimensões De Ambos	56
O <i>Looping</i> Usando O Eterno Retorno	57
Looping, A Repetição e o Novo	59
Terceira Ladaia – <i>Looping</i> E O Ritornelo	61

Quarta Ladaia – O Nascimento Do <i>Looping</i> E Da Rnr	63
No Centro Pop	63
O Início	64
A Ilha Do <i>Looping</i>	67
E-mail Moisés Melo	68
O <i>Looping</i> No Mestrado	70
Vinheta 8 – Lasanha No Pedal De Loop	71
Vinheta 9 – Dionlenon “Mal”	72
Quinta Ladaia – O <i>Looping</i> e o Encontro Com Parcialidades – O Sutil e o Menor	74
Texto Mendigo – O fantástico Encolhimento de Dionlenon	75
PARTE II	
Especulação de loopings e usos da base epistemológica	
Sexta Ladaia – <i>Looping</i> Da RNR – Radialização	81
Radializando A Rua	81
Vinheta 10 e 11 – Viúva E Os Livros; Senhor Comendo Picolé	83
Vinheta 12 – O Preço Do Tomate	84
Propagação e Dispositivo	86
Radializar	88
A Hegemonia Da Visão Na Produção De Conhecimento No Ocidente	89
Radialização Do Sutil	94
Vinheta 13 – Agricultura Agroecológica	95
Rizoma Sonoro	97
Vinheta 14 – Ocupação Lanceiros Negros	98
Somos Todos Esquizofônicos	100
Ladaia Do Discurso	101
Texto Mendigo – A Assembleia Dos Tijolos	104
O Ruído	107
Vinheta 15 – O Mundo Oculto Espiritual Da Rádio	109
Vinheta 16 – Os Mbya Guarani	113
E-mail João Maurício	117
Sétima Ladaia – Loopings Da RNR	119
E-mail Daniel Rodrigues Fernandez	122
Oitava Ladaia – A RNR e a cidade	124
Urbanidade	125

Vinheta 17 – Carta Da Síndica	128
Nona Ladaia – 8 Postulados e a imagem do cidadão	131
Décima Ladaia – a RNR e as pessoas em situação de rua	139
Fala De Cícero, Ex Morador De Rua	139
Ladaia da RNR, Circo da Cultura, PPAS/SUAS.....	143
Ruptura, Entropia e Fluxo.....	148
Ladaia Da Pessoa Em Situação De Rua.....	152
Epílogo – mensagem recebida num incorporal	153
Três Movimentos Da Cartografia – A Intuição Como Método	156
Conclusão	159
Referências Bibliográficas	160

Prólogo



O que segue é uma encrenca de abotoar na dissertação uma rádio microfonando e entrevistando atores-ações-pensamentos numa matilha barulhenta invadindo o fluxo de estudo e escrita, desejosa de sonorizar-se no texto. O campo de consistência ajuntador é a radiovivência com a Rádio Na Rua (RNR), a rádio das pessoas em situação de rua de Porto Alegre iniciada em 2012 – povoamento que envolve pensar a população de rua, a arte, a psicologia, a técnica, as políticas públicas, epistemologias, entre outros.

Segue a *ladaia* como um modo de apresentar encrenças entre chutes teóricos e esbarrões filosóficos; o profundo e o sutil como conceitos confusos, provocativos e com problemáticas epistemológicas em função de seus usos na psicologia, na ciência em geral e na filosofia.

O *Looping* como método se erguerá menos sobre um chão firme a territorializá-lo, e mais elevado em sobrevoo flutuante amarrado a balões de gás hélio suspendendo seus troços temporariamente, firmando como uma pluma no vento, podendo estourar a qualquer momento fazendo a narrativa despencar. Enquanto invento os balões espirro *ladaias* em casos e situações vividas nas performances da RNR pela cidade – pensando a escrita científica como ficção¹ (COSTA, 2014; SILVA, 2014) arrisco combinações entre memória, invenção, especulação epistemológica e chute-drible (NOGUERA, 2012). Os balões de gás que apenas

¹ “A ficção que me interessa é, pois, aquela que vai embaralhar o mapa das utopias disciplinares, de controle, preventivas. Que vai dar profundidade a ele, ao mesmo tempo em que o distorce; que produz um espaço-tempo repleto de possíveis” (SILVA, 2014, p. 585). Em Foucault (1994) a ficção como uma narrativa que evade dos axiomas discursivos de governo tencionando outros cenários, paisagens e sinfonias que ainda não existem; ao mesmo tempo percebe as narrativas hegemônicas de vida como ficções que se naturalizam.

enquanto multidão abotoam a suspensão na leveza, erguerão num sutil flunar com fios e cores permitindo consistência, mesmo que temporária, às perspectivas dessa dissertação.

Sossego – Tim Maia

Ora bolas, não me amole / Com esse papo de emprego / Não está vendo, não estou nessa
O que eu quero? Sossego, eu quero sossego / O que eu quero? Sossego! / O que eu quero? Sossego! /



Alexandre: Estamos começando mais uma RNR² aqui na Rua da Ladeira com a Rua da Praia. (toca a música Sossego do Tim Maia). Hoje conversaremos sobre muitos assuntos: com o pessoal da ocupação Lanceiros Negros, com o Pedal das Gurias, com as pessoas em situação de rua, e gostaríamos de informar a todos que caminham aqui e agora, que todos nós nos encontramos, nesse exato instante, em situação de rua

(quando falo no microfone abaixo o volume da música no potenciômetro da mesa de som, quando silencio, aumento o volume da música que soa sozinha durante segundos, continuo). Estaremos também com os repórteres da rua, faremos alguns sorteios de CDs e do jornal Boca de Rua, o jornal feito pela galera de rua, vulgo moradores de rua, ou como diria o finado Lasanha: os *mindings*. Lembrando que o jornal está a venda aqui com a gurizada. (espalharam exemplares do jornal nos degraus ao lado dos equipamentos da RNR. Durante essa fala de abertura algumas pessoas mudam seus trajetos evitando o entorno da rádio, outras se aproximam. Pergunto a um dos repórteres). E... Dionlenon³ como está o pessoal no centro de Porto Alegre nessa manhã fria, mas ensolarada? (segue tocando Sossego do Tim Maia, Dionlenon responde).

Dionlenon: Bom dia Alexandre, tá uma galera bonita e tá bem movimentado.

Alexandre: Pois é Dionlenon, e pela quantidade de sacolas, estão fazendo a alegria da criançada e dos lojistas. (Dionlenon retoma)

Dionlenon: Sim Alexandre, que bom que o pessoal usa o que demora tanto pra receber. (enquanto falamos, os nossos olhares vasculham o ambiente na procura de possíveis trajetos e pessoas que possam se tornar os entrevistados do momento. Dionlenon aborda uma transeunte, colocando o microfone na direção de sua boca). Vamos ver aqui com... (vira o microfone para a pessoa, que aceita e fala).

Maria: Com a Maria.

Dionlenon: Dona Maria, como estão os preços essa manhã? Conseguiu comprar o que você queria? (Maria dando uma risada)

Maria: nunca consigo comprar o que eu queria. (risada). Mas consegui comprar uma jaqueta pra minha filha que tava precisando... pra ir à escola de manhã cedo.

Dionlenon: Que bom... que série tá sua filha?

Maria: Tá no 3º ano.

² RNR: Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua e de luta de Porto Alegre.

³ Todos os nomes relativos aos participantes da RNR e atualizados aqui são fictícios. As histórias contadas aqui referem-se a eventos públicos, onde diálogos variados aconteceram. No entanto pela dificuldade de prever que tais vivências seriam pesquisadas academicamente, e que, teria dificuldade de reencontrar muitos dos participantes, escolhi trocar seus nomes para manter anônima a participação no texto.

Dionlenon: Ah! Que legal. Dona Maria, nós somos a RNR a rádio das pessoas em situação de rua. Como está sua situação, a senhora tem situação de casa? (Maria ri).

Maria: Sim, sim, tenho. Tá tudo bem! (fez uma expressão como se não soubesse mais o que falar).

Dionlenon: A senhora está satisfeita com sua moradia? Gosta de quem mora com a senhora?

Maria: Sim (rindo) claro que gosto. Moro lá no Rubem Berta, é uma casa de madeira, longe daqui, mas é bom... e... bom saber quem tem esse trabalho de vocês... eu tenho um sobrinho, que já até morou comigo e pelo que soube, tá pelas ruas. (Maria falou mais séria).

Dionlenon: Morando na rua?

Maria: é... ele tá usando droga né, o craque, e daí parece que saiu da casa dele...

Dionlenon: É tem muitos aqui na rua que saíram de casa. A pedra é forte. Mas não é todo mundo da rua que usa, e nem todo mundo que usa é gente que não presta.

Maria: O meu sobrinho é um menino muito querido, mas parou de estudar, começou a se envolver com más companhias. (inicia a música Domingo no Parque dos Racionais' Mc)

Dionlenon: A rua é difícil, mas a gente se cuida também. Se nós encontrarmos teu sobrinho vamos cuidar dele. (Maria dá um sorriso meio entristecido e diz).

Maria: Mas se quer é que ele volte pra casa, com a família dele, a família que ele tem. (Outro repórter da rua, o Pitinga, usa seu microfone).

Pitinga: Bah conheço essa história, até pareceu eu. (falou de um jeito engraçado. Provocou risos nos participantes que nessa altura já formavam uma roda em volta dos equipamentos da RNR). Mas vou te dizer, eu não quero voltar pra minha casa, não. A gente pode até sair da rua, mas não quero ir pra minha casa. Bah lá em casa é ladaia. Eu não volto. (um homem, vestido com roupas surradas, com aparência de estar embriagado e sugerindo estar em situação de rua se aproxima do microfone de Dionlenon e fala com a voz confusa e lenta).

Homem: A rua não é vida pra ninguém, pra ninguém! (Maria aproveita as outras falas e segue seu caminho. Vendo-a se distanciar, digo)

Alexandre: tchau Dona Maria, obrigado por sua participação aqui na rádio. Um bom retorno. (Maria abana de longe e continua caminhando. Segue tocando Domingo no Parque, pergunto ao homem no microfone do Dionlenon). Qual seu nome amigo?

Homem: João.

Alexandre: João, há quanto tempo está em situação de rua? (ele responde com a voz enrolada o que causava risos).

João: Uns 150 anos. (todos riem).

Pitinga: Baaah! 150 anos? Então o senhor viu essa rua aqui quando era à beira do rio?

João: Eu quase falei com Nosso Senhor Jesus Cristo caminhando em cima do rio. (risos) eu... eu... vi muita coisa já nessa cidade... a rua não é vida pra ninguém.

Alexandre: Sim João, imaginamos, você quer contar alguma dessas coisas para nós aqui? (segue tocando Domingo no Parque). Eu... eu tô bêbado, é muita coisa. (alguns risos). Eu só queria um trocado pra..." (aponta pra longe. Pitinga percebendo a situação de João, orienta)

Pitinga: Dionlenon, vamos sentar o seu João, daí a gente dá uma água pra ele. E depois vê esse trocado pro amigo. (Dionlenon, executa a sugestão de Pitinga. Outras pessoas que estão junto com a RNR auxiliam seu João. Dão água. Seu João fica tranquilo sentado no cordão da calçada e conversando com as pessoas. Começa a tocar Beleza Pura do Caetano Veloso).

Alexandre: É seu João vai sentar um pouco, descansar que a companheira dele tá poderosa naquele corpo (se referindo a embriagues por uso da cachaça). Quem diria, 150 anos de rua nos seus, aparentemente, 50 anos de vida. Nossa situação de vida pode ser a de um monte de gente há muito tempo (faço um ar dramático): nossa atual vida ancestral. (segue tocando Caetano).

Pitinga: ou ele pode ter vivido um monte de coisa em 50 anos que parece que viveu 150... Mas viu Alexandre, minha mãe chegou a morar na rua quando veio do interior. Meu pai deixou ela. E ela ficou um tempo assim sem dinheiro e sem onde morar.

Silva: A rua tá horas na tua família então?! (pergunta Silva, outro repórter da rádio que usou o microfone que estava com Dionlenon).

Pitinga: É... mas minha mãe logo saiu... foi trabalhar na casa de uma dona... (nesse momento passa um malabarista de rua, com roupas coloridas, cabelo rastafári, fazendo malabares espontaneamente, sem combinação prévia, no meio da roda da RNR; os participantes da rádio e repórteres migram toda a atenção para ele. Coloco uma música circense. Muitas pessoas param para assistir o malabarista. Muitas palmas logo que termina seu número. O malabarista é entrevistado. É de recife e viajou a América Latina com malabares e artesanato. Divulgamos seu trabalho. Ele deu um brinco de pena para sortear na rádio. Entre tantas de suas falas sobre amor e pessoas diferentes cantou um Bob Marley *à capela*).

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista” (DELEUZE, 2006a, p. 94)

Presença e Performatividade

Esses são alguns minutos da RNR performando no centro da cidade de Porto Alegre. Nitidamente cada pessoa *microfonando-se* na rádio desencadeia temáticas políticas, éticas, existenciais, financeiras, institucionais, afetivas, de um determinado modo, ali-naquele-momento. Muitas vezes, sente-se que determinada *autofalação*⁴ poderia ter-se desenvolvido/investigado/desdobrado de outras maneiras. Falas e conteúdos amplificando-se *repletam*⁵ o espaço com diversas narrativas⁶. A RNR conversando, *autofalando* com a cidade tenciona discursos quiçá, desnaturalizando juízos duros, bordões e refrãos reiterados, criando práticas, sentidos e desvios em uma especulada doxa⁷ social. No entanto, quando se sente que o diálogo lá-naquele momento da RNR não desencadeou variação num determinado assunto ou em função da velocidade do aqui-agora e/ou pela restrição de visibilidade nessa velocidade, ao

⁴ No dicionário de Alexandre Missel Knorre escrito apenas nessa dissertação, autofalação, autofalar: conversa ou fala amplificada por via elétrica através de microfone em autofalantes para ganhar decibéis.

⁵ <https://www.dicio.com.br/repletar/>. Encontrei o verbo repletar nessa página web sobre ortografia e significado de palavras da língua portuguesa. No meu texto, na ideia que desenvolverei junto a abordagens epistemológicas que administram a multiplicidade e a multiplicação de perspectivas como um modo de desubstancializar e desessencializar, o uso do verbo repletar se insinua como um operador gramatical importante.

⁶ Para Squire (2014) narrativa basicamente é “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais. Esta definição significa que narrativas podem implicar conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível e que, por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são redutíveis a teorias.” (p. 273). Ou como fala Marcelo Gleiser, físico brasileiro onde “a ciência é uma narrativa humana como a literatura ou a pintura” em entrevista sobre produção de verdade na ciência. Disponível em <https://www.publico.pt/2011/07/05/jornal/a-ciencia-e-uma-narrativa-humana-como-a-literatura-ou-a-pintura-22415363> acessada em 24 de outubro de 2018.

⁷ “sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural, mas que para a filosofia não passa de crença ingênua a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento.” Acessado em busca na internet na página www.google.com no dia 15 de novembro de 2018.

menos entende-se a própria presença performativa da rádio compondo com a vitalidade da rua como multiplicadora de perspectivas. Também se entende que a RNR agencia, produz sentidos, conjuga forças, incide sobre o entorno, sem que, necessariamente, a complexidade e intensidade do que foi vivido presencialmente seja apreendido pela linguagem falada ou escrita – sem que essa não apreensão linguística desencadeie a ideia de uma inexistência da experiência (GUMBRECHT, 2010). O evenemencial dessa dissertação pretende desdobrar na linguagem escrita e na dissertação nesse caderno de papel, platôs com os atributos do corpo-movimento da RNR com sua rede complexa conectada e disjuntiva de atores/intensidades lá-daquela momento, presentificando performativamente procedimentos variados de registro.

Desta forma, tentarei aqui uma ladaia⁸: esgarçar, espraiar, dispor profundamente⁹, ampliando-a na superfície com a proliferação de linhas, entes, enunciados, discursos e elementos agenciados na performatividade da RNR: a ocupação do espaço público com os equipamentos de som; as pessoas em situação de rua microfônicas performando repórteres; a música soando em meio a ambientes públicos ruidosos com grande circulação de pessoas; os assuntos, as abordagens, os participantes; os sorteios, as brincadeiras, o humor; o comportamento da RNR, suas ações-história, sua forma-movimentos, seus timbres, as condições que possibilitaram sua criação. Seu corpo-movimento atualizando uma rede de ações e atores institucionais, situacionais, intensivos, presentes rizomaticamente na sua performatividade. Judith Butler (2014), refere o performativo como "uma construção dramática e contingente do sentido" (p.199), com a constatação da operação de determinadas forças discursivas, sociais, culturais, legais, afetivas, atuando simultaneamente em comportamentos/ações do corpo, sobre o corpo, com o corpo, através do corpo. Deleuze e Guattari (1997) escrevem sobre a linguagem demonstrando o performativo de falas como 'Eu juro' e 'Eu te amo' ambas executam atos de fala: ao mesmo tempo que a voz emite as palavras, elas funcionam como "atos específicos imanentes, necessariamente implícitos" (p. 10). A voz prometendo, jurando, afirmando, consolidando atos-redes formados por uma profusão de ações subentendidas/condensadas e atualizadas em um som, palavra oral, voz. Nesses três autores a performatividade é uma ação que implicitamente propõe uma série de outros procedimentos e atos comprimidos na performance de um ente, onde nenhum corpo-movimento possui "um

⁸ No dicionário de Alexandre Missel Knorre apenas nessa dissertação, ladaia é: 1. Intriga, mentira, confusão. 2. Problema sério e grande a ser resolvido. 3. As durezas da vida. 4. Malandragem inteligente e útil. 5. Malandragem sacana e desprezível. 6. Estado imutável de confusão e periculosidade de um grupo, bairro ou situação. Ladaia é uma palavra usada pelo pessoal da rua. Esses significados foram extraídos das vezes que essa palavra surgiu na RNR. Ladaia é uma palavra polivalente e, principalmente, paradoxal.

⁹ O conceito de profundidade será problematizado a seguir.

status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade” (BUTLER, 2014, p. 194).

A RNR ontoepistemologicamente vivida como performatividade não tem um dentro, ou interior que seria externado, ou sofreria apenas com um externalização estratificada, simplificada e reducionista, ela é vivida como encadeamento de ações; performa *radializando*¹⁰ corpos-atos, também performativos, no espaço público, embaralhando indicadores sociais categóricos: o mendigo-radialista, o morador de rua-repórter-usuário do Centro Pop-militante-pedinte-catador, o participante-transeunte-anônimo-cliente, a vendedora-entrevistada-cantora-com consulta médica marcada no prédio ao lado da RNR-com o nome no SPC, o oficineiro-psicólogo-técnico de som-devedor ao CRP. Agregados aos conteúdos das conversas nos microfones performatizam outros modos de estar no mundo, articulando diferentes narrativas/ações sobre as vidas na cidade.

A RNR é preche de implícitos em cada ator-ação a serem cartografados nessa dissertação com suas estratificações performativas e seus fluxos intensivos, genealógicos, de sentido, sonoros, ficcionais, discursivos.

Em outras palavras, atos, gestos e desejos produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo [...]. esses atos, gestos e ações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2014, p. 194)

A performatividade se refere as aparências, ao acontecimental dos corpos misturados explodindo afecções e atributos. Essa rede comprimida na performatividade da RNR viverá aqui o método do *Looping*¹¹ para visualizar atores e redes de ações: a cidade, as políticas públicas, o SUAS, o aparelhamento técnico do serviço de assistência, as pessoas em situação de rua, a arte, a institucionalização, o desvio, a entropia, a música, o microfone, o som, a psicologia, a esquizoanálise, entes corporais (paredes, pessoas, ruas, aparelhos de som, drogas), os incorporais (conceitos, leis, desejos, ideais, princípios, narrativas, efeitos). Esses entes passarão por esse método ritornelo de visualização/invenção, ou seja, fazer *Looping* na RNR

¹⁰ No dicionário de Alexandre Missel Knorre apenas nessa dissertação, radializar é: 1. É a execução performativa da RNR e seus desdobramentos. 2. Excitar, inquerir, provocar, alegrar, divertir, entrevistar, incitar, incentivar, microfonar; 3. Disparar falas de falas que sigam desdobrando intensidades, sensações, sentidos, conteúdos, efeitos, misturas. 4. Fisgar inusitados da rua e de seus transeuntes, focando-os, tornando-os visíveis, publicitando-os, autofalando-os. 5. Provocar acontecimentos desencadeadores de novos pontos de visa. 6. Compartilhamento de perspectivas, multiplicação de narrativas.

¹¹ O *Looping* será explicado adiante, por hora *Looping* é dar voltas, repetir a relação com algo para produzir diferença em cada volta; um modo de “espantar-se com o que é óbvio” (VEYNE, 1998, p. 21).

multiplicando suas ações e seus atores, e posteriormente realizar o *Looping* nesses atores e redes de ações que surgirem, proliferando outros atores e redes, sucessivamente¹².

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista. É preciso, pois, que a coisa nada seja de idêntico, mas que seja esquartejada numa diferença em que se desvanece tanto a identidade do objeto visto quanto a do sujeito que vê.”
(DELEUZE, 2006a, p. 94)

Ladaia paradoxal do acontecimento na Dissertação

O acontecimento RNR com suas acoplagens, conjugação de forças, efeitos e sentidos lá-no momento da sua performatividade na rua é composto também pela junção corpo-linguagem vivida nas falas e fluxos da rua na oralidade/sonoridade da rádio e, agora, aqui, pelo desdobramento dessa escrita. (DIAS, 1995)

Deste modo, parece necessário implicar essa escrita num platô diferente dos sentidos experimentados *in loco*, no lá-naquele momento da RNR. O sentido, aqui, poderia ser visto como um processo evenemencial¹³ como sugere Charaudeau (2010), onde “um sujeito que tem a capacidade de ver descontinuidade no contínuo do estado do mundo” (p. 100), pode registrar o extraordinário percebido significando o evento inusitado e o comunicando – numa perspectiva que aborda o acontecimento como acidente, como algo que rompe determinada estabilidade, captado pela perspicácia oportuna, no caso, do comunicador/jornalista que reconstituirá a verdade do acontecido no relato.

Outra perspectiva diferente de lidar com um normal esperado/previsto e um acidente divergente, permite mirar no que transmuta constantemente: em Lapoujade (2017) utilizando-

¹² Realizei inúmeros movimentos de *looping* nos entes e nas lembranças da RNR, nem todas as intensidades percebidas e variações possíveis dos entes se desenrolarão nessa escrita. Elegi os encontros necessários a determinada narrativa.

¹³ Recolhi a palavra evenemencial da tradução dos textos de Charaudeau (2010) e de seus usos em artigos científicos da Publicidade e do Jornalismo (MATEUS, 2013; CARMELINO, 201; ANTUNES, 2007). Achei poucos esclarecimentos sobre a etimologia dessa palavra. Deduzi que evenemencial decorria da palavra da língua francesa *événement* traduzida como acontecimento, ao ler o livro “Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado” (ROCHA, 2014) onde o autor fala do conceito de acontecimento em Foucault abordado no artigo *Theatrum philosophicum* “[...] de 1970, um mês antes da sua aula inaugural, Foucault já tinha se detido acerca do *événement*, tendo por mote abordar positivamente as obras *Diferença e Repetição* e *Lógica do sentido*, de Gilles Deleuze” (p. 39). Nessa dissertação o processo evenemencial comunicará sutilezas, raridades e desnaturalizações de discursos hegemônicos, para além de um acidente em uma normalidade, para além da verdade e para perto da diferença.

se do perspectivismo de Souriau, o acontecimento é um novo ponto de vista. Surge um copo; esse copo se quebra. A nova realidade do que antes era a agregação física côncava do vidro designada ‘copo’, quebrado, já não é mais um copo, mas “estilhaços cortantes” (p. 63). Para Souriau, designar esses novos elementos, os “estilhaços cortantes”, como um “copo quebrado” é ato de colonização nostálgica de um real transmutado. A descontinuidade do ser do copo, o quebrar-se, não interessa como acontecimento para Souriau/Lapoujade; o ponto de vista que surge para se relacionar com a nova realidade, estilhaços cortantes (que inclusive é da ordem dos virtuais ao copo, ao ente estilhaço), é o acontecimento. Assim os sentidos são condições de possibilidade para um novo ponto de vista afirmativo da diferença. O acontecimento como o novo real/olhar. Lapoujade recria uma cena descrita por Souriau onde um naufrago nada disciplinadamente pelo imenso oceano por um longo período, resultado de seu treinamento de natação, perseverante, dedicado a sobreviver ao naufrágio com toda sua força vital. Após algum tempo nadando destemidamente, percebe-se sozinho no oceano. Esse momento perceptivo da solidão coincide com a perda de suas forças e seu afogamento. Lapoujade (2017) utiliza essa história para retomar que “o acontecimento aqui não é o naufrágio nem o afogamento é a guinada do ponto de vista, isto é, uma brusca transformação do plano de existência do nadador: ele não é mais o mesmo.” (p. 65). Se referindo ao momento onde o nadador sente, percebe o horizonte, o entorno, a solidão, o cansaço, o peso, o naufrágio e tudo ao mesmo tempo propõe outra perspectiva que desdobra sua vitalidade em deixar-se penetrar por/na água. O acontecimento como um fluxo de contato, experiência, comportamento, ação, pensamento, contínuo acrescido das diferenças que surgem nessa duração (Ritornelo), instaurando novos sentidos a existência.

Na RNR o acontecimento é a rua radializando-se, Maria corando o rosto, Pitinga alegrando-se/intrigando-se, as vozes amplificando-se, as bolinhas malabarizando-se, o fluxo da Rua da Praia predominantemente caminhador, na RNR, rodeando-se, detalhes (in)dispensáveis de vidas sonorizando-se. São acontecimentos que sugerem corpos/ações/misturas/efeitos. A rua insinua-se com uma vitalidade multivalente proliferando elementos/encontros com velocidades e forças variadas – o sentido é no agenciamento. Uma encrenca de inusitados em coabitação disjuntiva entre os elementos presentes (um clinâmen), com combinações performativas imprevisíveis a serem desdobradas. A RNR acontece nessa barulheira, nessa algazarra; no encontro polifônico dissonante/harmônico de uma *jam session*¹⁴ de corpos/efeitos/discursos. A

¹⁴ Encontro informal de músicos de jazz para improvisar complexas redes de escalas musicais.

radialização da rua microfona choques entre corpos figurando tanto lá naquele momento quanto aqui nessa escrita, o paradoxal nos acontecimentos:

O acontecimento é biface. Tem uma face voltada para as coisas, e outra para a linguagem. Efetua-se em coisas e estados de coisas e exprime-se em proposições. Mas sem ser redutível quer às suas efetuações quer às suas expressões lingüísticas. Ele “encarna-se” atualmente em seres, corpos e qualidades de corpos, e atualiza-se também nos enunciados verbais como suas expressões, mas sem nada perder da sua natureza de extra-ser incorporal e de entidade extra-proposicional. Não que seja separável das suas efetivas corporizações físicas e das suas expressões lingüísticas como outras tantas suas “insistências” variáveis. Só que ele é como o Agora infinitivo que excede todas as suas manifestações presentes, a imaculada sombra metafísica dessas manifestações, a parte em tudo o que acontece que escapa a toda a atualidade, bem como a parte em tudo o que se enuncia que escapa a toda a representação. (DIAS, 1995, pp. 95-96)

(Pitinga veio em minha direção entusiasmado com um caderno na mão. Era dia da minha oficina arteira no Centro Pop numa quinta pela manhã)

Pitinga: Alexandre! Cara como te procurei. Vinha aqui no Centro Pop só pra te encontrar. Me falaram que tu ia tá aqui na quinta, mas vim de manhã e tu só veio à tarde. Puxa vida. Mas tá, tu tá aqui agora. Cara, temos que montar a rádio. Pensei em vários nomes Rádio Pop, Rádio dos Mendigos, Rádio Rua... mas tá, só pra gente começar a ver isso do nome. Aquele dia na pracinha foi muito legal cara. Sai pensando num monte de coisa pra gente fazer. Bah meu, isso mudou a coisa pra mim. Tu não sabe da importância (falou olhando pro lado, balançando a cabeça, excitadíssimo). Pensei em fazer o programa dos macaquinhos, dos lugares da cidade onde a gente é mais acolhido, pensei também aqui ó (mostrando o caderno escrito com caneta azul em itens) os desaparecidos da rua. Sabe meu, pessoas que a gente vive um tempão junto e dali a pouco somem. A Joana, por exemplo, morou 2 anos com a gente e simplesmente sumiu. A gente nem sabia pra onde ela foi. Há pouco nos falaram que souberam que ela tá em Goiás. Bah tem um monte de história pra lembrar dela. Tem o José que morreu. Bah tem um monte de coisa. Tem o programa dos namorados. Tem o de ver o que o pessoal da rua sabe fazer, tipo talentos.

(Pitinga estava muito entusiasmado e me contagiou. Conversamos sobre os próximos eventos na rua e sobre criar a rádio poste dentro do Centro Pop. A festa na pracinha que Pitinga comentou era uma referência a primeira intervenção do Circo da Cultura onde ocupamos artisticamente a praça Garibaldi localizada na Av. Venâncio Aires esquina com a Av. Erico Veríssimo, no outro lado da rua da quadra do Centro Pop – um local frequentemente utilizado por eles para dormirem. Realizamos a Festa da Primavera com músicas, danças, decoração do ambiente, com fotos e enfeites, conversas, música ao vivo tocada pelos violeiros em situação de rua, inclusive convidamos a comunidade. A festa foi criada com a população atendida pelo Centro Pop. Quando viveu isto, Pitinga viveu o acontecimento paradoxal: não foi só a festa, nem a diversão; foi a festa, a diversão, as conversas, as entrevistas, as perguntas, os relatos, as sensações, o coletivo, a diversão sem entorpecimento químico, as novas perspectivas. O ponto de vista de Pitinga sobre as coisas, seu modo de se afetar pela vida na rua foi engravidado, desdobrando suas investigações do que poderia virar conversa no microfone numa próxima situação. Pitinga foi fundamental na invenção/consolidação da RNR. Sua empolgação com a RNR nunca diminuiu, mesmo quando sua presença se espaçou. Hoje, Pitinga não está mais em situação de rua, segue desdobrando modos de vida como pessoa em situação de moradia.)

Em Pitinga, em nós, em tantos, ocorrem platôs diferentes de acontecimentos simultâneos: inusitados/acidentes, pontos de vista mutantes, efeitos incorporais das misturas dos corpos aturdindo e compondo contra-efetuações,¹⁵ onde “o corpo que troca sua vontade orgânica por uma vontade espiritual, que quer agora não exatamente o que acontece, mas alguma coisa no que acontece, alguma coisa a vir de conformidade ao que acontece, segundo as leis de uma obscura conformidade humorística” (DELEUZE, 2009a, p. 152). Pitinga não viu só a festa como o inusitado acidental, tão pouco apenas o ponto de vista mudou com as vivências relatadas sobre a vida na rua por alguns em tímidas entrevistas nos microfones da nossa primeira festa-rádio na praça, mas cada ato performativo na festa da primavera detonou sentidos nas suas experiências precedentes na rua, do cotidiano da sua vida e de seus amigos, atualizando-os diferente. Às durezas e agruras da rua Pitinga acrescentou novas perspectivas que engravidaram de sentido o que viveu, usando o caderno para espalhar essa profusão de contra-efetuação. A RNR aconteceu o acontecimento contra efetuação de Pitinga! O estratificado em Pitinga dobrou-se no acontecimento desencadeador de afecções multiplicadoras e germinativas da RNR.

Maneiras – Zeca Pagodinho

Se eu quiser fumar, eu fumo /Se eu quiser beber, eu bebo /Eu pago tudo que eu consumo /Com o suor do meu emprego /Confusão eu não arrumo /Mas também não peço arrego /Eu um dia me aprumo /Pois tenho fé no meu apego /Eu só posso ter chamego /Com quem me faz cafuné /Como o vampiro e o morcego /É o homem e a mulher /O meu linguajar é nato /Eu não estou falando grego /Eu tenho amores e amigos de fato /Nos lugares onde eu chego /Eu estou descontraído /Não que eu tivesse bebido Nem que eu tivesse fumado /Pra falar de vida alheia /Mas digo sinceramente /Na vida, a coisa mais feia /É gente que vive chorando de barriga cheia

Pitinga: oi, tudo bem? (Pitinga abordara uma transeunte fora da roda com um tom de voz brincalhão. A transeunte vinha subindo a Av. dos Andradas cruzando a Av. Borges de Medeiros, a conhecida Esquina Democrática em Porto Alegre, parou seu trajeto com a abordagem lúdica de Pitinga aceitando a intrusão. Pitinga posicionou o microfone para ela)

Mulher: oi!

Pitinga: Qual seu nome?

Mulher: meu nome é Mara.

Pitinga: Mara, somos a Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua aqui de Porto Alegre, a senhora conhecia?

Mara: Não conhecia, não.

Pitinga: É a gente vem aqui com essas caixas, esse som aaalto (arregala os olhos evidenciando a expressão), com música, falar um pouco da vida da gente que vive na rua.

¹⁵ Deleuze e Guattari (1992) sinalizam a contra-efetuação como a construção do conceito em relação ao acontecimento mas que não visa reproduzir ou imitar o vivido: “Atualizamos ou efetuamos o acontecimento todas as vezes que o investimos, de bom ou mau grado, num estado de coisas, mas o contra-efetuamos, cada vez que o abstraímos dos estados de coisas, para liberar seu conceito” (p. 205).

Mara: tu vive na rua?

Pitinga: eu vivo. Agora nesse verão é bem bom. Já tomei até café hoje. Acordei cedo. Tô desde de segunda-feira mais tranquilo ‘nas coisas’ (Pitinga se referia as drogas) porque na semana que tem RNR eu fico mais tranquilo pra poder tá aqui. E a senhora já tomou café hoje?

Mara: café da manhã? Eu já almocei até.

Pitinga: almoçou? Que horas são isso, Alexandre?

Alexandre: agora são exatamente 13 horas e 15 minutos, aqui na RNR: a rádio das pessoas em situação de rua; hoje na Esquina Democrática ao som de Zeca Pagodinho... Segue aí, Pitinga!

Pitinga: bah meu, essa hora tá rolando o almoço no restaurante popular, a gente come com menos de 2 reais ali, mas vou fazer a rádio e depois eu como. Sabe Mara, eu gosto também dos macaquinho!

Mara: macaquinho? (Mara sorriu escondendo a boca. Muitos ao redor ficaram intrigados).

Pitinga: sim, Mara, não sabe o que é? Vou te contar. Tem lugares que a gente já conhece que deixam uma sacola na grade da casa ou do edifício. Essa sacola de supermercado tem comida dentro. (todos na roda reagem surpresos. Pitinga continua), a Mara se espantou, achou de certo que a gente comia macaco, Mara?! (Mara riu assim como todos ao redor. Pitinga prosseguiu), mas a gente come umas comidas bem boas nesses macaquinhos. Já comi estrogonofe. Churrasco. Bah uma costela maravilhosa. Alexandre, a gente nem sempre passa só mal na rua. Sabe que essa coisa de dinheiro, de casa, as vezes a gente não quer. Sabe que dá pra ter gente que não quer essas coisas? Eu não aguento a casa da minha família... é dez mil vez mais ladaia que aqui na rua. Prefiro a rua e os irmão da rua. Tu Mara, já pensou em dormir uma noite na rua? Alguém aqui já tentou dormir na rua? (a Mara reage arregalando os olhos)

Mara: Eu não! Eu tenho a minha casa, meu companheiro... eu tenho meus filhos. A gente não quer dormir na rua não. Tem a violência toda.

Pitinga: mas daí a senhora dorme ali com a gente. Todo mundo se cuida. Todo mundo é tranquilo e a senhora vai ver que a gente passa bem. O povo de Porto Alegre dá coisas do *super* pra nós, oferece moedinha, a gente ganha roupa. Até colchão a gente ganha. A gente ganha de tudo na rua. (falou Pitinga. Me insiro conversando com dona Mara)

Alexandre: então dona Mara, o que a senhora achou disso que o Pitinga falou?

Mara: Olha tô bem impressionada de ter isso tudo na rua. Mas eu não me animo não. Que bom que ele fica bem que ele gosta. A casa dele pelo jeito ele não suporta. Eu gosto da minha casa e lá a gente não tem isso de ladainha não, a gente fala o certo, todo mundo cuida das coisas e se cuida.

Pitinga: claro dona Mara. Eu não tô querendo convencer a senhora de vir pra rua. (falou em tom humorado botando as mãos na cintura) Tô só convidando, se a senhora quiser um dia experimentar a gente te cuida. E to só mostrando aqui, já que hoje essa rádio é dos moradores de rua, coisa que a gente nunca teve né... que a gente vive também cada coisa na rua que ninguém ia gostar de viver. Mas a gente vive coisa tri também. Dona Maria deve ter confusão na sua casa também, briga, discussão...? aqui na rua tem. Eu não vou falar delas a não ser que a senhora fale das suas também... (dona Mara sorriu com a os lábios fechados balando a cabeça e a mão em sinal negativo, que não falaria das brigas de casa. Pitinga seguiu). A gente se acostuma a ver pobre se queixando da pobreza. É ruim sim. A gente da rua se queixa também. Mas eu quero hoje fala dos macaquinhos de estrogonofe, dos colchão fofo na calçada, dos apoio dos padrinho da rua, da amizade. A gente tem a parceria lá do Centro Pop que nos cuida, a gente toma banho, é encaminhado pra médico, pra emprego. Eu me sinto mais feliz aqui, mesmo na rua, do que morando na casa da minha família, trabalhando num emprego de capacho dos outros. Tem coisa muito ruim, mas tem coisa boa também. (interferi)

Alexandre: mas conta aí, Pitinga, como é isso da galera da rua com trabalho...

Pitinga: ah Alexandre, o pessoal tem suas ladaia... tem gente que passa o dia mergulhando na borrega¹⁶, tem gente que junta umas latinha só, tem cara na rua que entende de coisa de pedreiro, tem electricista, conheci um que lia até filosofia... é.

Alexandre: que coisa né, tem gente em situação de rua com habilidades... vamos ver com a nossa roda se alguém aqui gostaria de fazer alguma pergunta sobre a vida na rua pros repórteres? Só pra dizer quem pergunta aqui na RNR também é um parceiro, um repórter..." (pergunto oferecendo o microfone para a roda, um homem de terno levantou a mão, o repórter Jaderson levou seu microfone até o homem). Boa tarde amigo, como é seu nome?

Homem: meu nome é Rafael, eu queria perguntar ao pessoal como é a diferença da vida deles no inverno e no verão? (Pitinga rapidamente respondeu)

Pitinga: ah o verão é muito melhor né. A gente toma banho no rio, a gente pode dormir no parque, ali no Parque Harmonia. Fica mais fácil pedir apoio tem mais gente usando a rua, e trabalhar até tarde também catando latinha. No inverno é mais difícil, o cara passa uns perrengue. Mas a gente sempre faz uma fogueira, consegue umas roupas; tem os albergues também...



Essa conversa seguiu mais um tempo. Pitinga estava disposto a tornar o morar na rua comunicável. Logo fizemos alguns sorteios para manter a roda. Pitinga aproveitou as entrevistas para falar da rua. Estava motivado, sóbrio, disposto. Às 15 horas a RNR terminou e fomos almoçar num restaurante de *bufê* livre ali perto.

Para Deleuze (2009a) o acontecimento é múltiplo, em planos paradoxais. O inusitado é no devir, acontece durando, onde um novo ponto de vista mutante num novo momento é um sentido que intensifica algo no vivendo (*amor fati*):

O brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera [...] ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece. (DELEUZE, 2009a, p. 152)

O *amor fati* intimado a participar da nossa discussão em condições de possibilidade da rede imanente de intensidades mixadas¹⁷ na RNR desdobrando-a inclusive em contra efetuações.

¹⁶ Borrega é o nome usado para falar do lixo dentro de latões. Algumas pessoas mergulham no latão com lixo a procura de materiais recicláveis ou restos de comida.

¹⁷ Mixagem é uma palavra designadora de uma etapa da produção de áudio em estúdio após a gravação de instrumentos para a confecção de uma música. Refere-se a orquestração de instrumentos, timbres, efeitos, alterações de frequências que compõem a harmonização em hertz de uma música em estúdio. Mixagem é a derivação em língua portuguesa da palavra *mix* em inglês (traduzida significa mistura). A mixagem é uma mistura qualificada e paradoxal de sons.

Acontecimento, RNR e o *Looping*

Os acontecimentos RNR aqui na dissertação vivem o método do *Looping* disparando a possibilidade de perceber hibridismos, novas agências, transmutações: o copo e os estilhaços. Invenção *a posteriori*, conclamando a evanescência do vivido, acionando e alucinando a memória, focando em atores e ações diversificados, percorrendo afecções proliferando perspectivas/misturas/efeitos na linguagem, também, para além dos significados linguísticos. Um possível delineamento romântico¹⁸ e discursivo dessa escrita tenderá a dissertar mais sobre a sonorização das diferenças e menos sobre o estratificado e identitário nos entes. A tendência desse texto não ignora a performance do eminente, da identidade, do estratificado, e talvez aborde ocasionalmente os entes nessa perspectiva; o uno e molar serão abordados apenas no *Looping* para desdobrar sua suposta coesão-identidade superficial como eminência comprimida de redes de ações: a identidade de algo desdobrada enquanto percebida como performatividade.

No entanto, o *Looping* opera nessa escrita também outra performatividade, com outras séries condensadas em atores com suas redes e ações a serem desdobrados. As visibilidades possíveis de serem digitadas por aqui não pretendem esgotar, ou mesmo representar a RNR vivida lá-naquela hora (impossível). Esse texto tentará ser um novo acontecimento rodeando novos encontros onde a história da RNR atualizada/inventada pela memória¹⁹, ficção, escrita, cria uma série de encrencas, de novos efeitos, sons e visibilidades gerando uma outra materialidade e incorporais, novas contingências e agências, com novos sentidos/discursos. Tantos com naturezas performativas conjugadas, mas diferentes entre si. Aqui a RNR quer a *jam session* inclusive com o corpo-leitor de dissertações.

Entendendo o *Looping* como o método de visita, atualização, invenção, ficcionamento, multiplicação de atores-participantes na repetição intensiva das práticas que vivi, desenvolverei o que insinuo acontecer nesse método, quais agências ocorrem no *Looping* e o que ele faz acontecer. Farei dele uma ladaia, mais com a vontade de inventar um “drible” (NOGUERA, 2013) para o mestrado tipo uma janelinha, o balãozinho, a lambreta no futebol, para dar conta

¹⁸ escolhi a presença da palavra “romântico” no texto para assumir a opção tendenciosa em privilegiar a narrativa da diferença ao invés da narrativa da identidade (mesmo que em certo ponto se fale da dinâmica paradoxal de ambas), preocupado que essa dissertação possa, erroneamente, sugerir uma substancialização da diferença. Justamente por perceber a dificuldade de aliarmo-nos prática e cotidianamente ao discurso da diferença, sentindo a tendência a reconhecimento de formas identitárias, das institucionalizações, das reiterações de modos de vida, preferi me abotoar ao discurso/balões da diferença.

¹⁹ Importante salientar que no *Looping*, a memória funcionará atualizando intensidades nos encontros como um teatro da repetição onde “experimentamos forças puras, traçados dinâmicos no espaço que, sem intermediários, age sobre o espírito, unindo-o diretamente à natureza e a história; experimentamos uma linguagem que fala antes da palavra, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes das personagens – todo aparelho da repetição como ‘potência terrível’” (DELEUZE, 2006a, p. 31)

da encrenca que é a produção científica aqui; num jeito de resolver a bronca de ter entrado nesse pós-graduação depois de 12 anos longe da academia²⁰; um jeito de me entusiasmar/alegrar com a escrita aqui desenhando mapas do agido-agindo.

Acontecimento, RNR e História

“é acontecimento tudo que não é evidente.” (VEYNE apud CARDOSO JUNIOR, 2005, p. 107)²¹

Trouxe ao mestrado para pesquisar a experiência de trabalho com pessoas em situação de rua atendidas pelo Centro Pop 1 – Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – do município de Porto Alegre entre 2012 e 2015. Nesse estabelecimento desenvolvemos a RNR: a rádio das pessoas em situação de rua. Após o término do período de trabalho vinculado a FASC, a RNR ocorreu em parceria com outras entidades, movimentos sociais, coletivos e ONGs, desvinculada do financiamento direto do Estado. Essa escrita se

²⁰ A escrita é a minha encrenca com a academia. Escrevo sozinho? Talvez não, talvez escreva junto, com alguém daqueles quando se diz que se pesquisa “com”, embora eu escreva pelos encontros que tive “com”, num teatro da repetição em mim. Tipo a pergunta de Deleuze “como chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar algo ou alguém, como conseguir fazer falar aqueles que não têm esse direito, e devolver aos sons seu valor de luta contra o poder?” (Deleuze 2010, p.58). Aqui a escrita é a minha encrenca com a academia. Quem fala aqui sou eu: alguém com uma trajetória acadêmica pífia. Estar aqui nesse PPG é minha encrenca com a academia – a academia do PPGPSI e com a academia em mim. Tanto tempo longe de um pós-graduação porque nunca me senti potente intelectualmente na universidade. Só entrei depois de ter vivido o suficiente como psicólogo/artista para me sentir tecnicamente psicólogo e capaz de superar os jogos e contratos de um mestrado. Na graduação me sentia como alguém sem encaixe precisando driblar as designações que recebia. Cantar como gritar – Banda Sublimantes: a música e o circo como um jeito de sobreviver, de quase falar a língua da academia, *humoralizá-la*. Hoje essa dissertação é uma grande ladaia! Certa vez num grupo de estudo ouvi que meu lugar de fala na academia era o do homem branco. Trinquei. Sou homem e branco. Homens brancos são a figura dominante na produção científica. Esse é meu lugar de fala? É. Mas talvez, por hora, pelo seu negativo. Sou o homem branco fracassado que tendo a facilidade institucional de ser homem e branco, não conseguiu figurar nesse terreno propício ao sucesso de homens brancos. Para a academia sempre fui improdutivo intelectualmente, mas útil como o arlequim. Um histórico de desempenho médio na graduação gerador de constantes preocupações dos professores que tendiam a vincular esse desempenho acadêmico pífio ao meu futuro profissional como mal psicólogo. Pouco sabiam das minhas leituras tangenciais ao currículo. As acolhedoras aberturas desse Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS foram excelentes propositores de jogos e contratos; foram acolhedores, carinhosos e pacientes. Muito obrigado! Dale profes PPGPSI! Obrigado Lilian!

²¹ Cardoso Junior (2005) extraiu essa citação do livro em francês *Comment Écrit l' Histoire* de Paul Veyne de 1971. Numa tradução deste livro de Veyne para o português intitulada *Como Se Escreve a História*, não encontrei a essa mesma tradução do texto de Cardoso Junior, mas uma escrita similar, embora, de certo modo, invertida: “espantar-se com o que é óbvio” (VEYNE, 1998, p. 21). Ambas propõem a desnaturalização da identidade, do igual, do que reitera. Com o “não evidente” me sinto excitado a perscrutar o mundo, perseguindo/inventando o que está presente, mas inaudível. Com o “espantar-me com o óbvio” me sinto contagiado a alucinar, ou executar o método intuitivo bergsonianiano de suspensão do que está dado, ou de uma ideia óbvia, vivendo o acontecimento desdobrando diferenças, reinventando esse acontecimento na acoplagem das coisas, com a força das misturas e da linguagem. Decidi explicar isso numa nota de roda pé por perceber as traduções diferentes transduzindo excitações e operações em perspectivas diferentes, mas convergentes.

nutre do trabalho junto às pessoas em situação de rua construtor da RNR no Centro Pop, bem como de suas performatividades na cidade. Seis anos de ladaia na rua são encrenca à escrita acadêmica na contação dessa história, fico sempre com essa: o que foi presente e não evidente, sutil e singular nas ressonâncias das práticas da RNR?

Os seis anos de existência da RNR podem expor a ocupação do espaço público com aparelhos de som e repórteres em situação de rua como um período de repetitivos fatos históricos. Isto poderia significar a RNR como uma espécie de “bibelô” essencializado num acontecimento “fato histórico”, como aborda Cardoso Junior (2005) ao trazer Paul Veyne falando de filosofia e história. Veyne usa o termo bibelô para um tipo de teoria da história que pretende eleger o historiável como o acontecimento materializado e repetido: a guerra, por exemplo. Cardoso Junior discorre sobre não ser o fato histórico reiterado no tempo que cria a pertinência de algo à abordagem como acontecimento, mas associando Foucault junto a Veyne, propõe que são as práticas que conferem ao acontecimento sua prodigiosidade. Quantas práticas e ações acontecem diferentes e repetidas na RNR, por exemplo? (Aqui o Ritornelo vem sedento de digitação – repetição e diferença).

Nesse sentido, o que não é evidente, no acontecimento, são as práticas, as ações de seus atores/elementos, o sutil, a performatividade da RNR e dos seus atores realizada no evento, por exemplo. Quais os signos, discursos, nexos, axiomas, afectos, desvios, movimentos são executados na performatividade da RNR? Como a RNR se relaciona com a desarticulação de assujeitamentos ordinários e fatos essencializados para visibilizar/sonorizar o não evidente? A prática, similar a agências propositoras conceituadas por Cardoso Junior (2005) junto a Foucault como “aquilo que os homens efetivamente fazem, não aquilo que eles pensam a respeito do que fazem [...] prática é o fazer que se reitera em toda uma série de acontecimentos, disto derivando sua maneira de ser oculta, disto derivando sua raridade”. (p. 108).

O *Looping* parece um modo de caçar o que não é evidente através da repetição problematizada dos eventos, dos atores e das ações. A memória em *Looping* num teatro da repetição (DELEUZE, 2006a) atualizando a intensidade de práticas coletivas, focada em encontrar agenciamentos, e menos, em encontrar normal/acidente. O evenemencial aqui são as práticas²², os atores e suas redes vastas de ações.

²² Passei quase todo o mestrado sendo provocado pela orientadora a escrever vinhetas da RNR. Fiz as vinhetas e liguei o “lé com o cré” – senti a importância de inventaria-las: demonstrar as práticas, os ritornelos. Demorei! Gracias Lilian!!!!!!

Fim de Semana No Parque – Racionais Mc's

(Mano Brown) A toda comunidade pobre da Zona Sul! Chegou fim de semana todos querem diversão. Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro São Paulo Zona Sul. Todo mundo a vontade calor céu azul. Eu quero aproveitar o sol. Encontrar os camaradadas prum basquetebol. Não pega nada. Estou à 1 hora da minha quebrada. Logo mais, quero ver todos em paz. Um dois três carros na calçada. Feliz e agitada toda "prayboyzada". As garagens abertas eles lavam os carros. Desperdiçam a água, eles fazem a festa. Vários estilos vagabundas, motocicletas. Coroa rico boca aberta, isca predileta. (Ice Blue) De verde fluorescente queimada sorridente. (Mano Brown). A mesma vaca louca circulando como sempre. Roda a banca dos playboys do Guarujá. Muitos manos se esquecem mas na minha não cresce sou assim e estou legal, até me leve a mal malicioso e realista sou eu Mano Brown. Me dê 4 bons motivos pra não ser. Olha meu povo nas favelas e vai perceber. Daqui eu vejo uma caranga do ano. Toda equipada e o tiozinho guiando. Com seus filhos ao lado estão indo ao parque Eufóricos brinquedos eletrônicos. Automaticamente eu imagino A molecada lá da área como é que tá. Provalvemente correndo pra lá e pra cá. Jogando bola descalços nas ruas de terra. É, brincam do jeito que dá. Gritando palavrão é o jeito deles. Eles não tem video-game às vezes nem televisão. Mas todos eles tem Doum, São Cosme e São Damião. A única proteção. No último natal papai Noel escondeu um brinquedo Prateado, brilhava no meio do mato. Um menininho de 10 anos achou o presente, era de ferro com 12 balas no pente. E fim de ano foi melhor pra muita gente. Eles também gostariam de ter bicicleta. De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta. Gostam de ir ao parque e se divertir é que alguém os ensinasse a dirigir. Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho. Fim de semana do Parque Sto. Antônio. Vamos passear no Parque Deixa o menino brincar. Fim de Semana no parque. Vamos passear no Parque. Vou rezar pra esse domingo não chover. (Edi Rock) Olha só aquele clube que da hora. Olha aquela quadra, olha aquele campo. Olha, olha quanta gente. Tem sorveteria cinema piscina quente. Olha quanto boy, olha quanta mina. Afoga essa vaca dentro da piscina. Tem corrida de kart dá pra ver é igualzinho o que eu ví ontem na Tv. Olha só aquele clube que da hora. Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora nem se lembra do dinheiro que tem que levar pro seu pai bem louco gritando dentro do bar nem se lembra de ontem de onde o futuro ele apenas sonha através do muro... (Mano Brown) Milhares de casas amontoadas ruas de terra esse é o morro a minha área me espera gritaria na feira (vamos chegando!) Pode crer eu gosto disso mais calor humano. Na periferia a alegria é igual é quase meio dia a euforia é geral. É lá que moram meus irmãos meus amigos. E a maioria por aqui se parece comigo. E eu também sou bam bam bam e o que manda. O pessoal desde às 10 da manhã está no samba. Preste atenção no repique atenção no acorde (Como é que é Mano Brown?). Pode crer pela ordem. A número número 1 em baixa-renda da cidade Comunidade Zona Sul é dignidade. Tem um corpo no escadão a tiazinha desse o morro Polícia a morte, polícia socorro. Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo pra molecada frequentar nenhum incentivo. O investimento no lazer é muito escasso. O centro comunitário é um fracasso. Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo. Tem bebida e cocaína sempre por perto. A cada esquina 100 200 metros. Nem sempre é bom ser esperto. Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari. Pronúncia agradável estrago inevitável. Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra matar e M.E.R.D.A.. Como se fosse ontem ainda me lembro 7 horas sábado 4 de Dezembro. Uma bala uma moto com 2 imbecis Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz. E indiretamente ainda faz, mano Rogério esteja em paz. Vigiano lá de cima A molecada do Parque Regina. (Mano Brown) Tô cansado dessa porra de toda essa bobagem Alcolismo, vingança treta malandragem. Mãe angustiada filho problemático. Famílias destruídas fins de semana trágicos. O sistema quer isso, a molecada tem que aprender. Fim de semana no Parque Ipê

Com os aparelhos de som surgiram conversas diversificadas no pátio do Centro Pop: como regular a mesa de som? O que era P2? (o plugue pequeno dos fones de ouvido, por exemplo); até onde ia a transmissão FM da rádio? Se podia tocar as músicas do Racionais MC's? Quando sentia uma abertura da pessoa a mim e aos aparelhos, interagindo com interesse, eu perguntava: "o que tu acha que deveria falar aqui na rádio?" Saía dos aparelhos para buscar a implicação da pessoa no uso da ferramenta de fala. As vezes se formavam rodas em volta dos aparelhos. Alguém contava causos sobre conhecidos que trabalhavam em rádios, alguns ali já tinha trabalhado em estúdios de rádio, em montagem de palcos de shows. Lembro de um dia conectando os aparelhos da rádio, com cabos espalhados pelo chão, pedi para alguém que estava ao redor fazer o favor de alcançar um cabo com plugue RCA numa ponta e o plugue P2 noutra. Um homem disse.

Homem: p2 professor? Tá me chamando de infiltrado? (Me expliquei dizendo que era o nome do plugue, e que na verdade, não estava muito preocupado se tinha alguém infiltrado, falei)

Alexandre: mas será que tem? (liguei a rádio, dando play numa música, e larguei o bordão) Estamos começando mais uma RNR direto do Centro Pop. Agora são 9:00 horas da manhã.

Você espalhado pela cidade pode nos ouvir na frequência FM 87.5 hertz.” (alguém se aproxima usando fones de ouvido e sintonizando a frequência da nossa rádio no celular e me pergunta)

Alguém: até onde podem nos ouvir? (Respondi fora do microfone com a música seguindo soando no fundo que o alcance do transmissor era curto, num raio de 2 km. Agradece e se afasta. Olhei para o homem do P2 e disse no microfone da rádio)

Alexandre: alguém infiltrado por aí? Algum P2? (O homem sorriu e começou a falar)

Homem: ah, uma vez na cidade tal quando eu trabalhava na madeireira... (o interrompi propondo ao microfone)

Alexandre: vamos conversar no microfone. Conta essa história aqui. Tem a ver com o P2? Pessoal atenção vamos conversa aqui com o... (posicionei o microfone na boca do homem).

Homem: Dilson. (retomei) “

Alexandre: Vamos conversar sobre P2, sobre dedurar, é isso Dilson? (aceitou prontamente o microfone e falou).

Dilson: Sim, tipo isso. É... que eu trabalhava numa madeireira no interior e um dia vi o chefe do galpão negociando corte de madeira e tábuas grandes, por fora, sem colocar em nota fiscal. Tipo roubando o nosso patrão. Eu fiquei bem em duvida do que fazer, mas falei pro patrão!

Alexandre: Tipo P2. Infiltrado do patrão. (risos)

Dilson: é, tipo P2. Mas me dei mal. Não sabia que eles eram parentes e acabei indo pra rua, como se eu tivesse mentido. Eu fiquei indignado, tomei um trago e estourei a chute a porta de ferro da loja. (Na roda da rádio que começava a se formar, alguém disse)

Alguém: os cachaceiros sempre aprontando. (Risadas. Enquanto distribuía alguns microfones prontos para uso às pessoas na roda que se formava, falei)

Alexandre: é a cachaça as vezes decide por nós coisas que o cara também quer. (com o microfone na mão um comentou)

Um: Pior, eu já bebi pra falar com uma guria que depois eu namorei. (pegando o microfone de outro, uma mulher falou)

Mulher: Ah para! Capaz da mina tá mais bêbada que tu pra tê aceitado fala contigo (rindo, devolvendo o microfone, se levantando da cadeira, saindo. Risadas. Outro disse retomando o assunto)

Outro: eu teria pedido um por fora pro chefe, pra ficar tudo na boa. (Alguém retrucou)

Alguém: os caras eram parente! Tu acha que ia adiantar? Capaz ainda de tu sê preso.

Usuário: faz quanto tempo isso, oh... da madeireira? (Perguntou um usuário sem microfone sentado longe da roda que aparentava não estar atento. Repeti a pergunta no microfone para ser ouvida nos rádios FM).

Dilson: Uns 2 anos. Daí vim me embora de lá.

Alexandre: Isso tem a ver com tu estar na rua hoje?

Dilson: Sim e não. Eu já tive antes em situação de rua na minha cidade por causa da amarga. (Todos riram) Eu tava bem no trabalho, mas não dá, prefiro ficar bebum na rua e dormir com minha cabeça tranquila.

Usuário 2: tranquila nada! Quem é que dorme tranquilo na rua? (Retrucou um homem fora do microfone passando pela roda indo pra outro ambiente)

Valdir: já falei pra dormi com a gente lá do lado da Rede Car, lá ninguém mexe com a gente, todo mundo se cuida.

Alexandre: mas por que tu foi defender teu patrão? Que que tu queria com isso?

Dilson: bah fiquei me perguntando também. Mas quando tem coisa errada as vezes não dá pra não falar, as vezes tem que falar? E se depois dizem que eu vi e não falei nada? Que eu tava junto. Sei lá, me meti na ladaia dos cara. Mas prefiro assim.

Orelha: Ta meu, toca som aí, tá muito papo nessa rádio e pouco som! Deixa a música rolar aí”. (Falou o Orelha que restringe sua participação a pedir música. Falei)

Alexandre: vamos tocar Domingo no Parque música do Racionais Mc que o Orelha pediu. Agora são 9 horas e 50 minutos dessa manhã fria aqui ao lado do Tesourinha (a música tocando

no fundo). Depois vamos conversar com o seu Valdir sobre como é esse cuidado mutuo lá perto da Rede Car. (Ouvimos os 7 minutos da música dos Racionais com o pessoal cantando junto. A música fez a roda engordar. Muitas cadeiras arrastadas no chão compuseram a sinfonia com o RAP. Em seguida iniciou outra canção. Tocou O Rappa com a música Pescador de Ilusões. Perguntei ao seu Valdir).

Alexandre: seu Valdir nos conte aqui como é isso que o senhor falou de vocês se cuidarem. (seu Valdir gritava e gesticulava nos microfones frases rápidas e provocações às falas dos outros, mas pouco era protagonista de um assunto. Surpreendentemente ele falou com naturalidade)

Valdir: olha, Tchê, a gente tem um grupo que no fim do dia, depois que fecha as oficinas, as lojas ali de traz da Rede Car na Azenha, a gente ajeita os papelão, os colchão, divide as comida, as cachaça (risos) e todo mundo se cuida. Ninguém mete a mão com ninguém dali. As ladaia fica tudo pra outra hora. E não aceitamos ninguém que faz ladaia ali. Falei pro amigo ir lá conhecer o acampamento com a gente por que sei que ele é de boa... Parece pelo menos.

Dilson: sou de boa sim, mas eu tô ficando no albergue esses dias.
(Alguém retrucou)

Alguém: albergue não da pra aguentar. Os cara são muito rígido. Quando arranjei um emprego numa obra eu largava numa hora que não dava tempo de chegar na hora de entrar.

Alexandre: diga seu nome amigo e já responda como é a hora de entrar?

Joca: meu nome é Joca é cedo tipo 18 horas. Eu chegava pelas 7 da noite e já não conseguia entrar. Fiquei dois dia dormindo na rua e trabalhando na obra. Quase morri de cansaço. Por que na rua o cara não dormi tranquilo.

Valdir: óh dá pra ir dormir na Rede Car.

Joca: ah obrigado seu Valdir. Mas na época eu vim aqui uma manhã e eles aqui (Centro Pop) me ajudaram a ver isso de ter um documento que aceitariam minha entrada mais tarde até eu conseguir mudar o horário de saída.

Fui perguntar ao seu Valdir sobre que horas eles acordavam e alguém passou gritando: “lancheeee! Olha o lancheee!” Todos se direcionaram ao refeitório instantaneamente deixando tudo para traz. Ficou apenas o Joca me explicando sobre as facilidades e dificuldades dentro do albergue enquanto dobrava uns cabos de microfone junto comigo.

Pescador de Ilusões – O Rappa

Diante de um bom motivo / Que me traga fê, que me traga fê / Se por alguns segundos eu observar / E só observar / A isca e o anzol, a isca e o anzol (2x) / Ainda assim estarei pronto pra comemorar / Se eu me tornar menos faminto / Que curioso, que curioso / O mar escuro trará o medo lado a lado / Com os corais mais coloridos / Valeu a pena, eh eh (2x) / Sou pescador de ilusões (2x) / Se eu ousar catar / Na superfície de qualquer manhã / As palavras de um livro sem final / Sem final (4x)

nós sou²³

“nós” criamos a RNR, ou “*sou*” quem criamos. Juntos tínhamos o problema do que fazer entre grades e paredes. Para nós foi um alívio a entrada em cena dos equipamentos eletrônicos. Gostávamos de brincar com botões, com cabos microfones, com som. As vezes só queríamos pegar com a mão, “ver como é”. Jogávamos na mesa de som rodeando os botões de grave e agudo só pra ver a voz engrossando e afinando nos autofalantes. Nem sempre falávamos sobre assuntos politicamente engajados. Muitas vezes narrávamos jogos de futebol, de sinuca, trânsitos pelos corredores, contávamos piadas, cantávamos. Gostávamos de falar no microfone, e principalmente ouvir a própria voz no autofalante. Uma vez conseguimos discutir melhorias no Centro Pop, fora da assembleia quinzenal com os funcionários, no microfone na rádio, dentro do Centro Pop, com o diretor do centro. Mas mesmo assim, preferíamos a rua ao Centro Pop. A RNR na rua nos deixava mais a vontade. Nós criamos a rádio com nossas crises, ladaias, parcerias, humores, interrupções, entradas/saídas/permanências variadas no Centro Pop e na rua.

O mais difícil desse ‘nós’ lá-dos momentos vividos no Centro Pop disparador da RNR, é que aqui na escrita/pesquisa brinco de cabra cega, brinco de “*sou*” atrás dos sons das vivências, cantarolo misturando pedaços de minhas memórias-canção, sentindo a coreografia de timbres, as intensidade soando na reverberação no espaço mnemônico com um ouvido escritor agarrando afecções, dedilhando o texto com o que ainda ressoa, discursiva, se atualiza intensamente. Sonorizo a matilha em mim. Entrei na academia não necessariamente para pesquisar “*com*” junto ao pessoal da rua, isso aconteceu durante a criação “*com*” da RNR longe do mestrado. Tão pouco entrei para eu “dar voz” ao pessoal da rua aqui dentro da academia, eles têm voz, se expressam para além da voz e do texto (RIBEIRO, 2017), e a RNR já amplifica vozes, falas e seus discursos pela cidade (inclusive escrevem no jornal impresso Boca de Rua que além de funcionar como uma forma de renda com a venda dos exemplares, expressa as opiniões e ideias de parte da população de rua da cidade há 18 anos). A entrada no pós-graduação se deu para pesquisar a RNR na escrita científica propositora de problematizações aos meus planos técnicos, à produção de práticas e conhecimento técnico em psicologia, ao público das

²³ “nós sou” paradoxo presente numa poesia do escritor Rodrigo Linares usado na capa do primeiro álbum musical solo do compositor Marcelo Camelo ex-integrante da banda Los Hermanos.

dissertações, da academia. Nesse sentido, o que a RNR é para a população de rua estará presente durante a sinfonia do texto conjugado com meu corpo-instrumento musical de escrita.

Insiro-me num campo empírico transcendental onde esse nós, ressurgem também enquanto acontecimentos-sentidos na escrita construindo um novo campo de experiências, propondo problemas reais à/na linguagem comigo. O que se desenrola textualmente inventa um modo de *radializar* na dissertação. Manifesta-se nessa escrita outra performatividade problematizadora microfonando outro campo de imanência, perseguindo outras cabras-cegas daqui. Um eu pastor, maestro ou improvisador em bando de afecções mnemônicas, intensidades sensíveis, matilhas e discursos.



Sonar. Essa dissertação com o *Looping* também é um sonar: repete-se sons pra descobrir as distâncias, as presenças, outros entes, densidades, ressonâncias, percorrendo os caminhos das ondas sonoras nas profundidades da superfície de deslocamento até o choque com os corpos e a linguagem. Ritornelo: O que não é evidente?



“é acontecimento tudo que não é evidente” (VEYNE apud Cardoso Junior, 2005, p. 107).

Essa frase parece supor um amor ao destino justamente porque o sentido não é óbvio ao acontecimento-acidente-ponto de vista – o processo evenemencial como invenção discursiva de acontecimentos, narrativas (CHARAUDEAU, 2010). O sentido, aqui, precisa extrair-se no acontecido numa perspectiva em que

[...] torna-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. Filho do acontecimento e não mais de suas obras, pois a própria obra não é produzida senão pelo filho do acontecimento. (DELEUZE, 2009a, p. 152)

Existe algo não evidente nessa dissertação: minha alegria de encontrar conceitos que me engravidam, me entretêm, excitam. Mesmo esse entusiasmo indo embora no próximo parágrafo do mesmo livro, fazendo eu reescrever, novamente, para incluir o novo desdobramento do conceito. Deleuze faz muito isso comigo (ele conhece o *Looping*? A ladaia ele conhece, certamente). A cada momento entendo coisas diferentes que me obrigam a mudar meu texto e a ler mais. Percebi que esse desacomodamento me causava forte angústia, monopolizando em demasia meu tempo, me levando até a querer desistir. Desisti muito do mestrado durante esses 2 anos. Só não é pior porque consigo escrever sobre isso aqui num jeito de lidar com a angústia, mesmo com a mão tremendo e a cabeça ardendo, sobrecarregada de inseguranças em *Looping*. Acontece o desespero, fracasso ou desejo de desistência em cada dificuldade de escrita. Desabo, choro, enlouqueço. Ao querer desistir (isso ocorreu na maioria dos semestres desse curso) me vejo repetindo atos de fracasso conhecidos por mim, insistentes na minha história de vida – fica difícil, desisto. Resolvi ser filho do desespero e da dor de não entender nada às 4 da manhã, não conseguir dormir, abandonar o sono, desmarcar trabalho clínico, com o pensamento vasculhando entendimento, me perguntando se não seria a hora de realmente desistir de fazer uma escrita que pouco treinei para fazer, onde não me sinto funcionando bem. Desistir, resolve ressentidamente a questão, como sempre resolveu. Ao especular a evasão descobri que desistindo da academia me sentiria indigno, inclusive, da dor de aprender. Desistir seria um suicídio acadêmico insuportável de carregar. Me obriguei a dignificar esse sofrimento perseguindo qualquer coisa aleatoriamente. Dignifiquei o desespero numa ode à angústia da incompreensão. Gritei aos berros pelo teclado em sites de busca na internet, em livros da prateleira, em dicas de leitura da banca. Desespero de mestrando procurando aliados em artigos sobre os conceitos, em amigos. Dignificar o desespero no desespero trouxe a eureka na abençoada página 152 do livro *Lógica do Sentido* (Deleuze, 2009a) – “A meu gosto da morte, diz Bousquet, que era falência da vontade, eu substituirei um desejo de morrer que seja a apoteose da vontade.” (p.152). A apoteose do desespero e desistência acadêmica inventou em mim a apoteose do desejo de falir na dissertação – matando uma ideia de sucesso na escrita construída moralmente na minha história acadêmica, resolvi morrer peleando, na guerra em mim. Arriscar, não temer um fracasso em relação ao que imaginava ser os desejos da academia. Resolvi afirmar meus interesses extremos, afirmar uma política e estética na escrita. Na minha perspectiva a apoteose da vontade gerou um desejo por uma anti-dissertação: desistir não, mas ser filho do acontecimento, tornando-me “o comediante de seus próprios acontecimentos: contra-efetuação.” (ibidem, p. 153). Anti-dissertar é contra-efetuar o sentido do acontecimento dissertação²⁴ para mim: foi como meu desespero de mestrando acabou, foi quando sosseguei e me permiti fluir no estudo e na escrita do jeito que fosse. Libertei-me de meus próprios grilhões do que seria dissertar, para ao aceitar uma especulada falência propor uma performance que eu sentia como singular ao texto. Anti-dissertar é o truque do meu pensamento/escrita comigo mesmo, servindo para eu agir com potência na dissertação. Conheci esse “anti” artizando por aí em canções e criações artísticas, inclusive, como clínico, onde abandonar o clichê, a moral, a reconhecimento, aceitando fracassar a quais quer expectativas, inventando perspectivas, é potentemente tangencial e afirmativo. Aconteceu um entendimento e o poliamor por Cláudia Paz, Deleuze e Antonelli (2013). Cheguei a sorrir.

²⁴ As aberturas performáticas inventivas da escrita acadêmica incentivadas pela disposição paradoxal pedagógica e ontoepistemológica deste PPG, na figura da minha orientadora e da minha banca de qualificação, facilitou a permanência e esse “anti-dissertar”. Obrigado a “profes” ♡! Entretendo, estou longe de entender essa dissertação como está, realmente com características de algo que pudesse ser definido como anti-dissertação.

Primeira Encrenca: administrar os conceitos de profundidade, repetição, diferença, linguagem, incorporal, efeito, eterno retorno, ritornelo, sutil, necessários ao *Looping da RNR*.

Segunda Encrenca: A encrenca de misturar o *Looping* com todos esses conceitos visibilizando sua construção como método de escrita e pesquisa aqui nessa dissertação

Terceira Encrenca: A encrenca de multiplicar os atores e as redes de ações da performatividade da RNR. E fazer performar no texto os escolhidos aos intentos.

Quarta Encrenca: Atualizar/criar as vinhetas da RNR.

Abaixo os botões aos quais os balões do método *looping* se amarrará. Dividi a encrenca em ladaias.

João Mauricio, colega de mestrado, por email²⁵

Bom dia. Como acordei no meio da madrugada, com tem sido frequente nestes períodos de tentativa de intensificar pesquisa e escrita, retomo o contato e trago o tema das minhas aproximações com a experiência Rádio na Rua.

Um primeiro encontro: Minha vivência com a RNR remonta alguns encontros intensos. Já tinha ouvido falar sobre ela e de repente fico sabendo que quem trabalhava com ela era um colega no mestrado em psicologia social. Experiência fascinante de colocar o bloco na rua com pessoas em situação de rua. Mas a final de quem é a rua? Que território de existência seria esta rua? Numa tarde de sábado, dia de Feira do Livro, no encontro entre a rua da Ladeira com a Rua da Praia estava montada a Rádio, banner, amplificador, microfones, mesa com computador, o radialista-pesquisador-psicólogo dando ajustes finais, pessoas do movimento Cidade que Queremos e uma moça de um movimento de "pesquisa-ação, pesquisa-implicada ou pesquisa-engajada" esperavam para participarem do programa de rádio que entraria no ar loguinho. Em seguida chegam alguns moradores de rua cumprimentam o pesquisador que já os aguardava. Conversam, checam equipamentos, tudo pronto e a Rádio na Rua entra no ar. A desenvoltura de um destes moradores de rua ao microfone me espantou muito, caminhava dialogando com o radialista/operador dos equipamentos, combinavam quem entrevistar e iam costurando os temas do programa. O entrevistador despachado com habilidade buscava abordar pessoas que vinham da feira do livro com suas comprinhas. Algumas pessoas se esquivavam da possibilidade de ser entrevistados pelo radialista morador de rua que agora já não era morador mas um ocupante do território de ondas sonoras que eram amplificadas nestas ruas poetizadas pelo Quintana. Vai música, vai entrevistas, vai brincadeiras, sorrisos e rizadas são dadas entre um momento e outro. A Rádio na Rua se fazendo poesia concreta-prosa-caótica amplificando e transformando territórios no encontro do radialista/psi com o povo da rua. Durante o dia vou te mandando sobre outros encontros, se achar interessante usá-los ou dialogar com eles... toca ficha.

Abraços mano veio.

²⁵ Correspondência de e-mail trocada em 02 de julho de 2018. João, colega de mestrado, participou de algumas RNR. Enviei um e-mail para ele perguntando suas percepções sobre a intervenção. Repeti esses procedimentos com outras pessoas que também viveram a RNR. Os e-mails de resposta funcionam como entrevistas nessa radialização da dissertação aqui.

Primeira Ladaia – Profundidade e Superfície – O Sutil

O que é agora a aparência para mim! Não será certamente o contrário de uma essência... que saberia eu dizer de qualquer essência que não fosse os atributos de sua aparência? (...) A aparência para mim é a própria vida, é a própria ação. (NIETZSCHE, 2004, p. 69)

Numa determinada perspectiva, a profundidade tem a ver com o valor do que se encontra num fundo. Descasca-se a cebola para alcançar a desejada camada profunda. O profundo cultuado, se refere ao atravessar todo um corpo, de fora para dentro, até um determinado ponto interno, escondido, o qual poderia ser a origem, a essência, a revelação de uma outra ideia que na superfície se manifesta simplificada, oculta ou representativamente. Por exemplo o sintoma presente na “falseada” ou enganosa superfície do paciente (PERRINI, 2009). O profundo enquanto fundo aparece como o local da escuridão, das partes dos corpos não visualizadas onde os elementos escondidos estão “fora da linguagem, fora do que é dito ou afirmado do ser, [onde²⁶] não há acontecimentos: reino da noite, escuridão”. (SALES, 2003). Essa profundidade escura ainda não teria liberado seu sentido. O acontecimento não desdobrado na superfície, com a dimensão da linguagem, estaria nesse escuro profundo. Segundo Deleuze (2009a),

o que há nos corpos, na profundidade dos corpos, são misturas: um corpo penetra outro e coexiste com ele em todas as suas partes, como a gota de vinho no mar ou o fogo no ferro. Um corpo se retira de outro como num vaso. As misturas em geral determinam estados de coisas quantitativos e qualitativos: as dimensões de um conjunto ou o vermelho do ferro, o verde uma árvore. (p. 6)

Entretanto, aqui todas as camadas da cebola servem; dá para fazer um excelente molho a bolonhesa que opera um maravilhoso efeito “*abolonhesador*” no paladar, por exemplo. Todas as camadas da cebola importam e compõem relações com o calor, a panela, a manteiga, o tomate, a água, o guisado, o manjericão, o sal no molho, com a língua. Nesse rizoma culinário, a cebola pode espriar-se em efeitos resultantes da agência com outros elementos fabricando variações em todos os envolvidos. Conhecer esses efeitos estende a cebola. O paladar sente essa profusão alargadora na combinação peculiar dessas misturas. O profundo seria esse dispor de fragmentos momentâneos que dimensionados sensivelmente pelo que se vive/experimenta distendem, inclusive, o pensamento inventando intensidades nos encontros na superfície suscetível dos entes e na linguagem. “Dir-se-ia de toda profundidade se desdobrou na superfície, converteu-se em largura.” (p. 10). A vastidão, o esgarçamento se refere a visualização de platôs de ações, de efeitos, intensidades na superfície.

173 – Ser profundo e parecer profundo - Aquele que sabe que é profundo, esforça-se por buscar a clareza. Aquele que gostaria de parecer profundo à multidão, esforça-se

²⁶ Palavra colocada por mim para adaptar a citação ao encadeamento do meu texto

para ser obscuro. Uma vez que a multidão acredita ser profundo tudo aquilo de que não pode ver o fundo. Tem tanto medo! Hesita em se meter na água. (NIETZSCHE, 2004, p. 130)

Clarear, abrir a frente, “*horizontear*”²⁷, vivenciar. A luminosidade possibilitando a visão de aparências-formatos distendendo a geografia. A profundidade da foto é o tanto de espaço, de misturas, de efeitos, de horizonte que ela conjuga. A importância da superfície como possibilidade de desdobramento. A foto e a cartografia fazem pele, esticam na medida que experimentam a força de cada ente. As palavras fazem o alargamento do texto no plano branco da folha, e com seu conteúdo distendem páginas e o pensamento. Conhecer/viver/experimentar, para dispor variações nos elementos de modo a se expandirem. “[...] tudo se passa na fronteira [...]” (DELEUZE, 2009a, p. 10); a pele enquanto fronteira e choque, profundidade da cena, vastidão de choques-agências com sensações, o sentido e a linguagem. Na superfície os encontros acontecem: “a terra só é fértil sobre uma tênue camada” (DELEUZE, 2009a, p. 11) – o sutil – a camada onde operam os choques, onde os átomos declinam, clinâmen. Deleuze em *Lógica do Sentido* (2009a) analisa no 2º capítulo os efeitos de superfície. Demonstra um devir-ilimitado possível através da dimensão da linguagem junto a dimensão do encontro dos corpos. Na incorporalidade da linguagem, com os verbos, é possível atribuir infinitos encontros: a árvore verdeja, a árvore definha. O verdejar da árvore é efeito. O definhamento da árvore acontece por agências. Os efeitos, aparências, são resultados de misturas, de encontros, ações. A linguagem extra-ser cria/visibiliza os efeitos na superfície, os incorporais junto aos corpos em mistura: “o incorporal é a coincidência entre atributo ontológico da coisa (acontecimento) e predicado lógico na linguagem (o sentido) ele é indissociavelmente os dois, ele está entre os dois, ele da liga aos dois.” (SALES, 2015, p. 43). O desdobramento infinito e paradoxal dos efeitos na superfície, embaralha a ideia do dentro e do fora como na fita de Moebius onde “[...] a superfície exterior está em continuidade com a superfície interna: ela envolve o mundo inteiro e faz com o que está dentro esteja fora e o que está fora esteja dentro” (DELEUZE, 2009a, p. 12). Ou como no gosto ácido e agridoce do molho comendo com a textura farelenta do guisado. A vastidão paradoxal de ilimitados efeitos/aparências distendidos na superfície esgarçando, destituindo a “falsa profundidade” (DELEUZE, 2009a, p. 10). Como disse Deleuze, (2009a) “por um lado, o mais profundo é o imediato; por outro, o imediato está na

²⁷ No dicionário de Alexandre Missel Knorre existente apenas nessa dissertação, *horizontear* é: 1. Fazer horizonte. 2. Ato perspectivista de esgarçamento de espaços mentais e físicos. 3. Quebra de paredes. 4. Construção de poros, buracos. 5. acréscimo de camadas que ao atualizarem virtuais efeitos ampliam movimento sobre determinado elemento e suas relações.

linguagem. O paradoxo aparece como destituição da profundidade, exibição dos acontecimentos na superfície, desdobramento da linguagem ao longo deste limite.” (p. 9)

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o *agenciamento*. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 66)

Aqui nessa dissertação a profundidade gerou uma ladaia paradoxal: a profundidade do dentro de um ente existe junto a profundidade na superfície dos efeitos, dos sentidos visibilizados também pelas dimensões conjuntas da experiência e da linguagem. A ladaia do acontecimento na superfície que aprofunda os sentidos no esgarçamento sensível dessa superfície faz a profundidade ser junto às vivências, afecções, sensações, percepções, atualizações, virtualizações que ampliam o ente junto a um devir-ilimitado para além da profundidade dentro/fora. De outra forma: a profundidade superficializa-se; a superfície aprofunda-se. A vastidão alargada na superfície pela linguagem proliferando atores/ações, seria a profundidade²⁸: inventar linguagem, com efeitos, intensidades, distendendo com verbos. Essa visualização/invenção dos agenciamentos na linguagem com a mistura dos corpos possibilita-se através de um contato com esse acontecimento que poderá alucinar novos sentidos e compartilhar intensidades alargadoras. Aprofundar o acontecimento diversificando os sentidos e narrativas espalhando o acontecimento em platôs. As narrativas antes hegemônicas por que solitárias, unas, identitárias, ganham companhia de dimensões que distendem, fragmentam, dispersam. Quanto mais companhia, mais sentido, maior a proporção multidimensional da superfície; mais aparências; mais possibilidades de narrativas; mais alastrado e profundo – um rizoma. (a vida na rua como mais que definições específicas)

O *Looping* será o método para proliferar sentidos/narrativas esgarçando a superfície em platôs. Os ritornelos povoados na ação, perseguidos, sonorizando o não evidente nas intensidades do vivido/vivendo, vasculhando os efêmeros sentidos nos agenciamentos.

A vastidão é a profusão de efeitos, de enunciados possíveis através dos agenciamentos mesmo simplificados na aparente forma/identidade. Um princípio, talvez, de todo corpo

²⁸ Neste momento de estudo e escrita aqui, a ideia do profundo surgiu como um problema. Senti vontade de pesquisar a profundidade, seus usos e interferência na ciência da psicologia e filosofia. Nessa dissertação não foi possível. A profundidade parece um operador importante no mundo epistemológico da psicologia. Entretanto, também me nutro e me alio a Deleuze (2006b) quando ele diz que “a oposição superfície-profundidade não preocupa mais em absoluto. O que me ocupa mais são as relações entre o corpo pleno, um corpo sem órgãos, e fluxos que fluem” (p. 329). Me excito pelo corpo sem órgãos, para mim superfície-profundidade estão assimilados como par paradoxal, o sutil, mas ainda sinto que seria interessante estudar mais a profundidade e sua implicação ética, política e técnica na performatividade ontoepistemológica de algumas perspectivas teóricas.

aparentemente uno, ser uma maquinação comprimida de agenciamentos, de fluxos ritornelos, fazendo de uma superfície o território da vastidão/desdobramento/descompressão. Os agenciamentos não têm uma direção binária, dentro-fora ou esquerda-direita – mesmo que simplificarmente poder-se-ia enunciar que um determinado agenciamento percorra essas direções – agenciamentos funcionam rizomaticamente, multidirecionais, para todos os lados, profusão de linhas em devir. Esse princípio do agenciamento que faz da superfície uma vastidão profunda a ser percorrida/inventada/experimentada/desdobrada sugere que qualquer forma/identidade seja sempre algo a ser problematizado (FOUCAULT, 2006): o que acontece ali, o que faz esse, nesse, com esse, através desse corpo e dele comigo, com tudo, com o entorno, com contextos, histórias? Uma problematização como princípio de relação interferindo no interesse, na disposição, na qualidade dessa relação.

O homem com a cicatriz na bochecha, uma expressão mal-encarada, a roupa surrada, quieto num canto, sério, bugre, sentado por horas, não é uma figura convidativa a sentar-se ao lado para conversar – talvez essa seja sua intenção, inclusive. Mas seu silêncio, sua conduta séria, discreta, insinuando algum suposto processamento mental analítico (seguidamente mirava com olhar firme e silencioso as coisas que aconteciam no Centro Pop), o destacava, gerando interesse em mim. Num determinado dia, me instalei perto de onde ele ficava. Sentei a algumas cadeiras de distância. Coloquei o aparelho transmissor FM na cadeira entre nós. Liguei-o. O homem, silencioso, mexeu apenas os olhos. No instante em que percebi seu olho focando no aparelho, disparei em tom baixo enquanto arrumava as conexões: “esse é um transmissor FM, dá pra gente levar histórias pra fora do Centro Pop. Penso nos carros ouvindo as ladaias da rua...”. Silêncio. Continuei mexendo no aparelho insinuando que não estava necessariamente esperando resposta. Mas rapidamente ouvi: “eles não vão querer ouvir mendigo”. Ele veio denso, falando bastante em poucas palavras. Não imaginei que ele responderia. Continuei focado nos cabos e conexões, interessado na montagem, não quis parar tudo para sentar do seu lado e tentar conhecer como se sentia como mendigo, o que era seu silêncio; freei qualquer impulso entrevistador-psicólogo e segui técnico de som-psicólogo-artista, conectando aparelhos. Apenas perguntei uns minutos depois, “mas será que eles precisam querer ouvir pra gente querer falar?” Segui mexendo nos aparelhos. Silêncio. Outro usuário senta numa cadeira do meu outro lado timidamente. Expliquei em voz alta, “nesse buraco a gente coloca um plugue que vem da mesa de som, ou de um microfone, essa caixinha transmite pelo FM”. Silêncio. Estiquei a antena do aparelho. Aumentei o volume. Liguei a mesa de som. Dei o *play* na música e peguei o microfone dizendo em tom entusiasmado.

Alexandre: “esstamos começando mais uma Ráaaaadio na Ru-a: a rádio das pessoas em situação de rua, diretamente aqui do Centro Pop nessa manhã nublada. Está tocando Povo da Periferia, não sei o nome da banda, mas o som é tri (parte da letra: “deus olhai meu povo, da periferia!).

Alguém: MC Naldinhoo”. (Alguém gritou de dentro de uma sala de atendimento).

Alexandre: Povo da periferia do MC Naldinho, acabaram de avisar, curte aí....

Tocou a música, enquanto segui ali, mexendo no computador e olhando ao redor, mostrei a outras pessoas uma reportagem sobre moradores de rua num jornal da cidade e combinei com a pessoa que havia sentado perto que perguntaria pra ela sua opinião sobre a reportagem. Ela topou e pediu pra ler o jornal. Assim que parei de conversar e me volvei aos

aparelhos, ouvi: “qual a estação de rádio que é?”. O homem silencioso e fechado se interessara. Surpresa. Uma emoção confusa de alegria pela abertura e da necessidade de um cuidado pra não causar o fechamento. Não conheço os motivos dele ser fechado e distante, arredio a contatos. Tão pouco acho ruim. Nunca sabia se eu conseguiria abertura das pessoas naquele lugar. As alianças sempre me surpreenderam. No mínimo senti que não seria hostilizado e visualizava que a RNR interessava cada vez mais pessoas – o que era importante pra dar seguimento. Respondi a sua pergunta: “é 87.5, bem no início”. Silêncio. Segui mexendo, perguntei se ele gostaria de um microfone para falar na rádio. Apenas acenou negativamente com a cabeça. Um outro usuário chegou pedindo pra eu contar sobre o transmissor, pegando o microfone. Seguimos a RNR. O homem continuou parado, quieto, fechado, ora olhando ao longe, ora olhando o manuseio dos microfones. Hoje em dia ele segue sem falar na RNR, mas já ajudou algumas vezes a carregar os equipamentos nas ocupações dos espaços públicos.

Povo da Periferia – Ndee Naldinho

Povo da periferia há muito tempo ta abandonado né irmão, enquanto o povo da classe alta tá enchendo o rabo de dinheiro o povo aqui tá no veneno, sem emprego, na fome a única saída que os irmãos encontra, aqui na periferia é o mundo do crime. Os irmão sabe que o crime não compensa, mas é obrigado a viver no crime porque não tem outra saída né mano, então que Deus proteja os irmão que agora tão na correria que Deus proteja o povo da periferia / Deus olhai o meu povo da periferia(2x) / É tanta gente triste nessa cidade / É tanta desigualdade desse outro lado da cidade / Mas eu tenho fé, eu tenho fé eu acredito em Deus / Olhai por esses filhos teus Senhor / Ó pai senhor olhai o meu povo sofrido da Periferia(2x) / Ah! Olhando pro meu povo vejo a tristeza / Estampada em cada rosto que perdeu a beleza / A vida é embaçada pra quem tá no veneno / Uma mãe vendo os seus filhos com fome sofrendo / Os mais ricos do mundo só fazem investimentos / Diversão pra boyzinho, pra coisa ruim e armamento Quanto ao meu povo investimento é zero / Dia a dia não é fácil dia a dia não é belo / Vários moleque na rua sem endereço drogado / Mendigo gente sofredora também largado / Se arrastando e com vontade de viver / Muita gente dá de frente, finge que não vê / De que adianta vida boa e ter tudo da hora / Se o meu povo tá no veneno, ah meu deus e agora / Eu peço ao senhor que de paz e alegria / Cuida de noiz / O povo da periferia Ah! O povo é mal cuidado ignorado esquecido / Os ricos querem mais é ver meu povo fudido / Exploram nossa vida roubam nosso dinheiro / Eu vejo o povo no veneno entrando em desespero / Irmão na ira, sem paz espiritual se armando / Roubando se arriscando porque tá precisando / Apanhando na vida passando fome que injustiça / E quando roda toma coro todo dia da policia / Que a cada dia o crime vai crescendo essa vida deixa o povo revoltado e violento / A pobreza a miséria todo dia cresce / Que porra é essa meu povo não merece / Um dia quem só fode a gente vai se fuder / Eles obrigam o meu povo a não ter paz para viver / Que Deus proteja os irmão que agora tão na correria / Que Deus proteja o povo da periferia

O sentir, se relacionar, viver algo e sentir de novo, e fritar os miolos catando o que foi vivido e sentido descuidando do óbvio e procurando os intensos agenciamentos não evidentes no que acontece. Ladaia da vida, dos encontros, da linguagem, do pensamento. Frear a velocidade do que se sente, visibilizando atores e ações é ao mesmo tempo inventar essa combinação entre tantos aqui.

A ladaia da profundidade/escuridão transloucada em profundidade na superfície, talvez não seja mais problemática agora, uma vez que, ao falar em profundidade na superfície, usando essas palavras juntas, sinto que reitero a legitimidade do conceito de profundidade ancorada no binarismo dentro/fora, explicito/implícito (talvez esse modo binário da profundidade uma problemática da primazia do olhar como o protagonista da produção de verdades sobre as coisas do mundo). Desta forma, aqui, talvez nem paradoxo a profundidade na superfície seria. Nesse trabalho, talvez não aja profundidade de dentro. Toda mistura de corpos é uma agência capaz

de ser aprofundada na proliferação de encontros, de atos de linguagem extra-corpo que espalham acontecimentos e incorporais numa vastidão paradoxal e pictural de platôs, ações e efeitos. Temos a tendência ao nos relacionarmos com algo que não vemos, não evidente, veloz, automático, comprimido, definimo-lo como inconsciente ou como profundo. Talvez esse vocabulário perca força e sentido na multiplicação dimensional, em platôs; como se o paradigma da multiplicidade, da diferença, do paradoxo, das dimensões, instaurasse outras possibilidades de linguagem, de conceitos, não que invalide as propostas axiomáticas de outros paradigmas, mas propõe outros horizontes a linguagem, aos conceitos, às transduções. Aqui o *Looping* possibilitará cada vez novas abordagens inventadas sobre a RNR e suas agências. Uma invenção que tem vários procedimentos como a distensão, a diminuição da velocidade da narrativa, da memória, com a repetição do contato com um ente/agenciamento, para visualizar/criar presenças, intensidades, discursos que agem contraídos no fluxo. O monopólio de uma única versão ou de um foco compulsório, acelera o fenômeno e contrai diversos elementos numa simplificação. Convidado pela constatação da multiplicidade onde muitos atores e ações estão presentes num determinado campo, o ato de proliferar narrativas opera a visualização desses entes em misturas, agências, com seus efeitos, intensidades diferentes dos que habitualmente poderiam dominar o discurso num determinado fluxo condensado/simplificado. Vasculhar o sutil, molecularizar. Tudo sendo performatividade numa rede complexa de atores, ações e discursos em performance. O profundo só figura na superfície! Assim toda estratificação ou eminência é paradoxalmente composta de condensações, contrações comprimidas no segmento, de múltiplas virtualidades, onde o profundo de dentro insinua uma tese desastrada ignorando a prévia compressão de agências, de virtualidades ou de efeitos ainda imanentes e atuais, mas comprimidos em velozes ações maquinadas.

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista. É preciso, pois, que a coisa nada seja de idêntico, mas que seja esquartejada numa diferença em que se desvanece tanto a identidade do objeto visto quanto a do sujeito que vê. É preciso que a diferença se torne o elemento, a última unidade, que ela remeta, pois, a outras diferenças que nunca a identificam, mas a diferenciam” (DELEUZE, 2006a, p. 94)

Cada elemento, inesgotavelmente, é uma condensação e pode entrar em *Looping* para distender-se em fluxos de atores e ações, antes estabilizados numa contração qualquer. Chamar o virtual, o paradoxo, as múltiplas dimensões não hermeneuticamente evidenciadas de inconsciente, parece já administrar o conceito de consciente ancorado na perspectiva de uma epistemologia científica que designa, identifica, e ao realizar esse ato, encontra a verdade dos

entes. Nesse sentido, a algo paradoxal é necessário abordá-lo de novo²⁹, acionando o *Looping* como método de multiplicação de perspectivas, distendendo outros possíveis na superfície – o vasto. O *Looping* vasteia³⁰! Ele usa o sonar. De um modo paradoxal percorre a vastidão ao mesmo tempo que percebe/cria essa vastidão. Percorrer as misturas da cena imanente ao mesmo tempo que se evidencia/visualiza/cria os elementos da cena. Imanenciar³¹ cartografando.

Os olhos cor d'água da mãe do conto da escritora Conceição Evaristo são olhos correnteza de um rio denso. Lágrimas-cor *transcolores* referentes a efeitos de elementos/camadas/misturas não evidentes, mas presentes na complexidade de uma cor de água. Conceição Evaristo após descrever uma série de vivências doídas, suas e de sua mãe, escreve uma frase importante: “A cor dos olhos da minha mãe era a cor dos olhos d'água. Águas de Mamã Oxum! Rios calmos, mas profundo e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície.” (EVARISTO, 2016, p.13) Nessa frase do conto Olhos d'Água, que dá nome ao livro da escritora, percebi doloridamente os efeitos opressores, enganosos e estigmatizantes da ideia de dentro/fora. A autora utiliza esse binarismo dentro/fora talvez menos para reforçar uma aliança a essa epistemologia e mais para referir a perspectiva simplista de quem contempla o mundo de sua mãe (e o seu) enganosamente com a simplificação identitária do dentro/fora. Esse olhar simplificador como um reducionismo contido na dialética do profundo como o escondido e o evidente como o designável. Nesse conto Evaristo mostra a compressão de uma rede complexa de agruras, de acontecimentos doídos, de resistências e potências de combate vividos pela sua mãe, e por ela, também como filha/mãe, enquanto mulheres negras na sociedade brasileira. Ela espalha no texto uma vastidão de ações densas nas lágrimas, responsáveis pela cor paradoxal da água nos olhos de sua mãe. A cor da água é frase bonita, malabarismo de platôs, política, dolorida, de força: vastidão; expressão que aturde, intrigando: como olhos podem ter cor d'água? O paradoxo é ainda maior quando a mãe de Conceição Evaristo sorri ao mesmo tempo que colore os olhos com a cor d'água – esgarçamento da superfície sorriso/olhos-cor numa profundidade espreada pelas escritivências da escritora.

²⁹ Deleuze e Guattari imanenciam o pensamento, criam a imagem do pensamento na imanência onde pensar é um criar repleto e paradoxal. (DELEUZE; GUATTARI, 1992)

³⁰ No dicionário de Alexandre Missel Knorre nessa dissertação: ato de tornar vasto. Esgarçar, estender, acrescentar. Aumentar o espaço na superfície, aumentando a profundidade da superfície, bem como a quantidade de elementos nessa profundidade.

³¹ O verbo imanenciar é performance da escrita aqui, é ladaia da escrita. A imanência, é. Nada se imanência. Algo é sempre imanente a tudo. O imanenciar aqui é uma performance que se insere no movimento de abordar os acontecimentos e as coisas de modo a superar a evidência, para além da obviedade identitária colonialista e transcendente. Imanenciar é viver vasculhando efeitos, trilhas, tramas, criando vastidão, multidão imanente. Imanenciar é desconfiar do óbvio e do uno (onde a profundidade é polidimensional). Imanenciar é como vastear, é a política de problematização que se propõe a multiplicar, densidade.

Sem esquecer que ela percorre o conto perguntando “qual a cor dos olhos de minha mãe?” até encontrar a resposta, que surge mais como problematização aos hábitos contemplativos do leitor, do que como resposta tranquilizadora da pergunta sobre a cor. Olhos terem a cor d’água é um acontecimento poético, ético, incorporal, paradoxal, denunciando a densidade condensada no superficialmente profundo-vastiado, em função da quantidade de experiências e violências do que é ser mulher negra no Brasil.

A implicação de desenvolver a profundidade da superfície é pela necessidade de aprender a gerar ferramentas de superação da transcendência, da simplificação/reiteração eugênica de elementos/formas/ideias aptos/ideais/dominantes, revertendo o platonismo e a verdade³², onde os simulacros e os efeitos de superfície também são o extra-corpo a operar o contato com a diferença nos acontecimentos – agenciamento, contra-efetuação e presentificação. A Ideia, a cópia e a unidade platônica perdem sua força (DELEUZE, 2009a). Assim, para além de colonizar o corpo ou uma performance de vida com marcadores categóricos de significação simplificadores e estigmatizantes, pretendendo-se legitimamente verdadeiros, quer-se visualizar proliferações/escapes das vidas como efeitos e misturas disjuntivos, com seus sentidos singulares e genuínos – simulacros – o sutil presentificado.

Mambembe – Chico Buarque

No palco, na praça, no circo, num banco de jardim /Correndo no escuro, pichado no muro /Você vai saber de mim /Mambembe, cigano /Debaixo da ponte /Cantando /Por baixo da terra /Cantando /Na boca do povo /Cantando /Mendigo, malandro, muleque, mulambo bem ou mal /Escravo fugido, um louco varrido /Vou fazer meu festival /Mambembe, cigano /Debaixo da ponte /Cantando /Por baixo da terra /Cantando /Na boca do povo /Cantando /Poeta, palhaço, pirata, corisco, errante judeu /Cantando /Dormindo na estrada, no nada, no nada /E esse mundo é todo meu /Mambembe, cigano /Debaixo da ponte /Cantando /Por baixo da terra /Cantando /Na boca do povo /Cantando/

(toca Chico Buarque, a música Mambembe)

Alexandre: na boca do povo, dançando... segue o baile da RNR, a rádio das pessoas em situação de rua. São 14 horas e 26 mi-nu-tos... (alguém me puxa pela terceira vez e diz que o Silva quer falar. Incomodado fui olhar quem era que me puxava. Era o próprio Silva. Sorri a anunciei para a esquina democrática – entroncamento da Rua dos Andradas com a avenida Borges de Medeiros no centro da cidade de Porto Alegre). Nessa tarde nublada dessa quarta-feira, seu Manoel já foi embora com a muda de uma planta panc³³ depois de adivinhar onde o mamão, a fruta, passa as férias já que não gosta de ir pro campo nem pra serra: onde vai o mamão?... (risadas) é... papaya! (todos gargalham novamente com o mamão papaya). Mas diga aqui Silva,

³² Não que a verdade seja falsa, mas que ela não é única. Seriam talvez verdades, ou até essa palavra perde seu sentido na perspectiva de multiplicação de platôs. Talvez problemas para um próximo estudo.

³³ Panc é abreviatura de: planta alimentícia não convencional, ver em <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/62-alimentos/5387-pancs-as-plantas-nao-convencionais-que-tambem-podem-ser-consumidas-na-alimentaacao.html>

o que tu achou do seu Manoel ter deixado a cachaça porque um de seus medos era virar morador de rua? (falei chamando o Silva para o centro num jeito de iniciar sua participação, entregando-lhe um microfone).

Silva: Ah... que todo mundo sabe... sabe onde aperta o seu sapato...

Alexandre: É vero, e contigo, meu amigo, onde aperta o sapato? (Silva sorriu, olhou para os pés onde só tinha o par de chinelos e disse)

Silva: meu, já não uso mais sapato pra nada mais me apertar. (todos riram. Silva estava nervoso com o microfone, era a primeira vez que ele tomava coragem de falar numa RNR. Silva sempre muito conversador e opinativo. Sempre participou muito do “mundo oculto³⁴” da RNR dentro do Centro Pop. Suas opiniões só apareciam depois que a oficina da rádio terminava. Sempre se emparceirou das performances da RNR na cidade, mas nunca falou no microfone. Ele estava começando, inseguro...). Mas eu pedi o microfone, né... eu vou falar... sabe, né... (Silva estava nitidamente constrangido, gaguejava, titubeava) eu queria falar, né... do... do... falar do...”

Alguém: “vamô meu!” (Silva olhou pra trás, se incomodou e apressou a fala).

Silva: Tem que falar... da... do...” (bufou, e abruptamente largou o microfone, e saiu) A música de fundo seguiu sozinha. Retomei)

Alexandre: Dale Silva, todo mundo quer te ouvir, (tocava agora Olhos Coloridos da Sandra de Sá), mas o Silva vai ali se lembrar do que ia... (de súbito Silva pega o microfone novamente)

Silva: Sabe o que é? O cara nunca sabe como falar ou o que dá pra falar, também! Por que nunca sabe quem vai ouvir o cara (fala com a voz forte, incomodada, fungando levemente com os olhos marejados). Eu tô na rua a 5 anos. Ninguém tem a ver... eu ia dizer que ninguém tem nada a ver com isso, mas tem sim. Eu tô na rua, faço as minha parada, minhas ladaia, ninguém é perfeito, hoje tô bem tranquilo, e o mais difícil é ver um monte de gente toda hora passar por ti a maioria não tá nem aí, e não tem que tá, tem uns que dão uma moeda, oferecem uma comida, mas tá, que bom que dão, mas ninguém, meu, (se emociona um pouco) ninguém se interessa pelo cara. Não de cuidar do cara, mas de se interessar, de querer saber o que o cara tem, o que o cara pensa, o que o cara faz. O cara não é só rua! O cara não é só a rua (fala firme e pausado, olho estralado), o cara não é só a cara suja, a roupa rasgada e suja, a ressaca, tá ligado. Queria dizer que eu já trabalhei com som, em estúdio de TV, já trabalhei com eletrônica. To na rua por um monte de ladaia da vida do cara. Minha casa já caiu, não vou dizer que to na rua só por que aconteceu desastre na minha vida, eu podia também ter ido pra outros lado, e não fui, também chega uma hora que o cara não aguenta mais as coisas e daí faz a parada... (Pitinga no outro microfone)

Pitinga: certo, mano, tô contigo. E também vivo isso, mas eu me pergunto e te pergunto agora também, e tu já te interessou por alguém na rua, de perguntar pro cara que te dá o rango, qual é a dele, o que ele faz? Sei lá, eu já fiz umas amizades por aí assim... (Silva ri)

Silva: Bah meu tu é o Pitinga, bom de ladaia, de piada, eu sou mais na minha, mas tá, da pra fazer isso daí, mas eu queria aproveitar essa roda aqui no centro (a roda estava bem grande em volta do cenário da RNR, muito em função das adivinhações que premiavam quem acertasse. Os transeuntes adoram um brinde. AS RNR com sorteios e brindes, lotam) e dizer que a gente da rua também é tri. A gente já salvou gente de assalto. A gente já ajudou velhinho que caiu na rua. Tem gente tri, na rua. Não é por que o cara toma uma parada, uma coisinha... que é ruim... claro que tem, mas o cara pode ser tri também e as pessoa nem sabe. (Percebi Silva diminuído o tom, e senti vontade de incluir a roda nessa conversa, falei então)

Alexandre: pra isso que a gente tá aqui pra fazer a galera conversar. Silva vamos ver se alguém aqui tem alguma coisa pra perguntar pra ti? Quem quer perguntar algo pro Silva? Tipo: Por que

³⁴ O mundo oculto da RNR é como designei as pessoas que falavam, gritavam, riam, interagiam de alguma forma com os assuntos da rádio, mas fora dos microfones. Brincava que estávamos ouvindo nossos ancestrais espirituais falarem algo. Quando a pessoa emitia uma opinião e se negava a falar ao microfone, inseria sua fala com essa brincadeira do mundo oculto, dos ancestrais. As vezes nomeava o ancestral com o nome da pessoa que falou de fora – tudo isso com o consentimento da pessoa.

ele tá de chinelo? o que que ele gosta de comer? Ou qualquer outra coisa...” (perguntei caminhando a roda oferecendo o microfone para as pessoas. Muitos sorrisos, mas poucos perguntavam. Num determinado lugar uma menina que tava de mão com uma mulher, levantou o braço. A mulher ficou envergonhada começando a insinuar que pediria para a menina desistir do movimento. Como eu estava perto, com o microfone, alcancei-o rapidamente aproximando de sua boca, antes dela ser desencorajada e impedida. A menina disse:)

Menina: por que tu anda só de chinelo? (todo mundo riu, Silva riu e respondeu)

Silva: como é teu nome?

Menina: Larissa.

Silva: Larissa eu prefiro chinelo por que nem sempre eu consigo um sapato ou tênis que cabe no meu pé. Eu já disse que não gosto de nada apertando meu dedo. Mas eu gosto de chinelo, de tênis e de pé descalço também (Silva sorriu. Pitinga interrompeu se dirigindo a Larissa)

Pitinga: por que o chinelo deixa ele sem chulé. E o chulé dele é fedorento, baah, não vou nem lembrar dele com tênis... que fedor... (fazendo cara de nojo. Todos riram e seguiram um rápido diálogo. A roda seguiu sendo convidada a perguntar/entrevistar o povo da rua).

Olhos Colorido – Sandra de Sá

Os meus olhos coloridos me fazem refletir / Eu estou sempre na minha / E não posso mais fugir / Meu cabelo enrolado / Todos querem imitar / Eles estão baratinado / Também querem enrolar / Você ri da minha roupa / Você ri do meu cabelo / Você ri da minha pele / Você ri do meu sorriso / A verdade é que você / Todo brasileiro / Tem sangue crioulo / Tem cabelo duro / Sarará crioulo

Silva, Pitinga, a menina Larissa, seu Manoel, viveram uma articulação singular em suas relações na RNR. Para o Silva falar ali, com todo seu constrangimento com a expressão em público, alguma coisa operou e não foi algo apenas naquela hora, naquele dia. Sua possibilidade performativa conjuga uma rede de acontecimentos agenciados durante 6 anos de trabalho da RNR. A Larissa com sua pouca idade, sua coragem e insubordinação de perguntar ao Silva; o Silva e sua gagueira, sua saída, e seu retorno; o humor acolhedor do Pitinga; as reações da roda ao passeio do microfone e as falas; a música Olhos Coloridos soando como trilha sonora; o que se sentiu, que sentidos aconteceram ali, que convulsões isso gera, que horizontes isso abre?

A performatização da RNR engravida-se de profundidade-superfície com os agenciamentos radializando a rua – o dar voltas e voltar novamente ao acontecimento RNR como um modo de sentir, de sentido, vastiando como “todos os homens das profundezas [que]³⁵ põem a sua felicidade em poderem se igualar, às vezes, aos peixes voadores que brincam no alto da crista das vagas. Consideram que o melhor, nas coisas, é terem uma superfície: o que tem à flor da pele.” (NIETZSCHE, 2004, p. 140). Esse a flor da pele figura como a superfície com *n* dimensões intensivas, onde o movimento esgarçador implicado com essas densidades da superfície faz profundidade/vastidão, pelo contato/experiência.

³⁵ Conjunção incluída por mim para facilitar a concordância da citação com o texto precedente.

Um acontecimento vivido novamente procurando elementos na sua composição/ação, encontra entes agindo e misturas. Nesse sentido o *Looping* da narrativa depende de que cada elemento numa cena, num campo de imanência seja um *Looping* em si. Cada pessoa na RNR é a possibilidade de multiplicar sensações e efeitos da RNR. O *Looping* de seres humanos, onde cada ser humano é um *Looping* do humano, detona a possibilidade de vastear as narrativas nas imbricações de intensidades singulares de entes no *clinâmen*, com novos campos vitais, políticos, sensíveis, intensos, práticas, efeitos e sentidos em cada pessoa.

O Sutil

Leve, leve muito leve um vento muito leve passa e eu não sei o que penso, nem procuro sabe-lo. leve, leve a sutileza tênue da minha pele loucura vermelha toda imbricada em veias espalhando-se pelo mais esplêndido jardim de flores, todas cheirosas, exuberantes e macias habilmente colocadas aqui sobre a pele branca que em contato com elas se colore, muda de cor, camaleônica pele sutil, vaporoso elixir, para insetos engenhosos que pousam sobre ela, cheiram-na inteira, vão e voltam, voam e pousam, cantam e nadam nas flores, na superfície do rio [...] (SEHN, 2014, p. 54)

Fino, de pouca espessura. Crosta. Superfície. A camada sutil que conjuga existências onde a profundidade estende superfície como se só existisse vastidão na sutileza, ou só existisse o sutil no vastear. O sutil como alta intensidade, uma força poderosa e paradoxalmente delicada. A raridade do sutil na superfície profunda. O Entre, o plano de consistência, o agenciamento – o sutil das agências transversalizando estratos para inclusive simultaneamente percorrer a “superfície de estratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 54), território do sutil.

“A sutileza de pequenas coisas, no quase imperceptível” (MOEHLECKE; FONSECA, 2005, p.55) é o lugar do sutil como matéria quase insensível. O sutil como o fino, delicado, de pouca espessura, delgado, mas também engenhosamente refinado³⁶ com uma complexidade densa não evidente. Descartes chama de matéria sutil algo que pouco consegue-se apreender: o céu. O filósofo para superar a ideia de vazio na filosofia, aborda o conceito de matéria sutil como o fluxo de matéria que centrifugamente abandona as estrelas-turbilhões num escoamento que arrasta, interfere e age em outros corpos celestes. Entre as estrelas, planetas, cometas, o sol, existe essa matéria sutil. O sutil surgindo como algo invisível, mas evidentemente atuante, um fluxo povoado, um magma desencadeador de movimentos, de suspensões e do peso de outros corpos no espaço (MEDEIROS, 2016). A evidência de algo como sutil é um efeito em função

³⁶ Definição encontrada no dicionário Michaelis na pagina web <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwzZQ> acessada em 12 de outubro de 2018.

da qualidade dos comportamentos, dos movimentos, das aparências de corpos evidentes que denunciam a presença intensa, forte, atuante, mas sutilmente não evidente por si só.

O sutil entendido como os movimentos imperceptíveis, escamoteados, atuando indiretamente num determinado resultado, ou indiretamente sendo a agência invisível num movimento-corpo condensado mais evidente (vide os diferentes usos da palavra sutil em textos de Costa (2007), Sternik (2010), Sehn (2014), Moehlecke; Fonseca (2005), Araújo (2010), Porto (2009)). Ao mesmo tempo que o sutil é um efeito, um incorporal de um agenciamento, ele pode ser a designação de movimentos em função da qualidade moral dos efeitos desses movimentos – como fica evidente perceber a ausência da sutileza numa montanha desabando das alturas ou num soco rápido e forte de um pugilista numa luta. A quantidade de agências condensadas, comprimidas e aceleradas num movimento de soco, ou num desabamento, por exemplo, ficam definidas como ações diretas, brutas, e não sutis, muito em função da invisibilidade dessas mesmas agências condensadas, e também, pelo vínculo direto e explícito do ato bruto, identificável, direto, com suas consequências facilmente percebidas e usualmente designadas como violentas. Se um tipo de soco for dado através de uma frase refinada, sem a explicitação da vontade de agressão, lenta para o entendimento de quem a recebe, figurando indiretamente a violência, numa complexidade paradoxal, esse movimento pode ser percebido como sutil, por exemplo; ou num foco descentrado e tangencial, onde visualizam-se efeitos ou agenciamentos fora da rota estereotipada de percepção. O sutil parece figurar a quebra da identidade, da simplificação do ente a sua superfície direta. O sutil é multiplicidade, vastidão. O que não seria sutil nos entes?

De qualquer fluxo, me deparei com essa segunda ladaia, que não conseguirei abordar com toda força problematizadora aqui, geradora do paradoxo do “sutil”. Assim como a ladaia da profundidade/superfície, como criar condições para problematizar as agências vasculhando o sutil, ou subentendendo o sutil? O sutil como algo presente, não invisível, não oculto, nem escondido dentro, mas pouco definível, pouco evidente, embora muito sentido; presente, real, intenso, mas paradoxalmente “menor” (DELEUZE; GUATTARI, 2014) na gigante geografia de sua rede de ações, onde o instrumento que o perceberá não será necessariamente a lupa ou o microscópio mas um devir-microscópio da problematização – a intuição como método, talvez.

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista. É preciso, pois, que a coisa nada seja de idêntico, mas que seja esquarterada numa diferença em que se desvanece tanto a identidade do objeto visto quanto a do sujeito que vê. É preciso que a diferença se torne o elemento, a última unidade, que ela remeta, pois, a outras diferenças que nunca a identificam, mas a diferenciam. É preciso que cada termo de uma série, sendo já diferença, seja colocado numa relação variável com outros termos e constitua, assim, outras séries desprovidas de centro e de convergência.” (DELEUZE, 2006a, p. 94)

Segunda Ladaia - Mecanismos de esgarçamento

O Eterno Retorno – Repetição/Diferença

56 – O ideal do homem mais exuberante, mais vivo e mais afirmador do mundo, que não só aprendeu a se resignar e suportar tudo o que existiu e é, mas deseja tê-lo novamente, *tal como existiu* e é, por toda a eternidade, gritando incessantemente “*da capo*” [do início], não apenas para isso mesmo, mas para a peça e o espetáculo inteiro, e não apenas para um espetáculo, mas no fundo para aquele que necessita exatamente desse espetáculo – e o faz necessário: porque sempre o necessita outra vez de si mesmo – e se faz necessário. (NIETZSCHE, 1992, p. 59)

Da capo faz parte do algoritmo das pautas musicais. Quando ele aparece na pauta musical, onde quer que esteja o fluxo de leitura, instrui o retorno ao início da partitura como continuidade da música. O retornar ao ponto de partida, do meio do caminho. O eterno retorno em uma perspectiva especulativa aqui instruindo a volta ao início³⁷. Um exercício proposto por um demônio nietzschiano. Retornar de novo a mesma vida e vivê-la novamente do início. Parece um *Looping*. Vamos a uma especulação: é um *Looping*! Mas de que tipo? No Eterno Retorno o *Looping* do aqui-agora parece ser o principal objetivo. O “*da capo*” infinito da vida no Eterno Retorno, recomeça tudo, todos os comportamentos, contatos, contratos, desejos, em todos os lugares? Tudo acontecendo novamente para vivermos tudo igual, com o principal objetivo demoníaco de performar no aqui-agora, o aqui-agora³⁸: será que, o que estou vivendo agora, onde estou, do jeito que estou, agora, com as escolhas que estou fazendo, com as alianças e sustentações na minha experiência atual, é digno ou, é prodigioso o suficiente para que eu

³⁷ Iniciar “significa eliminar todos os pressupostos” (DELEUZE, 2006a, p. 189). O eterno retorno lida com o início nessa potencialidade de atuação de forças ativas de modo eliminarem pressupostos, fluindo intensivamente com o presente – *amor fati*.

³⁸ Mais a frente deste item desenvolvo o eterno retorno na leitura deleuziana como diferença.

realmente deseje o Eterno Retorno desse agora? Isto é uma ferramenta libertadora segundo Nietzsche visto que uma das formas de resolver esse problema é o *amor fati* onde o gostar do agora esta para além da transcendência de universos de valor de bem e mal no que sucede.

Quase fui atrás das pessoas que amo mais intensamente nesse agora da escrita. Será que escrever essa dissertação agora é prodigioso pra mim agora? (Ler essa escrita é prodigioso para você, agora?) E a vontade crescente de estar com a Claudia e a Brisa (companheira e filha)? Felizmente o tremer de mãos, o palpitar do peito, fazendo o malabarismo de conceitos e a procura alucinada de lugares excitantes em livros e na escrita, também me alegra. É prodigioso sentir-se repleto enquanto se escreve-cria-aprende-sofre. Se esse aqui-agora do aumento da potência na escrita se repetisse, ficaria faceiro. Estou conectado a uma intensidade, a efeitos, a forças, a potências que me animam. São 20 horas de sábado, estou escrevendo/lendo desde as 14 horas. Claudia e Brisa foram jantar na casa de uma prima. Pensei agora que talvez estar com elas, agora, seria bom – senti-las, viver a Brisa interagindo com o primo da mesma idade, jantar, descansar da intensidade dessa escrita junto delas. *Vixi*³⁹, essa ideia problematizou agora minha alegria na escrita aqui. Entretanto o estresse gerado, não assusta. Criar canções me ajudou a positivar desamparos. Talvez assustasse se houvesse uma impossibilidade de estar com minha companheira e filha eternamente. Ficar longe do entorno, das alianças, dos vínculos atuais é uma dor inimaginável. Se o eterno retorno gerasse esse tipo de distanciamento seria insuportável. O eterno retorno nietzschiano é um auxílio para a vida. Propulsiona o presente como um modo de vivê-lo aliando-se radicalmente a diversidade, ao que nos aumenta a potência de viver em devir. Essa cogitada insuportabilidade se refere a outro retorno, outra ladaia.

Costumeiramente Dionlenon chegava lento na sala de aula no início da manhã. Isso acentuava-se durante o inverno gaúcho. O sono inquieto da noite anterior, dividindo a coberta com dois irmãos, iniciava a lentidão ao acordar. Naquela manhã, Dionlenon chegou desinteressado e vagaroso na escola. Com o passar do tempo, as interações com colegas, os conteúdos de aprendizagem, as professoras, o lanche, o recreio, ele esquentara. A mão seguia gelada, o queixo batia. O aquecimento em Dionlenon era na alma. Até o terceiro período de aula, estava tranquilo. O quarto período seria a aula de teatro, adorada por Dionlenon. O sol já estava mais alto. Havia ofertado parte de sua capacidade obediente de atenção aos ensinamentos nos

³⁹ Interjeição de surpresa utilizada coloquialmente no nordeste brasileiro. O Cicatriz, repórter da RNR, usa muito essa interjeição por ser nordestino.

primeiros períodos. Saiu da sala com o quadro verde, com as classes e foi até sala de teatro: um espaço de 80 metros quadrados com um espelho enorme cobrindo uma das paredes. Era outro tipo de ambiente, algo até difícil de ser chamado de sala de aula: objetos cenográficos utilizados em apresentações, figurinos, sem classes, sem quadro negro. Essa troca de local excitava Dionlenon. As novas possibilidades eram fogo na alma. Junto com alguns colegas ferviam ideias: caminhar nas cadeiras, fazer caretas em frente ao espelho, escolher figurinos espalhando-os no chão, correr pela sala, usar o centro da sala como ringue. A maioria dos alunos ficava incandescente na aula de teatro. A diferença de ambiente funcionava como uma calorosa liberdade. As ideias aconteciam no corpo, nas agências, nas brincadeiras. A professora fazia seus rituais de acalmamento⁴⁰ coletivo. A maioria dos alunos correspondiam ao canto-artifício dela para concentrar o grupo numa mesma tarefa. Dionlenon não era insensível ao canto calmante, ele era sim, muito suscetível a todo o resto, ao convite de cada elemento da sala. Dionlenon entendia calma como lentidão, como algo resultante da falta de espaço, restrição, da vontade do outro. Ele cantava, mas ao mesmo tempo faiscava nas aberturas que vislumbrava. Dionlenon não ficou na roda nesse dia. Se permanecia, pisava no pé de um, imitava a postura de outro, rebojava ao som do canto da professora. Nesse dia Dionlenon foi à roda borbulhando em demasia, saía da roda como labaredas. Ia as cadeiras, ao espelho, corria aos cenários e voltava à roda. Faiscava a todo momento na roda (faíscas se dão em encontros, em choques nas superfícies). A professora interferia no calor de Dion para concentrá-lo na roda, tentando diminuir sua dispersão. Num determinado momento, após ouvir a instrução de que cada grupo criaria uma cena rápida sobre voar ou estar no ar livre, Dionlenon subiu rapidamente em cima do armário de figurinos. Ele adorava o céu. Muitas vezes quando fugia da escola, depois do almoço, corria com alguns amigos até o quintal de um vizinho com um limoeiro. Pegavam alguns limões, atiravam uns nos outros, se machucavam, mas, em seguida, cansados de correrem e se defenderem das limonadas, deitavam no gramado a chupar os limões que sobraram, olhando o céu. Chegava a ter frio na barriga quando se imaginava voando. Seguido sobrevoava o prédio onde o seu pai estava preso por tráfico (o bar do Lúcio frequentado pelo pai virou ponto de venda de drogas). A professora gritou preocupada e irritada por Dion ter subido sozinho em cima do armário. Dionlenon ria. A professora parou de falar com a roda de alunos para retirar Dionlenon lá de cima. Ele se recusava a descer. A professora desistiu de tentar e solicitou auxílio ao professor volante. Dionlenon agora chutava a madeira do armário espantando o professor volante. Quanto mais o volante tentava dirigi-lo mas ele resistia. Não

⁴⁰ Dicionário de Alexandre Missel Knorre nessa dissertação: procedimentos que intentam conduzir pessoas a comportamentos calmo. Ato de acalmar.

só por vontade de ficar no armário, mas agora, por raiva também. A professora chamou o porteiro. Veio junto o faxineiro. Os três o retiraram a força do armário. Ele se retorcia. Estava infreável, vermelho e quente. Tentava se desvencilhar dos braços fortes e adultos. Dionlenon gosta de abraços. Gosta de sentir-se seguro em braços adultos. Mas naquele dia, naqueles braços, daquele jeito, ele não queria. Fora da sala de teatro quando encostou os pés no chão, a fricção com a lajota lhe deu o atrito necessário para faiscar. Correu. Olhou pra trás e riu. O porteiro até tentou correr. O professor volante o desencorajou. Dionlenon já tinha chegado na cerca e escorrido por baixo da saia de metal. Saiu da escola atucanado, paranoico, procurando o que fazer. Encontrou um grupo de jovens mais velhos, ficou por ali entre celulares, refrigerantes, cigarros e alguns pacotes. Desabotou-se deste jeito naquela manhã.

O prodigioso para além da consciência é possível? Talvez aconteçam determinadas compreensões de sentidos no ato aqui-agora com dimensões paradoxais de prodigalidade – a hermenêutica, a consciência, a perspectiva, o sensível, a condensação no impulso nem sempre conhecem a força da presença (GUMBRECHT, 2010). Dionlenon evade da escola tomado por um impulso que ele não saberia significar/designar como um presente cognoscível ofertado pelo demônio do Eterno Retorno nietzschiano. Gosto de pensar que o Eterno Retorno opera silenciosa, automática e simultaneamente nesse impulso de Dionlenon de fugir desse lugar que, nesse dia pareceu pouco acolhedor, pouco convidativo, pouco espaçoso. Como se pudessemos dizer que Dionlenon calculou, mediu, pensou, raciocinou, sentiu, ponderou, perscrutiu, comprimidamente em milésimos de segundos, quase automaticamente, numa inteligência da ação agida-sentida-agenciada. Seus atos, escolhas, excitações, aquecimentos, como o efeito do Eterno Retorno, um convívio com seu presente, a radicalidade das forças vitais indagando-o da presença do prodigioso no seu aqui-agora. Aqui a linguagem parece frear essa aceleração do agido e especular os efeitos das misturas vividas possibilitando esgaçar o próprio Dionlenon, inclusive, em ações propositivas, complexas, condensadas no tangenciar faiscante da instituição escolar daquela manhã (somente numa determinada imagem de cidadão a instituição escolar é sempre potente). Tento aqui insinuar uma suposta condensação em Dionlenon durante todo o acontecimento como uma performatividade. Faiscar, pode ser ir ao que o aumenta sua potência de viver. Ou quantas ações farão o encontro com o prodigioso?

São 21:00 horas agora. Parei de escrever as 20:13. Quando criei esse eterno retorno consciente assistindo toda a sua vida em *Looping* comecei a ficar ansioso com prisão da consciência atual assistindo *in loco* eventos que eram apenas uma imprecisão mnemônica do passado. Esse demônio do *Looping* me atordoou. Nietzsche com seu Eterno Retorno, conforme o entendi, me alegra. Me ajuda com idas e permanências no aqui-agora. Principalmente, porque no Eterno Retorno nietzschiano tudo repete. Desta forma, eu estaria no mesmo estado em que estava, quando vivi cada uma das situações a primeira vez, durando. Estaria vivendo tudo que vivi, novamente, sem saber, necessariamente, que estou vivendo tudo novamente, sendo o novamente a diferença não vivida ainda, sendo vivida. Estaria com a consciência, desejos, alianças, expectativas, respectivamente condicionadas aos campos de possibilidades de cada instante da minha vida, estaria no presente, na eternidade da presentificação das forças vitais imanentes. Mas o outro demônio, do *Looping*/eterno retorno, me enlouqueceu. No *Looping* desse ultimo demônio, me vi claustrofóbico e asfixiado dentro do útero; como bebê, sem músculos pra caminhar, sem a aquisição da fala, vivendo o leite materno, o colo, a proteção, tudo novamente; o ir à escola; estar submetido a conduções de adultos, etc. A consciência de agora observando esse passado, como se fosse seu presente, enclausurada nesse passado, sem possibilidade de alterar nada, apenas assistindo à repetição de tudo, é insuportável. Imagino como seria a urgência dilacerante de precisar/querer estar com a Claudia e a Brisa, por exemplo? Como suportaria não poder ir à minha casa, ao violão, ao campo de possibilidades do momento do retorno. Até da dissertação senti vontade e saudade. Não faço ideia de como suportar esse outro tipo de retorno infinito reiniciando tudo estando confinado, passivo, permanecendo meu pensar-sentir-desejar atual. (fim da pausa dramática)

Infeliz essa junção do *Looping* com o Eterno Retorno. Vamos expurgar esse demônio e rejeitar esse tipo de acoplagem; mesmo só como imaginação ele é um brete enclausurador desnecessário. O Eterno Retorno nietzschiano sozinho é poderoso, libertador. O *Looping* também! Ambos em seus platôs, potencializam.

O *Looping*

O *Looping* aparenta ter algumas diferenças do Eterno Retorno nietzschiano, ele pode ser o “novamente” de uma imagem fixada na nossa frente, uma cadeira na sala de jantar, um móvel qualquer; uma árvore; uma música; a arquitetura de uma cidade; um ritual específico; o cheiro

da feijoada; ideias obsessivas; o gosto da maçã, do vinho. O *Looping* acontece a algumas coisas, a alguns elementos e, como método, acontece por escolha deliberada de quem precisa repetir o contato com determinado assunto/ideia/local/ator/ações – como o *sommelier* que precisa do *Looping* do vinho para desmembrar/inventar linguagem sobre as agências da duração no barril. O *Looping* precisa ser produzido e desejado. É como uma conexão raio, uma conexão intensa e nova. Quem executa o *Looping* em um determinado momento com suas forças vitais na existência-fluxo acontecendo junto ao retorno do ente eleito, repete junto, mas diferente. Ambos repetem a Diferença e o Dissimilar (DELEUZE, 2006a) – ritornelo. O perspectivismo/ontologia do que está em *Looping* é múltiplo, *vasteante*. O entorno em contato com os entes que vivem o *Looping*, segue diferindo, segue com suas durações, variações e dispersões. O *Looping* como método é a repetição de algo que quando repete se insere sempre num contexto diferente, pois, no mínimo, o entorno desse elemento em *Looping*, diferiu, gerando novas afecções, novos encontros, novas intensidades, possibilitando à linguagem novos efeitos nessa nova combinação em devir (ritornelo). Assim esse ente em *Looping* tem a oportunidade de também diferir junto com a vitalidade de seu arredor. Nesse sentido, por mais que aconteçam aparentemente repetições idênticas pelo tempo do *Looping* (timbres, formas, cores, pressões, gostos, ações, posturas, corpos), o que repete é a Diferença. O retorno, a volta do início, faz seu *Looping* coabitando com o presente, com as possibilidades abertas desse incessante aqui e agora. Esse ato de se relacionar novamente com algo que já passou, sem estar no passado, e sim, atualizando o vivido, no presente, é menos demoníaco do que atualizar o passado, estando no passado com a vida do presente na cabeça (aff⁴¹); e mais prodigioso, inclusive.

Dimensões de ambos

Ambos os métodos têm em comum a intenção de produzir potência e afirmação de diferença no aqui-agora como um ritornelo: algo repete, algo difere.

O Eterno Retorno nietzschiano, chama o passado (*da capo*), transformando o presente em passado, com a intenção de problematizar as ações nesse presente, no aqui-agora, como um futuro passado que retornará infinitamente, sendo que a única coisa possível de estar em ambos os tempos (passado, presente, futuro) é a Diferença – numa perspectiva de reverter o platonismo, a representação e o transcendente. A força é produzir o prodigioso no fluxo de

⁴¹ Interjeição que designa um tédio com ironia. Uma bufada de incomodo/desacordo, mas, bem-humorada.

acontecimentos (*amor fati*). O *Looping* da RNR, por sua vez, “puxa” esse passado para o atual presente, inserindo-o simultaneamente ao desenrolar infreável desse presente, para problematizar/inventar o vivido, conjuntamente com a problematização/invenção desse presente, multiplicando perspectivas. O *Looping* é um ritornelo: algo repete e algo difere simultânea e paradoxalmente. (COSTA, 2006)

O *Looping* usando o Eterno Retorno

De maneira sucinta, com Deleuze a repetição no *Looping* só pode ser um eterno retorno onde o que repete é o Dissimilar.

Não é o mesmo que revém, não é o semelhante que revém, mas o Mesmo é o revir do que revém, isto é, do Diferente, o semelhante é o revir do que revém, isto é, do Dissimilar. A repetição no eterno retorno é o mesmo, mas enquanto ele se diz unicamente da diferença e do diferente. (DELEUZE, 2006a, p. 413)

No livro diferença e repetição Deleuze questiona o fato de entendermos o Eterno Retorno como o eterno retorno do mesmo ou ao mesmo. Ele é entendido como esse operador no presente, também pela linguagem, propondo a diferença na duração (DELEUZE 2006a). O *Looping* contagiado por essa perspectiva paradoxal de Deleuze repete a diferença. A cada retorno de um ente específico, a diferença é que se apresenta. Mesmo essa presença sendo pouco evidente requerendo esforço para espantarmo-nos com o óbvio – o *Looping* me pareceu um método de insistência para esgarçar durações comprimidas, diferenças, mesmo aliado ao Eterno Retorno como fundamento e a Diferença como conceito, onde o que repete jamais poderá ser a identidade ou o negativo do ente, mas uma afirmação.

De outra feita o eterno para Nietzsche é a presentificação do eterno. É trazer o conceito de eterno à vida. Nesse sentido a eternidade não se refere a algo para sempre, visto que o para sempre não dura para sempre, isso seria transcendência. Eternidade seria então

O presente que permanece presente e não vira passado. Ora, eu não sei se você percebeu mas nós vivemos todos os instantes no presente [...] passado só na nossa alma, só na nossa mente, só na nossa memória, porque no mundo da vida nós estamos sempre no presente. O tempo, como se diz, corre, mas nós seguimos acompanhando o tempo no presente. Portanto na nossa vida o presente também não vira passado [...] no mundo das forças vitais, as nossas forças vitais estão sempre atualizadas, estão sempre no presente, você não é temporal, você é eterno. Você é eterno porque as forças vitais que constituem o teu ser estão sempre presentificadas [...] não é só as forças vitais, ‘estão sempre no presente’, mas a ideia do *amor fati* é a ideia de você gostar disso, a ideia de você amar o presente. E amar tudo o que está no presente. O mundo como ele é. [...] é a eternidade que esta em jogo na medida que, 1º: eu quero alguma coisa; 2º eu quero repetir infinitas vezes essa mesma coisa; 3º eu quero que essa coisa não acabe – então significa ‘eu amo a vida como ela é no mundo em que ela está’ [...] gostar das coisas como elas são, ou se você preferir: desejar viver desse

jeito infinitas vezes. Com isso a eternidade está em jogo. Ela é a presentificação da existência⁴²

Deleuze preferirá destacar o eterno a acontecer no presente se referindo as atualizações imanentes das forças vitais, da potência. A atualização das forças ativas sempre no presente como o Dissimilar a retornar eternamente – o que retorna eternamente é a própria eternidade entendida como a presentificação (atualização) das forças vitais. Por conseguinte, as forças vitais não cessam de fluir e se encontrar, cruzar, cortar, combinar, misturar de modo a produzir diferença no fluxo dos acontecimentos, em devir - clinâmen. Poderia especular aqui e dizer que o Eterno Retorno existe na Diferença e o *Looping* a sonoriza. O *Looping* focando num elemento, num determinado ente fluído com o presente e atualizando tudo junto com o *Looping* desse ente desdobra e prolifera diferenças tanto comprimidas nesse ente quanto a serem vividas/inventadas, esgarçando sua multiplicidade em síntese disjuntiva contida numa aparente unidade – operações *n-1*. O viver, o experimentar, intensamente esgarça proliferando com o *Looping*, multiplicando incorporais na linguagem, cartografando a vitalidade performativa de um ente junto ao repetir da diferença em todo arredor.

O mesmo nunca sairia de si para se distribuir em vários ‘parecidos’ em alternâncias cíclicas se não houvesse a diferença se deslocando nos ciclos e se disfarçando nesse mesmo, tornando a repetição imperativa, mas só oferecendo o nu aos olhos do observador externo, que acredita que a variante não são o essencial e modificam pouco aquilo que, todavia, elas constituem dentro. (DELEUZE, 2006a, p. 399)

Deleuze fala em três repetições: 1) uma nua, da superfície da matéria, contração da diferença que tende a parecer visualmente repetição do semelhante, onde normalmente os cientistas, externos ao ente, detectam como igual pela lentidão da manifestação da diferença; 2) a diferença lentamente produzida/vivida na profundidade/dentro do ente, e; 3) a repetição ontológica onde a diferença é o que existe.

Para além da repetição fundada e da repetição fundadora, uma repetição de *a-fundamento*, da qual dependem ao mesmo tempo o que aprisiona e o que libera, o que morre e o que vive na repetição [...] está não teria função de suprimir as duas outras; mas teria a função, por um lado, de lhes distribuir a diferença (como diferença extraída ou compreendida) (DELEUZE, 2006a, p. 403)

O *Looping* como método de fazer vastidão só pode existir no Eterno Retorno visto que só podemos focar em algo que novamente torna-se, e esse tornar-se só pode ser o eterno retorno da Diferença.

O eterno retorno é o ser comum a todas as coisas que são desiguais, diferentes e múltiplas. Isso que pode ser dito ser é dito ser porque retorna. O ser tem um só e

⁴² Clovis de Barros, vídeo de uma aula postado no dia 9 de julho de 2018 no endereço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=Z_-UU-iR_BU acessado em 29 de setembro de 2018.

mesmo sentido para tudo o que pode ser dito ser: é eterno retorno. Há, então, um só nome para o ser como retorno ou repetição do que ele se diz. Mas a questão toda é que mesmo assim há diferenças nesse mundo, porque se é dito ser tudo o que retorna, o conteúdo do que retorna não é unívoco. Sendo ser, é eterno retorno, mas é retorno de algo que sempre é variável em si, logo é retorno do diferente. (CARVALHO, 2011, p. 185)

Fazer *Looping* com algo é viver novamente o ente em seu novo “tornar-se”, simultâneo ao nosso também novo “tornando-se”, vasculhando as sensações, os perceptos e os afectos (DELEUZE; GUATTARI, 1992), imanentes a esse encontro, onde o ser é multiplicidade de entes em proliferação, presentificado nas forças vitais em ação.

Looping, a Repetição e o Novo

A repetição no *looping* da memória funcionará para atualizar intensidades nos encontros como um teatro da repetição onde

Experimentamos forças puras, traçados dinâmicos no espaço que, sem intermediários, agem sobre o espírito, unindo-o diretamente à natureza e a história; experimentamos uma linguagem que fala antes da palavra, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes das personagens – todo aparelho da repetição como “potência terrível”. (DELEUZE, 2006a, p. 31)

Ao procedimento do *looping* como ritornelo se faz necessário distinguir a revisitação mnemônica como teatro da repetição da reprodução memorial-imaginativa da representação. Isto porque, nessa última, o *looping* seria um reencontro, um recriar, um ajuizar, assemelhar, tornar análogo e oposto, remetendo a determinada interação reiterada sendo “sempre em relação a uma identidade concebida, a uma analogia julgada, a uma oposição imaginada, a uma similitude percebida que a diferença se torna objeto da representação” (DELEUZE, 2006a, p. 201). A reconhecimento que performa mais o reconhecimento, o remetimento do que a criação, onde o ato de recordar conjuga um pensamento da transcendência no ser humano. Mas aqui, com o suor de Deleuze, o ato de pensar, mesmo utilizando memórias, serve para encontrar o susto na “contingência de um encontro com aquilo que força a pensar” (p. 203), um acontecimento, um estranho, “uma inimizade” (p. 202), para assim viver a violência que desencadeia criação num procedimento contrário ao da reconhecimento, mirando a “destruição de um pensamento que pensa a si próprio”, ou seja, que pensa a representação.

A criação do novo se diferenciando da criação do instituinte, que tende a se estabilizar, tornando-se instituído, para, por sua vez, ser tencionado por uma nova força, novamente instituinte (LOURAU, 1975). O novo é no agenciamento; a criação se dá nos encontros, o

clinâmen. Como escreve Deleuze (2006a) facilitando todo o trabalho da escrita aqui e acalmando o coração da palavra “novo” em mim,

Quando Nietzsche distingue a criação de valores novos e a recongnição de valores estabelecidos, esta distinção não deve, certamente, ser compreendida de uma maneira relativa, histórica, como se os valores estabelecidos tivessem sido novos em seu tempo e como se os novos valores precisassem apenas de tempo para se estabelecer. Trata-se, na verdade, de uma diferença formal e de natureza; o novo permanece para sempre novo, em sua potência de começo e de recomeço, como o estabelecido já estava estabelecido desde o início, mesmo que tivesse sido preciso um pouco de tempo empírico para reconhecê-lo. O que se estabelece no novo não é precisamente o novo, pois o próprio novo, isto é, a diferença. É exigir, no pensamento, forças que não são as da recongnição, nem hoje, nem amanhã, potências de um modelo totalmente distinto, numa terra incógnita nunca reconhecida, nem reconhecível. (p. 198)

Em relação a tentativa de positivar as forças ativas eternamente presentificáveis, para falar do novo, do não obvio, do sutil nos encontros, nos acontecimentos, gosto, também, da escrita de Carina Sehn (2014):

Assim também o nosso corpo precisa ser despertado, movimentado e instigado a encontrar o que de novo tem ali na relação que acaba de atravessá-lo. O novo não é necessariamente algo que ainda não vivemos ou que nunca antes vimos; é apenas um novo arranjo dos elementos, das relações que fazemos com aquele objeto ou ser, das imagens que se movimentam na nossa memória a partir do encontro e ampliam nossa percepção, a qual não necessariamente precisa de um sentido para que nos afete. (p.30)

Terceira Ladaia – *Looping* e o Ritornelo

Quando ela se lança efetivamente numa zona enunciativa dada – quer dizer, situada a partir de um ponto de vista histórico e geopolítico – uma tal função analítico-poética se instaura então como foco mutante de auto-referenciação e auto-valorização. É por isso que devemos sempre considerá-la sob dois ângulos: 1. enquanto ruptura molecular, imperceptível bifurcação, suscetível de desestabilizar a trama das redundâncias dominantes, a organização do “já classificado” ou, se preferirmos, a ordem do clássico; e 2. Enquanto seleção de alguns elementos dessas mesmas cadeias de redundância, para conferir-lhes essa função existencial a-significante que acabo de evocar, para ‘ritornelizá-las’, para fazer delas fragmentos virulentos de enunciação parcial trabalhando como *shifter* de subjetivação. Pouco importa aqui a qualidade do material de base, como se vê na música repetitiva ou na dança Buto que, segundo Marcel Duchamp, são inteiramente voltadas para “o olhador”. O que importa, primordialmente, é o ímpeto rítmico mutante de uma temporalização capaz de fazer unir os componentes heterogêneos de um novo edifício existencial. (GUATTARI, 2000, p. 32)

Se tem alguém faceiro agora é o Ritornelo. Fiz ele esperar até agora. Estava ansioso querendo entrar em todas as frases. Cada parágrafo soava como um chamado. Chegou a sentir a orelha vermelha de tanto falarem dele sem falar diretamente nele. Pode vir agora ritornelo!

“espantar-se com o que é óbvio” (VEYNE, 1998, p. 21).

Embora toda essa escrita esteja erguendo-se puxada por ritornelos ainda não havia focado nele. A todo momento ritornelos nos chegam, nos assaltam, nos encontram, intencional ou inesperadamente pela vida. No entanto, no *Looping* como método, mesmo a repetição ou a diferença estando ausentes/invisíveis/com baixos decibéis num fluxo cotidiano de vida, força-se o pensamento a repetir o contato com um determinado contexto/ente escolhido, para visualizar/sonorizar a repetição e criar/sentir a diferença, figurando o *Looping* como método de percepção/criação de ritornelos, intencionalmente. Ou, ao contrário, são os ritornelos, o que repete e difere, que permitem ao *Looping* ser mais do que uma repetição aprisionante e vazia. O ritornelo com sua vitalidade conceitual explode o óbvio.

Ritornelo: (excitadíssimo) “Vamooooo, vamos estranhar esse óbvio, êêêêê!?! Vamooooo, vamos perceber o que repete e o que difere aêêêêê!?!”

Nesse sentido, o *Looping* como fabricante/aliado de ritornelos tem na repetição, na similaridade, na tendência a reiterar o mesmo, um falso cognato. Algo repete, de maneira muito semelhante, mas é completamente diferente. As palavras no pedal de *Looping*, nas canções audiogravadas que ouvimos seguidamente são falsos cognatos de um modo peculiar. Quase

tudo repete exatamente igual nos arranjos de uma canção gravada (se for no mesmo aparelho de som, principalmente em função da repetição de timbres, equalizações e frequências), na visualização de uma fotografia, por exemplo. O *Looping* é esse método de se relacionar com essas reiterações tendo como princípio essas coisas do mundo, da vida como falsos cognatos. O *Looping* olha, cheira, toca, ouve, lambe, uma mesma coisa varias vezes, repetindo a relação com essa coisa, forçando o pensamento a criar algo em cada nova excitação, pois sabe que o que aturde/repete é um falso cognato. Assim cada compromisso com a repetição se compromete automaticamente com a diferença – ritornelo. De outra forma, se fosse possível, quando se repete a relação com algo sem gerar uma diferença/invenção poderíamos arriscar que não há *Looping* como método, tão pouco a fabricação do ritornelo, ou o falso cognato como princípio. Contudo aqui nesse *Looping* todo o ente, toda a ação, tem esse princípio do falso cognato forçando o pensamento a ter o pressuposto de que isso que se reapresenta já é outra coisa, mesmo que pareça insuportavelmente igual. Ou ainda, mesmo que algo apareça pela primeira vez na nossa frente, com o *Looping*, temos o compromisso de no milésimo de segundo seguinte nos relacionarmos de modo a perceber/vasculhar diferenças do primeiro contato. E se tudo fosse sempre um falso cognato, qual seria sua repetição e sua diferença?

Resumindo, de novo, o *Looping* para criar/perceber ritornelos precisa pressupor que tudo que se apresenta seja um falso cognato: algo repete, mas algo difere. A repetição é eminente, a diferença é sutil. Enfim, só há *looping* como potência quando há ritornelo. O que não seria um ritornelo?

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista. É preciso, pois, que a coisa nada seja de idêntico, mas que seja esquartejada numa diferença em que se desvanece tanto a identidade do objeto visto quanto a do sujeito que vê. É preciso que a diferença se torne o elemento, a última unidade, que ela remeta, pois, a outras diferenças que nunca a identificam, mas a diferenciam. É preciso que cada termo de uma série, sendo já diferença, seja colocado numa relação variável com outros termos e constitua, assim, outras séries desprovidas de centro e de convergência. É preciso afirmar a divergência e descentramento na própria série. Cada coisa, cada ser deve ver na sua própria identidade tragada pela diferença, cada qual sendo só uma diferença entre as diferenças.”

(DELEUZE, 2006a, p. 94)

Quarta Ladaia – O Nascimento do *Looping* e da RNR

O *Looping* tem duas aparições. A primeira durante o trabalho no Centro Pop e outra durante o mestrado.

No Centro Pop

A história da RNR é a história da minha inserção nas políticas públicas de assistência social do Estado com as pessoas em situação de rua no Centro Pop.

O Centro Pop foi implementado pelo Decreto no 7.053/2009 constituindo-se numa unidade de referência de Média Complexidade, de natureza pública e estatal. A tônica do atendimento é a proteção, ressocialização, com reinserção na família e/ou comunidade, respeito às diferenças, dignidade do humano, direito a cidadania, resgate de autoestima, autonomia e, principalmente, a saída da rua. (BRASIL, 2009)

O Centro Pop 1 no qual me inseri, foi construído nas adjacências do prédio de um abrigo municipal na zona central da cidade de Porto Alegre. O espaço físico foi reorganizado para garantir o atendimento de 60 pessoas por dia (30 pessoas por turno). A equipe era formada por psicólogos, assistentes sociais, enfermeira, professor de educação física, equipe administrativa, atendentes, monitores, segurança, agentes de limpeza, estagiários, porteiro e oficineiros. A rotina envolvia seleção de casos prioritários, ainda na portaria, elaborando-se uma lista por ordem de chegada para ingresso no serviço. Acontecia uma pequena reunião inicial de acolhida. As pessoas eram chamadas uma a uma à triagem. Após esse primeiro momento, aguardavam o encaminhamento necessário ao técnico correspondente da demanda relatada⁴³, caso houvesse. Se não precisavam de nenhuma intervenção técnica ou encaminhamento específico (posto de saúde, posto de feitura de documentos, medicamentos, abrigagem, aluguel social, contato com familiares, conversa com técnicos) se ocupavam com tomar banho, lavar roupa, fazer lanche, assistir TV, descansar da rua. Sistemáticamente acontecia uma assembleia onde equipe e usuários conversavam e deliberavam sobre necessidades, direitos, demandas e usos do serviço. A equipe do Centro Pop também tinha uma reunião semanal tanto para discussão de casos individuais dos usuários quanto para organização geral do espaço.

43 Exemplo de demandas: usuários que haviam sido roubados e precisava de documentos novos; pessoas chegadas do interior encaminhadas a albergues; doenças e encaminhamentos a unidades de saúde; necessidade de banho, alimento, roupas novas, conversa, etc.

O cotidiano de trabalho envolvia desde a distribuição dos usuários entre os técnicos do serviço, até a mediação de ocasionais embates no grupo. Nesse sentido, o vínculo entre equipe técnica e usuários era fundamental ao manejo dos conflitos no estabelecimento – muitos usuários se desentendiam com a equipe e/ou entre si, por discordarem de procedimentos, de decisões, por estarem “alterados”, estressados, cansados, ou ainda, por negociarem seus espaços. O vínculo fazia o usuário sentir-se acolhido, remetendo-se a um técnico de referência conhecedor de sua história de vida, facilitando a intervenção com desfechos positivos. A rotina era pacífica em sua maioria, mas constantemente ocorriam problemas de comportamento, disputa de território, que estressavam o ambiente de trabalho. Havia dificuldade de organizar e manter grupos de trabalho com os usuários. A aderência a propostas grupais de longo prazo era facilmente desfeita.

A equipe do Centro Pop e a FASC entendiam a ociosidade no Centro, os conflitos e a falta de adesão, como motivos para procurar estratégias e trabalhos para qualificarem as propostas de atividades aos usuários. Compreendiam a falta de participação nas oficinas como resultado de atividades pouco interessantes. Nessa busca por “atividades interessantes” a FASC enxergou no convênio com a ONG Rede do Circo⁴⁴ pelo projeto Circo da Cultura no SCFV⁴⁵, essa possibilidade de qualificar as atividades e o tempo de permanência dos usuários, além de acrescentar o contato com as artes como um modo de apurar o desenvolvimento humano. Ingressei no estabelecimento contratado pela ONG Rede do Circo, através do projeto Circo da Cultura: Ações Culturais no Centro Pop.

O início

“começar significa eliminar todos os pressupostos” (DELEUZE, 2006a, p. 189)

Cheguei percebendo o portão entre a rua e o pátio. Um portão alto para entrada de carros e camionetas, por onde também passavam as pessoas. O segundo portão ficava entre o pátio e

44 A Rede do Circo é uma ONG de um coletivo de artistas que trabalha com arte e educação. Realiza peças de teatros, performances, oficinas e organização de festivais, como o Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre, já na 9ª edição. Através do projeto artístico pedagógico Circo da Cultura, a ONG negociava com coordenação de artes cênicas da Secretaria da Cultura da Prefeitura de Porto Alegre a criação de um centro de estudo das artes cênicas e circenses para crianças. Na época havia um prédio municipal em tratativas de liberação para esse propósito. O projeto Circo da Cultura reformulou-se, vinculando-se também a FASC, transformando-se numa unidade móvel: os artistas-educadores iam até os CRAS nos bairros, para ministrarem oficinas às crianças do SCFV.

45 Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo. O projeto inicial do Circo da Cultura era apenas voltado as crianças que frequentavam o SCFV. Eram desenvolvidas oficinas semanais durante o ano para subsidiar a montagem de um espetáculo artístico.

um ambiente que levava as salas, corredores, pátios internos e banheiros. Em frente a ele tinha uma guarita de segurança. Esse portão interno só era aberto após o momento de acolhida. Passando esse segundo portão, à esquerda, tinham as salas e banheiros dos usuários. À direita, a sala da administração, a sala de reuniões da equipe, cozinha e banheiro dos funcionários. A frente do portão interno seguia um corredor aberto com pequenos pátios nas laterais onde o pessoal estendia roupas. No seu final chegava-se a uma sala de convívio onde tinha a televisão, uma mesa de sinuca velha, sofás, poltronas, cadeiras. Nessa sala se realizavam os grupos, intervenções coletivas, festas, encontros, jogos. Ela também funcionava como acesso ao pátio do abrigo municipal, e ao refeitório do abrigo, utilizado pelos abrigados e pelos usuários do Centro Pop para lanchar.

Essa sala de convívio coletivo e acesso ao abrigo municipal foi indicada como o local de realização das minhas oficinas. Ela era problemática, pois na hora dos encontros, muitas vezes, os usuários estavam dormindo no sofá, ou assistindo TV. Eu sentia constrangimento para começar a oficina, pedir para desligar a TV, ou de propor algum barulho nos instrumentos musicais que incomodasse quem estava assistindo/dormindo. Após a TV ser proibida nos dias de oficina, causando revolta em alguns usuários, se um grupo de trabalho conseguisse ser iniciado, ainda ocorriam interferências de pessoas passando pela sala em direção ao abrigo municipal, ou ao refeitório. Os primeiros momentos foram difíceis nessa sala. Os usuários não participavam das atividades. Era preciso um poder diretivo da equipe do Centro para ordenar o agrupamento dos usuários. Quando a formação acontecia desse modo “compulsório”, em minutos o grupo se esvaziava.

Comecei a levar instrumentos musicais. Algumas participações espontâneas e entusiasmadas começaram a acontecer. Tocávamos músicas de um repertório popular, MPB⁴⁶, samba, pagode, rock. Para os trabalhos funcionarem precisava-se começar por essa dinâmica de música ao vivo. As canções animavam e agrupavam as pessoas. Depois de algumas músicas inseria-se outras pautas e conteúdos do nosso planejamento, e conseguíamos adesão e participação. Essa dinâmica foi assimilada no trabalho de outros oficinairos. A equipe do Centro Pop utilizou a música para criar agrupamentos e inserir propostas de grupos de trabalho sobre DST-AIDS, racismo, direitos sociais, tuberculose, redução de danos, vínculo familiar. Canções como “deixa vida me levar” azeitavam a inserção dos assuntos. Isto me incomodava: a música como truque de mobilização para pautas pré-montadas. Sentia vontade de experimentar modos diferentes, com grupos auto gestivos, motivados por outros recursos diferentes da MPB.

⁴⁶ Música Popular Brasileira.

Acontecia um divertimento festivo com as canções. A festa pode ser revolucionária (BEY, 2010), mas ali, no “truque⁴⁷” da mobilização para os assuntos do interesse da equipe, na cooptação, a música era usada para arrebanhar. Existiam vontades de experimentar encontros para criarmos juntos para além da alegria das canções. Além de demandas artísticas assumidas por mim na hora da minha contratação no projeto, havia meu desejo de mobilizar com outras artes para expressarmos-nos coletivamente através de criações artísticas – entendendo essa criação como invenção de si, como multiplicação de afetos.

Essa dinâmica com música ao vivo logo cansou tanto a equipe como os usuários. O truque institucional perdeu sua força. A dificuldade de criar grupo, de realizar atividades em conjunto, retornou. Nas minhas oficinas conseguia duas ou três pessoas participando. Essas mesmas pessoas não se comprometiam em frequentá-la em outros dias. Essa variação da aderência a propostas me obrigava a todo o momento a rever os objetivos, métodos, ferramentas. Todas as estratégias aturdiavam, geravam participação e interesse momentâneo, mas não perseveravam. Lembro-me da estratégia da colega dançarina Luciana Hoppe que criou o método que ela cunhou de “atrapalhativo”⁴⁸: consistia em atrapalhar o deslocamento ordinário nos espaços e salas do prédio. Sem quórum na oficina, resolveu-se amarrar uma série de fios coloridos pela sala. Do teto as mesas, do chão ao teto, de uma parede a outra, formou-se algo parecido com uma teia numa sala usada como acesso ao refeitório. Quando as pessoas iam entrar na sala para acessar o refeitório, estávamos parados impondo uma regra: “proibido arrancar os fios coloridos para passar”. Motivo da proibição: a sala tinha ficado muito bonita. Os usuários ficaram alegremente desorientados. Quando começaram a se dirigir ao refeitório, entrando na sala e desviando dos fios, colocamos uma música dançante em volume alto. Ao não arrancarem os fios, os seus trânsitos precisaram se adaptar, desviar. Foi necessário pular, abaixar, rastejar, levantar de novo, levantar a perna. Com a música ao fundo, o deslocamento virou uma dança.

⁴⁷ O truque é como o drible (NOGUERA, 2013), uma potência para trocar das compulsoriedades, das regras, dos fluxos reiterados, das obviedades, para fazer desvios. Enquanto os usuários cantavam MPB, sertanejo, sambas passando a tarde, antes entediante, agora alegremente musical, era um bom drible, o truque deles, usuários, ao Centro Pop, troçando do dia ensimesmado dentro do estabelecimento da FASC – eu gostava menos pelo meus desejos como artista-psicólogo de também produzir outros dribles a tantas outras instituições pouco perceptíveis operando nas vidas. Quando a música virou o truque do Centro Pop para cooptarem quórum às oficinas temáticas, as músicas, que pouco me alegravam, tornaram-se incomodas.

⁴⁸ O método atrapalhativo aqui se assemelha ao Feng Shui, não no sentido de harmonizar o ambiente, mas de desarmonizar, mexer no ambiente, mas também, para que ele contagie outras intensidades. Isso se insere na proposta das práticas, das performatividade dos corpos e objetos, o método atrapalhativo mexe concretamente na disposição performativa do ambiente, interfere ou atualiza práticas para dispararem outras tantas ações, usos, inventando práticas, afectos e conceitos, como a RNR na rua.

Ideias como essa não surgiam a todo o momento. A nossa equipe do Circo da Cultura estudava como desarticular os comportamentos estereotipados dentro do Centro Pop com inusitados artísticos. Nem sempre ideias emergiam. Na maioria das vezes e principalmente em dias sem participantes na sala decidia romper com a espera indo aos espaços de convívio interagir com as pessoas. Observava. Conversava. Ouvia histórias de vida, depoimentos, muita opinião sobre futebol, histórias de amor, ladaias. Essa sala encrenqueira do sofá, da TV, do acesso ao abrigo, e do confinamento das oficinas, me enjoava desde o início e descartei-a assim como outros compartimentos do prédio. Pude me lançar ao desejo de experimentar outros espaços do estabelecimento. Esse trânsito detonou novas cores e possibilidades. Fracassar na oficina, na sala, foi fundamental para conhecê-los. Conhecê-los, abandonando pressupostos, disparou outros horizontes.



“começar significa eliminar todos os pressupostos” (DELEUZE, 2006a, p. 189)

Todos os pressupostos, talvez sejam pressupostos em demasia para se ter clareza de que foram eliminados. Em relação a galera da rua, sendo esse início meu primeiro contato profissional com eles, ficou evidente, desde o aceite de trabalhar num projeto cultural no Centro Pop, a necessidade de suspender os clichês sobre morador de rua que possibilitavam imagens estigmatizantes em mim: o cheiro, a aparência, as roupas, o vocabulário, o sotaque, o uso do corpo, a droga, o furto, o certo/errado, o dormir na rua, as violências, as doenças. Todos esses estigmas precisaram ser abandonados para que eu me relacionasse com as pessoas aberto a vivenciar com elas, através do trabalho, conhecendo suas singularidades, repovoando e espalhando as possibilidades das pessoas, inventando juntos o que conseguiríamos fazer com essas singularidades – movimentos semelhantes ao método intuitivo bergsoniano (AMADOR; FONSECA, 2009; DELEUZE, 2008).

A ilha do Looping

Juntos com a coordenação do Circo da Cultura, em função da falta de participação nas propostas, decidimos realizar um circuito de performances artísticas interativas no Centro Pop. Cada artista da nossa equipe ocuparia, ao mesmo tempo, um lugar no espaço físico do

estabelecimento. Com a performance montada e posicionada, funcionaríamos como ilhas por onde os usuários navegariam conforme suas motivações.

Minha ilha foi composta por equipamentos de som. Levei uma caixa de som, um pedestal, um microfone com cabo e o pedal de *Looping*. Esses equipamentos eram para ser “diversões provocativas”. Não fazia ideia do que aconteceria. Montei os equipamentos, mostrei como funcionava para uma ou duas pessoas. As vozes e sons começaram a ser repetidos em *Looping* pelas caixas de som. Não demorou para formar um grande ajuntamento de pessoas querendo manusear o microfone e ouvir as reproduções sucessivas. O truque da repetição do som, do ouvir a própria voz repetidamente, encantou a muitos. Aconteceram falas, músicas, brincadeiras, piadas. O *Looping* excitou o pessoal.

Após esse evento surgiram propostas de jogos, brincadeiras, entrevistas para manterem os sujeitos exercitando o uso da fala nos microfones e dos aparelhos eletrônicos, construindo o ambiente de uma rádio. Em seguida, criamos uma “rádio poste” dentro do Centro Pop: instalou-se caixas de som pequenas no perímetro do pátio interno de convívio. Assim, criava-se outro ambiente de oficinas sem precisar estar em “salas para oficinas”. A presença constante de caixas de som, de cabos, *plugs*, inventava o pátio como um local de trabalho. O pátio era o local mais apto aos encontros e experimentações, onde inclusive, sentia os usuários mais animados e abertos a minha presença. A RNR gerou um novo platô de permanência no Centro Pop, compartilhando o espaço físico, histórias e o tempo juntos. O pátio, as conversas públicas, os equipamentos eletrônicos de sonorização, nos agruparam. O som abraçou a todos, o volume conectou línguas, lábios e ouvidos.

Tive a intenção de envolver técnicos e usuários na realização da rádio do Centro Pop. Desejava a rádio funcionando todos os dias, mesmo sem a minha presença técnica. Ensinei as pessoas a mexerem num “kit” envolvendo microfones, mesa de som, amplificador, tocador de músicas em MP3. Bastava o “kit” ser ligado e a rádio estava no ar⁴⁹. No entanto, a rotina de afazeres da equipe de trabalho e dos usuários não encontrou brechas para a realização sistemática da rádio. A performance dependeu da minha presença. Eu conseguia ir apenas um dia por semana. Isso não era suficiente para consolidar uma rádio poste no Centro Pop.

49 Existe uma reportagem do jornal da TVERS sobre essa rádio poste dentro do Centro Pop. Ela pode ser acessada em <https://www.youtube.com/watch?v=T2GhxecUoiE&index=49&list=LLdXVp1TUiLdi0nf1cmF8pwQ>

Moisés Melo, colega de mestrado⁵⁰

Fala, man! Olha só, quando vi a tua apresentação e quando tu contou que o pedal foi o começo de tudo no trabalho da rádio pensei que ele pudesse ser a costura do seu trabalho, ou o precursor sombrio (vou te mandar em anexo o texto, deve ter meia página). Essa figura, pro Deleuze, é o cara que embaralha as coisas e faz o agenciamento se tornar acontecimento, ele retira da física/elétrica, como se fosse o precursor que ligasse os potenciais (negativo e positivo) gerando o raio, ou as faíscas, disso se tira inúmeras metáforas. Mas o que ele quer dizer é que as coisas não são racionais, feitas por um Eu, elas acontecem porque tudo é ação de ação. Nesse sentido, pensei que o pedal de *Looping* como um dos seus precursores (você disse que tem vários aparelhos), podendo ser também um personagem conceitual para falar desse invisível (dar visibilidade) que é a de pisar naqueles que não moram em casas aburguesadas, privativas, que não possuem um endereço fixo. Disso é como se fosse abrir as caixas-pretas dessa sociedade hipócrita que vivemos, daí saem inúmeras discussões, tanto de nós mesmos (a gente sempre fala de um lugar, no sentido de não entrar em um jogo de representação, ou na merda do "nós/eles") quando nos deparamos com a realidade dura do viver na rua, como das potências dessa vida que é diferente da nossa (ela difere, pois é outra forma de estar no mundo), não é porque é sofrido que não possa ser potente (ou seja, só os padrões de bem-estar e sucesso empreendedor burguês é que deve ser buscado, isso é um retrato de um dos grandes vetores políticos da nossa governamentalidade neoliberal, que entra na caixa-preta do *Looping*) assim, você poderia ficcionar (misturar histórias reais com ficção, ou não) milhares de paisagens desse lugar, já que o que meramente conseguimos fazer com as palavras é tentar possibilitar sensíveis a partir da experiência (lembrando, que tu já vem fazendo isso, só estou delirando aqui quanto ao pedal mesmo). Sem experiência não tem carne, fica um trabalho que não se sustenta.

No "O que é a Filosofia", DeG falam sobre os três planos que habitamos: filosofia/imanência, ciência/coordenadas e arte/composições. Cada qual tem as suas figuras, o primeiro é o personagem conceitual, o segundo é o tipo biopsicossocial, e o terceiro a figura estética. O personagem conceitual é da ordem da imanência (para eles, nesse texto, a função da filosofia é a da criação de conceitos, por isso no plano imanente), de modo que inverte-se a lógica aristotélica do nosso pensamento. A partir de Aristóteles nós fazemos o mundo e nominamos as coisas. Para eles, seguindo os passos de Nietzsche, o que vem primeiro é o conceito, depois as coisas, os nomes, primeiro vem o real, o conceito, a imanência e depois o resto. Assim, não somos nós quem fazemos, nós somos fabricados pelos conceitos, eles nos dão as condições de possibilidade, a lógica do Euzinho individual se transfigura. Por isso, que acredito que o pedal de *Looping* possa ocupar esse lugar de personagem conceitual pois ele diz dessa complexidade do mundo que habitamos, está visível e invisível nele (da pra pensar os vários sons que se repetem no mundo até que o caos se estabeleça e não da mais para distinguir, depois nominamos por algo, como "o som da rua"), principalmente na questão de "pisarmos com o pé".

Fiquei pensando também em um texto lindo do Nietzsche sobre verdade e mentira, para te ajudar com a questão da ficção. Para ele tudo é ficção ou mentira, o problema é que tem umas que as pessoas acreditam que sejam Reais com R maiúsculo e começam a cagar regras e tentar mandar nas nossas vidas. Pro Nietzsche as palavras não passam de metáforas, mentiras das coisas, mas que ao nominarmos elas se tornam extremamente duras. Acho que você iria curtir esse texto, é muito engraçado, ele critica duramente Descartes também.

Em anexo te mando o texto do Deleuze, é a última letra o "Z" que fala do precursor sombrio. O do Nietzsche sobre as metáforas. Um do Luis Artur sobre biografema, que explica melhor os planos (nesse período de tempo escasso é mais fácil ler artigo do que o livro inteiro hehe).

⁵⁰ Correspondência de e-mail trocada em 30 de julho de 2017 entre meu colega de mestrado e eu.

E um do Bruno Latour sobre humanos e não-humanos, que fala sobre o conceito de articulação "Como falar sobre o corpo".

Acho que era mais ou menos isso o que havia pensado. No sentido de pensar junto mesmo.

O *Looping* no Mestrado

O *Looping* retornou na aula da professora Paula Machado⁵¹, enquanto se falava da importância do diário de campo no registro de dados à pesquisa e da precariedade da nossa memória para acionar informações sobre o campo, necessárias à análise – me vi interdito na possibilidade de registro, além de fotos e vídeos, a maioria do material sobre a história da RNR nunca teve registro escrito, estava na lembrança e em poucos áudios. Nunca tive diário de campo. Como se pesquisa anos de trabalho sem um registro formal das tramas vividas?⁵²

Em todos os exercícios acadêmicos de registro da história da rádio minha memória foi a ferramenta. A cada atividade reiniciava a contação da história. Esse recomeço da escritura da história se dava tanto por não estar satisfeito com o registro anterior, quanto por preferir evidenciar novos pontos, focos, atores ausentes da contação precedente. Descobri que em cada visita às lembranças excitava cenas distintas. Na aula com Paula, falei desse revisitar constante, de novo, novamente, mais uma vez, a história da intervenção na minha memória e em cada visita perceber uma nova possibilidade de performance dessa história e de registro. Dessa conversa emergiu meu dispositivo de registro histórico na dissertação: o *Looping*.⁵³



Loop é uma palavra da língua inglesa, que significa fazer laços, dar voltas. Voltar para se aliar. Como dispositivo/método derivou de um equipamento eletrônico utilizado por músicos como *playback*: o pedal de *Loop*.

⁵¹ Cadeira de Metodologia de Pesquisa II do 2º semestre do mestrado. Aula pela manhã no dia 13 de julho de 2017.

⁵² Numa ideia rígida e tradicional de pesquisa presente em mim confinando meu pensamento, onde apenas o registro escrito figuraria como material legítimo e útil para a ciência. Comemoro estarmos no PPG de Psicologia Social e Institucional da UFRGS que abriu espaço para as imagens, os sons, os desenhos, os vídeos, o *Looping*, vicejarem como materiais dignos e eficientes na produção de problemas.

⁵³ A professora Paula Machado havia participado da minha apresentação no evento do mestrado interloquções Metodológicas onde os mestrandos apresentam suas tendências de pesquisa a uma banca que auxilia no trajeto científico. Na minha apresentação usei o pedal de *Looping* mostrando o elemento desencadeador da RNR em funcionamento. A professora lembrou do *Looping* nessa aula sobre registros.

O nome comercial é *Loop Station*⁵⁴. Pedal porque o músico o aciona com uma pisada. Quando se pisa a primeira vez, ele começa a gravar todo o som que passa por ele através de cabos, vindos de instrumentos musicais ou microfones. Quando se pisa pela segunda vez ele cessa a gravação do som e, automaticamente reproduz o que foi gravado, voltando ao início registrado do som, a partir da primeira pisada. Assim, quando se registra uma música ou conversa, através desse procedimento do pedal de *Loop*, todo som gravado ficará repetindo até o pedal ser desligado.



O Lasanha quando veio ver o que era aquele som alto, avistou sorrindo o microfone. Pediu-o ao rapaz que gravava apenas gritos. Acionei o pedal de *Loop* enquanto o Lasanha brincava imitando o Sílvio Santos no microfone. Quando ouviu a repetição do seu Sílvio Santos, ficou impressionado. Juntou uma galera para brincar com o microfone, o *Looping*, as vozes repetindo. Cada um queria ouvir-se em *Looping*. Dessa vez em diante a aparelhagem eletrônica de som tornou-se ferramenta de encontro. Não necessariamente o pedal de *Loop*, mas o fato de o som ser amplificado: a conversa ganhando volume, a expressão oral sendo microfonada, o microfone sendo manuseado e acionando falas e músicas. As diferentes pessoas/vidas que conheci nos diálogos microfonados pelo pátio do Centro Pop foram singularidades conjugadas em cada RNR.

Minha experiência/vivência/memória é o som no pedal de *Loop*. Ela é visitada/ouvida novamente. Ao iniciar a rememoração dos momentos de trabalho no Centro pop, de novo, mais uma vez, e novamente, posso prestar atenção a atores diferentes em cada visita para sentir novamente coisas diferentes na relação com cada ator. Em *Looping* com o movimento se realizando de novo, permitindo uma variação da atenção, funcionando como uma ferramenta geradora de camadas de perspectivas em coabitação, platôs. Ele permite em cada nova passagem, visualizarmos coisas diferentes somando-se a percepção-sensação anterior, sendo a possibilidade de múltiplos filtros de visibilização/invenção – paradoxos ontológicos. A percepção anterior não é anulada, nem transformada, necessariamente. Inclusive, é o fato de chegar a um platô na primeira exibição de um *Looping* que poderá fazer com que nasça outra perspectiva de outro encontro na segunda, terceira, quarta exibição. Pode-se gerar incontáveis possibilidades, mas também pode-se pará-lo a qualquer momento. As perspectivas virão do

⁵⁴ Além de psicólogo trabalho também como artista musical. Utilizo esse pedal em shows e peças de teatro. Com ele posso gravar uma guitarra harmonizando e sobrepor um solo melódico enquanto o pedal repete a base rítmica gravada.

acesso ao que se sente no encontro com algo em *Looping* narrando as intensidades/preferências de sentido no vivido.

Enquanto nesse dia de aula sobre método de pesquisa, os encontros inventavam o *Looping* como ação prodigiosa à RNR, hoje o ele inventa perspectivas, repetindo, novamente, a experiência com a RNR. A acesso certo/inventivo em cada *Looping* produz uma nova versão, uma nova parcialidade. Cartografia por *Looping* gerando “ficções” e alastramentos. No *Looping* preciso estar implicado na multiplicação de perspectivas percebendo-me politicamente ativo na seleção/invenção do ator em evidência em cada repetição diferente.

“é preciso que cada ponto de vista seja ele mesmo a coisa ou que a coisa pertença ao ponto de vista. É preciso, pois, que a coisa nada seja de idêntico, mas que seja esquartejada numa diferença em que se desvanece tanto a identidade do objeto visto quanto a do sujeito que vê. É preciso que a diferença se torne o elemento, a última unidade, que ela remeta, pois, a outras diferenças que nunca a identificam, mas a diferenciam. É preciso que cada termo de uma série, sendo já diferença, seja colocado numa relação variável com outros termos e constitua, assim, outras séries desprovidas de centro e de convergência. É preciso afirmar a divergência e descentramento na própria série. Cada coisa, cada ser deve ver na sua própria identidade tragada pela diferença, cada qual sendo só uma diferença entre as diferenças. É preciso mostrar a diferença diferindo.” (DELEUZE, 2006a, p. 94)

Já era meio dia e trinta. O sol a pino num sábado quente no parque da Redenção em Porto Alegre. Estávamos perto do monumento do Expedicionário⁵⁵. Dionlenon estava com a segunda bateria de carro de 12 volts usada acoplada a um conversor de voltagem que transforma os 12 volts em 110 volts (assim, podemos ligar os equipamentos da RNR). A primeira bateria era mais velha e duraria no máximo uma hora. Já estava funcionando a uma hora e cinquenta minutos. O som já falhava em função do esgotamento da energia da bateria. Essa RNR deveria ir até as 15 horas. Dionlenon havia pedido a bateria de carro nova emprestada com o compromisso de levá-la a qualquer RNR quando necessário. Ele não atendia o telefone. Ninguém sabia dele. Em 5 anos de parceria ele nunca tinha deixado nenhuma situação incomoda com a RNR. Sempre atencioso e dedicado. Estranhou-se esse seu sumiço, algo devia ter acontecido. Por volta de 12:50 o Cicatriz, amigo de Dionlenon, apareceu no Expedicionário. Perguntamos sobre Dionlenon, sobre a bateria. Ele coçou a cabeça, olhou pros lados apertando a boca, e disse que o Dionlenon tava na ladaia, que não ia vir, tava fumando um e assistindo um filme com a TV ligada na bateria nova. Bah! A galera ficou indignada. Um grupo quis ir até o acampamento de Dionlenon, mas foi desencorajado. Outros queriam agredi-lo quando o encontrassem. Enquanto a ladaia de Dionlenon virou ladaia ali na Redenção, a bateria que estava com a gente parou de funcionar, apagando o som no parque. Foi uma decepção coletiva finalizar o evento naquele horário precoce. Dionlenon foi frustrante naquele dia. Em meio ao

⁵⁵ “É uma estrutura de granito em forma de arco duplo, com esculturas em relevo representando soldados de diversas armas, e uma estátua em bronze na parte posterior, uma figura feminina alegórica inspirada nas estátuas de Atena, com armadura, a pisar uma serpente, representando, segundo Walter Spalding, a *Vitória*, ou segundo a imprensa da época, a *Bravura*. Na frente traz a inscrição "A Força Expedicionária Brasileira - A Pátria agradecida". Homenagem aos soldados que lutaram na 2º Guerra Mundial. (Monumento do Expedicionário em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_ao_Expedicionário acessado dia 23 de julho de 2018).

clima de indignação e desistência, um colaborador da galera da rua, foi até o carro e trouxe a bateria do próprio carro para continuarmos a performance. A bateria era nova, duraria de 3 a 4 horas. A RNR voltava ao ar. Dionlenon foi condenado pelo povo.

Dionlenon no *Looping* da vida percebido na maioria das vezes como o parceiro assíduo da RNR, se transformara no vilão. Perspectivas antagônicas sobre um mesmo sujeito. Alguma poderia ser responsável por defini-lo definitivamente? Conseguiríamos conciliar as múltiplas possibilidades ontológicas e controvérsias que nos acontecem para além do bem e do mal? Cada *Looping* de Dionlenon, em cada situação da vida, pode atualizar/inventar uma parcialidade sua. Cada parcialidade vivida intensamente, gerando mais um fragmento de Dionlenon. A vida como multiplicação de parcialidades, malabarismo de pedaços, esgarçamento de possibilidades paradoxais em camadas e platôs diversificados. O *Looping* aliado a vida, especulando variações parciais nos entes, com uma velocidade diferente do fluxo de acontecimentos na vida. Nossos pedaços frustram pontos de vista ao multiplica-los. Suportável?

O *Looping* propõe a cada volta/contacto “espantar-se com o que é óbvio”. (VEINE, 1998, p. 21)

Quinta Ladaia – O *Looping* e o Encontro com Parcialidades – o Sutil e o Menor

A árvore. A árvore verdeja. A árvore verdeja, floreia. A árvore verdeja, floreia, cresce. Verdejar é uma possibilidade da árvore. Florir é outra. Esses efeitos das misturas de elementos (árvore e o sol. A árvore e o sol e a água e a rotação da terra, minha existência vivendo essa árvore), são forças agenciadas em momentos, não designam definitivamente, *in aeternum*, tão pouco são os únicos indicadores de uma determinada árvore. Todas essas aparências podem acontecer novamente. Esses efeitos são possibilidades intensamente potentes, mas parciais, como se a árvore conjugasse em si, em estado de potência, de virtual, esses efeitos, e a cada variação atualiza uma totalidade intensiva parcial na ladaia de seus encontros. A árvore se esparrama com cada parcialidade. Cada efeito um esgarçamento distendendo. O *Looping* vasculhando o “tornando-se” de algo, multiplica o ente-verdejar, o ente-florescer da árvore.

Assemelharei parcialidades a efetivações menores da árvore, assim como as efetivações menores de Dionlenon. Desmembrar-se em relações variadas desencadeando elementos incorporais parciais através dessas agências *minorizando-se* onde o *Looping* desdobra parcialidades agenciadas no clinâmem, como a matéria sutil. A sutileza como micro ações-efeito das misturas percebidas na experiência. O *Looping minoriza* o ator ao desenrolar sua rede de ações em muito fragmentos do ser, dimensionando paradoxalmente na sutileza da superfície-profundidade a vastidão povoada das *minorizações*. O *Looping* concilia profundidade, intensidade, encontro, com *memorização*, com superfície. A conjugação do menor, do diferente, de outra perspectiva, da multiplicação de parcialidades, esgaça o ator na sua rede de ações. A *minorização* cria vastidão! E o *Looping*, nessa dissertação é a ferramenta de multiplicação de perspectivas, da sonorização/visibilização do menor (DELEUZE; GUATTARI, 2014), do sutil profundamente alargado na paisagem mutante.

Usar o *Looping* nos elementos percebidos compondo a RNR, é visualizar o menor na RNR, e nos elementos, com o auxílio de Hillesheim,

Menores são, assim, as linhas de fuga, as quais escapam às imagens homogêneas, operando desterritorializações e abrindo passagem para devires. Considerar que o menor está do lado de fora não significa que o mesmo esteja excluído, mas que se localiza fora das imagens formadas pelas maiorias, desafiando a imposição de um só dogma, de uma imagem de verdade. (2006, p. 27)

Cada parcial efeito espreado pelo *Looping*, é o tangenciamento do efeito anterior que poderia de alguma forma arbitrária figurar como um marcador categórico de identificação, mas a singularidade compõe-se das multiplicidades e indicadores paralelos com diversas dimensões paradoxais.

O fantástico encolhimento de John Lennon

Essa é a história do pequeno. Do ínfimo. Do invisível. Do poderosamente menor. Do sutil a nos acometer. Para narrar a pequenez trarei o fantástico encolhimento de John Lennon. O homem gigante, de fama enorme, esticado pelo mundo. Há quem diga ser o maior entre os compositores do planeta. Uma grande alma. Por que esse ícone maior da nossa cultura ocidental moderna, encolheria?

Ora, porque não? Todos nós encolhemos.

Já de berço poderia-se tentar prescrever um tamanho ao qual estaríamos predispostos. Nascemos ricos ou pobres? Qual a cor da nossa pele? Em que parte do planeta você nasceu? Qual o gênero? Na floresta ou na cidade? Poderíamos realizar uma pesquisa genética procurando informações sobre propensão a áreas do conhecimento, tolerância a frustração, impulsividade, quais síndromes e deficiências. Poderíamos, também, fazer uma genealogia familiar e descobrir quantos engenheiros, comerciantes, artistas, operários, ladrões, vassalos, cabem na nossa árvore histórica. Podemos procurar quantos indicadores acharmos necessário para nos enquadrar em algum grupo humano. Nenhum de nossos indicadores mais nobres ou mais baixos poderão nos safar da minorização. Ela acomete a todos. O sutil está em tudo, em todos, a qualquer momento.

O índio que sai seguidamente a noite, na mata, chama a atenção da tribo. O tutelam para retornar a vida diurna na aldeia. Temem que vire onça na floresta, definitivamente. No mundo ocidental moderno as instituições se encarregam de pastorear as pessoas: a família, a igreja, a escola, o trabalho, a prisão, o hospício, o senado, a polícia, a justiça, o capital. As combinações coletivas pretendem imperar ao seu modo em cada grupo humano. O coletivo, o grupo, a maioria a balizar a aldeia-cidade para nenhum cidadão virar monstro ou fera.

A maioria pode ser mais que a quantidade de pessoas. O coletivo pode ser modulado por poucas pessoas que tenham a maior idade; poucas pessoas com maior idade e maior quantidade de dinheiro; poucas pessoas com maior idade, dinheiro e maior intimidade, força e governo da violência; poucas pessoas com mais idade, dinheiro, violência, e de uma determinada cor de pele; por fim, poucos com mais idade, dinheiro, violência, determinada cor de pele e com determinado genital e gênero. Qualquer um desses indicadores podem ser a maioria a definir o prumo dos coletivos. O maior de algo, em algum lugar, tende a querer modular, moderar, modelar.

Quantas pessoas saem a noite e viram onça em Porto Alegre? Como esse coletivo-cidade modula e modela essas pessoas de volta ou para nem saírem de suas casas?

O que é o virar onça numa cidade? Ou o virar barata? Ou sair na ausência do sol? Ou na ausência da aula, da mãe, do dinheiro? O que pode virar quem se lança a rotas transversais ao maior moderador?

O fantástico no encolhimento de John Lennon está em suas metamorfoses. Como ele pode começar a encolher sem perder tamanho? Assim como existe maioria de poucos, parece existir o encolhimento produtor de vastidão. Há que diga que John Lennon não morreu com um tiro, inclusive é uma das defesas dos advogados de Mark Chapman, mas sim desapareceu pelo afinamento de sua minorização.

A minorização (aqui, sinônimo de encolhimento) declinará em metamorfoses. Uma diferenciação entre as metamorfoses, maior e a menor (mesmo que ambas aconteçam simultaneamente): perceber a maior tendendo a conduzir diversos formatos a determinados modos hegemônicos; a metamorfose menor declina para outros formatos multiplicando as possibilidades infinitas e intensivas de formas (quase formas, formas abertas, não formas) imprevistas. A minorização multiplica metamorfoses em dissidência (síntese disjuntiva), a maiorização unifica metamorfoses em convergência, monopólio, hegemonia, para modelar. Ambas acontecem transversal e simultaneamente

O encolhimento propõe metamorfoses sem destruir ou alterar, necessariamente, a condição anterior durante quase todo o processo. Semelhante ao índio que ao virar onça muitas vezes pode não voltar mais à aldeia. Somente o Xamã pode retornar de uma metamorfose preservando o seu formato humano e todos os outros. A minorização na cidade faz paradoxos, cria vastidão. Nós todos em trânsito pelos campos dessa profundidade alargando-se. Encolher do maior hegemônico, para caber mais metamorfoses de nós numa vastidão – híbridas possibilidades parciais e menores de ser e saber em coabitação e mútua dissipação.

Dizem quem John Lennon começou a ter consciência do encolhimento aos 15 anos. Tinha uma vontade de ter prestígio, sucesso, dinheiro. John precisava de uma banda, de um palco, de plateias. A primeira vez num show público num colégio em Liverpool ficou parado olhando arregaladamente o público. Muitos cochichos na plateia, risadas. John sabia a música, não era de vergonha que travara. Foi a primeira vez que se deu conta que algo acontecia em seu corpo. Olhava uma menina com sardinhas no rosto sentada na terceira fileira. Ela estava no exato lugar onde o sol translucido atravessava a janela fazendo seu cabelo vermelho brilhar intensamente em meio aos alunos. Simultâneo a essa cena deslumbrante sentiu uma queimação nos músculos do corpo, ignorou o desconforto, a menina e sol – iniciou sua canção. O público adorou “Hello Little Girl” a primeira composição de John. Uma música adolescente onde o garoto desejava conquistar a menina que lhe encantara.

Em outra situação mais velho e famoso petrificou no palco. “Fala John Lennon” gritava o empresário Brian Epstein da banda The Beatles, num show do ano de 1967 em Nova York, Estados Unidos. O cantor estava petrificado no palco, em silêncio, sem mexer um músculo sequer. A plateia que urrava seu nome se constrangeu com tamanha catatonia e silenciou. Paul e Ringo, acostumados as excentricidades de John, também estranharam. John estava noutro mundo. Olhava fixo a coreografia de pássaros em cima do seu público. Em cada movimento sincrônico do bando John sentia aquela queimação nas pernas e braços. Sentia o nervo ciático. Mas não conseguia parar de olhar. “Faaala John Lennon”. Gritou novamente o produtor. John Lennon olhou pro lado, disse sim com a cabeça ao empresário que estava fora do palco, iniciando a cantoria de Twist and Shout! A plateia ficou eufórica. John seguiu o repertório entusiasmado como se nada tivesse acontecido. Ao final do show ninguém quis perguntar nada a John. Sabiam de suas perturbações. Talvez nem ele lembre da catatonia desse dia.

O encolhimento acomete qualquer pessoa a qualquer momento. O principal modo de contágio é a livre circulação de afectos e percéptos no ar. Ao respirar determinada atmosfera contaminada a pessoa pode desenvolver o processo de encolhimento. É importante salientar que um contato esporádico com determinado campo contaminado não consolida a doença no organismo. Embora todos sejamos acometidos por ambientes insalubres repletos de possíveis desencadeadores da minorização, é necessário o contato direto, constante e intencional com os bacilos patogênicos. Eles estão sempre em distrações, inusitados, descuidos, que surpreendem as pessoas em suas rotinas, em suas tarefas. Desvios acidentais levam ao contato perigoso com as partículas de minorização espalhadas no ambiente. A sutileza é um dos piores agentes infectores. Os bioencolhedores unicelulares normalmente agrupam-se em colônias em qualquer elemento cognoscível: em roupas (na vestimenta de alguém, no tipo de tecido, na cor, na textura), em muros, telhados, placas, praças, doces, enfeites de cabelo, músicas, objetos decorativos ao lado de televisores. Podem estar num corte de cabelo, num poema, num perfume, num jeito de andar e falar. Pode ser um sotaque, um jeito de piscar o olho. Ou ainda, um movimento, uma coincidência. Qualquer coisa de qualquer pessoa e de qualquer coisa do mundo pode carregar esses elementos contagiantes. Isso torna difícil a prevenção, o cálculo da incidência, os índices epidemiológicos, a remediação.

Com suas músicas e parcerias John Lennon seguiu sentindo seu corpo ranger num ruído silencioso. Era um aperto lento, muito lento, mas constante e infreável. Perceber o que sentia por garotas, por exemplo, embora redundasse assuntos clichês e um mundo novelesco, trazia a Lennon os bacilos minorizadores. Perceber seus intentos, perceber as características excitantes

do mundo aturdiu John com câimbras. A cada composição musical John Lennon fabricava novos modos de encontrar sutilezas no mundo, realimentando a permanência perigosa dos agentes patogênicos da minorização em cada canção. Quando tocou a primeira vez num programa de TV lembra de sentir seu nariz sangrar pela vibração intensa dos músculos do rosto. No intervalo foi até o banheiro, mas não encontrou nada. Olhando-se no espelho, maquiado, com figurino de TV, lembrou que quem sangrava pelo nariz em situações nervosas era o pai, um músico que não pode se profissionalizar por ter tido filho cedo. John se entristece, sente queimações na panturrilha. Se distrai com o cheiro do sabonete de lavanda como se essa distração o tirasse da queimação. Ela passou ao nervo ciático. Paul deu descarga, saindo de um dos reservados do banheiro. Conduziu John, que estava passando os sabonetes lentamente no espelho, de volta ao palco.

John Lennon só percebeu sua mudança de tamanho quando deixou de lado o violão. Quando perdeu sua voz. Quando não encontrou mais palavras pra colocar em canções. Quando a sorte lhe colocou ao sul da América do Sul. Conforme John Lennon ia perdendo seus laços com tudo que lhe fazia John Lennon, o Beatle, acontecia um movimento em sua carne e seus ossos. A minorização. John Lennon centrífugo gemia com a dor do encolhimento. Sem sua cor, sem sua voz, sem sua língua inglesa de origem, sem cabelos compridos, sem óculos. Minorizado, minuscolarizado, molecularizado. Ele nunca imaginou que desejar ficar nú, pra além de um truque que vende jornais, lhe faria encolher. Se despir o desfigurou, o fragmentou. Não apenas o rosto. Mas as roupas, os hábitos, o alimento disponível. Abrir mão do seu mundo ocidental, o transformou. John Lennon, teve dificuldade de se adaptar ao novo tamanho.

Corre boatos no mundo alternativo que Yoko Ono era um advogado alemão com talentos primorosos na culinária que teve sua certidão de óbito assinada em 1933; mas que na verdade se minorizou numa mulher oriental no Japão cheia de talentos na pintura e também numa brasileira com talento para o teatro chamada Fernanda Montenegro. Inclusive, foi o fato de Yoko ser referência em estudos sobre a minorização que a aproximou de John. Os acometimentos corporais de John o conduziram a exposições de arte prescrita como antídoto por um mago da cidade. Se conheceram em frente a obra "Ceiling painting" de Yoko. Se apaixonaram e se cuidaram. A semana que passaram nus na cama dando entrevistas já era um dos graves episódios de fraqueza de John Lennon onde a única coisa que diminuía as dores corporais, no ciático, por exemplo, era encostar o máximo possível sua pele na pele de Yoko. Para evitarem a curiosidade do povo, aproveitaram o cenário político para dizer que o motivo do nu era um protesto contra a guerra no Vietnã.

Dizem que John Lennon "renasceu" após a metamorfose do alastramento minorizador numa maternidade do sul do Brasil. Já não era mais um homem branco europeu, havia sofrido a mutação, se esgarçado menor de modo a ser transfigurado. Alguns falam que a memorização distribuiu partes da pessoa pelo planeta. Existem relatos de um Chion Lenonki na China e um Jonshi Lenosha na Índia. Interessante que ambos nascimentos foram em 8 de dezembro de 1980, data do assassinato de John Lennon, quando também nascia o Dionlenon, em Bagé.

Em Bagé, Dionlenon nasceu gritando exageradamente e assim permaneceu por meses. Talvez sentisse a rejeição da mãe durante a gravidez. Seus gritos deixavam a rua atordoada. O leite da mãe mal-humorada deixava Dionlenon em paz durante a mamada. O pai vivia de ladaia. O dinheiro para casa era fruto de bicos ocasionais. Mais branco que a mãe, o pai desistiu da carreira musical pelos quatro irmãos mais velhos de Dionlenon. O pai não encontrou ânimo em trabalhos de porteiro, pedreiro, ou carregando sacos de batata. Sem a música como vida, o boteco do Lúcio era a canção de sucesso preferida. O choro exagerado de Dionlenon, decretou a desagregação da família. O pai desistiu da casa e da choradeira incontrolável. Não sabia o que fazer. Isso o destruía. Desconsolado, deixou de um casamento, já sem amor. Foi morar com Lúcio. A mãe demonizou-o pelo bairro ao mesmo tempo em que comemorava sua saída. Em seguida, conheceu alguns rapazes. Dionlenon ganhou um padrasto jovem. Violento, o agredia a cada choro desesperado. Dionlenon chorava todo o dia. Os irmãos preocupados com o

desespero e as pancadas levaram Dionlenon aos oito meses ao padre da igreja. Bênçãos e dízimo. O choro continuou. Levaram ao pastor. Demônios expulsos, gritaria e dízimo. Nada mudou. A mãe decidiu leva-lo ao médico. Chorando todo o trajeto, no ônibus, na calçada, no elevador do prédio, no corredor do andar do consultório, impressionantemente, Dionlenon silenciou na sala de espera. Ao entrar no consultório do doutor o choro retornou. O pediatra pediu exames e receitou remédios. Aos sair do consultório Dionlenon parou de chorar. A mãe ficou surpresa. Dionlenon só para o choro quando mama e durante algumas horas de sono. Como parou de chorar no consultório do médico? Saindo do prédio da consulta com o menino aos berros, caminhando na calçada da avenida central, nova surpresa, Dionlenon novamente parou de chorar. Estranhou o súbito sossego do menino sem entender o que acontecia. Seguiu caminho dobrando a esquina. Dionlenon voltou a chorar. Indecisa, retornou. Desdobrou a esquina. Dionlenon diminuía o choro conforme desdobrava. Olhou ao redor procurando explicação. Lojas de sapato, de roupas, lotérica, 2 farmácias, pessoas caminhando, pedintes, músico de rua, taxistas, lancheria. Seria o cheiro do churrasquinho de rua? Não entendia. Parada na calçada, John volta a chorar. A única mudança no cenário, foi o fato do músico de rua ter terminado uma canção, de resto era a mesma rua. Sem entender a ida e vinda do choro de Dionlenon naquele lugar, retomou o caminho para a esquina. Nos seus primeiros passos, atravessa em frente ao músico de rua no exato momento em que ele começou a tocar o violão. Dionlenon ficou quieto automaticamente ao som do acorde de Mi menor. Num impulso, a mãe agarrou as cordas do instrumento. Imediatamente à parada do som, Dionlenon chora. Horrorizado, o músico dá um passo atrás, retirando o violão da mulher. A mãe correu ao consultório médico. Dionlenon aumentava o choro conforme se afastavam da música recém iniciada do músico de rua. Ao entrar na sala de espera Dionlenon para de chorar. A mãe chama o médico aos gritos. O pediatra aparece incomodado com a gritaria. “é a música doutor, é a música”. Na sala de espera tocava New York na voz de Franck Sinatra. John Lennon estava com os olhos arregalados em silêncio. O médico achou estranho. Desconfiado, pediu para a secretária desligar o rádio. De imediato, surgiu o choro desesperado. O médico pediu para a secretaria ligar o rádio. Dionlenon se tranquilizou. O médico ficou curioso. Pediu que desligasse o rádio novamente. Dionlenon chorou novamente. O médico solicitou a mãe que cantarolasse algo. Ela consentiu indecisa. Com um tímido lá lá lá cantarolou As Rosas Não Falam do Cartola. Dionlenon ficou quieto e atento. O doutor perguntou se ela cantava para ele. Disse que não, o ex-marido proibira qualquer tipo de música em casa. Nunca havia cantado para Dionlenon, tão pouco para os outros quatro filhos, Tom, Paul, Bob Dylan e Jenny. O médico prescreveu música diariamente, elogiou a afinação do seu canto e indicou outros estilos de músicas.

Desse dia em diante o pediatra passou a testar a sala de espera e o Cartola com crianças em choros desesperados. Muitos pais passaram a rejeitar as consultas com o doutor depois de serem receitadas compra de vinil da Elis Regina, aulas de canto, de violão e de dança para medicar seus filhos a si mesmos.

A minorização é distraída a todo momento. Funciona com bacilos contaminando o corpo produzindo a explosão de sensações. Mais tarde ficaria claro que a música não faltava a Dionlenon. Seu choro tinha sua própria dignidade. Era a manifestação legítima de algum desconforto. Algum encontro desesperador. Não era por falta de música que chorava. Essa camada desconfortável continuará existindo nele enquanto os bacilos desesperadores continuarem operando. São muitos seus caminhos geradores de desconfortos. A música chegou em Dionlenon inaugurando novos cenários sensíveis. O som melodicamente organizado trouxe a Dionlenon uma camada sutil que lhe tomou o interesse. Os bacilos sonoros trouxeram o ínfimo, o acontecimento pouco definível, mas altamente produtivo. O encolhimento de Dionlenon já se iniciara antes com outros bacilos. O som criou o Dionlenon musical. O Dionlenon desconfortável, desesperado, seguia existindo potencialmente, capaz de surgir a qualquer momento. Perdeu a atualidade na presença patológica do som. Seu reinado fora confrontado com o Dionlenon musical. Ouvindo o ritmo, os timbres, a orquestração musical foi

aturdido por excitações. A flauta transversa era um dos sons encolhedores dos músculos da face num movimento da boca insinuando um sorriso. A música inventou um Dionlenon sonoro. Através do som, os bacilos do encolhimento seguiam espalhando um Dionlenon. O Dionlenon flauta transversa. O Dionlenon cavaquinho. Dionlenon encontraria outros tantos tipos de bacilos encolhedores durante a sua vida. Nem todos faziam o rosto encolher ou contrair em sorrisos.

PARTE II

(LOOPINGS)

Sexta Ladaia – *Looping* da RNR – Radialização

Radializando a Rua

A palavra rádio deriva da palavra do latim *rádium*⁵⁶ que significa raio ou vareta de roda. Raio⁵⁷ é um foco de propagação de algo na maioria das vezes de grande poder energético como o raio nas tempestades ou o raio de sol. Essa capacidade raio propagadora de energia na etimologia da palavra rádio dispara uma série de outros vocábulos. Por exemplo, a palavra rádio no masculino pode ser um aparelho receptor de sinais radiofônicos (o aparelho de rádio FM/AM). No feminino, a rádio é um sistema de emissão e transmissão de ondas sonoras hertzianas. Na área da química, rádio é um elemento radioativo, de tipo metálico, com o número atômico 88 e de símbolo Ra; um metal raro na crosta terrestre usado na indústria nuclear pois libera uma grande quantidade de energia. Na anatomia, é o nome do osso que, junto ao cúbito, forma o endoesqueleto do antebraço, uma vareta que conecta. Na medicina o raio x se refere a propagação de energia que atravessa nosso corpo marcando pontos de luz e sombra numa radiografia.

Focando no rádio enquanto som, gostaria de diferenciar a propagação da RNR das rádios comunitárias, das emissoras de radiodifusão licenciadas ou de rádio web. Ambas rádios tratam de propagar a energia sonora como principal característica, mas propagam também outras tantas energias: discursivas, pastorais, pedagógicas, artísticas, legais, humorísticas, políticas, axiomáticas, éticas, morais, imprevisíveis, improvisadas, etc.

Atentando, primeiramente, a periodicidade da propagação como uma diferença evidente entre a RNR e as outras espécies de rádios, encontrei a efemeridade e a realização eventual da RNR: a sequência de performance tem meses de intervalo sendo difícil prever quando acontecerá uma intervenção da RNR. Atualmente ela depende do convite de ONGs, Coletivos, Movimentos sociais. Em segundo lugar poderia focar na falta de patrocínio – similar a algumas rádios *web* e comunitárias (embora tenha sido patrocinada pela FASC em seu início). Outra diferença é a propagação do som se dando apenas por altofalantes o que lhe aproximaria de uma rádio poste – no Centro Pop ela era uma rádio poste com os autofalantes fixados nas paredes. Outra diferença fundamental, na rua ela não tem local de propagação fixo: cada performance em cada dia num ponto diferente da cidade, poderia ser assemelhada a uma rádio poste

⁵⁶ Definição encontrada em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/radio/> acessado no dia 04 de setembro de 2018.

⁵⁷ Definição encontrada em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=raio> acessado no dia 04 de setembro de 2018.

ambulante, itinerante. Mas a principal diferença é que a RNR é uma rádio executada por pessoas/repórteres em situação de rua.

Focando em semelhanças entre a RNR e as outras rádios incrivelmente encontrei a noção de acontecimento. Charaudeau (2010) fala da rádio como o equipamento midiático capaz de “coincidir o tempo do acontecimento e o tempo da escuta” (p. 107) com agilidade superior a outras mídias como o jornal, e em certo ponto a televisão, por exemplo. Nessa abordagem sugere-se o acontecimento como algo que se sucede no mundo e a rádio passiva ao extraordinário, o propaga. O acontecimento como algo que assalta a pauta das rádios. Mais a frente em seu texto ele comenta sobre as mídias elegerem determinados eventos (entre tantos eventos extraordinários simultaneamente no mundo) como os mais relevantes à veiculação de determinadas narrativas, focos discursivos, reiterando determinadas preferências de perspectivas e interesses de um time, classe, raça, de patrocinadores e apoiadores específicos da emissora. Percebi que não precisa ser uma grande mídia como a Rede Globo de Televisão no Brasil para ser aliada a determinadas narrativas de determinados grupos da sociedade brasileira, qualquer tipo de mídia inclusive as rádios comunitárias maquinam de modo semelhante: elege-se um extraordinário que lhe convenha ou transforma-se qualquer coisa no evento “relevante” ao seu campo discursivo específico, performando um predeterminado “extraordinário”. Com a RNR não seria diferente. Numa medida, existe uma curadoria do que será eleito como conteúdo de propagação entre as tantas situações da vitalidade *extraordinarizável*⁵⁸ da rua. Alguns extraordinários preferidos pela RNR: uma pomba comendo a pipoca que caiu da pessoa caminhando na calçada; uma senhora levando livros dentro de um carrinho de carregar compras em feiras; o vendedor de cadarços coloridos; o casal passeando abraçados apaixonadamente com um balão de gás hélio em formato de coração; o homem que puxa o carrinho de papelão; o homem encostado no “orelhão” chupando um picolé. São perspectivas diferentes do que é ou será o extraordinário. Fabrica-se o acontecimento necessário à RNR para performar sua disposição em desarticular discursos, liberando linhas propagatórias, elegendo perspectivas diversificadas, dimensionando o momento com outras sonoridades, com singulares forças ontoepistemológicas.

⁵⁸ Aqui na dissertação significa o ato de tornar algo extraordinário



Descia a ladeira discretamente na calçada. O carrinho de compras com livros chamou nossa atenção. “Com licença, senhora. Parece que dará uma boa refeição com esse rancho?”. Assim começou nosso contato. Os livros eram uma enciclopédia do seu falecido marido. Ela se tornara viúva a pouco tempo. Na conversa ao microfone falou da sua intenção de doar os livros. Queria os gostos do seu amado compartilhados por aí: “é um jeito de imaginá-lo viajando.”



Distraído, recostado num “orelhão” chupando picolé. “o senhor está deixando todo mundo com água na boca.” “mas não tô tomando água.” “é o seu picolé. Parece delicioso.” “é, mas tá chato, tô me melando todo.” “não tem como não se sujar com picolé, mas é só lavar depois.” “é verdade. (baixou a voz) Sabe, eu sou diabético e não podia tá comendo isso. (riu) Eu não como picolé desde guri. Hoje me passei.” “então é por isso que o senhor tá todo melado.”

Nas rádios FM o ouvinte busca informação jornalística, opinião, músicas. Não se sabe o que se ouvirá, mas sabe-se o que esperar ouvir. Na RNR o vivente estranha a presença disruptiva dos equipamentos sonoros na rua e depois se intriga com o inesperado. O fluxo do roteiro improvisado da RNR, surfa imprevisivelmente. Acontece constantemente uma guinada nos assuntos e participantes ocasionando quebras de expectativa e perspectiva. Talvez isso seja um dos efeitos da RNR: nas rádios difusoras licenciadas do FM espera-se ouvir propagandas, “informações-bordão”, refrãos ordinários: música com jabá, política partidária, violência na cidade, sobre a má gestão pública, corrupção, futebol, bom senso, o bem e o mal. A RNR também aborda esses assuntos, mas quebra o fluxo do discurso comum e dos seus próprios caminhos narrativos. Propõe outra forma de focar no falado ao microfone variando ator-ação e desdobrando o conteúdo discursivo preferindo cartografar a presentificação do assunto na vida, no mundo sensível do falante. A quebra de uma expectativa ordinária do que será dito e propagado causa estranhamento nos transeuntes, aturde. O humor chega como uma excelente ferramenta de quebra de expectativas. A RNR com seus aparelhos eletrônicos e ocupação do espaço físico já desencadeia inusitados, com os moradores de rua nos microfones como repórteres, com a conversa e as músicas passeando por roteiros improvisados fluindo com a vitalidade dos entes do espaço público, focando em situações sutis, “desnecessárias”, “irrelevantes”, libera outros extraordinários. A RNR propaga múltiplas linhas quanto ao espaço,

ao corpo, aos signos, aos focos, aos discursos, aos sons, aos afectos, ao sutil, aos efeitos, ao aleatório. De outra feita, a RNR tem o desejo de fluir narrativamente com a vitalidade da rua, focando divergentemente, ao mesmo tempo que preserva um platô discursivo aliado a comunicação das potências do pessoal em situação de rua. Cada uma dessas dimensões e linhas se comporta de forma a propor o extraordinário, ou dito de outra forma, o disruptivo:

Disrupção é sinônimo de quebra, de fratura, de interrupção do fluxo normal de um processo. No caso de espaços públicos, uma ação disruptiva é aquela capaz de provocar estranhamento ou até mesmo causar uma interrupção nos fluxos cotidianos de uso da cidade. Pode-se tratar de uma ação de grandes proporções ou apenas de um pequeno gesto, sutil e delicado; pode apresentar uma longa duração ou acontecer num átimo de segundo. Porém, em qualquer um dos casos, ela deve ser capaz de gerar algum tipo de perturbação, de desequilíbrio, de desestabilização na percepção e na experiência dos transeuntes durante seus deslocamentos nas vias urbanas. (ALICE, 2013, p. 13)

Cotidiano Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã / Me sorri um sorriso pontual / E me beija com a boca de hortelã / Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar / E essas coisas que diz toda mulher / Diz que está me esperando pro jantar / E me beija com a boca de café / Todo dia eu só penso em poder parar / Meio dia eu só penso em dizer não / Depois penso na vida pra levar / E me calo com a boca de feijão / Seis da tarde como era de se esperar / Ela pega e me espera no portão / Diz que está muito louca pra beijar / E me beija com a boca de paixão / Toda noite ela diz pra eu não me afastar / Meia-noite ela jura eterno amor / E me aperta pra eu quase sufocar / E me morde com a boca de pavor

Alfredo: obrigado por me permitirem falar ao microfone, eu vinha caminhando e ouvi vocês de longe, eu disse pra mim mesmo: eu vou pelo mercado público porque ali sempre tem alguma coisa pro cara se distrair.

Alexandre: que legal, que bom que o senhor veio falar no microfone da RNR a rádio das pessoas em situação de rua e de luta de Porto Alegre (mirei o microfone em sua boca. Segurou o microfone. Deixei o microfone em sua mão. Ele pigarreou, ergueu uma sobrancelha e falou)

Alfredo: sou um morador de um bairro periférico e precisamos todos nós parar isso que acontece na nossa cidade e no Brasil. (elevou o volume da voz) ninguém aguenta mais corrupção, ninguém aguenta mais os impostos que não servem para nada. A gente precisa votar bem... (ele fala durante alguns minutos sobre uma série de refrãos e situações que normalmente são veiculados oral e discursivamente em programas políticos e propagações midiáticas. Num determinado momento, provocado pelas suas falas-bordão o interrompo e pergunto)

Alexandre: mas me diga, amigo, aqui na RNR a gente precisa explicar pra todos nós o quê é o quê; como tu veio ao microfone aqui a gente queria te perguntar uma coisa: onde tu vive a corrupção no teu dia a dia? (ele fica um pouco incomodado)

Alfredo: eu não faço nada de corrupto... (falou defensivamente, retomei e expliquei)

Alexandre: tá, desculpe, me expressei mal, onde tu vê corrupção acontecendo sem ser nas reportagens da TV e do rádio? (ficou pensativo, aproveitei e aumentei a música Cotidiano)

Alfredo: sei lá... no preço do tomate... que o pobre quase não consegue comprar mais. Por que só pode acontecer alguma coisa pra ficar tão caro. Na gasolina também. Por que a gente não pode ficar paralisado e precisa manifestar... (tentou retomar a conversa no fluxo dos bordões, da rádio denúncia, do palanque; perguntei novamente)

Alexandre: o que você costuma cozinhar com tomate? (Alfredo se incomoda, mas responde)

Alfredo: ah, sei lá, eu cozinho... puxa vida... (saiu um sorriso meio desconfortável) ...gosto de cozinhar um... estrogonofe de carne, sei lá, mas... (percebi o “mas” como seu retorno ao discurso bordão, palanque de denúncias e me intrometi novamente)

Alexandre: tu mesmo que cozinha? (visivelmente incomodado o homem responde secamente)

Alfredo: sim. (no que ele puxa o ar para continuar sua fala, pergunto novamente)

Alexandre: e com que tu aprendeu a cozinhar? (o homem solta o ar com força e responde)

Alfredo: aprendi a cozinhar depois de grande, quando fui morar sozinho...

Alexandre: com que idade o senhor foi morar sozinho? Eu, por exemplo fui mais tarde, mas já cozinava mesmo na casa da minha mãe, até por que minha mãe cozinha mais ou menos mal, (risos) daí eu ia pra cozinha pra procurar os gostos que eu queria...

Alfredo: eu fui depois de me separar da minha primeira mulher, na casa da minha mãe eu não cozinava, nem junto com a minha esposa, mas depois de separado me vi obrigado...

Alexandre: e o estrogonofe veio depois então morando sozinho? (sorriu)

Alfredo: é... pior que eu faço o estrogonofe igual ao que eu via de longe, meio de canto de olho, minha ex-esposa fazer...

Alexandre: e tu usa aquelas coisas chiques de cogumelo, coisa e tal...?

Alfredo: não, isso não. Eu faço com cebola, tomate, creme de leite, uma carne de agulha picada.

Alexandre: a agulha picadinha não fica tão dura mesmo... bom que ela é mais barata...

Alfredo: é mais barata, daí pico e cozinho junto; como com arroz e com batata palha...

Alexandre: bah então entendi, a corrupção, a inflação, poderiam então impedir a compra do tomate, impedindo o cara de fazer um estrogonofe tri pra comer bem, e impedindo o cara de fazer o que aprendeu a fazer pra se bancar sozinho...

Alfredo: é... e a gente tem que ter o direito de comer uma carne, de comer bem, de comer até cogumelo se quiser (algumas pessoas na roda torceram a cara, continuou) o dinheiro já não serve mais, esses corruptos... (seguiu falando da política partidária. Perguntamos sobre quais as manifestações que ele achava que as pessoas deveriam se unir pra fazer, falou em passeatas, em boicotes a serviços, entre outras. Agradecemos a participação dele e mais ainda a coragem de vir ao microfone falar. Eis que ele responde)

Alfredo: eu que agradeço a rádio rua, por que como vocês falaram que ela era uma rádio da rua, pra quem tava passando ou caminhando no centro eu achei que tinha tudo a ver, daí tomei coragem e vim. E eu já tava bem irritado também porque eu tava voltando do banco que eu fechei uma conta há uns meses atrás e não me avisaram que tinha uns 5 reais no negativo e tive que ir brigar pra não me cobrarem os juros que já tava bem caro, quase fui pro SPC. Os bancos são jogo duro... muito obrigado a rádio rua. (terminou essa fala largou o microfone, se despediu e saiu. Agradecemos sua participação, Diolenon convidou ele para fazer um estrogonofe pra galera da rua ali atrás do Teatro Renascença na rua Érico Veríssimo as quartas. A RNR seguiu ao som de Podres Poderes de Caetano Veloso)

Podres Poderes Caetano Veloso

Enquanto os homens exercem seus podres poderes / Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos / E perdem os verdes / Somos uns boçais / Queria querer gritar setecentas mil vezes / Como são lindos, como são lindos os burgueses / E os japoneses / Mas tudo é muito mais / Será que nunca faremos senão confirmar / A incompetência da América católica / Que sempre precisará de ridículos tiranos? / Será, será que será que será que será / Será que essa minha estúpida retórica / Terá que soar, terá que se ouvir / Por mais zil anos? / Enquanto os homens exercem seus podres poderes / Índios e padres e bichas, negros e mulheres / E adolescentes fazem o carnaval / Queria querer cantar afinado com Ellis / Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase / Ser indecente / Mas tudo é muito mau / Ou então cada paisano e cada capataz / Com sua burrice fará jorrar sangue demais / Nos pantanais, nas cidades, caatingas / E nos Gerais? / Será que apenas os hermetismos pascoais / Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais / Nos salvam, nos salvarão dessas trevas / E nada mais? / Enquanto os homens exercem seus podres poderes / Morrer e matar de fome, de raiva e de sede / São tantas vezes gestos naturais / Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo / Daqueles que velam pela alegria do mundo / Indo mais fundo / Tins e bens e tais

Propagação e Dispositivo

O disruptivo performativo da RNR suspendendo o cotidiano de usos ao mesmo tempo propondo outras séries de ações aleatórias à rua, nessa ocupação do espaço público funciona como um dispositivo. O fato de a rádio ser propagação convocou em mim o conceito de dispositivo a esse texto, principalmente na versão deleuziana onde dispositivo

é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto **multilinear**⁵⁹. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. (DELEUZE, 1990, p. 155)

O dispositivo constituído pela convergência de redes de linhas, de forças e pela propagação de outras tantas linhas e dimensões. Essa filosofia do dispositivo em Deleuze expande o funcionamento do termo dispositivo comumente utilizado em procedimentos jurídicos e até mesmo no senso comum, por exemplo, como nas definições do dicionário onde é definido como um mecanismo usado para um fim específico⁶⁰ – essa é apenas uma de suas dimensões. Na filosofia do dispositivo Deleuze (1990) demonstra uma complexa trama de funcionalidades, atualidades, de modos específicos em cada dispositivo de operar o poder, o saber, visibilidades e enunciados conjugando muitas “[...] linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura [...]” (p. 157), trazendo também linhas de estratificação/sedimentação e as linhas de atualização/criatividade – disparando fluxos para além de uma finalidade previamente determinada (mesmo que essa finalidade exista). A RNR como dispositivo traz na sua performatividade estratificações e criatividade (ritornelos). Especulando: a linha das políticas públicas reinserindo socialmente pessoas em situação de rua; a linha “psicológica” restituindo autoestima ao dar protagonismo às pessoas em situação de rua; a linha anarquista mostrando novos arranjos cotidianos fora do mercado e confrontando vidas ordinárias na cidade; a linha hipócrita reiterando a vida na rua como valorizável mesmo ela não tendo valor social; a linha do trabalhador no escritório ao lado de onde ocupamos o espaço público, incomodado com a

⁵⁹ Eu coloquei em negrito.

⁶⁰ Significado encontrado no dicionário Michael On-line <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=209M> acessado em 21 de setembro de 2018.

zoeira; a linha religiosa pastoreando para salvar almas desgarradas; a linha zoopolítica⁶¹ pastoreando animalidades (ROMANDINI, 2012); a linha decolonial onde se aumenta o volume de vozes/performatividades subalternas. Cada linha estratifica e cria ao seu modo uma série de novas propagações: os que não consomem droga no dia da rádio (pastoreio, governo, controle, decisão aliada a vontade de performar um repórter para comunicar singularidades), os que observam a cidade pensando o que poderia virar notícia da rádio, os *encucamentos* gerados após as conversas no microfone, uma pessoa em situação de rua ao microfone. Mas uma das linhas da RNR que se executa durante toda sua performatividade é o acionamento de assuntos de difícil debate e o abandono desse mesmo debate (e de uma determinada função primordial militante que a rádio teria), simultaneamente. Como se a RNR profanasse seu próprio dispositivo, como se os assuntos escolhidos/surgidos no microfone fossem traídos por derivações do foco. Os movimentos, as entidades, os coletivos, os grupos que acionam a RNR como veículo para exporem suas mazelas à cidade surgem com suas demandas específicas e desejam militar em suas falas. Pensam a RNR como uma ferramenta de acréscimo de decibéis as suas vozes e discursos. No entanto a RNR além de se aliar a essas falas, profana essa ação. Ela se alia a militância declarada, mas também desvia seu conteúdo (mesmo que sua ocupação do espaço público e sua performatização estejam também num estrato militante). A RNR dança, ginga, dribla o fluxo, seja qual for, atualizando criativamente outras linhas tangenciais ao seu próprio contexto. No texto de Agamben (2005) sobre os dispositivos foucaultianos ele se coloca semelhante a Deleuze falando do império de dispositivos, onde tudo na nossa sociedade se aciona e se conjura através de dispositivos variados, múltiplos, novos, antigos. O que se refere aos humanos e seu governo se coaduna com dispositivos. No entanto Agamben (2005) propõe a profanação dos dispositivos como um modo de desviar das finalidades do poder contrapondo o descentrado processo de subjetivação e governo. “Certamente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo.” (p. 13) Agamben problematiza o dispositivo como algo com múltiplas linhas, desempenhando um papel regulador como contaminador, controlador, modelador – a essas dimensões ele sugere a profanação. Para Deleuze essas dimensões de controle, contaminação e modelagem existem no dispositivo assim como a dimensão da profanação. A linha de fuga está

⁶¹ Zoopolítica em Romandini (2012) “[...] é a ciência do governo da vida animal, da qual o homem dotou a si mesmo.” (p. 33); ou ainda, “O homem é chamado político simplesmente por que é o único animal que toma em seu encargo a direção consciente de sua própria *zoé* de acordo com os critérios de justo e injusto. Porém o substrato sobre o qual a política se aplica não é a outro que a *zoé* original. Isso possui uma consequência fundamental: em termos escritos, seguindo Jacques Derrida, não haveria de se utilizar o termo ‘bio-política’, mas sim ‘zoo-política’ para designar a substância primordial da política humana.” (p. 32)

no rizoma, o decalque e o sedimento também. Deleuze falando da complexidade e paradoxo do dispositivo foucaultiano coloca qualquer profanação incluída. Tudo está incluído. Essa conversa entre os dois apontamentos, surge no texto pela problemática paradoxal que se apresenta na RNR com seu modo de acontecer *malabarizando* tanto as demandas prévias quanto o desvio, suspendendo pautas, fluindo com o que acontece, inventando humoristicamente a profanação das finalidades militantes e outros rumos, outros roteiros imantes, tentando microfonar qualquer coisa de “interessante”. Essa profanação do discurso na/da RNR também é uma linha possível ao dispositivo, não necessariamente um contra dispositivo ou um fora do dispositivo. O sutil na RNR tem um potencial profanador de qualquer tendência militante. Presentificar⁶² um discurso nos pertencimentos e vivências sutis das pessoas é uma linha poderosa, um pastoreio dinâmico, complexo e múltiplo.

No entanto, junto a presença disruptiva na rua com a complexidade de sua performatividade propagando diferentes camadas, dimensões, linhas, platôs, não desimplica a RNR de na maioria de suas edições focar em determinadas intensões discursivas sem o desejo de profaná-las, entendendo-as como desarticuladores e profanadores de outros dispositivos de governo importantes de serem desacomodados/desnaturalizados. (cito aqui as RNR realizadas por convite/demanda: no dia Mundial dos Direitos Humanos com os Mbya Guarani; a AGAPAN; Os aniversários do jornal Boca de Rua, entre outras)

Radializar

Radializar a rua é microfoná-la, transduzir o som da rua pelo microfone. Fazer o diafragma do microfone cardioide se movimentar sutilmente transformando a energia acústica/sonora em energia elétrica. Radializar é aumentar os decibéis de um som nos autofalantes propagando seu timbre e seus discursos. Uma política do som! Radializar a rua cria uma audiolização⁶³ de perspectivas com as vidas no ali-naquele momento. Levantar o som de determinados modos de viver tanto para conhecê-los quanto para instaurarmos sua presença na sinfonia urbana.

⁶² Presentificar como a dimensão da experiência para além da linguagem onde o sensível opera conexões, agenciamentos desencadeadores de outras ações para além de um arsenal hermenêutico e significativo. Gumbrecht (2010) no livro *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*, fala sobre a potência da presença como fabricação de relação e entidades sensíveis não hermenêuticas como agenciamentos necessários para expandirem a hegemonia de determinadas racionalidades transcendentais.

⁶³ Audiolização: opera de maneira semelhante a uma visibilização. 1. Tornar algo perceptível, audível a alguém.

“Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 5)

A partir daqui pretendo evitar e suspender o quanto for possível mesmo que temporariamente o uso nessa escrita de termos como visualização, visibilidades, tornar visível, olhar, ponto de vista, cenário, visão de mundo, evidente, aspecto, parecer, ou qualquer outro que tenha ligação com a hegemonia da visão na escrita, de modo a acrescentar o sonoro como platô de ação no texto. Não que as coisas se deem literalmente apenas enquanto sonorizações do mundo ou que o som falte a escrita. Mas audiolizar algo parece uma operação diferente de visibilizar em muitos modos. Visibilizar torna evidente aos olhos algo que estava ou pouco visível, ou invisível. Tornar audível supõe, aqui, que algo está soando, mas por algum motivo com decibéis baixos demais para percebermos ou entendermos as características desse som. Visibilizar é tornar visível algo que estava escondido, invisível, inexistente. Nesse sentido não se trata de abandonar a visão como ferramenta de produção de conhecimento e contato com o mundo, mas escrever amparando-se com um arsenal sonoro (mesmo que ao percebermos a presença de um elemento pela visão sem ouvirmos seu som, mas visualmente concluirmos que existe produção sonora no movimento inaudível; figura a visão como um aliado na seleção deste elemento sonoro como algo a receber evidência e decibéis – como por exemplo, se o que chamar a atenção forem discursos soando na vestimenta ou no corte de cabelo de alguém). De qualquer forma existe uma prevalência de palavras vinculadas a visão tanto na performatividade da escrita, quanto em uma série de pressupostos e princípios nas ações de produção de conhecimento legitimado filosófica e cientificamente.

A hegemonia da visão na produção de conhecimento no ocidente

“e todo o mundo visível em geral, como se fosse apenas uma máquina onde só há a considerar as figuras e movimentos das respectivas partículas.” (DESCARTES, 2006, p. 265)

Le Breton (2016) escreve sobre a importância vital dos cinco órgãos do sentido na constituição das sociedades, das culturas, dos hábitos e das relações humanas.

O mundo sensível é a tradução em termos sociais, culturais e pessoais de uma realidade outramente inacessível senão por esse subterfúgio de uma percepção sensorial do inscrito em uma trama social. Ele se oferece ao homem como uma inesgotável virtualidade de significações e sabores. (p. 29)

Os sentidos performam através da linguagem o desmembramento cognoscível do mundo: “perceber na brancura da neve uma infinidade de nuances implica o uso de um repertório quase igual de termos para designá-la ou autorizar a comparação sem intermináveis perífrases ou metáforas.” (LE BRETON, 2016, p. 30). Le Breton fala da fineza ao se relacionar com algo ao ponto de conseguir distinguir sentidos de si e do elemento numa criação de linguagem multiplicadora de singularidades registrando e ampliando as possibilidades de relação com o mundo. Deste modo todos os cinco sentidos do corpo humano operam na relação com o mundo e no campo de comunicação do que se viveu nas relações. O paladar emociona; leva pessoas a comemorar o sabor em baixo da mesa; apaixonava: “ele me pegou pela barriga”. Também produz asco, vômito, amargor e repulsão: tenho pavor de nabo. O tato comunica desejo, amor, indignação, raiva. As diferentes texturas, pressões sobre a pele, velocidades de passagem, ângulos, durezas, os objetos pontiagudos, afiados, multiplicam as possibilidades do toque, do (con)tato. Mesmo que hoje se contate por telefone e seja o som quem toque o outro, ou o aceno de mão; o tato do som, da visão, do aroma e do sabor tocam, tateiam ou fazem (con)tato. O cheiro, por sua vez, chega até a acalmar: as mães na tentativa de fazerem o bebê permanecer mais tempo em sono profundo na sua própria cama deixam sua blusa usada durante o dia ao lado do travesseiro com o cheiro da mãe para o bebê permanecer mais tempo cheirando amparo; o cheiro das rosas, que abraça; os incensos que *frequenciam* os chacras; o perfume seduzindo a ponto de criar um gênio perfumista pastoreando multidões com um aroma perfeito⁶⁴. A audição e seus infinitos timbres ainda mais depois da invenção dos sintetizadores sonoros eletrônicos; um sussurro no ouvido deixa a pele toda arrepiada; ASMR⁶⁵. A visão e sua soberania transformando tudo em termos de ver, tudo tão impressionante com seus brilhos, cores, profundidades, tamanhos; sua possibilidade designadora: isso é pontiagudo, aquilo é barulhento, o gosto verde, amargo e liso do cheiroso limão arredondado.

Segundo Le Breton (2016), a hegemonia da visão é performada por diferentes atores alcançando um ápice de sua hegemonia na idade moderna. O autor comenta que na filosofia, Platão e Aristóteles entendem a visão como a possibilidade contemplativa capaz de trazer mais

⁶⁴ Livro o Perfume: a história de um assassino de Patrick Süskind.

⁶⁵ASMR, Autonomous Sensory Meridian Response em inglês. Em português Resposta Sensorial Autônoma do Meridiano. Um método de relaxamento, chamado de orgasmo cerebral através do som sussurrado e amplificado por um microfone potente. Nesse link um tipo de ASMR <https://www.youtube.com/watch?v=khwIAPsxvVI>.

conhecimento em função de perceber maior diferença entre as coisas, a passagem do tempo, as mudanças climáticas, o dia e noite, os astros; em Hegel, além do filósofo preferir a visão, desdenha o olfato, o tato e o paladar por serem inaptos a produção de arte; em Descartes e Kant a visão é o mais nobre dos sentidos visto que distancia a pessoa do toque, do tato, entendidos como sentidos precários. A difusão do impresso e de descobertas óticas nos séculos XVI e XVII, respectivamente, disparando mudanças no dia a dia das pessoas, na ciência, na indústria. Santo Agostinho percebe o início de leitores solitários e os livros sendo escritos para os olhos, diferente do passado onde os textos eram escritos para a audição em leituras coletivas – nesse sentido, a soberania do olhar como principal ferramenta de relação com o mundo para a produção de conhecimento verificável e verdadeiro coincide também com o desenvolvimento do individualismo. A visão à distância, especula, insinua a não necessidade de relação dos outros sentidos com o objeto de conhecimento – criando narrativas de verdade. A melhora no desenho de mapas de navegação, as pesquisas da medicina sobre a anatomia humana, o desenvolvimento científico ancorado na primazia da visão. O olho percebido como a janela da alma na renascença.

A visão, tornando-se então mais um sentido da distância, assume assim mais importância, em detrimento dos sentidos da proximidade como odor, o tato ou a audição. O distanciamento progressivo do outro através do novo estatuto do sujeito como indivíduo igualmente transforma o estatuto dos sentidos. (p. 48)

Concomitantemente a conceitos filosóficos que priorizam a visão, vão surgindo tecnologias como o telescópio, termômetro, microscópio, o raio X, a fotografia, o cinema. A medicina muda técnicas de diagnóstico como cheirar o paciente ou provar o gosto da urina graças a ferramentas com indicadores visuais. A antropologia tende a observar grupos, etnias de modo a mapear visualmente os costumes e práticas.

Mas não é um olhar qualquer que a tecnologia aprimora. Trata-se de um olhar padronizado, racionalizado, calibrado por uma busca de indícios através de uma ‘visão do mundo’ bastante precisa. [...] o domínio do mundo implicando a técnica solicita um domínio prévio do mundo pelo olhar. (p. 50)

Televisão, computador, câmera de vigilância, imagem via satélite, ecografia. Segundo Le Breton a cultura ocidental vai narrando seu mundo em termos visuais sugerindo uma “hipertrofia do olhar” (p. 53) – onde, a filiação, entre produção de conhecimento e as potências da visão, são fundamentais ao desenvolvimento das ciências, do humanismo, da democracia, do capitalismo, do individualismo. Performando um monopólio de um modo de relação com o mundo onde um binóculo ou o telescópio, por exemplo, permitiriam a produção de conhecimento a distância, e o microscópio dando a conhecer um mundo minúsculo, anteriormente invisível e incogitável performando uma satisfação e estabilização

ontoepistêmica, sobrepondo a visão a outros sentidos. A relação com algo embasada predominantemente na visão demanda um tipo de pensamento designador fundamentando essa produção de conhecimento à distância, alimentando práticas especulativas transcendentais com tendências colonialistas na abordagem de fenômenos e entes (CASTRO-GOMÉZ, 2005). Essa perspectiva já era reverenciada em Descartes (2006) quando este pretendia inventar(iar) o mundo imaginário colocando o pensamento aliado a visão e ao conhecimento prévio dos mecanismos físicos matemáticos já observados, fazendo o olhar dos humanos um aperfeiçoamento do mundo com perspicácia de um relojoeiro que “mediante a simples observação de uma única parte normalmente consegue avaliar quais são as outras que não vê.” (p. 275) A visão como modo de constituição do mundo imaginário perfeito e transcendente onde o “eu” que vê, pensa e submete o ente as suas suposições, previsões, memória – a ferramenta de produção de ciência, no ocidente.

Desta maneira, Le Breton demonstra o surgimento qualificado da visão como um importante órgão designador das coisas do mundo ao mesmo tempo em que é sacralizado como o criador de perspectivas “verdadeiras”. O interessante que nesse sentido as condensações, compressões, automatizações contidas em superfícies com indicadores estabilizados e reiterados, trata dimensões e platôs de forças e agenciamentos pouco evidentes aos olhos, como invisíveis, inexistentes, escondidos, inconscientes, simplificando e congelando o ente numa identificada manifestação estabilizada. O ritornelo aqui não faz o menor sentido, pois ao não ver o agenciamento, as ações são lidas como formas estabilizadas, indentitárias. Um determinado uso da visão na produção de conhecimento afirma o profundo apenas como o interno, escondido, o dentro, o invisível, e não como o *vastiado*.

Diferente de questionar a potência da visão, ou sua nobreza, foi interessante perceber seu reinado. Investigando desdobramentos como “ver para crer”, “uma imagem vale mais que mil palavras”, sonoriza-se a visão como o sentido predominantemente apto ao verossímil (LE BRETON, 2016). Uma das implicações que salta aos olhos são as práticas de proximidade entre um elemento a ser observado e o observador. A presença, a proximidade, que inclusive demandariam o uso dos outros sentidos para conhecer e desdobrar a relação com o elemento, são substituídas pelos poderes da observação visual a distância. O cogito cartesiano é impossível sem a visão, sem as imagens geométricas performando os movimentos dos elementos e suas relações individuais imaginárias à distância.

Encontrei o artigo de Fraize-Pereira (1995) intitulado “Do império do olhar à arte de ver” onde o autor reitera a presença da visão como um fundamento da construção de conhecimento científico e como modo legitimado de narrar o mundo o ocidente. O autor

entende os livros e propósitos de Foucault, como tensionamentos críticos da visão, figurando-a como o principal método de abordagem dos fenômenos na produção de verdades científicas. Salienta a psicologia como a descobridora das verdades da loucura e a medicina como investigadora das patologias do corpo, também operando com os reinados da visão. Fraize-Pereira (1995) propõe que Foucault com toda sua atenção/estudo ao movimento hegemônico da visão nas ciências opera a problematização dessa hegemonia da visão em seus escritos (percebido pelo autor em livros como a História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas); em um determinado momento “Foucault com sua visão, rompe com o visível, mas circunda o evento com uma espécie de ‘poliedro de inteligibilidade’ cujos lados se expandem indefinidamente em muitas direções” (p. 157). Desta forma, segundo o autor, Foucault se coloca como um pesquisador, historiador, filósofo que problematiza as visibilidades encontradas, construindo um campo epistemológico que desnaturaliza a perspectiva das ciências vinculando a produção de verdade a vários campos, engrenagens e instituições diferentes, destituindo o diretamente visível como verdade, problematizando esse visível e a narrativa da visibilidade/identidade, multiplicando atores agindo numa superficial identidade-unidade, visível. Assim, Foucault ao estudar o uso do olhar na produção de conhecimento no ocidente como algo a narrar o mundo de um determinado modo tendendo a dominância de determinadas narrativas e epistemologias, propõe um ato artesanal de se olhar; o ver artesanal como problematizador desse visível científico, incentivando uma arte de ver, problematizando o narrado como uma rede de práticas e ações de inúmeros elementos entre si, contidas e reiterando determinados caminhos-formatos-discursos e desabotoando outros vários descaminhos. A arte de ver também vê a profundidade da paisagem estendida e vastiada. Assim, instaura-se uma política do sutil com procedimentos para problematizar os entes interrogando-os a partir da performatividade, da presentificação e epifania (GUMBRECHT, 2010).

Sendo assim, incluindo um procedimento para liberar outras possibilidades me dispus a experimentar uma política de escrita que vasculhe/invente outras palavras referentes especificamente, no caso da RNR, a audição – muito porque radializar é também propagar com som. Tentarei me relacionar momentaneamente com um vocabulário auditivo, com invenção de neologismos, como proposta de uma escrita imprevisível, ou melhor *impreaudível*⁶⁶, e talvez disparadora de outras possibilidades ontoepistemológicas, ao menos à escrita.

⁶⁶ Neologismo presente apenas nessa dissertação. Define-se como semelhante a palavra imprevisível.

Radialização do sutil

A oralidade e a performance em termos de som e de ouvir em diversas dimensões são procedimentos da radialização. Audiolizar, aqui, por exemplo, é uma ferramenta político metodológica de supor que um acontecimento insinua a coabitação de ações vibratórias excitadas por múltiplos sons/entes; cada som com seu volume, profundidade, timbre e decibel; os sons com decibéis mais baixos podem ser importantíssimos de serem ressaltados, inclusive para inserirem-se com outra força de excitação, outra presença ao lado de sons mais espalhafatosos. Decibelizar é aumentar o volume de sons que tendo uma força específica, ao lado de outros sons ficam perceptivelmente com a presença reduzida ou minorizada, ou ainda, subalternizada. A partir daqui um ponto de vista será abordado como um ponto de som onde a política do som tratará os volumes do mundo com extraordinárias equalizações – o aturdimento constante de sons variados trazendo diferentes dimensões sonoras imanentes, com diferentes ajustes de decibéis – um rizoma sonoro.

O Ruído é um operador interessante nesse sentido. Enquanto escolho um ponto de som específico, não deixo de ser aturrido por outras sonoridades imantes. O pondo de som parece supor a coexistência com outros sons, parece supor o paradoxo/multiplicidade/imanência. A curadoria do som faz toda diferença no momento de designar um som como ruído, e outro, como o som desejado de se ouvir. Ao radializar a rua a RNR se coloca como curadora, DJ, aumentando decibéis onde quer que queira.

Radializar a dissertação é audiolizar para além de um fenômeno físico de aumentar decibéis de sons menores, ou mais baixos/sutis, é um movimento, também, de timbragem de discursos, conceitos, engajando-se politicamente na multiplicação de presenças narrativas sobre o ser humano, sobre a vida na cidade, por exemplo. Decibelizar supõe que hajam existências soando subalternizadas, sutilmente destituídas de volume e definição de sua presença ativa na sinfonia do mundo, onde sons gritantes, dominantes, prevalecem. Radializar o texto é tentar tangenciar a escrita liberando a presença de virtuais atualizados em evasões do óbvio, para além de um magma sutil impreciso.

Na RNR dar volume a falas de pessoas anônimas ou de participantes ativos do movimento da população de rua, por exemplo, é um modo complexo de administrar diferentes abordagens do que seria um volume baixo, um decibel baixo, da voz, da pessoa, da entidade, da organização coletiva, do lugar social e econômico, do discurso e perspectiva política, da vida, da enunciação, por exemplo, na vitalidade do ruído geral das formas discursivas, políticas, performativas. Aqui o decibelizar é aumentar o volume de sons pelos equipamentos eletrônicos,

ao mesmo tempo que sonoriza determinadas condutas, escolhas, modos de vida, enunciados, conceitos, pressupostos paralelos, tangenciais, entrópicos ao sistema mundo ordinário.

Lamento Sertanejo – Gilberto Gil e José Fonseca

Por ser de lá / Do sertão, lá do cerrado / Lá do interior do mato / Da caatinga do roçado / Eu quase não saio / Eu quase não tenho amigos / Eu quase que não consigo / Ficar na cidade sem viver contrariado / Por ser de lá / Na certa por isso mesmo / Não gosto de cama mole / Não sei comer sem torresmo / Eu quase não falo / Eu quase não sei de nada / Sou como rês desgarrada / Nessa multidão boiada caminhando a esmo

(tocando Lamento Sertanejo de Gilberto Gil “...lá do interior do mato, da caatinga do cerrado, eu quase não falo...” ao microfone, abordo um expositor da feira orgânica colocando a mão em seu ombro solicitando sua participação. Alguém da feira avisara que Marcelo seria uma boa conversa – embora na RNR qualquer um e todos, são bons para conversar.)

Alexandre: oi Marcelo, vamos conversar um pouco? Pode ser?

Marcelo: oi pessoal, oi Alexandre, pode ser sim...

Alexandre: disseram pra mim: “tu tem que falar com esse cara”. Já te viram algumas vezes entusiasmado falando sobre a agricultura orgânica. É um assunto atual e importante pra ti.

Marcelo: sim importantíssimo. Ainda mais depois dessas mudanças de leis que autorizam mais venenos nos alimentos plantados.

Alexandre: pois é. Tu trabalha a quanto tempo com isso?

Marcelo: há uns 20 anos.

Alexandre: É bastante tempo. Dá pra ter coisa aí pra gente conhecer...

Marcelo: e a gente sempre tem coisa pra aprender, porque a agricultura orgânica é dinâmica; a variação do tempo de crescimento; os insetos que gostam dos orgânicos tanto quanto nós. Tu já percebeu que tem alimentos que nem os insetos vão comer? É... e a consequência dos venenos é tão grande que muitas vezes conseguimos sementes de frutas, legumes, raízes, que precisamos tratar durante um tempão acostumando ela a brotar, forte, sem agrotóxicos.

Alexandre: como assim tipo: tu recupera sementes viciadas? Tu tem um sitio de recuperação de sementes adictas? (risos).

Marcelo: é quase isso. A planta se acostuma a crescer nutrindo-se de determinados materiais a disposição. O agrotóxico é poderoso e ensina um jeito de crescer. A gente precisa ensinar outro jeito dela crescer. E junto disso não é só a planta, mas todo o sitio que produz o orgânico precisa estar de acordo com um modo ecológico. Por isso falamos em agricultura orgânica agroecológica. Desde a água até o tipo de comida que se dá aos bichos, ao tratamento do esgoto, o descarte dos dejetos, o cuidado com o lixo. Algumas hortaliças precisam apenas de plantas específicas em volta para ficarem longe de alguns insetos.

Alexandre: que interessante essa ideia da agroecologia junto a produção do orgânico. É uma orquestração da propriedade rural bem mais complexa do que apenas produzir um determinado tipo de alimento orgânico.

Marcelo: isso. Pra tu ver, tem propriedades com grande produção de soja com agrotóxico, que daí produzem numa parte pequena da propriedade alface orgânica. Por exemplo. Mas a soja é com agrotóxicos! Olha a confusão, ou oportunismo! Ou, ainda, a comida dos bichos é ração industrializada. Na agroecológica é todo o sitio que funciona orgânico. Eu gosto de falar disso por que existem outros modos de produção de alimento sem veneno só com acúmulo de conhecimento do manuseio da terra, das plantas. A gente pode comer melhor, com mais sabor, mais nutritivo, com mais energia. Além do que a agricultura ecologia propõe que existam mais pequenas propriedades com diversidade de produção do que grandes extensões de terras com monocultura de determinado alimento. Isso requer treinar também o consumidor que invés de

ter sempre morango e bergamota a disposição terá que comer os alimentos da época. A política da agricultura ecologia e orgânica precisa de toda uma cadeia pactuada.

Alexandre: a coisa é complicada. Mas pelo visto, possível, estás a 20 anos nisso... Como tu entrou nessa dos orgânicos, Marcelo?

Marcelo: ah eu trabalhava em Banco, passava resfriado, com sinusite, com problemas intestinais. Uma série de coisas. Comecei a cansar da quantidade de remédios que precisava tomar. Uma vez li sobre os alimentos orgânicos e comecei a frequentar a feira de agricultores ecologistas (FAE) aqui do bairro Bom Fim de Porto alegre. Comecei a me alimentar com o rancho todo feito aqui. Percebi uma melhora significativa no meu quadro de doenças. Em conversas com os feirantes comecei a me entusiasmar com esse modo de pensar a comida, a vida, o mundo, e acabei largando o banco pra viver com isso. Hoje além de falar e propagar essa agroecologia, vivo apenas dela.

Alexandre: que legal, Marcelo. Que transição interessante de vida. E melhorou até a saúde....

Senhora: eu não tenho gripe a uns 5 anos...

(Passou uma senhora consumidora da feira que falou rapidamente perto do microfone do Marcelo que não ficava doente há uns 10 anos)

Alexandre: vem cá vem cá. Deixa a gente falar com a senhora... Já se foi pro espinafre. Só deu a dica e saiu... (risos). Bom Marcelo, que interessante isso da saúde.

Marcelo: claro que eu saí dum ambiente com ar condicionado, comecei a trabalhar mais em céu aberto, a mexer mais o corpo. Tudo fica orgânico. A gente se mexe, é uma academia.

Alexandre: é verdade, o cara não deve parar de ter coisa pra fazer num sítio ecológico, imagino. Mas me diz Marcelo, o que tu prefere plantar?

Marcelo: ah... frutas. Planto hortaliças, mas gosto de ficar vendo as árvores de frutas.

Alexandre: o que te faz gostar das frutas? Como é essa preferência?

Dionlenon: é que deve dá uma grana um monte de bergamota brotando.

(saltou no seu microfone e falou em tom de brincadeira. Todos riram)

Marcelo: (rindo) é pois é. Claro, preciso vender pra continuar vivendo ali e pra escoar a produção. A gente reparte muito da produção com vizinho, a gente troca muito.

Alexandre: vocês trocam muito as produções?

Marcelo: sim. Quando colho bergamota dou um saco prum vizinho, pra outro. Eles me dão ovos, ou um saco de batata, laranja. A gene se ajuda.

Dionlenon: que nem nós na rua. Se um tem, dá pro outro, a gente divide lanche, comida... roupa... colchão, até a cachaça a gente divide... (risada)

Alexandre: é, sem parceria, sem troca, fica mais difícil.

Dionlenon: e quem não divide a gente nem quer que ande com nós. Tem essa...

Alexandre: óh fica a dica... compartilhar as comidas facilita o convívio junto! Boa Dionlenon. (Marcelo estava se distanciando, mas ainda com o microfone na mão)

Alexandre: Marcelo antes de tu ir pras tuas tarefas, como é isso de gostar das frutas. É o dinheiro em cada uma, é o que?

Marcelo: rapaz, o dinheiro a gente usa né, mas não é ele não... (pensativo) as frutas são muito gostosas também, mas vou te dizer... que não é só isso também... Eu gosto... eu gosto desde pequeno; quando subia em árvore de amora, em pé de araçá vermelho, de ameixa amarela. Eu adorava comer fruta no pé montado nos galhos... Eu gosto, sabe... gosto de ver a árvore querendo andar... é, tipo cada fruta, sabe, é um jeito da árvore caminhar, se locomover, se espalhar. A laranjeira se deixar segue caminhando em cada semente e novo broto, com um tempo de locomoção bem mais demorado e usando a ancestralidade pra andar. Eu gosto de ajudar elas a caminhar. Eu plantar é um jeito de fazê-las andarem. Eu fui pra plantar muito por gostar disso tudo... Lembro muito do meu vô cuidando dum pé de morango... eu não tive pai, e meu vô me cuidou muito e ele me ensinava a ver a beleza de uma fruta inchando de doçura, de cor no pé, e que depois além de nos dar de graça todo seu sabor ainda nos dava força pra continuar vivendo outras cores e sabores.

(Marcelo falou isso e seus olhos ficaram cor d'água, teve gente passando imitando a cor do seu olhar, eu não falei nada por que dei uma engasgada cor d'água, fez-se um silêncio enquanto de fundo soava ainda Gilberto Gil... “eu quase que não consigo viver na cidade sem ficar contrariado...” Diolenon se aproveitando da pausa:)

Dionlenon: respeitei mano, isso é tipo poesia! Bonito. Eu já subi em muita árvore pra pegar fruta... muito vizinho já chamou polícia e meu vô me caga... dava uma surra de pau... mas viu como tem mais gente que pega fruta por aí... quem aqui já roubou fruta da árvore de vizinho? (risos. E saiu com o microfone perguntando na roda da RNR ali na FAE)

Rizoma sonoro

O rizoma sonoro tem no ruído e na profusão de sons a presença física das vibrações e frequências das ondas sonoras, mas também linhas e dimensões discursivas, narrativas, performativas, conceituais, vivenciais, emocionais, corporais (DELEUZE e GUATTARI, 2004). O rizoma sonoro também sugere que todo som é resultado de um clinâmen – inevitavelmente o som é contato, mistura, colisão, desvios, encontro, choque, movimento de elementos. Som de buzina de carro acionada pelo braço do motorista, som de pneu freado raspando no asfalto, estrondo, som de vidros quebrando caindo no chão, gritos de pavor.

A rua durante o dia recebe muito movimento. Som é movimento, embora nem todo o movimento tem um som audível. No centro da cidade onde se concentram muitos serviços, instituições e comércio o fluxo constante de pessoas e máquinas geram muito som, um rizoma sonoro múltiplo, variado, diverso, infreável, um magma sonoro urbano. Na trilha do som como movimento Schafer (2011a) liga o aumento da quantidade de sons ao crescimento das cidades, ao aumento da população, ao desenvolvimento de tecnologias, de motores, de veículos, de máquinas. Schafer (2011a) precisou cunhar seu próprio vocabulário para desenvolver seus estudos sobre o som: “ecologia acústica, esquizofonia, marca sonora, som fundamental etc.” (p. 11). Sua expressão mais significativa foi “paisagem sonora” (p. 11). Com ela Schafer define cada espaço geográfico com sua paisagem sonora ideal: os sons naturais do campo, da floresta e das cidades de antigamente (que ele chama de sons *hi-fi* de alta fidelidade onde se conhece o emissor e seu respectivo som). De outro modo, a agitação e o aumento de decibéis e de ruídos das megalópoles da atualidade seriam o som *lo-fi* onde “os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa” (p. 71).

Em seu livro *A Afinação do Mundo* (2011a), o autor se sensibiliza pela perda de audição no estresse desencadeado pelos sons brutos das máquinas da atualidade; da morte de alguns sons naturais em função da profusão dos barulhos desqualificados dos motores. Schafer estuda

o som no mundo para propor uma ecologia sonora nos lugares, nas ruas da cidade. Cita leis de silêncio, proibições de gritos em feiras a céu aberto com risco de detenção em casa prisional aos infratores no século XIX, por exemplo. Schafer lê o som de dois modos: o dionisíaco e o apolíneo. Na visão dionisíaca o som é caótico, subjetivo, aturdimiento, irracionalidade que “irrompe o peito do homem” (p. 21). Já na visão apolínea “a música é exata, serena, matemática, associada às visões transcendentais da Utopia e da Harmonia das Esferas” (p. 21) buscando harmonizar o mundo com um projeto acústico. Schafer prefere o projeto apolíneo. Ele pretende que a paisagem sonora seja um ato ecológico e racional de orquestrar quais sons beneficiam a vida humana do ser humano. Ele pergunta: “que sons queremos preservar, encorajar, multiplicar?” (p. 18). Por um timbre dionisíaco essa pergunta pode abrir para inúmeras propostas improvisadas, experimentais, inventivas, numa situacional orquestração imanente de sons – combinar sons do jeito que aprouver, *jam session*. Já apolinamente, se for para encontrar a melhor orquestração para determinado fim, a melhor paisagem sonora para um determinado resultado auditivo e vivencial, com controle de decibéis, escrutínio de timbres, equalização de profundidades, silêncios, talvez esteja-se insinuando um tipo de sonoropolítica, audiopolítica ou até um eugênico governo sonoro. Schafer é músico desde pequeno e desenvolve projetos pedagógicos musicais para treinar a percepção e a conscientização das pessoas sobre sons do mundo. Um projeto educativo complexo e contínuo que pretende “desalienar” o ouvido, mostrando as características dos sons para cada pessoa decidir as paisagens sonoras que lhe interessa. (SCHAFER, 2011b)

A RNR orquestra sons, improvisa, faz *jam session*, talvez administrando inclusive o dionisíaco e o apolíneo enquanto possibilidades paradoxais e imanentes na sua performance urbana. Por vezes o melhor é decibelizar aleatoriamente, improvisar, outras vezes é necessário focar política e apolineamente, como na entrevista com pessoas do MTST⁶⁷ que organizam ocupações de prédios abandonados nas cidades para moradia de pessoas sem teto – inclusive numa das performances da RNR instalamo-nos perto de um prédio abandonado pelo poder público, ou pelos proprietários, ocupado por alguns movimentos sociais e nos propomos a conversar com um desses movimentos para conhecer suas propostas de moradia.

Clandestino Mano Chao

Solo voy con mi pena / Sola va mi condena / Correr es mi destino / Para burlar la ley / Perdido en el corazón / De la grande Babylon / Me dicen el clandestino / Por no llevar papel / Pa' una ciudad del norte / Yo me fui a trabajar / Mi vida la dejé / Entre Ceuta y Gibraltar / Soy una raya en el mar / Fantasma en la ciudad / Mi vida va prohibida / Dice la autoridade / Solo voy con mi pena / Sola va mi condena / Correr es mi destino / Por no llevar papel /

⁶⁷ Sigla do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

Perdido en el corazón / De la grande Babylon / Me dicen el clandestino / Yo soy el que quiebra ley / Mano Negra clandestina / Peruano clandestino / Africano clandestino / Marihuana ilegal

(tocando a música Clandestino de Mano Chao numa RNR na rua da ladeira no centro de Porto Alegre)

Alexandre: vamos falar aqui com o...? (anunciei perguntando, me dirigindo com o olhar a Pitinga. Pitinga disse)

Pitinga: com o Lauro. Ele vai contar pra nós o que é esse prédio com essa baita faixa escrita MTST. Lauro por favor, tudo contigo. (Pitinga deu o microfone a Lauro)

Lauro: Oi pessoal, queria agradecer por esse microfone aqui do lado de casa, ou do que por hora é a nossa casa. Obrigado por esse convite pra falar aqui... (Lauro olhou o banner com o logo procurando o nome da RNR) ...na RNR. (Diolenon no outro microfone aproveitou)

Dionlenon: isso RNR, a rádio de morador de rua. Hoje tamo aqui perto amanhã tamo na redenção. Diz ai que a gente quer saber da faixa de vocês.

Lauro: aquela faixa ali naquele prédio é pra dizer que ali estão famílias de trabalhadores que não tem casa própria, o que é muito comum no Brasil. Todos trabalham, e mesmo assim não conseguem pagar um aluguel. MTST significa Movimento de Trabalhadores Sem Teto. E além do MTST também está o MLB que é o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas. Essa faixa ali também diz que essas famílias ocuparam um prédio que está entre os outros mais de 40 mil imóveis abandonados nessa cidade. Essas informações tu joga na internet e tu encontra. Ou seja, são muitos prédios abandonados, inutilizados para moradia que poderiam abrigar as mais de 75 mil famílias sem moradia e, com poucas ou nenhuma condição de pagar os valores de aluguel administrados hoje pelos proprietários e imobiliárias. Quero deixar bem claro aproveitando pra falar aqui pra cidade, aqui no centro, são 72 famílias de trabalhadores que moram naquele prédio ali com a faixa do MTST. (Lauro aponta para o prédio mais acima na esquina das ruas Andrade Neves e Gen. Câmara). Moramos ocupando tanto para ter onde morar quanto para militar por mais política habitacional, que hoje é muito fraca ou inexistente... tem famílias ali esperando os benefícios do ‘Minha Casa Minha Vida’, de 2009; outras esperando aluguel social, esperando enquanto trabalham. Todos ali trabalham. As desigualdades no Brasil são gigantes e mesmo tendo uma Constituição Federal que se propõe a cuidar dessas desigualdades, a aplicação dela é zero. Quando a política pública habitacional é falha, sendo a moradia um direito de todo cidadão brasileiro, ocupar é um dever⁶⁸ (Lauro estava vermelho, inflamado. Sua fala foi forte e densa. Algumas pessoas pararam para ouvi-lo. Outras ouvem enquanto caminham. Toca ao fundo Sergio Sampaio com “Eu Quero Botar Meu Bloco na Rua”)

Eu Quero Botar Meu Bloco na Rua – Sérgio Sampaio

Há quem diga que eu dormi de touca / Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga / Que eu caí do galho e que não vi saída / Que eu morri de medo quando o pau quebrou / Há quem diga que eu não sei de nada / Que eu não sou de nada e não peço desculpas / Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira / E que Durango Kid quase me pegou / Eu quero é botar meu bloco na rua / Brincar, botar pra gemer / Eu quero é botar meu bloco na rua / Gingar, pra dar e vender / Eu, por mim, queria isso e aquilo / Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso / É disso que eu preciso ou não é nada disso / Eu quero é todo mundo nesse carnaval

⁶⁸ A ocupação Lanceiros Negros foi violentamente desativada em junho de 2017 como pode ser conferido na reportagem deste link <https://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2017/06/lanceiros-negros-o-estado-contra-o-social/> acessado em 23 de setembro de 2018. Reportagem sobre déficit habitacional e imóveis vagos <https://www.sul21.com.br/cidades/2018/03/estudante-mapeia-predios-vazios-no-centro-e-sugere-transformacao-em-habitacao-popular/> acessada em 23 de setembro de 2018.

A paisagem sonora a qual a RNR propõe-se a inserir implica na decibelização de falas como a de Lauro. Um cenário repleto de sons onde alguns precisam ser incentivados para repercutirem e se propagarem rompendo com a paisagem sonora discursiva rotineira dos locais. Tanto os atos quanto os discursos são audiolizáveis para figurarem politicamente no cenário urbano. Inevitavelmente no mundo humano tem-se uma organização política do som e dos discursos; a RNR pretende inserir-se nesse jogo político paradoxal com a encrenca de salientar outros timbres, numa sonoropolítica apolínea e dionisiaca, figurando ativamente no embate de narrativas e valores.

Somos todos esquizofônicos

“Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 5)

A expressão *esquizofonia* criada por Schafer interessou quanto ao “empacotamento e estocagem do som e a do afastamento dos sons de seus contextos originais” (SCHAFER, 2011a, p. 131). Os radinhos de pilha, fita K7, CD, pen drive, gravador, ou qualquer aparelho que grave som e o reproduza sem a presença física do emissor gera a esquizofonia. A RNR esquizofônica toca nos autofalantes, músicas estocadas longe da presença dos músicos que a executaram.

“O prefixo grego *schizo* significa cortar, separar; *phone* é a palavra grega para voz” (p. 133). A esquizofonia é um conceito importante à RNR onde a estocagem do som pode ser pensada para além do armazenamento em aparelhos eletrônicos-informáticos, cogitando as falas que ressoam nos microfones como sons/discursos esquizofônicos separados de seus emissores, atualizando a performatividade de redes discursivas, inclusive, sem ciência de onde ou com quem iniciou tal emissão. Muitas falas, opiniões, conversas expressam-se pela voz com um repertório estocado de discursos, conceitos, enunciados, ideias aprendidas e apreendidas em contextos variados. Nesse sentido cada pessoa na RNR é um estocador de discursos, um esquizofônico. Com esse conceito de estocador de som pouco sabemos da implicação do conteúdo da fala com uma singularidade na história da pessoa ao microfone, ou da transparência do relato, ou ainda da adesão do falante ao conteúdo. Nosso trabalho, como radializadores da rua simultaneamente ao desejar e incentivar essas falas implicadas politicamente, é distraí-las de suas performances esquizofônicas, audiolizando sua estocagem, extraindo peculiaridades e singularidades das pessoas que falam para presentificar em diferentes atores-ações o discurso

proferido por elas. Não interessa a RNR contrapor necessariamente a opinião estocada compartilhada ao microfone. A esquizofonia como conceito nos ajuda inclusive a procurar através das entrevistas presentificar diversos fluxos da rede histórica geradora da estocagem de determinado discurso na fala da pessoa. A RNR entende que a rede que gera a estocagem de discursos nas falas é densa, sutil, sensível, política, prática, diversa, diz de toda uma perspectiva ética, um ponto de diferença, um envolvimento, como no discurso de Marcelo sobre a produção de alimentos orgânicos, ou o Pitinga falando sobre a complexidade da vida das pessoas em situação de rua, ou ainda em Lauro situando a jornada de 8 horas de trabalho com uma remuneração baixa que não auxilia no custeio da moradia. Qualquer fala na RNR tem em potência uma rede que pode ser que se consiga espaiá-la nos microfones. Já ocorreram falas onde foi difícil perceber o vínculo da estocagem do discurso com a decisão de estoca-lo, ou em qual rede vivencial se amparava. A esquizofonia pode ser um princípio interessante: todos nós usamos discursos, narrativas, sons, refrãos e bordões variados, e nem sempre sabemos presentificar/atualizar a rede sensível ontoepistemológica complexa que construiu essa aderência discursiva, tão pouco, sua atualização. A RNR como clínico-política é ferramenta de pesquisa dessa rede discursiva e das táticas de aderência provocando o falante a “vastiar”⁶⁹ sua fala esquizofônica percorrendo quais práticas, ações, profanações compõem suas “escolhas”. Ao mesmo tempo, a esquizofonia não é julgada na RNR como um desejo de alienação ou uma inverdade da voz que fala, mas é um problema à RNR que a fala ocupe um lugar e se desdobre – superando um modo discursivo em formato de bordão, ou refrãos hegemonicamente reiterados. A esquizofonia ao problematizar discursos presentifica ritornelos: os bordões/reiteraões/repetições junto as singularidades nas vidas/lugares de fala/diferenças existenciais.

Ladaia do discurso

Aliar-se a discursos é diferente de filiar-se a discursos (DELEUZE e GUATTARI, 2004). Esse último sugere uma aderência do falante a enunciados, regras, leis, padrões sociais, conceitos, verdades morais, construídas pelo aprendizado com figuras de poder naturalizadas, um apego ao discurso e aos personagens sociais hierarquicamente superiores que veicularam o discurso (pai, mãe, chefe, patrão, professor, padre, pastor, banda de rock, moral, capital). Já a

⁶⁹ Espalhar na superfície da rua a rede densa do discurso, vivendo cada palavra como vastidão comprimida.

aliança sugere um vínculo em parceria, interdependente, abandonando quando necessário qualquer discurso para gerar abertura a vinculação premente de novas diferenças. Nesse sentido, poderíamos acrescentar à problemática esquizofônica a ladaia da filiação e da aliança. A filiação sugere um sedentarismo, apego, uma velocidade baixa de mudança/dinâmica, uma alienação da performatividade discursiva presente no ato de fala, subjugando-se a discursos, reiterando hegemonias, resistindo a variações. A aliança sugere uma possibilidade maior de “nomadismo”, uma velocidade maior de desapego, tendendo a perceber-se politicamente ativo nos pronunciamentos e atento/pesquisando aderências no modo de discursar, nas performatividades discursivas do corpo (BUTLER, 2014), da roupa, do caminhar, do falar, do escolher, do comer, do amar, do trabalhar, do morar – uma dinâmica aliada a discursos com possibilidades cambiantes, imanentes, aberta a ajustes construídos junto aos acontecimentos, junto à diferença, junto aos estratos também. Como usarmos discursos como se fossem nossos? O que é a aderência do “Eu penso sobre”? Ou ainda, o que através de mim converge para determinado pensamento, fala, ato? Um tipo de “pensar *com*” que acontece num indivíduo, o pensamento como matilha? – são problemas sonorizados pelo conceito de esquizofonia. Como nos propormos presença, e na presença aliarmo-nos ao looping de perspectivas disparadas pelo mundo de misturas de corpos em devir, ritornelos, filiações e alianças discursivas? A RNR pretende também propor um ambiente de presentificação de singularizações na expectativa de serem as sutilezas extraídas daí que movimentarão a filiação e a aliança discursiva, tencionando o apego, o desapego e a reinvenção, vastiando. *Free jazz*. (ritornelo).

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o *agenciamento*. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 66)

Ao preferirmos ouvir o som de um determinado emissor que de outro, valoramos o ente que profere um som/discurso estocado, tanto quanto o próprio discurso. Com aparelhos eletrônicos parece audível a diferença de um com alta qualidade de outro de baixa qualidade. Como acontecem reiterações de indicativos e valores que conferem a determinadas performances de determinados corpos, com determinados marcadores categóricos de identificação, como: raça, gênero, classe, figurando esquizofonicamente como os mais legítimos e mais verdadeiros discursadores. O portador do som funcionando como o axiomático do discurso, um tipo de capital simbólico do ente (BOURDIEU, 2004). Diante da filiação ao

valor arbitrário de um esquizofônico, preferimos a aliança na polifonia (BAKHTIN, 1987) de práticas, cenários, ferramentas, móveis, paredes, portas, janelas, cores, roupas, comidas, veículos, pessoas, comportamentos, bagunçando os referências de valor com a RNR proliferando contágios: ocupando a rua modificando o cenário ordinário do espaço público; veiculando falas disruptivas e profanadoras; vasculhando redes de práticas através do sutil se propondo a um além da estocagem na linguagem, e se colocando como uma prática de dissidência ao que Foucault chamaria de “objetivação discursiva” (REVEL, 2005, p. 38) através da tentativa de presentificar redes concretas, práticas, agências singulares, visto que, ao mesmo tempo em que agencia discursos orais, propõe outras interações aos fluxos cotidianos da rua. A RNR performativamente é uma rede discursiva, pastoreando, vergando o real e os ruídos a uma determinada equalização. Nessa dinâmica a RNR objetiva discursos em aparatos concretos (ocupação a rua, moradores de rua como repórteres, caixas de som), mesmo que esses aparatos descontinuem outros objetos discursivos hegemônicos são também discursos objetivados. A RNR não pretende ser isenta, neutra ou tendo como única forma de relação com discursos a aliança. Entende-se a RNR como um dispositivo cheio de linhas contraditórias, paradoxais, e n dimensões, com regimes de filiação e aliança dinamicamente disparados nos contatos.

“[...] conhecer é inserir algo no real; é, portanto, deformar o real” (CALVINO, 2002, p.123)

A Assembléia dos Tijolos

Uma vez por mês eles aceitavam o desgaste de fazer uma reunião. Desgaste no concreto. Se esfarelavam em cada palavra proferida no grande grupo. É sempre na madrugada depois do vigilante da terceirizada cochilar. Poderiam até conversar antes disso, pois tudo o que o vigilante ouviria seria o som de lascas caindo no chão, estalos, rangeres. Preferiam não o impressionar com esses ruídos à noite, evitando qualquer estímulo que provocasse averiguação de os sons nas paredes. Depois de perceberem seu cochilo, começavam a reunião. Tijolo por tijolo a falar desrebocadamente.

Um dos tijolos fez questão de reclamar da calha. Ela, gulosa com a goela entupida de folhas, vazava água da chuva expondo todos: a parede com a maquiagem toda borrada; vários tijolos gripados com a umidade. A calha, insensível, negava-se a conversar com os de baixo. Outros parabenizaram a força coletiva do grupo de tijolos acima do marco de madeira da porta comido por cupins, por não cederam um milímetro à força da gravidade na última semana. Um dos participantes despencou tijoladas ao pessoal da prefeitura que só aparecia pra ver qual grupo de tijolos tinha recaído na infiltração – os tijolos do canto gritaram: “só por hoje”. O tijolo da ponta reclamou da tentativa de voo do seu reboco apaixonado pela lajota: acabou em cacos no chão, numa morte trágica e prematura e, o pior de tudo, deixando esse tijolo completamente nu. Todos fizeram um minuto de silêncio pelo tijolo que ficou desdentado depois dos humanos abrirem um buraco de tomada elétrica. Outros tijolos e rebocos exibiam os novos *piercings* ganchos, parafusos, mão francesa, vaidosos e orgulhosos.

Em resumo, uma vez por mês essa reunião expurgava as mágoas, e comemorava as alegrias de ser tijolo, reboco, parede, viga. Aproveitavam a falação para reiterar votos de parceria, parabenizando a rigidez de todos em estabilizar as paredes do prédio do Centro Pop. O reboco reclamou dos bancos grudados na parede; o pior era o cheiro dos cabelos. Os tijolos do banheiro gritaram ao longe se o reboco gostaria de mudar de lugar com eles.

Era tanto assunto para por em dia que usavam quase a noite toda para essa reunião. As conversas só eram encerradas pelos anciãos. Os tijolos mais velhos, os que ficaram mais tempo no forno. Aqueles tijolos que ficavam em baixo segurando o maior peso da estrutura. Um deles antes de encerrar o encontro comentou sobre a nova equipe de oficinairos que chegara ao prédio. “O que acharam?” Perguntou. Todos riram. Diziam: “a esperança humana... só porque se mexem com facilidade e falam pelos cotovelos acham que abafam onde quer que estejam”, outro disse rindo: “viram as caras de apavorados”. O reboco se ressentiu com esse comentário, achava que a má impressão à primeira vista era sua culpa. Outro falou: “e dizem que também vieram do barro”. (gargalhadas).

O ancião, sério, quieto. Esperava todos silenciarem.

Os outros tijolos percebendo sua seriedade, pararam. O ancião prosseguiu. “eles tinham um olhar assustado, mas um faro aguçado. Eles não gostaram de nós. São como os usuários. Não gostaram das paredes.” Todos ficaram contrariados, intrigados se estavam sendo preteridos. Continuou o ancião, “não nos usarão. Não usarão nossos cubículos nem nossos cuidados. E isso... não tem nada a ver conosco.” Nenhum tijolo entendeu bulhufas. Como se negariam a viver em suas dependências, confinados nas suas salas, sem que a bronca fosse com as paredes, rebocos e tijolos? “Eles querem o sol!” disse o ancião. Todos surpresos, indecisos, levemente desacomodados, se entristeceram e ressentiram.

Essa era a pior frustração para uma família de tijolos emparedados: perderem o sentido de existirem para os humanos. Desde quando eram barro no chão até o forno, a coroação de toda a extração, transformação em cubos retangulares, era ser uma parede – pertencer a uma casa, separar lugares, organizar salas, pertencer a um grupo de tijolos. Proteger humanos eram seus consolos. Serem preteridos enquanto paredes, era o inferno. O ancião continuou: “nós somos úteis, importantes, mas para sermos usados quando necessário. Nosso carma é ser o que

qualquer um quiser quando quiser.” Todos ficaram pensativos. Outro ancião deu por encerrada a reunião. Amanhecia, o cochicho que se seguiu foi silenciado pelo primeiro alarido da grade de ferro.

No mês seguinte, aconteceu a mesma reunião. Um dos tijolos mais novos, da linha mais alta da parede solicitou que a reunião começasse pelo ancião que finalizou o encontro passado. Todos consentiram.

“Obrigado pela honra de ser convocado após tantos anos de trabalho aqui em baixo. As notícias que trago são boas e ruins. Vocês que escolherão.” Todos atentos aguardavam. “Os oficineiros são artistas e realmente preteriram nossas salas.” Houve uma reação de tristeza. Continuou, “por um lado, é até bom. Aqueles tambores fazem um barulho atordoante”. O ancião falou que nem os artistas gostavam dos tambores e das músicas. Referiu que eles estavam perdidos, indecisos, arriscando de tudo: músicas populares, tango, ritmos variados, passos de dança. O artista que lhe chamou a atenção no primeiro dia parecia encabulado de não saber que proposta seria acolhida pelo pessoal, trouxe tambores, caixas de som, trouxe violão. “Esse grupo de artistas é diferente dos outros que vieram. Eles não ficam encostados na minha parede por muito tempo. São inquietos.” Alguém gritou, “queria ver eles tendo uma vida de tijolo!” O ancião: “não terão essa vida. Essa vida é nossa. E tu não terás a vida deles. Quer te mexer? O melhor jeito é te esfarelares para fugir com o vento. Faça! Eu te apoio.” Fez-se um silêncio na reunião. Todos temiam seus farelos, o envelhecimento, a decomposição sutil a ser carregada pelo vento. Retomou o ancião, “bom, voltando aqui, perceberam que os usuários ficam meio constrangidos? Nem todos se aproximam dos artistas...” Os tijolos de cima das paredes ao redor do pátio falaram: “mais ou menos, ancião, eles nos enfeitaram com parafusos e essas caixas que fazem som. Uma vez por semana um deles vem e conversa com as pessoas. Toda a conversa sai aqui nessas caixas. É impressionante.” “Ok, mas é evidente que não são todas as pessoas daqui que gostam desse som.” “Olha, eu gosto”, falou um tijolo. “Eu também”, falou outro. “Eu gosto do som”. “Eu também”. “Adoro as músicas”. Começou uma algazarra com todos falando ao mesmo tempo. Estavam faceiros com as caixas de som.

De repente: “Psssssiu, pesssssoal”. Todos ficaram quietos automaticamente. Um tijolo especial pediu a palavra. Ficaram mais que surpresos, ficaram apavorados. Esse tijolo tinha uma peculiaridade. Sua língua era presa. Inclusive, esse era seu nome: Língua Presa. Toda vez que falava, esfarelava-se fatalmente. Falar para ele era morrer. Isso o deixava silencioso. Na verdade, ele nunca falava. Quando ele pedia a palavra todos aguardavam algo muito sábio. Desejam sua sabedoria, fruto da sua condição, do seu silenciamento, das suas observações, pensamentos, de suas sensações. Mas se entristeciam. Sabiam que ouvi-lo era vê-lo falecer. O tijolo Língua Presa falou: “eu gosssto desssse sssom. Masss eu gosssto maisss é dasss caixasss na parede. O rapazzs esssse veio com ferramentasss, com osss “Lsss” pra aparafussar na gente. Fezsss todo o trabalho que trazsss esssse sssom gossstoso e ainda nosss enfeita. Ssserá que não é um jeito de termosss nova utilidade. Ao contrário de sssermosss paredesss protetorasss, sseparadorasss, confiandorasss, podemosss ssser puro enfeite, uma fesssta.” Os tijolos ouviam sua sabedoria com os farelos arregalados. Um deles acrescentou: “eu adoro olhar pra parede do muro toda grafitada e colorida.” O Língua Presa continuou: “é issso. A gente aprende a ficar csssheio de pierssscingsss e apetrechoss. Eu entendo a gente ficar aqui e ascshar legal.” Os tijolos do banheiro gritaram: “achar legal o car...!” “Ok, pesssoal sssei que vocssêsss não gossstam tanto dai. Masss sssó queria dizsser que eu sssei que a gente não pode falar na pressençssa dosss humanoss masss eu esstou sssussssurrando e cusspindo pra me esssfarelar não por que eu queira morrer, masss porque quero ver no que dá, quero sssair por aí. Nem que eu vá com o vento, como pó, areia, eu quero ir por aí! A gente é parede de um lugar que recssebe sssabe o quê? Pesssoasss em sssituaçssão de rua. Tem várioss deless que ssão bem ssedentárioss e preferem ficar no mesmo lugar. Várioss a gente conhecsse a anosss aqui. Mass ssempre tem unss, quasse metade, que ssão viajantesss. Ssão do ir. Dizsssem que vão a um lugar csshamado Viamão, Resstinga, e um lugar mágico a beira de um rio, um tal de Lami. Quando eu percsebo

passando oss que sssei que ssão nômadess eu me cusspo pra cssima delesss. Já me vi indo noss ombross, calçsass, cabelo, bigode. Vou indo! Já fui pro Rio com um que ia pro RJ. Pra Sssanta, num que ia a pé até Cssidreira.” Subitamente ele para de falar. Ficara fraco. Se espalhou pelo chão sem ter seus farelos carregados pelo fraco vento daquela noite. Todos ficaram em silêncio observando seus farelos pintarem a lajota. Uns imaginando como seria ser um humano e sair todo cuspidado de tijolo. Outros tentaram falar com a língua preszssa. Uns rezaram por reboco para não serem contagiados por essas insanidades do “sair por aí”. Outros, ainda, lembraram de seus parentes, aqueles tijolos usados em pé de armário, encosto de porta, churrasqueira improvisada de chão, no bujão de gás. Esses mantiveram-se tijolos e conseguiram algum movimento. Começaram a pensar que se pudessem, sairiam dali. Virariam toca de João de Barro, cinzeiro, panela de barro. O encontro foi finalizado depois desses questionamentos proferidos pelo Língua Presa.

Passaram semanas. Numa reunião de outro mês um dos anciãos rogou indignado: “como vocês foram capazes de fazer isso. Precisaremos chamar as autoridades para darem conta dessas insanidades de vocês. Chamar os técnicos da manutenção. Pedreiros. O capataz Massa Corrida. Tijolo não viaja. Tijolo não passeia. Nossa função é fazer muro e parede.” Vários concordaram. Os tijolos da parede em frente ao Língua Presa se sensibilizaram tanto com seu desaparego e com suas perspectivas que começaram, juntos, a tentar evadir. O esforço foi tanto que fizeram uma rachadura em diagonal, do canto de baixo à esquerda, ao canto alto à direita – onde ficava uma das caixas de som da rádio do Centro pop. Isso foi tão problemático que toda vez que tinha uma discussão entre alguns usuários e a equipe de técnicos a caixa de som vibrava e a parede se desfazia, voando com o vento em falecidos farelos.

Até os tijolos, importantes elementos nos agenciamentos da sociedade disciplinar, contagiam-se com os incentivos discursivos de uma sociedade de controle. Desabotoaram-se, abotoando-se. Movimentam-se de acordo com a rede discursiva que os convence: o farelo como possibilidade discursiva para suas vidas; o farelo como performatividade.

Ações, apetrechos, profanações, outros usos, enfeites. Agências que criam condições de possibilidade para outros atos e discursos. A fala não vem só. Linguagem não vem antes: “é preciso extrair das palavras e da língua os enunciados correspondentes a cada estrato e a seus limiares, mas também extrair das coisas e da vista as possibilidades, as ‘evidências’ próprias a cada estrato.” (DELEUZE, 2005, p. 62)

A performatividade é a constatação paradoxal de que nossos comportamentos são compostos por discursos, práticas, políticas, inseridos em redes de poder, de saber com processos complexos insistindo em atitudes, proposições do espaço, processos de imitação, de empreendimentos de modo a consolidar tendências, aderências e identidades aos modos como o corpo humano se desloca, se movimenta, age, deseja, se define (BUTLER, 2014). Nossa performatividade por vezes sonoriza-se quando somos tencionados pelo nosso entorno, excitados em encontros por outros modos de agir, por outras agências que podem desacomodar, estimular, angustiar, entusiasmar ou problematizar os comportamentos naturalizados colados a

marcadores categóricos de identificação/ação como gênero, raça, índole, classe, saúde. Segundo Foucault (2012) há uma rede complexa de práticas, instituições, dispositivos, forças que incidem sobre os seres humanos de modo a insistirem sobre uma determinada eficiência, relevância social e política, sobre a necessidade de determinadas práticas ao contrário de outras. Nesse sentido, presentificar seria vasculhar e narrar a rede de constituição e problematização dos comportamentos, dos discursos, audiolizando as variadas presenças que performam em rede e pretendem estabilizar e reiterar determinados formatos narrativos sobre a vida.

O Ruído

Há um ramo da matemática conhecido como “análise harmônica”, que se ocupa dos problemas da análise das curvas que aparecem num osciloscópio, para determinar os ingredientes de um som. Num “som musical”, todos os harmônicos são proporcionais a sua fundamental, e o padrão produzido é regular e periódico. Um ruído é muito mais complexo, consistindo de muitas fundamentais, cada uma com sua própria superestrutura harmônica, e estas soam em desarmoniosa concorrência umas com as outras. Na figura oscilográfica, o resultado é uma profusão de linhas em que é difícil ou impossível ver qualquer regularidade ou padrão. (SCHAFER, 2011b, p.124)

Embora seja solicitado aos olhos decodificarem e comprovarem o aleatório e múltiplo no ruído através do osciloscópio, o ruído na RNR já era vivido como rizomático, repleto de atores e ações, com suas múltiplas intensidades, forçando a presença no real sem regularidade e padrão. Existe harmonia sonora, mas ela é relativa. São muitas harmonias em coabitação e insinuam uma confluência caótica e dispersa. A ilusão de um som estar escondido por outro é uma confusão da linguagem, da ciência, pela primazia do olho como órgão preferido de constatação. Todo o som no ruído não tem necessariamente uma relação com estar escondido, dentro, mas uma relação com intensidade, força, pressão, compressão, no regime de volume e aturdimento vindo do atrito/movimento aberto no plano. Perceber elementos de baixo volume num carnaval imanente de sons exige curadoria, orquestração, sutileza e política. No entanto o som de volume baixo está ali compondo, presente, imanente ao ruidoso – uma Gestalt sonora.

Schafer separa a música como o som harmonioso, do ruído como desarmonioso. A constatação do osciloscópio é correta, mas a designação relativa. O desarmonioso também pode ser definido como música. Com John Cage, por exemplo, as portas do teatro onde tocava a orquestra, foram abertas para o som do trânsito de carros e da rua comporem a sinfonia musical. Nesse sentido, Schafer inclui uma série de estudos sobre a desarmonia e a dissonância como orquestrações musicais. Escreve sobre o italiano Luigi Russolo difusor da ideia de serem os sons desarmônicos do processo civilizatório/tecnológico os responsáveis pela ascensão do ruído

como a música do futuro. Amparado por estudos de engenharia da comunicação, para Schafer (2011b) o ruído é menos, sons em desarmonia e, mais, qualquer som indesejado: “quando alguém está transmitindo uma mensagem, qualquer som ou interferência que prejudique sua transmissão e recepção corretas é classificado como ruído.” (p. 126)

O estrépito na rua, a polifonia! A RNR piora o ruído. Pra RNR o estrépito é música, sinfonia. A RNR se insere nessa orquestração dissonante de sons na cidade. Mixar, decibelizar, radializar, microfonar, timbrar, ressoar: fazer política com autofalantes e focos divergentes em sonorizações heterogenias.

A vitalidade da rua embaralha valores: quem ou o quê é um emissor, ou quem ou o quê é um receptor, ou quem ou o quê codifica e decodifica algo? Confunde para quem era a mensagem de quem. Para a RNR todo esse paradoxo é ruído de códigos, papéis, funções, forças, intensidades, discursos. Isso cria uma profusão tramada rizomaticamente onde os ruídos não são um problema. A RNR é a conjunção paradoxal de muitos. Inclusive ela deseja o ruído-rizoma para surfar em suas ondas amplificando presenças contrapostas, justapostas, contra-efetuando, embaralhando os valores e uma curadoria hegemônica. Os sons estão presentes de modo a soarem como as forças vivendo de potência. A reiteração, hegemonia, dominância de uma força por outra, de um som por outro, é obra de um pastoreio das forças e sons previamente reiterado, precedente, antes da ocupação da RNR. A RNR improvisa o seu samba discursivo de modo que num momento de uma fala alguns transeuntes contagiam-se; em outros assuntos, outros transeuntes se excitam. As possibilidades de conexão, recepção, emissão de códigos se embaralha e se complexifica. Ocorrem fugas, evasões e aderências inusitadas.



Em *Le Betron* (2016) a noite é um momento especial onde a visão se torna inútil e o ouvido protagonista. O mais difícil da noite, além de não ver, é que uma série de elementos que durante o dia estariam compondo a paisagem sonora, silenciam. Com isso outros sons ficam audíveis. Durante o dia seria necessário decibelizar o som do estalo da madeira de um armário para que fosse audível em meio a tantos outros sons mais altos. A noite esse estalo reina, seu som audível é tão diferente que senti-lo causa até preocupação: o que está fazendo esse estalo acontecer?

O volume do som depende da pressão, da força com a qual algum evento *clinâmico* vibratório emitirá de ondas sonoras numa explosão multidirecional. O som tem uma relação direta com as matérias em movimento. Depende delas pra existir enquanto encadeamento

ondulatório a se propagar. Entender um timbre é conseguir ouvi-lo de modo a percorrer sons harmônicos e dissonantes, conhecer suas frequências. O som como agente epistemológico ressoa que os entes e seus efeitos estão aí basta criar ações de decibelação.

O vocabulário da escrita e da fala ligados a semântica do som, em contra-efetuação ao da visão, dominante, nos abre possibilidades. O som esta aí. Você pode não ouvir. Você pode gritar: “*aumenta o sooooo! Fala mais aaaaltooo!*” O som esta aí, mas decibelizado para menos. Está presente soando no ruído com toda sua força, misturado na equalização do ambiente, na preferência discursiva dos ouvidos, numa decibelação dada. Em paralelo a lucidez transcendente da consciência iluminadora do mundo escuro/desconhecido da ignorância, a decibelação da multiplicidade, de vibrações sonoras imanentes, em equalizações discursivas das presenças e saliências nessa imanência, desdobrando redes de ações comprimidas em suas esquizofonias – à decibelação, a profundidade como dentro não faz o menor sentido. Poderemos perceber a sutileza de um determinado som ao isolá-lo, ao encontrá-lo, ao decibelizá-lo, permitindo que inventemos linguagem ao mesmo tempo que percorremos agenciamentos. A zoeira discursiva de sons rizomáticos é politicamente definida como ruído para ter-se desqualificada, desvalorizada onde determinado procedimento de marcar categoricamente um som, identifica-lo é uma forma de valora-lo. Os decibéis equalizados denunciam o pastoreio/curadoria política-ética-estética dos elementos e discursos, narrativas e singularidades do ruído e do bom som, a RNR os atordoa, sonoriza o diverso, também o inútil, o desnecessário, equaliza politicamente valorando divergentemente.

(no Centro Pop)

Alexandre: Que que tu disse? (falei no microfone chamando o usuário que passou pela central da RNR e falou algo referente ao auxilio moradia, o assunto que estava sendo discutido no microfone). ei, ei, volta aqui meu... pessoal! O mundo oculto da rádio se manifestou, mas não deixou a mensagem audível. (estava tocando a música Changes do Tupac. Aumentei o volume, deixei os equipamentos e fui até a pessoa que passou pela radio e falou alguma coisa. Senti que precisava ouvir dele com mais clareza o que eu achei que tinha ouvido)

Robson: nada, nada. Não falei nada.

Alexandre: Robson diz pra mim então fora do microfone. (falei sem o microfone pedindo a repetição do que disse)

Robson: nada meu, só falei que dão o auxilio moradia como se essa galera não fosse fumar craque no quarto. (falou somente para mim).

Alexandre: Robson, tu precisa dizer isso no microfone. É importante a gente discutir isso.

Robson: diz tu então. Eu não vou falar nada. Fala tu. Pode dizer que eu falei (disse se sentando)

Alexandre: eu posso falar. Eu sempre falo ali. Mas eu acho que ia ser importante o pessoal te ouvir. Normalmente tu és silencioso. Fala só quando tem algo pra contribuir (incentivei. Ele balançou a cabeça negativamente. Percebi determinada indecisão. Desconfiei de que teria a presença de uma vontade de falar. Fui até o microfone. Baixei a música e disse)

Alexandre: bom estou tentando contato com o mundo oculto da rádio. Vamos fazer uma cessão com os espíritos da rádio. (risos). Dionlenon, põe a tocar para nós, uns atabaques aí no player. Vamos por aqui. (me deslocando no pátio em direção aos bancos ao fundo) Tô sentido que os espíritos do mundo oculto estão mais pra esse lado. Olelê. (brinquei com a questão do mundo oculto tentando uma aproximação humorística de Robson. Cheguei perto dele numa dança que imitava danças do candomblé e disse). Alguém nesse mundo tem algo a dizer? (posicionei o microfone na boca de Robson. Continuei) ...estou sentindo que tem alguém querendo falar. (encenando uma voz religiosa, disse) ...óh espírito de luz. Traga sua sabedoria para nós. Fale! (o microfone continuava apontado para Robson. Alguns em volta incentivavam Robson a falar. Robson ria e se esquivava. O som dos atabaques criava uma trilha sonora importante para a cena). ok, espírito oculto. Me use como cavalo. Vou repetir tudo o que disseres! (pisquei para Robson, tirando o microfone dele e aproximando minha orelha de sua boca, falando) ...ó espírito do mundo oculto da rádio, mande sua mensagem! (alguém cutucou Robson, ele sussurrou rindo)

Robson: quero ver alguém com aluguel social que não vai usar craque no quarto. (depois de ouvi-lo mexendo a cabeça)

Alexandre: óh! O espírito se manifestou! (risos) Silêncio! O espírito se manifestou! Ele disse algo difícil de compreender. Não sei se vocês estão preparados. Não vou falar... (brinquei tirando o microfone da boca. Resmungaram rindo e pedindo que falasse a mensagem, continuei) não sei. Vocês querem, mas... bom... vou falar. Se preparem. Aprendam com as palavras desse espírito, ele disse: ‘quem subir de joelhos no quarto alugado é um craque!’ (risos no grupo. Robson sorriu e me deu um pequeno empurrão, como que reclamando da minha mensagem distorcida. Todos riam) ...óh! O espírito não está satisfeito. Então talvez seja melhor ele mesmo falar... óh espírito! (todos riam e pediram para Robson falar. Posicionei o microfone na sua boca. Robson disse com o rosto vermelho, o olhar inquieto e com um sorriso constrangido)

Robson: não foi isso, cavalo! (risos) eu disse que queria ver as pessoas que ganharam o aluguel social não fumarem craque no quarto! (gritei)

Alexandre: aêeeee! O Robson falou na RNR! (todos comemoraram com assobios e palmas que Robson falara. Robson era um homem pacato, tranquilo, participativo, mas silencioso, discreto, mas assíduo. Perguntei) alguém quer comentar essa colocação do Robson? Aproveitar que ele tomou coragem para falar ao vivo na RNR e continuar o assunto?” (seu Adalberto veio ao microfone)

Adalberto: eu acho bom que ele fale isso. Por que a gente tem seis meses de aluguel social, é um bom tempo pra uns, pouco tempo para outros. Eu mesmo já tive com um desses e bebia varias vezes no quarto. Mas faz parte o cara beber no quarto. O aluguel social não é pra deixar o cara santo. (Dionlenon pegou o outro microfone)

Dionlenon: mas quando eu bebo, bebo pelo santo também. (risos) e eu bebo e sou santo! (risos. Robson fala algo de fora dos microfones. Vou até ele e coloco o microfone a sua disposição. Ele fala)

Robson: sim. Também acho. Ninguém tem que pagar de santo. Mas a galera que dá o aluguel social diz que é porque o cara já tá se comportando e querendo sair da rua. Isso irrita. Eu não consegui ganhar o aluguel social. Eu não acho que o aluguel social vai me tirar da rua. Eu queria o aluguel social para dormir melhor e pá, um tempo. Mas sem essa de ter que não usar droga. Como se fosse isso só que fez o cara tá na rua! (alguns concordam. Aproveito e pergunto)

Alexandre: gostei dessa tua questão aí. Boto fé. Mas fiquei curioso. Ia ser massa a gente conseguir fazer uma reportagem sobre quais são então as coisas que fazem a galera ir pra rua? (Nisso um monitor avisa que o lanche da tarde vai ser servido. Todos se levanta gritando lanche! Dionlenon no microfone grita bem alto “LANCHEEEEE!” Todos vão em direção a sala que dá acesso ao refeitório do abrigo municipal onde eles lancham. Aviso que continuaremos essa conversa depois do lanche. Todos consentem. Após o lanche cada um chega num momento

diferente. A maioria vai embora recomeçar suas ladaias do dia. Poucos ficam e o assunto anterior esfria. Robson passa por mim, da um tapinha nas costas com olhar alegre e se despede.

Mudanças (título original, Changes. Tradução a baixo) – Tupac Shakur

Vamos lá vamos lá Eu não vejo mudanças. Acordo de manhã e me pergunto. Vale a pena viver .Deveria eu me matar? Estou cansado de ser pobre. E pior ainda eu sou preto meu estômago dói tanto. Estou procurando uma bolsa para roubar. Policiais não dão a mínima por um negro. Puxar o gatilho matar um preto ele é um herói. Dar crack para as crianças quem se importa. Menos uma cara feia pra assistência social. Primeiro embarque-os na maconha e deixe-os lidar com os irmãos. Dê-lhes armas se afaste e assista-os se matarem. É hora de revidar é isso que Huey dizia 2 tiros na escuridão agora Huey está morto. Eu tenho amor pelo meu irmão mas nós nunca podemos ir a lugar algum. A não ser que compartilhemos. Nós temos que começar a fazer mudanças aprender a me ver como um irmão. Ao invés de 2 estranhos distantes. E é assim que deve ser. Como pode o Demônio levar um irmão se ele está perto de mim? Eu adoraria voltar ao tempo em que éramos crianças. Mas as coisas mudaram e é assim que é. Vamos lá vamos lá. Essa só é a realidade. As coisas nunca mais serão iguais. Essa só é a realidade. Eu não vejo mudanças tudo o que vejo são rostos racistas ódio desnecessário traz desgraça para as raças. Eu imagino o que nos custa fazer deste um lugar melhor vamos apagar o que sobrou. Tirar o mal das pessoas elas agirão corretamente. Porque tanto preto quanto branco estão fumando crack hoje a noite e só quando nos esquentamos é que nos matamos leva habilidade para ser real, tempo para curarmo-nos. E mesmo que pareça enviado do céu. Nós não estamos prontos para ter um presidente negro, uhh. Isso não é um segredo não oculte o fato as penitenciárias estão lotadas e cheias de pretos. Mas algumas coisas nunca vão mudar. Tento mostrar outro caminho mas você fica no jogo das drogas. Agora me diga o que é para uma mãe fazer sendo real não apelar para o irmão em você. Você tem que fazer as coisas do jeito fácil. "Eu ganhei mil hoje" mas você o fez num jeito sórdido. Vendendo crack para a criança "Eu tenho que ser pago". Bom aí, é assim que as coisas são. Nós temos que fazer uma revolução. É hora de nós como pessoas começarmos a fazer algumas mudanças. Vamos mudar nossa forma que comemos, vamos mudar nossa a forma em que vivemos. E vamos mudar a forma como nos tratamos. Vê, a forma antiga não estava funcionando por isso cabe a nós fazer. O que temos que fazer para sobreviver. E ainda assim não vejo mudanças não, não pode um irmão ter um pouco de paz. É guerra nas ruas e guerra no Oriente Médio. Ao invés de guerra contra pobreza eles fazem guerra contra as drogas para que a polícia possa me incomodar. E eu nunca fiz um crime eu não tenho que fazê-los. Mas agora estou de volta com os pretos devolvendo para você. Não os deixe-os te chamar de macaco fazê-lo recuar, tira-lo do sério e te espancar. Você tem que aprender a se controlar eles ficam com inveja quando te vêm com um celular. Mas diga aos policiais que não podem tocar nele. Eu não acredito nisso quando eles te atacarem eu acabo com a deles. Esse é o som da minha arma você diz não ser legal, minha mãe não criou nenhum otário. Enquanto eu for negro eu tenho que ficar ligado e eu nunca tenho descanso. Porque eu sempre tenho que me preocupar com as vinganças de algum cara em quem eu dei uma dura há muito tempo que está de volta depois de todos esses anos rat-a-tat-tat-tat-tat essa é a realidade, uhh. Vamos lá vamos lá. Essa só é a realidade. As coisas nunca mais serão iguais. Essa só é a realidade. Algumas coisas nunca mudam

O discurso de Robson era um discurso diferente dos bordões de abandonar as drogas ou ser um cidadão de bem, normalmente presentes em falas coletivas. Robson concentrava as vozes de quem usa drogas e continuará a usar, e isso não necessariamente defina sua situação de rua, tão pouco seu valor como pessoa. Esse discurso era sofisticado e interessante de ser compartilhado nos microfones. A voz baixa, discursando minoridades, precisava de decibéis contagiados por artifícios. Extrair esses decibéis não é apenas tarefa da energia elétrica. Afetar-se e fazer a voz e seu conteúdo acessarem a energia eletroacústica permite desmembrar determinados paradoxos e transversalismos, no caso, da pessoa da rua, quiçá estimulando o valor de novas narrativas.

A RNR por entrar na ladaia do Ruído pode ter uma segunda designação acrescentada no último “R”: será tanto Rádio Na Rua quanto Rádio No Ruído. A RNR se insere no Ruído da rua. Para os desinteressados ela é mais um elemento desprezível da poluição sonora do centro

da cidade. Mas graças aos amplificadores elétricos os decibéis da RNR conseguem se sobressair em meio a outros sons e assaltar orelhas disponíveis. Le Betron (2016) nos diz que “os ouvidos sempre se abrem ao mundo [...]” (p. 129), é um dos órgãos da percepção que pouco consegue escolher não ser acometido pelo estímulo. O tato, o paladar, o olfato e os olhos conseguem de alguma forma blindarem-se aos estímulos. Tranca-se o nariz, fecha-se os olhos e a boca, se distancia e evita o toque e contato da pele. Mas o ouvido está ali disposto, aberto. Mesmo tapando com o dedo ou algum artifício como fone, se ouvirá menos, mas não se deixará de ouvir completamente. Os adolescentes desenvolveram um truque interessante com os fones de ouvido e os aparelhos de estocagem de som que reproduzem música ou acessam rádios FM. Os fones em altos decibéis fazem a música criar uma parede de som que impede qualquer outro som externo aos fones de chegar num decibel que compita com a música e seja audível – o jeito de parar de ouvir coisas é fazer ouvir mais alto uma coisa só, monopolizando a audição. Obstinar-se por uma via apenas para cessar outros assédios. O monopólio decibelizado de um determinado som impedindo a audiolização de outras narrativas é próprio dos modos de relação colonialistas que decibelizam monoculturas discursivas necessárias a determinado governo de si e das populações. Assim poderíamos facilmente relacionar o som tratado como ruído vinculado discursivamente a movimentos de valoração hegemônicos. Os discursos/músicas reiterados com altos decibéis agenciam modos de vida específicos onde se estratifica/filia o que é possível reconhecer e ouvir como um som bom, de quem ele vem ou do quê ele é feito. O som bom e o som que atrapalha têm lugares políticos, éticos e estéticos no cenário das cidades, do governmentação, das dominações e controles.

O ruído é o som indesejado. Quais sons desejo e não desejo? Que sons chamo de ruído. Vindo de que emissor? Som e emissor parecem categorias físicas, e são, mas também são discursivas e acometidas por táticas e práticas de poder/saber. Os sons preconizados como ruído danificador da paisagem sonora “ideal”, são desprezados e/ou atacados para serem emudecidos. A eugenia do melhor som social pode desconhecer sons de emissores subalternizados. A esquizofonia além de nos trazer o problema de que tipo de sonorizações teóricas, ideológicas, morais estocamos e pouco percebemos nossa reprodução disso, quem estoca também empresta sua legitimidade social ao discurso proferido/estocado. O estocador acrescenta importância e relevância ao discurso: a fala da mulher negra (RIBEIRO, 2017) performa um valor social diferente da fala do homem branco, por exemplo. Assim a orquestração de uma paisagem sonora ideal além de escolher timbres e sons não agressivos aos ouvidos (SCHAFER 2011b), pode reiterar exclusões e silenciamentos de categorias sociais, de grupos étnicos, de existências menores desinteressantes, indesejadas e/ou invalidadas. Pode-se assim, insinuar uma

naturalização de formas-corpo-comportamentos que não presentificam a rede de ações que as compõem, substancializando e permitindo determinadas hierarquizações que segmentam arbitrariamente e discriminadamente os entes e o *socius*. Djamila Ribeiro (2017) ao escrever sobre lugar de fala, articula os emudecimentos, subalternizações e submetimentos da mulher negra derivando em silenciamento como categoria social, como existência não reconhecida enquanto sujeito e tão pouco como “categoria de análise” (p. 38), historicamente figurando como o Outro do Outro: além das mulheres negras serem mulheres, o Outro do homem branco, são também o Outro das mulheres brancas, por serem negras. O Outro enquanto categoria que confina determinadas existências excluindo do mundo comum, destituindo esse Outro de decibéis, emudecendo, invisibilizando-o, desvalorizando. O lugar de fala em Djamila Ribeiro é onde esse Outro, desconsiderado socialmente, é quem se autodefinirá através de suas próprias linguagens, agências e ações. Mesmo mudo ou invisível o Outro quem precisará também construir ferramentas de autodefinição para não padecer com definições subalternizantes ou colonialistas. Nesse sentido, nesse momento da escrita, gostaria de trazer uma edição da RNR que aconteceu junto a uma categoria do Outro, os designados também com um imaginário que invisibiliza suas singularidades étnicas – como o som-ruído desprezível, quando percebido é facilmente assujeitado, designado como desinteressantes, desnecessários, anedóticos, o Outro primitivo. Aqui agora, no caso, os indígenas da etnia Mbya Guarani que além de serem ruidosamente inofensivos aos ouvidos colonizadores, são sonoridades sutis desejadas na RNR. Com eles vivemos uma poderosa RNR vivida junto a sonoridade, a voz, o canto, os sons do mundo Mbya Guarani no parque da Redenção em Porto Alegre. Segue abaixo.

Realizamos uma RNR no Dia Mundial dos Direitos Humanos, no domingo 10 de dezembro de 2017 ao lado do monumento do Expedicionário no Parque da Redenção em Porto Alegre. Muitos apoiadores estavam envolvidos: a Assembleia Legislativa do RS, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos dessa Assembleia, Conselho Estadual de Povos Indígenas (CEPI), o coletivo ‘A Cidade Que Queremos’, Associação dos Juizes pela Democracia, Raiz: Movimento Cidadanista, Diretoria de Direitos Humanos da Associação do Procuradores do Estado (APERGS), além de artistas, entidades e simpatizantes. Essa mobilização no dia mundial dos Direitos Humanos foi organizada principalmente em função dos 10 meses da retomada de terras ancestrais dos Mbyá Guarani no município de Maquiné, no litoral norte do RS. No dia 27 de janeiro de 2017, 27 famílias Mbyá Guarani retomaram, de forma autônoma e pacífica, 367 hectares de terra onde estava instalada uma fazenda experimental da FEPAGRO, fundação estadual extinta em dezembro de 2016 pelo governo de José Ivo Sartori. Segundo o

cacique André Nenites, “decidimos retomar nossa terra quando soubemos da extinção da FEPAGRO e que essa terra, de nossos ancestrais, seria vendida para construção de condomínios” (fala do cacique no microfone da RNR).

Tudo o que aconteceu nessa RNR junto aos Mbyá Guarani foi diferente de todas as outras performances. A começar pela instalação dos equipamentos: normalmente ocupamos locais onde teremos muitas pessoas circulando, onde nos posicionamos em meia lua empenhados em enchê-la com quem passeia. Visualmente de fora a RNR é uma instalação modesta. O surpreendente é o som que dá vida aos equipamentos. As pessoas chegam excitadas pela música, pelas brincadeiras, pelos assuntos, ou apenas curiosos com os moradores de rua ao microfone. Mas na RNR da retomada Mbyá Guarani marcada para começar às 10 horas da manhã, o sol a pino estava poderoso demais interferindo na decisão do local a instalarmo-nos. No parque da Redenção seguidamente nos ficamos ao lado do monumento do Expedicionário onde o público costuma passar para ir a outros cantos do parque. Mas naquele dia com o sol castigando nossas cabeças, com poucos passantes, a organização não indígena do evento divergia sobre onde fixar a RNR. Avistamos os Mbyá Guarani, tranquilos, sentados posicionados num gramado na sombra das árvores de uma área reservada, atrás dos bancos do parque, nos canteiros gramados. Nunca instalávamos a RNR nesses locais mais reservados com receio de perdermos a abordagem aos transeuntes. Mas era inegável que a decisão de sair do sol era acertada e fomos para junto ao seu acampamento, na sombra, menos expostos ao sol. Lamentei que não faríamos a abordagem costumeira dos passantes com brincadeiras e entrevistas improvisadas, contudo, fomos surpreendidos pela sombra, pelos os Mbyá Guarani e os novos modos de ser/estar à RNR naquele local reservado.

A meia lua da RNR não demorou a ficar cheia. A ideia de ir à sombra foi boa também aos transeuntes do parque. Em pouco tempo estávamos brilhosos na nossa “roda-lua” cheia de pessoas. A RNR começou com falas de entidades, simpatizantes, militantes da causa indígena. Entrevistando, ampliávamos as informações sobre a retomada das terras em Maquiné. Alguém referiu que a população de Mbyá Guarani havia sido retirada desses hectares há 80 anos. Entre conversas, depoimentos e entrevistas, aconteciam atividades culturais: um grupo musical cantando um tipo de música regional negra do litoral do RS com o tambor de sopapo organizado pelo ativista cultural Richard Serraria, o compositor Nelson Coelho de Castro e Marcelo Delacroix, o grupo performático de pacientes do Instituto Psiquiátrico Forense (IPF). No entanto entre todas as atividades durante as 6 horas de duração da RNR, as expressões dos Mbyá Guarani foram incomparáveis. Estar em contato com a força de sua ética de vida, com sua epistemologia, poesia, com outros modos de estar no mundo foi surpreendente.

Numa dança em roda, as crianças e mulheres indígenas mobilizaram o público em torno de suas cantigas e coreografias. Com os não indígenas dançando junto, o canto sagrado das crianças Mbyá Guarani conduzia o parque. Cantavam as águas, as árvores, os animais que para eles são entidades entendidas como sagradas, manifestando ancestralidades junto à Nhanderú (espírito da floresta). A fala e o canto das crianças Mbyá Guarani é percebida como presença de elementos espirituais, onde a expressão oral atualiza os ancestrais indígenas pelo cultivo de seus modos de ver, ouvir e viver o mundo, outorgando a criança indígena um lugar de fala potente, reconhecido e compondo um tipo de horizontalidade coletiva. Essa potência contida na expressão oral dos pequenos constrói outras possibilidades epistemológicas à infância, influenciando no modo da aldeia se organizar, inclusive, escolarmente (STUMPF; BERGAMASCHI, 2016) – nas escolas os Mbyá Guarani desejam adquirir os conhecimentos do homem branco com a intenção de *guaranizar* o mundo mais do que embranquecer sua cultura. Em algum momento ao microfone o cacique compartilhou: “A gente vem até vocês para pedir ajuda. Nós não queremos ficar isolados, a gente quer ensinar como vivem os Mbyá Guarani e a gente precisa de vocês pra ajudar manter nosso modo de vida.”

Além de um rapaz indígena, apenas mais dois caciques falaram. A ideia de a palavra ser sagrada confere ao silêncio uma presença fundamental entre os Mbyá Guarani. O silêncio sacraliza a palavra falando-se o necessário ao modo de vida Mbyá Guarani. Diferente de ser um silenciamento por opressão ou lei, o não falar Guarani existe por seus costumes de troca de conhecimento através da observação, imitação, por hábitos de contemplação da natureza. Os caciques falam inspirados com imagens surgidas nos sonhos, em rituais, em visões onde Nhanderú e seus ancestrais mostram caminhos importantes à aldeia (MENEZES; SILVEIRA, 2016).

Num determinado momento da tarde outro cacique falou alguns minutos ao microfone na língua Mbyá Guarani. Foi importante ao parque ouvir aquelas palavras desconhecidas. Foi definitivo a RNR ter aquela língua nos autofalantes. Além da dança, dos costumes, da facilidade de sentar ao chão que daria inveja aos instrutores de yoga; os Mbyá Guarani fincaram suas palavras na natureza do parque marcando sua diferença radical e visceral dos modos de vida na cidade. Ao retomarem sua terra ancestral, mostrarem parte de suas danças e cantos, compartilharem seus entendimentos do mundo, sua espiritualidade, falando sua língua, o cacique problematiza o que é ser estrangeiro, imigrante e/ou refugiado. Após um longo discurso entusiasmado e ancestral o cacique traduz resumidamente seu pronunciamento em guarani:

precisamos de ajuda, o massacre aos índios continua acontecendo em muitos lugares desse país e a gente precisa de ajuda pra demarcar a nossa terra em Maquiné. A gente estava esquecido na beira de estradas, vivendo em acampamentos ruins. Queremos

viver nossa cultura com dignidade. Que o governo reconheça isso. Precisamos cuidar da nossa Tekohá Ka'aguy Porã (aldeia mata sagrada). Conhecemos muito bem essa mata de onde voltamos a tirar frutas, remédio, e com águas onde nossos filhos estão pescando, aprendendo a caçar e a viver conforme nossa cultura e tradição. Desde que estamos aqui nossa alegria foi voltando. Ninguém mais ficou doente. O nosso modo Guarani Mbyá precisa continuar vivendo. Vocês precisam nos ajudar com seus chefes a deixar essa terra dos nossos ancestrais pra gente viver. (fala ao microfone da RNR)

O cacique ainda contou que a retomada dessas terras ancestrais foi organizada somente pelos Mbyá Guarani não tendo participação da FUNAI nem de entidades civis. A parceria com instituições e fundações foi solicitada após a retomada para acelerar o debate político e jurídico com o governo do RS. Foi a primeira retomada de terra indígena autônoma no estado. A fala do cacique foi aplaudida pelo parque. Sua fala em língua Guarani, ao contrário da língua padrão brasileira, ressoa na proposição de bell hooks (2013) em que

não necessariamente temos que ouvir e conhecer tudo que é dito, que não precisemos “dominar” ou conquistar a narrativa como um todo, que possamos conhecer em fragmentos. Proponho que possamos aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de [*silêncio*]; que, no ato de ouvir pacientemente outra língua, possamos subverter a cultura do frenesi e do consumo capitalistas que exigem que todos os desejo sejam satisfeitos imediatamente; que possamos perturbar o imperialismo cultural segundo o qual só merece ser ouvido aquele que fala [a língua padrão] (p. 232)

O silêncio é parte fundamental do entendimento da palavra como sagrada, o som emitido é o espírito que anima a matéria. A linguagem dos animais, os sons emitidos pela natureza e pelas crianças são expressões onde apenas o silêncio promove a disposição necessária à contemplação dessa outra linguagem. Segundo Castro (2015) é uma concepção que compreende uma unidade espiritual com uma diversidade de corpos. As linguagens variadas são modos resultantes da manifestação do espírito da floresta, Nhanderú, junto a cada corpo específico. Os corpos existem coabitando horizontalmente cada qual ao seu modo atualizando e manifestando Nhanderú, sutilmente. O silêncio operou nessa RNR com os Mbyá Guarani. Após a fala do cacique, um integrante da aldeia pediu licença para tocar sua flauta feita de um cano de plástico PVC contruída com restos de uma construção em que estava trabalhando de servente de obra. Gentilmente, sem esperar instruções foi se posicionando em frente ao pedestal com o microfone. Tinha tantas pessoas para falar, cantar e dar entrevistas inscritas que o flautista surpreendeu a todos com seu ímpeto, simplesmente se posicionou aguardando a permissão para tocas. Liberamos o microfone, demos um sinal e ele começou a soprar na sua flauta artesanal. Foi o som mais lindo que aconteceu naquela tarde. O parque silenciou. Conforme sua melodia nos encontrava causava mais arrebatamento e contemplação. O volume do microfone da flauta foi aumentado, nem os pássaros faziam barulho. A roda só viva a flauta com os olhos cor d'água, marejados. Foi emocionante viver aquele momento assim como escrevê-lo aqui. Ao final de sua música, o rapaz saiu rapidamente do centro da roda grato aos aplausos. Foi chamado

ao microfone para dizer seu nome, contar sobre a flauta de PVC⁷⁰ e de como havia aprendido a tocar. Com as mãos tremendo, a voz insegura e os olhos emocionados, disse que há 4 anos simplesmente construiu a flauta com sobras de um trabalho e Nhanderú o fez tocar.

Aprender a contemplar, aprender a força do silêncio, a atualidade de uma espiritualidade imanente que nos abraça, atualizar os ancestrais presentificados nas ações do Mbyá Guarani no mundo, são elementos aprendidos nessa RNR que compõem a ontoepistemologia Mbyá Guarani (STUMPF; BERGAMASCHI, 2016). Nessa RNR ficou evidente a necessidade de construirmos narrativas múltiplas, reconhecer as híbridas perspectivas epistemológicas que nos compõem e aprender outras tantas com os outros. Os Mbyá Guarani desenharam para o público do parque da Redenção naquele dia o que é um modo de vida, uma epistemologia outra, complexa e peculiar. Um Outro como sujeito imante, potente, legítimo. Surge também a curiosidade de conhecer a quantidade de epistemologias que nos compõem para escolhermos quais desejamos atualizar conhecendo o hibridismo singular de múltiplas epistemologias em coabitação e atuação em nossas práticas, em nossas performatividades, em nossos discursos, intensidades, em nossos modos de vida. Demonstrou-se nessa RNR a necessidade de lutar para defender modos de vida de um imperialismo, de um capitalismo predatório que pretende preponderar como formas de relação com o mundo – nesse evento a Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua foi rebatizada, tornou-se a rádio das pessoas em situação de LUTA!

João Maurício, colega de mestrado, segundo email.⁷¹

Oi Alexandre... Segundo encontro,

Haviam acontecido outros como o aniversário da AGAPAN entre outros. Mas coloco como o segundo a experiência de fazermos juntos um programa de apoio a Retomada Mbya-Guarani em Maquiné. Os indígenas retomaram área de mata-nativa na Mata Atlântica, litoral do RS. Comemoração ao dia Internacional dos Direitos Humanos. Montada a Rádio na Rua, no largo do Expedicionário no Parque da Redenção. Dia quente, muito quente, do início do verão em Porto Alegre. Equipamentos montados com som dirigido para dentro do parque, com árvores e sombras frondosas. Combinações iniciais com grupos, movimentos e instituições presentes. Rádio de Pessoas em Situação de Rua entra no Ar... primeiras manifestações: lideranças indígenas falam sobre sua Retomada de área ancestral, deputado estadual presidente da Comissão de Direitos Humanos faz sua fala de saudação, vou dividindo com o pesquisador/radialista o programa, chamamos representantes de movimentos para suas manifestações. De repente os equipamentos param de funcionar e recebemos informação que

⁷⁰ PVC é sigla do policloreto de vinila utilizado na fabricação de canos de diferentes bitolas para sistema de encanamentos de água.

⁷¹ Correspondência de e-mail trocada em 02 de julho de 2018.

um grupo de Rap e samba de apenados de Instituto Forense já estava chegando para se apresentar. A rede de eletricidade havia sido invertida em relação aos equipamentos e um amplificador havia queimado. O grupo de apenados e internos chegara tocando suas músicas e estavam muito animados para se apresentarem no dia dos Direitos Humanos em apoio aos indígenas. Pedimos que aguardassem alguns minutos para que fosse resolvido o problema técnico. Demoram vários minutos em relação a expectativa dos músicos e cantores com que tinham horário para o retorno ao Instituto. Recebo informação de um dos técnicos de que alguns detentos teriam horário para tomar seus remédios de tarja preta. A mesma técnica retorna depois de uns 10 minutos que alguns detentos do instituto começaram a pensar que estariam sendo boicotados na sua apresentação. A tensão aumenta, o radialista/técnico/eletricista/pesquisador/psi segue aguardando equipamento que outro apoiador dos Guarani e do evento fora buscar. Chega outro amplificador. Enquanto o equipamento vai sendo instalado, abro o programa da Rádio, mesmo sem microfone e chamo o grupo pra se apresentar. Peço atenção de todos e todas, indígenas, representantes de movimento feministas, LGBT, ambientalistas, músicos, defensores de direitos, professores, servidores públicos do município e do estado ficam atentos a apresentação. Ao final da segunda música o amplificador e os microfones voltam a funcionar. A chamada a Rádio de Pessoas em Situação de Rua é feita ao microfone, anunciada nova apresentação do grupo que realiza sua fala sobre o projeto e sobre a importância de estarem nesta comemoração dos direitos humanos em apoio aos indígenas. Termina a apresentação e chamamos uma liderança indígena pra falar. Porém, antes da chamada, dialogando com o pesquisador radialista, cunhamos uma expressão que resolvemos ampliá-la pelas ondas microfônicas: “esta é a RADIO NA RUA, A RÁDIO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE LUTA”. A cada chamada de nova apresentação de músicos, cantores, cantoras ou de algum representante de movimentos sociais que ia dar seu recado como defensor de direitos humanos, voltávamos com a chamada A Rádio na Rua, Rádio de Pessoas em Situação de Rua, a RÁDIO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE LUTA. Boas músicas, boas e fortes falas, rede de apoiadores aos indígenas e aos direitos humanos, ao direito a diferença ia sendo explicitada e fortalecida. Amalgamento de relações fortalecidas e amplificadas pela Rádio na Rua. Até às 16h a Rádio de Pessoas em Situação de Luta ficou no ar. Sons, batuques, música popular, coral Mbya-Guarani vão animando o prazeroso dia dos direitos humanos. A Rádio na Rua amplifica e costura, tece, amarra as pontas e sons dos direitos e dos humanos, aproxima e coloca as pessoas em outro plano e em outro território de existência. Ao final do evento, do acontecimento da Rádio na Rua em apoio aos direitos territoriais e direito a diferença dos indígenas Mbya-Guarani, aproximam-se duas pessoas com deficiência visual e pedem apoio do radialista/pesquisador para continuar com a Rádio no Ar, agora animando o evento/baile da associação de cegos do Rio Grande do Sul. A Rádio então vira seus equipamentos e segue animando a festa e as danças desta diferença. Sempre há territórios novos se abrindo, ou antigos sendo reterritorializados em novas efetuações. A cada programa novos territórios existenciais.

Abraços, JM

Sétima Ladaia - Loopings da RNR

☞ A RNR pode ser uma tentativa de diversificar a comunicação da vida das pessoas em situação de rua para outras pessoas da cidade.

☞ A RNR pode ser uma tentativa de propor um tipo de relação de troca de experiências entre as pessoas sem situação de rua e pessoas da cidade em situação de moradia.

☞ A RNR pode ser uma performance no estilo de Schechner (2006), de comportamento restaurado. Tem uma perspectiva da RNR onde ela é a restauração de algo treinado: a ocupação do espaço público (há espaços públicos que já foram ocupados mais de uma vez) com os mesmos equipamentos de som, e a mesma metodologia: música, entrevista, humor, inusitados, improviso. Ela é uma performance. Ela restaura movimentos que foram selecionados no seu desenvolvimento.

☞ A RNR pode ser experimentação. Improvisos. Intempestividades. Inusitados. Depois do primeiro *play* tudo pode acontecer.

☞ A RNR pode ser um enclave. Ela pode ser uma Zona Autônoma Temporária (TAZ)⁷². Ela se apropria da calçada. Assim como um camelô, alguém ressacado ou um artesão. Situacional. Emergente. Efêmera. Revolucionária temporariamente, montando o festival, convidando ao bando, ao nomadismo.

☞ A RNR pode ser o resultado de uma oficina de música fracassada.

☞ A RNR pode ser o resultado de ter ido ao encontro dos usuários dentro do Centro Pop, em qualquer lugar que eles estivessem.

☞ A RNR pode ser o resultado de me interessar pelas vidas das pessoas no Centro Pop.

☞ A RNR pode ser uma cartografia, uma intervenção equizoanalítica⁷³, experimental e sensível, com o pessoal em situação de rua, usuários do Centro Pop.

☞ A RNR pode ser um fio de motivação que me fazia ir ao Centropop suportando o desânimo sentido por mim no contato com a ociosidade das pessoas daquele lugar.

72 Zona Autônoma Temporária, TAZ: “A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a Simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, "ocupar" clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos” (BEY, 2010, p. 32).

73 Nome proposto por Deleuze e Guattari ao trabalho de vasculhar modos de subjetivação inventariando fluxos, propondo o inconsciente como multiplicidade em ação, devir, e o desejo como produção de mundo; trabalho de desarticulação de universais; intensivo de criação de corpos sem órgãos; de interferência nas máquinas desejantes, retomando a produção da realidade; surfe de linhas de fuga e agenciamentos produtores de paradoxos.

☞ A RNR pode ser a ideia que salvou minha oficina fracassada e justificou minha presença remunerada no projeto Circo da Cultura: Ações Culturais No Centropop da ONG Rede do Circo.

☞ A RNR pode ter me ajudado a conhecer os sujeitos da rua, gerando amizade e respeito mútuo. Não por solidariedade, mas porque conhecendo-os desnaturalizei juízos. Por ver em suas vidas percursos, ou pegadas, semelhantes à de outras pessoas que conheci. Ver em suas rupturas com determinados lugares sociais, afetivos e geográficos, decisões de trajetos possíveis para mim, e outras tantas pessoas. Como não se tornar um morador de rua quando acontece uma vontade intensa e inusitada de transgredir, fugir, desistir, de explodir onde se está, por exemplo? Conhecê-los criou uma hipótese especulativa no meu pensamento: acessei a ideia de que ficar em situação de rua não era algo tão insólito, ou distante pra mim; eu escolhia trajetos pessoais de vida que me distanciavam do trabalho assalariado; não gerava capital suficiente para determinados padrões e seguranças financeiras; não tinha amizades e filiações estáveis; na época, gostava do efeito das drogas; gosto muito do tempo livre; cansava (e canso) das regras das instituições. Entendi que as situações singulares da minha vida que ainda não haviam me tornado um morador de rua, me auxiliavam a ter empatia aos dramas do pessoal da rua. Evidenciou-se a dificuldade de permanecer dentro de determinados modos de vida normativos e o quanto de esforço, obediências, temores eu estaria suportando na minha vida para evitar desembocar na rua. Ou ainda, quantos territórios institucionalizados, quanto investimento de múltiplos agentes sociais em mim são necessários para que me mantenha em situação de moradia. Os baldes que chutei têm roupas e água com sabão em pó e amaciante. O pessoal da rua chutou baldes de concreto, tipo as caixas d'água, descalços, e com um “dane-se” radical, singular e silencioso. Esse silêncio da ruptura, da caixa d'água caindo, intriga muito.

☞ A RNR pode ser um ferrolho. Ela protegeu meu trânsito junto ao pessoal da rua. Até hoje nas calçadas quando me sinto inseguro com qualquer transeunte de rua, falo na RNR. Eles reconhecem a mim e a rádio. Foi a forma que consegui de começar um diálogo com a galera do Centro Pop. Aprofundar uma relação. Brinquei de jornalista, entrevistando como psicólogo. E o pessoal gosta de falar. Os microfones, o pedal de *Loop*, as caixas de som mediaram nossa relação. O fetiche dos aparelhos de som que eles pouco tinham acesso gerou adesão no Centro Pop.

☞ A RNR transmite via frequência FM de curto alcance (1 km no máximo), radializa o ambiente. Suas entrevistas e notícias são diferentes de outras estações do FM.

☞ A RNR, hoje em dia, acontece ocasionalmente. Na época das oficinas no Centro Pop, a frequência era semanal, o que inclusive se tornava cansativo, pois precisava inventar

brincadeiras ou problemas geradores de curiosidade para ter a participação do pessoal. Algumas vezes ficava de Dj⁷⁴, tocando os pedidos musicais. Pessoalmente não gostava de acordar cedo para virar Dj. Ir ao Centro Pop desmotivado com o que faria, me entristecia. Chegar e ver os usuários de ressaca, cansados, indispostos, na função do banho, do lanche, dos documentos, das roupas, dos encaminhamentos, me confinava. Aos poucos percebi que esses afazeres eram fundamentais para as pessoas multiplicarem-se em outras vontades, inclusive, desenvolvendo condições de agenciarem a participação na RNR na rua.

☞ A RNR recebia participações em vários níveis no Centro Pop. Tinha o pessoal com participação direta: se envolviam na montagem, nas entrevistas, em aprender a mexer nos equipamentos, a selecionar músicas, a sugerir assuntos. Existiam outros em volta com as cadeiras posicionadas espontaneamente em torno da rádio, rindo, pensando, reagindo aos assuntos e músicas. Outros mais distantes, fumando, parados, ociosos, mas, ainda assim, reagindo a rádio. Também tinha os usuários com afazeres: lavando roupa, jogando, conversando; de vez em quando, gritavam algo sobre a rádio. Aos poucos fui descobrindo que a maioria estava atenta. Uma certa vez, um usuário assíduo no Centro Pop, que nunca havia participado da rádio, sugeriu um tema abordado em meses anteriores. Outros usuários que não participavam, me reconheciam na rua, e gritavam: “*Rádio Na Rua*”. Definitivamente não era a participação direta que definia o envolvimento das pessoas com a RNR. Inclusive, o silêncio das pessoas não definia seu relacionamento com a rádio. A ausência de algumas pessoas nos microfones, o silêncio de suas expressões faciais aos assuntos da rádio, a invisibilidade de suas presenças no entorno da rádio, não expressavam suas permeabilidades e interações com nossos assuntos. Descobri que os silêncios, os anonimatos, as invisibilidades, a não expressão e não comunicação, não determinavam a sensibilidade nem a complexidade de processamentos desses sujeitos. Mais uma vez parecia surgir a problemática do momento oportuno, da maneira oportuna para decibelizar o acometimento.

☞ A RNR no Centro Pop era muito diferente da RNR realizada no “olho” da rua. A rádio dentro de Centro Pop precisa lidar com a ociosidade. Nem sempre o pessoal estava disposto a interagir, a brincar de jornalista ou a fim de falar. Uma vez alguém me abordou na rua dizendo que tínhamos que falar determinado assunto na rádio. Esse sujeito pouco participava na oficina dentro do Centro Pop. Falei que ele deveria ter ido ao microfone, que teria sido importante os outros conhecerem sua opinião. Ele disse que sabia disso, mas no Centro Pop ele não gostava de participar, que ele era da rua e gostava de falar na rua. Num

74 Pessoa que pesquisa músicas e organiza um roteiro de execução dessas em festas para pessoas dançarem.

outro momento, outro usuário problematizou o fato de a RNR acontecer dentro do Centro Pop: “se a rádio é da gurizada da rua deveria estar sempre na rua”. Essas diferenças de dentro e de fora me motivaram a rever o local da RNR. Fora do Centro Pop ela comunga com algumas dinâmicas do pessoal da rua: com mais embates, mais conexões inusitadas, mais improvisos, e o pessoal da rua se mostra mais ativos e dispostos. Na rua multiplicam-se consideravelmente as forças e o número de atores interferindo-se mutuamente.

☞ A RNR inicialmente tendia a ser uma “rádio-poste” no Centro Pop. Em seguida senti a necessidade de criar uma rede interna que se relacionasse com outros aparelhos e estabelecimentos da FASC. Desejei colocar rádios e transmissores FM/web nos abrigos, albergues, os Centro Pops, até os CAPS⁷⁵, para interligá-los comunicativamente, criando um sistema de diálogo entre os usuários destes centros para gerar novas mobilizações entre os estabelecimentos diminuindo distâncias e desentendimentos, criando conexões. A expansão da rádio não aconteceu. Ficar dentro do Centro Pop já era limitante. A rua foi o local de ampliação mais profícuo que não dependia do apoio institucional e financeiro da FASC e as demais entidades.

☞ A RNR opera um tipo de carnavalização da rua onde segundo Soerensen (2011),

Na concepção de Bakhtin a carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a um conteúdo acabado, mas uma forma flexível de visão artística, uma espécie de princípio holístico que permite descobrir o novo e o inédito. O carnaval na concepção do autor é o locus privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente. (p. 320)

Daniel Rodrigues Fernandez, colega do mestrado⁷⁶

Que dizer das impressões que tive com a Rádio na Rua? Tive a oportunidade de vê-las poucas vezes, mas lembro do impacto que me causou - e me parece que é aí que a coisa bate. Ela é um acontecimento que causa impacto no tecido urbano. Um acontecimento-comunicação que invade o espaço "dito público" enquanto ruptura. Uma esquina passa a ser um centro de ressonância de vozes, um trecho de um trajeto um chamariz pra atenção e parada, um horário constrangido de intervalo torna-se a possibilidade de ouvir ou dizer algo. A rua invade a cidade como força, lança outros usos pro seu espaço e marca ele com outros ritmos. Os transeuntes (e também aqueles que ocupam o espaço sem circular) são chamados a fazer uso de sua voz e do espaço, a dizer algo, comentar. São interpelados (o que se dá entre a pele?). Interrogados (Inter/rogado - o que se dá entre a palavra dita?). Entrevistados (chamados no interim do que é visto?). Uma voz na/da rua convoca vocês a se presentificarem (n)o espaço da rua. É curioso, todo um jogo se dá aí. Não só o espaço e o tempo onde a Rádio está se dando é mudado/convocado a mudar, mas toda uma bagunça de lugares se coloca. Quem é mesmo entrevistado? Quem fala sobre o quê, e de onde? Uma vez o microfone passando de mãos, mais

⁷⁵ Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS).

⁷⁶ Correspondência de e-mail trocada em 27 de fevereiro de 2018.

coisas passam, e mais elementos ficam em uma zona de indistinção. A rádio recupera algo que até então fora sinal e a retoma como ruído, mas não de modo a perder mensagem, mas de modo que se possa decodificá-la sob outro prisma, comunicar de outro modo.

E, bem, tem todo um artifício a ser operado por aí. Recordando das tuas palavras mesmo no interlocuções (ou acho que foram tuas palavras, foi ao menos como eu registrei), a ideia é que seja uma ferramenta para articular e desarticular. Tem uma arte aí de trabalho da mensagem, seja a nova, seja a viciada, seja a silenciosa/sileciada pra entrar no jogo de sinais e ruídos. E parece que o que a rádio faz é desviciar um tanto os trajetos e tempos mortos de uma cidade, desobstruir olhos para que se possa ouvir com eles alguns elementos que morrem no silêncio.

Sei lá, meio tudo confuso mas é meio o que tenho de registro das impressões de impacto.

Abraço. Qualquer coisa, estamos aí.

Oitava Ladaia – a RNR e a Cidade

“São como formigas. Andam para um lado, viram de repente e continuam pra outro. Olham sempre para o chão e nunca veem o céu.” (KOPENAWA, 2015 p. 422)

Não se trata mais aqui de uma “Jerusalém Celeste”, como a do Apocalipse, mas da restauração de uma ‘Cidade Subjetiva’ que engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos. De fato, trata-se de todo o porvir do planeta e da biosfera. Re-singularizar as finalidades da atividade humana, fazê-la reencontrar o nomadismo existencial tão intenso quanto os índios da América pré-colombiana! Destacar-se então de um falso nomadismo que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para aceder às verdadeiras errâncias do desejo, as quais as deterritorializações técnicas-científicas, urbanas, estéticas, máquinas de todas as formas, nos incitam. (GUATTARI, 2000, p. 170)

Falso nomadismo possível de ser pensado tanto em pessoas em situação de moradia quanto em pessoas em situação de rua. Na rua encontramos sedentarismo, inclusive, talvez seja melhor não figurar oposição entre o nômade e o sedentário e sim toma-los dinamicamente cambiantes, de forma que ambas afecções nos tomam em momentos oportunos. As pessoas em situação de rua muitas vezes sistematizam sua rotina: acordam no horário marcado antes da abertura da loja que cedeu a marquise, fluem até o local que fornecera o almoço, migram a zona da cidade que permitirá um anonimato quanto a vacância, outros a locais de recolhimento de recicláveis mais rentáveis, retornam a marquise da loja. Podem existir sistemáticas que condicionam o vagar pela cidade. Existem pessoas moradores de casa sedentárias fixas, mas que diariamente na relação com o computador, fluem para incontáveis locais virtuais, páginas web, grupos, jornais, ideias, numa migração aleatória por hipertextos da internet tornando o corpo sedentário em fluxos nômades pela rede, por exemplo.

O nomadismo interessante parece ser o do desejo e das agências, visto que Guattari (2000) fala da errância do desejo como possibilidade de criação de inúmeras possibilidades de alianças e de nomadismo existencial: como essas errâncias do desejo podem conviver e distender o conceito de civilidade mesmo que negociando suas invenções/dispersões com procedimentos zoopolíticos? Cada errância com a necessidade de inserir o desejo como um movimento político de tensionamento do mundo, de vastidão, de multiplicação de agenciamentos. Como se tenciona politicamente o mundo de modo a criar condições de possibilidade para a errância? Os modos legitimados de tensionar o mundo parece obedecer a determinados procedimentos não necessariamente evidentes, mas que discriminam a errância que performa civilidade, cidadania, sendo tolerável, aceitável, da errância animalesca, doente, imoral, intolerada e corrigida. Essa última parece ser a parte designada aos moradores de rua das cidades, por exemplo. A população de rua apresenta diferentes usos da condição

impermanente de seu vagar nem sempre configurando nomadismo existencial. Menos por oposição a um sedentarismo geográfico e mais por uma deserção de retidão psicológica e moral a determinados marcadores categóricos; muitos identificam o morador de rua a ausências, falências, fracassos, inaptidões, patologias, desgraças, desastres, onde a falta balizada por um ideal transcendente opera opressivamente obnubilando outros modos de autodefinição e perspectivas existenciais.

“é um mundo... é uma cidade dentro da cidade! Nós temos uma cidade só de morador de rua, né, porque nos temos a nossa vivência” (CÍCERO, 2018 – arquivo pessoal)⁷⁷

Urbanidade

Urbanidade para Aguiar (2012) é “[...] o modo como os espaços da cidade acolhe as pessoas” (p.119) ou ainda, “o conjunto de qualidades, boas ou más, que distinguem uma cidade” (p. 120). Para Aguiar (2012) a urbanidade é o que possibilita a cortesia entre as pessoas, incluindo nesse cenário de trocas os não humanos como edifícios, ruas, parques, grades, calçadas. O autor pensa em espaços gentis com o corpo dos cidadãos: “ruas e bairros dotados de civilidade.” (p. 120). Aguiar refere que urbanidade “não é sinônimo de vitalidade, no sentido de presença de pessoas, embora possa incluí-la.” (p. 120). A urbanidade é esse acolhimento que a cidade com sua arquitetura, suas ruas, prédios, praças, propõe de condutas aos corpos de modo a se acomodarem no espaço. Nesse sentido, a arquitetura das cidades é fundamental para as escalas de civilidade – é interessante como nesse pondo Aguiar percebe a atualização de um funcionamento antigo pensado sobre a cidade: Platão e Aristóteles cada qual do seu modo entendiam a vida na cidade como a evolução do mundo animal caótico ao mundo organizado humano. A cidade como o lugar do bem viver responsável por agregar humanos gerindo suas animalidades como parte de uma zoopolítica. Na cidade ateniense dos tempos desses dois filósofos gregos existia uma diferença que Romandini (2012) aborda se referindo as naturezas do poder: o *oikos* e a *polis*. O *oikos* era o espaço da casa, uma monarquia regida pelo homem que pastoreava escravos e família. A *polis* como o local do governo coletivo de homens livres no espaço público, fora da casa. Esses dois espaços eram pensados como naturezas diferentes

⁷⁷ Áudio enviado em conversa virtual através do aplicativo de celular “Whatzap” em 27 de setembro de 2018. Cícero ex-morador de rua, participante ativo da RNR, hoje trabalhando para superar o que chamou de sua dependência química e cuidar de seus interesses sociais, desejou manifestar-se sobre a RNR, dispôs e pediu que incluísse sua fala no texto dessa dissertação.

de poder embora interdependentes: “em toda ágora subjaz uma *oikonomía* que lhe é co-origenária” (ROMANDINI, 2012, p. 38). É interessante que a análise de Aguiar sobre a baixa urbanidade das cidades atuais com a segmentarização da arquitetura da cidade, com ambientes pouco hospitaleiros, com grades e afastadores, sugere restar ao governo privado de espaços circunscritos, protegidos, confinados, do *oikos*, a gentileza com o humano (locais privatizados do comum: condomínios fechados, shoppings, clubes, escolas, estádios, parques cercados). Insinua a *polis* migrando do espaço público da rua a locais confinados, gerando outra relação com o *oikos* dos espaços privados; ou melhor, os poderes coletivos do espaço público migram aos espaços privados que não são reduzíveis necessariamente ao *oikos*, do governo de um homem só, mas sugerem uma gestão de um coletivo seletivo, de pessoas em convivência compartilhada por se verem com valores semelhantes de vida, compartilhados, onde qualquer comportamento e uso do espaço fora de uma doxa comum, será tratado como inadaptado e indesejado – uma colagem paradoxal com o funcionamento do *oikos* e da *polis*. As grades, muros e paredes delimitando uma *polis* dentro do espaço privado. Ou como salienta Costa (2012) falando das configurações contemporâneas na cidade noutra perspectiva

Trata-se de espaços públicos, contraídos ao espaço confortavelmente privativo de uma sala de estar, onde todos se encontram sobrepostos potencialmente. Trata-se, também, de considerar que o espaço privado se expande e dilata por sobre as fronteiras do público, buscando, com seus diversos tentáculos, devorar as interações que lhe interessam. O público no privado, o público sem sair do privado. O mundo na sala e a sala no mundo. (p. 144)

Emparceirado a Costa (2012), Dos Santos (2015), Esteves; Nogueira (2013), Bizzio (2015), e a outros trabalhos acadêmicos que pensam o confinamento do mundo coletivo no espaço privado, problematiza-se a gentileza contraída ao espaço protegido pelo muro, pela grana e a grade. Por esse lado, a rua acaba desinvestida e/ou questionada em seu potencial como *polis*, pacífica e coletiva, por uma rede discursiva que vincula o privado com sossego, segurança, carreira, família, valores, moral, dinheiro, conforto, bem viver. Essa migração da *polis* a um tipo de *oikos* designa os locais antes reservados a *polis* (o espaço físico da praça, do parque, da rua, o fora da casa, a calçada), como que destituídos de governo, de gentileza, de humanidade, de bem viver. Discursam sobre a necessária aglutinação privatizada *polis-oikos* salvando todos da rua, percebida como uma perigosa selva, talvez, uma *zoé*⁷⁸, sem a certeza do governo seguro dos humanos civilizados – os condomínios fechados são modos privatizados de

⁷⁸ *Zoé* em Pelbart (2011) amparado em Agamben é “o simples fato do viver comum a todos os seres” (p. 60); em Romandini (2012) *zoé* é campo a ser investido, conquistado, colonizado e construído constantemente (ou dominando de modo definitivo como romanticamente pensam alguns) por políticas como as antropotécnicas do governo humano sobre sua própria animalidade e dos outros seres – zoopolítica (ver citação na nota de rodapé nº 59 na página 85).

conciliar *oikos* e *polis* pretendendo controlar e prever as variações animais dentro desses ambientes fechados. A rua-*zoé* como esse local da animalidade, da insegurança, como o caos imprevisível tendo a violência como possibilidade premente, significando o espaço coletivo público como mal gerido. Esse procedimento na atualidade da cidade sugere que os humanos frequentadores da *polis* privatizada em grandes prédios, nas casas/*oikos* com pátios/*polis*, são os humanos com possibilidade civilizadas mais evidentes (o dinheiro como um agente viabilizador do civilizado/cidadão); já os humanos que se sujeitam a habitar a rua-*zôe*, só podem estar em grande risco, insanos, ou num estado imoral, mal, ou não humano, animalesco (ou contemporaneamente chamado de zumbis – inclusive o termo zumbi foi utilizado por pessoas da cidade nas redes da internet, inclusive, pelo atual prefeito do município de Porto Alegre nas redes sociais para denominar quem vaga pela cidade à noite e no frio do inverno, por exemplo. Isso provocou uma reação crítica do Movimento Nacional da População de Rua, o MNPR, entendendo esses chistes como um desdenho preconceituoso e ridicularizador das pessoas que estão em situação de rua ocupando e vagando na cidade à noite e no frio desse inverno. O MNPR criou a campanha “Zumbi, só se for dos Palmares”, se referindo ao líder negro combatente da escravidão criador de um quilombo para abrigar recém libertos e escravos fugitivos, na tentativa de combater essas designações estigmatizantes ao povo da rua⁷⁹).

Essa perspectiva tem inúmeras consequências nas organizações dos fluxos da cidade. Atualmente em Porto Alegre existem movimentos como a “Serenata Iluminada”⁸⁰ que propõe a ocupação de determinados parques a noite após uma intensa mobilização das pessoas nas redes sociais: marcam data e local, levam cadeiras, toalhas, comidas, bebidas, lanternas, instrumentos musicais; acontecem shows, danças, teatro. Propõem usos civilizados e organizados de um lugar explicitamente inóspito e perigoso à noite, insinuando que o tipo de ocupação desses espaços da cidade, por práticas e táticas de humanos civilizados, mesmo à noite, é que garante a civilidade e um ambiente pacífico. A urbanidade da rua como a *zoé*, como a selva perigosa, assombrada, violenta, disparando o interesse das pessoas do *oikos/polis* privatizada, em reocuparem civilizadamente, reconquistando o espaço público pelos usos e hábitos dos cidadãos. Nesse sentido, o não espontâneo dessa migração sugere uma ocupação antropotécnica, ou talvez, e também, colonialista do espaço público, diferenciando usos

⁷⁹ É possível encontrar o manifesto do MNPR numa rede social da web <https://www.facebook.com/notes/mnpr-rs-movimento-nacional-da-popula%C3%A7%C3%A3o-de-rua-rio-grande-do-sul/zumbi-s%C3%B3-se-for-dos-palmares-por-pol%C3%A7%C3%A3o-p%C3%BAblicas-inclusivas-e-cuidado-em-libe/657090524488990/>

⁸⁰ Pagina web de uma rede social que organiza os eventos desse coletivo em <https://www.facebook.com/SerenataIluminada/> acessada em 30 de outubro de 2018.

civilizados, bons, de usos deslegitimando de humanos de caráter duvidoso que frequentam esse local em momentos mais solitários, escuros e perigosos.

Visitando um amigo em maio de 2018 que mora na rua marechal Floriano Peixoto perto do cinema Capitólio na av. Borges de Medeiros, fui apresentado a um ofício confeccionado pela síndica de um dos prédios ao redor da praça Daltro Filho ou Praça do Capitólio entre o prédio do meu amigo e o cinema. No ofício, colocado em cada caixa de correspondência dos moradores dos prédios do arredor da praça, falava da violência das ruas, da necessidade dos cidadãos de bem ocuparem os espaços públicos, da importância da utilização correta dos espaços como praças, por exemplo, por cidadãos de bem. Nesse sentido, esta síndica percebia um descontentamento dos moradores do arredor constrangidos com o aumento do acampamento de moradores de rua nessa da praça. Queixou-se do visual bagunçado desse acampamento, do cheiro de urina e fezes, das pessoas da rua dormindo durante o dia nos bancos, das gritarias, da venda e uso de drogas, da má aparência, do desconforto de usar a praça com todos esses elementos degradantes. O ofício convidava todos os moradores da região a se unirem para retirarem os moradores de rua da praça retomando esse ambiente feito para o bem viver. Acusava a ausência do poder público para resolver esse problema e que o empreendedorismo coletivo precisaria emergir para cuidar do que era sua necessidade.⁸¹

Nitidamente percebe-se o entendimento de que as pessoas do bem, do viver bem, os cidadãos, devem reconquistar o convívio na rua com suas práticas e seus usos “de bem”, devolvendo a *polis* ao ambiente público que lhe “pertence”.

A reocupação do espaço público por parte da população tende a ser executada com uma série de preceitos morais, legais, de justiça social com slogans de pagadores de imposto a quem a cidade pertence de direito, mas principalmente por ambos performarem o morar em casa, o vestir-se e agirem minimamente dentro da expectativa social dominante onde as particularidades/intimidades ficam reservadas ao quarto, à sala da casa, por exemplo. Nesse sentido todos que o ocupam a rua quando ela não está sendo usada predominantemente pelos “cidadãos de bem”, são pessoas no mínimo duvidosas, talvez desprezíveis e animais, pois se submetem aos perigos e selvagerias da rua-*zoé*. Assim, a rua-*zoé* não depende necessariamente de uma topologia geográfica específica como a selva, a floresta, o mato, a rua,

⁸¹ Na época não atinei de pedir para ficar com a carta. Meu amigo a extraviou e infelizmente não tenho como utilizá-la como documento.

a calçada, mas se liga ao tipo de ações dos personagens sociais a ocuparem o lugar – a *zoé* como o modo de estar e usar o local com práticas animais, quase como se pudesse falar em “zootécnicas⁸²”, sugerindo que essa cidade mesmo sendo um espaço zoopolítico esquadrihado com arquiteturas, propositora de fluxos com avenidas e ruas, com placas de comunicação, povoada de instruções e coerções para o ser humano governar-se espacialmente, precisa ainda assim, que os seres humanos civilizados governem suas iminentes possibilidades zootécnicas animais performadoras da *zoe*. Como se houvesse uma separação entre as antropotécnicas⁸³, práticas dos humanos para o governo da sua animalidade, versus zootécnicas, práticas animais no humano-civilizado para desgoverno desse civilizado no humano (talvez o que algumas religiões chamem de diabo, de tentação).

“[...] não existe nenhuma soberania que não se constitua, precisamente, sobre a *zoé*, sendo esta o objeto originário de toda política.” (ROMANDINI, 2012, p. 29-30)

As práticas, ou como designa Romandini (2012), as Antropotécnicas, designam/legitimam um cidadão ancoradas em determinados valores, conceitos, a toda uma tentativa de acordo social, cultural, moral, legal num jeito de reiterar cadeias de ações e linguagens determinando fluxos específicos à vida civilizada. Na cidade existem modos pressupostos de deslocamento, vestimenta, com variadas ações executadas pelas pessoas sobrecodificando, modelando, lhes conferindo o anonimato de um comungado *status* de cidadãos. A grosso modo, cidadão é quem vive na cidade, sobre as regras e interesses dessa/nessa cidade, com o Estado regulamentando tudo o que acontece nesse território. O meu interesse nesse caminho sobre cidade e urbanidade em função desses discursos dos cidadãos de bem, é perscrutar alguns movimentos sutis na montagem desse cidadão. Não parece haver tangente ao pastoreio da rede de leis e direitos que definem/investem/reiteram o cidadão – ou se é um

⁸² Zootécnica aqui é a invenção de práticas em humanos-civilizados-cidadão que acionam a animalidade, a besta, a fera, o monstro, desviando o humano do rumo civilizado-cidadão. Existe uma profissão que se chama zootecnia que é o trabalho do humano em potencializar aprimoramentos nos animais, seja na produção de alimentos, de serviços ou outras melhorias no animal para benefício humano (LEAL, 2018). O termo que usei, zootécnicas, não se refere a profissão de zootecnólogo ligado a produtividade de animais domesticados pelo homem (que não o próprio homem), e sim, é um contraponto a definição de antropotécnicas em Romandini (2012 – conceito esclarecido na próxima nota de rodapé), como as técnicas humanas para governar a animalidade no humano. Dito de outra forma, zootécnicas são tecnologias animais no humano zoopolítico, que acionam comportamentos julgados/designados como animais.

⁸³ “entenderemos por *antropotécnica* ou *antropotecnologia* as tecnologias pelas quais as comunidades da espécie humana e os indivíduos que as compõem agem sobre sua própria natureza animal com o intuito de guiar, expandir, modificar ou domesticar seu substrato biológico, visando à produção daquilo que a filosofia, em um primeiro momento, e, logo a seguir, as ciências biológicas e humanas se acostumaram a chamar de ‘homem’” (ROMANDINI, 2012, p. 9).

cidadão de bem ou, de mal⁸⁴, ambos incluídos, cada qual em redes institucionais e informais de governo.

O Estado, as pessoas em geral, tendem a designar as pessoas em situação de rua como cidadãos em ruptura violenta, louca, delinquente, doente, fracassada, drogada, desfilhada das condutas que garantem o título de cidadão de bem. O estado, como regulador do ser do cidadão deseja que essa tendência da população de rua seja detida, combatida, educada, presa, sedada, assistida, tratada, instruída, *artefeita* para ser regenerada, rebatizada e ganhar o predicado “de bem”.

⁸⁴ O desenho binário que proponho sobre o cidadão (de bem ou de mal) é uma das possibilidades de designação à vida humana na cidade, como uma tendência refrão, bordão, como uma estocagem discursiva performando um bem e um mal. Entretanto, entendo o cidadão como um conjunto de práticas controversas, atualizando diferentes perspectivas morais, afetivas, legais em relação direta com locais e momentos diferentes, gerando complexidade e paradoxos a essa performance binária de bem/mal, desdobrando-a. Para funcionar no que segue ao texto mantereí a discussão nesse platô binário para justamente estudar a incompatibilidade dessa perspectiva com a vitalidade de experiências divergentes nas pessoas na cidade.

Nona Ladaia – 8 Postulados e a Imagem do Cidadão

Aqui farei uma ladaia com os 8 postulados de Deleuze (2006a) discutidos no 3º capítulo intitulado *Imagem do Pensamento* do livro *Diferença e Repetição*. Nesse texto, Deleuze propõe postulados que compõem algumas condições de possibilidade ao vigorar de determinado paradigma desencadeador de determinada imagem reiterada do que é o pensar na filosofia. Refere o problema do início de uma construção filosófica como delicado, necessitando da eliminação de “todos os pressupostos” (p. 189). Nesse sentido, esse capítulo é um mapa com 8 estações que demonstram como algumas teorias, conceitos, perspectivas filosóficas não iniciaram sem eliminar “todos” pressupostos. Para demonstrar os pressupostos presentes em formulações como o Cogito de Descartes, Deleuze fala em pressupostos objetivos e subjetivos/implícitos. Os objetivos, mais evidentes na ciência, mas também presentes na filosofia, são suposições explícitas que dialogam com conceitos amplamente conhecidos: “o homem como animal e racional [...] supõe explicitamente conhecidos os conceitos de racional e animal” (p. 189). Já os pressupostos subjetivos ou implícitos são “envolvidos num sentimento, em vez de o serem num conceito” (p. 189). Deleuze problematiza Descartes, Hegel e Heidegger por suas performances de início ilusoriamente sem pressupostos, apontando implícitos nem sempre fáceis de serem percebidos. A ideia dos postulados é um mapeamento de procedimentos implícitos presentes nesse tipo de ilusão ontoepistemológica, pois para Deleuze “os pressupostos subjetivos não são menos preconceitos que os objetivos” (p. 191). Deleuze fala isso em função, por exemplo, de Descartes ao abandonar as ideias de animal e racional por serem demasiado objetivas e amplamente utilizadas, encontrando o Cogito como o início salvaguardado dessa objetividade, perdendo de vista os pressupostos presentes em seu “penso, logo existo”, onde implicitamente todos saberiam o que é um Eu, o que é pensar e o que é ser.

Acionado por essa cartografia deleuziana de postulados vou encarar uma ladaia forçada⁸⁵ de perceber pressupostos implícitos sobrecodificando/governando vidas nas cidades pelo procedimento de substituir o ator “pensamento” do texto do Deleuze, pelo ator “cidadão”, construindo assim uma *Imagem do Cidadão*.

A imagem do pensamento estudada por Deleuze tem o interesse de mapear as condições de possibilidade à produção de verdades verdadeiras. No caso da imagem do cidadão especularei primeiro o que seriam pressupostos objetivos do cidadão. Talvez sejam: saúde,

⁸⁵ aquele tipo de atitude que coloquialmente se ouve quando um ser humano faz alguma escolha ruim e corre muitos riscos de morte: “esse tá pedindo pra morrer” – anti-dissertar, pra mim, é esse riscar a imagem de mestrando, correndo o risco de estourar o balão enquanto o encho, fracassando nessa escrita a seguir.

trabalho, sobriedade, família, moradia, normalidade mental, lazer, legalidade, bom senso, retidão moral, percebidas nos hábitos, práticas, trânsitos ordinários dos cidadãos – aos moradores de rua essa objetividade os encontra nos postos de saúde, assistenciais, nas políticas públicas ativas: o cheiro que precisa de um banho, a doença que precisa de remédio, o drogadição que precisa de tratamento, o desempregado que precisa de trabalho, o desfilado que precisa de vínculos, o louco que precisa de atendimento, a fome que precisa de comida, os direitos do cidadão que precisa de encaminhamentos (documentos, entrada em outros estabelecimentos da assistência social e saúde), a pessoa em situação de rua que precisa de roupa e moradia, a infração que precisa de polícia. Categorias concretas da vida facilmente percebidas e diretamente relacionadas a caminhos de resolução obviamente comungadas com um “todos sabem que isso precisa ser trabalhado, melhorado, cuidado, corrigido, punido, regulado, medicado, orientado”. De outra feita, interessa também os pressupostos subjetivos da imagem de cidadão incrustados nas políticas públicas, no que é evolução civilizada das populações do mundo, no que são modos dignos do cidadão de se relacionar e sobreviver na cidade, e ainda, o que seria uma aceitável forma divergente de vida dentro da cidade. Deleuze mostrará durante os 8 postulados como a imagem do pensamento é naturalizada, condensando simplificadamente as coisas, gerando desdobramentos universalizantes, supondo a reiteração de determinadas categorias e condensações identitárias, delimitando e governando para determinado rumo existencial preferido e naturalizado como “óbvio”. Na ladaia abaixo, a própria imagem do pensamento que Deleuze desconstrói parece ser pressuposto para uma determinada ideia de civilidade e dessa minha arriscada imagem do cidadão. Os 8 postulados deleuzianos serão brechas e ferramentas de problematização dos pressupostos subjetivos que tendem a narrar a vida em modos eugênicos, hegemônicos, arbitrários, colonialistas e estigmatizantes (com tecnologias de governo múltiplas: disciplinares, de controle, cibernéticas, virtuais de enclausuramentos do fora (PELBART, 2009).

Primeiro postulado: o princípio do “*cogitatio natura universalis*”. Nesse primeiro postulado DELEUZE (2006a) falará sobre o elemento primordial do “todos sabem que”, o pensamento, “como exercício natural de uma faculdade, no pressuposto de um pensamento natural, dotado para o verdadeiro, em afinidade com o verdadeiro, sob o duplo aspecto de uma *boa vontade do pensador* e de uma *natureza reta do pensamento*” (p. 192). Nesse mesmo sentido de uma pactuação entre os seres humanos de que a boa natureza do homem se dá em sociedade pela imagem de cidadão, no Estado. São séculos de reiteração separando o selvagem do civilizado, a natureza do artifício (COSTA, 2012), como um exercício constante e incansável para se evoluir ao humano civilizado, desembocando no cidadão, com família, trabalhador,

conhecedor/obedecedor das leis, educado, como o caminho natural, ou o bom/único caminho evolutivo do ser humano. Criaram-se instituições e procedimentos para tornar o cidadão, civilizado no modelo universalizante de ser dos humanos (talvez, no nosso caso, Brasil, ocidentalizados, eurocentrados (QUIJANO, 2005)). Todos sabem e devem saber, em todos os lugares, que o bom humano é o bom cidadão. (Existe humano não civilizado? E o indígena?). A imagem do cidadão como uma imagem Moral “pois só a Moral é capaz de nos persuadir de que o pensamento tem uma boa natureza [...] Quem se não a Moral e este Bem que dá o pensamento ao verdadeiro e o verdadeiro ao pensamento...?” (DELEUZE, 2006a, p. 193). Ou no caso do cidadão a Moral outorga ao bom viver o viver na imagem do cidadão.

Segundo postulado: “o ideal do senso comum”. O cidadão como o exercício natural da vida em sociedade é naturalizado como uma condição do humano, pelo menos uma condição conquistada no processo histórico-evolutivo da sociedade. O senso comum de naturalização de um direito conquistado pelo humano de ser cidadão e ser protegido pelo Estado. A conquista como a evolução, tradutora de uma moral conquistada superior a outras formas de vida na Terra. A naturalização do cidadão no topo da cadeia evolutiva no planeta, fabricando, restringindo e direcionando os movimentos existenciais e de desejo dos humanos dentro do Estado. O verdadeiro, subentendido no ato de pensar no texto de Deleuze, assim como o melhor Ser do humano subentende o Estado, o cidadão. O senso comum delibera uma universalização do cidadão como o direito do Ser dos humanos, gerando um “modelo transcendental implicado na imagem” (p. 194) que legisla e coloniza tangenciamentos do cidadão. O cidadão é a doxa onde “o senso comum é a norma da identidade” (p. 195).

Terceiro postulado: “o modelo da reconhecimento”. Nesse modelo o cidadão é a unidade de todas as outras possibilidades de ser do humano. A identidade final do humano, mesmo na dificuldade de ser/tornar-se civilizado, bom, do bem, cidadão. A reconhecimento possibilita que todo humano seja incluído *a priori* como cidadão. Independente de qualquer diferença todo novo ser humano, em desenvolvimento, deverá ser convocado/direcionado psicológica, pedagógica, moral, sensível, técnica e evolutivamente a ser um cidadão. A reconhecimento tem como pressuposto a representação, a transcendência da ideia de cidadão perante qualquer humano diferente. Todos terão que ser cidadãos e submetidos as leis do Estado. Ou ainda, só existe a possibilidade de sermos cidadãos. O cidadão é o modelo de ser do humano. A identidade maior. “A forma da reconhecimento nunca santificou outra coisa que não o reconhecido e o reconhecível, a forma nunca inspirou outra coisa que não fosse sem conformidades” (DELEUZE, 2006a, p. 196).

Águas de Março – Tom Jobin

É pau, é pedra, é o fim do caminho / É um resto de toco, é um pouco sozinho / É um caco de vidro, é a vida, é o sol / É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol / É peroba do campo, é o nó da madeira / Caingá, candeia, é o Matinta Pereira / É madeira de vento, tombo da ribanceira / É o mistério profundo, é o queira ou não queira / É o vento ventando, é o fim da ladeira / É a viga, é o vão, festa da cumeeira / É a chuva chovendo, é conversa ribeira / Das águas de março, é o fim da canseira / É o pé, é o chão, é a marcha estradeira / Passarinho na mão, pedra de atiradeira / É uma ave no céu, é uma ave no chão / É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão / É o fundo do poço, é o fim do caminho / No rosto, o desgosto, é um pouco sozinho / É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto / É um pingo pingando, é uma conta, é um conto / É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando / É a luz da manhã, é o tijolo chegando / É a lenha, é o dia, é o fim da picada / É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada / É o projeto da casa, é o corpo na cama / É o carro enguiçado, é a lama, é a lama / É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã / É um resto de mato, na luz da manhã / São as águas de março fechando o verão / É a promessa de vida no teu coração / É uma cobra, é um pau, é João, é José / É um espinho na mão, é um corte no pé / São as águas de março fechando o verão / É a promessa de vida no teu coração / É pau, é pedra, é o fim do caminho / É um resto de toco, é um pouco sozinho / É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã / É um belo horizonte, é uma febre terçã / São as águas de março fechando o verão / É a promessa de vida no teu coração

Quarto postulado: “o elemento da representação”⁸⁶. O cidadão representa o fim último da conduta e organização humana. Existirão cidadãos com existências diferentes, com mais ou menos grana, carro, propriedade própria/alugada, emprego, estudo, possibilidade de viagens, plano de saúde, saúde, família, tipos de vestimenta, por exemplo. Mas nenhuma dessas variáveis poderá se diferenciar a ponto de impossibilitar sua permanência qualificada na cidade como humano-cidadão. Ninguém poderá estar fora das categorias da vida cidadã. Quem estiver fora precisará ser incluído, corrigido, recolocado, assistido. A representação trata “a diferença como erro ou como falsa representação” (GELAMO, 2008, p.166). A representação legisla pela analogia, pela similitude, pela idêntico, pelo oposto, remetendo sempre a um determinado modelo maior de como ser. A comparação não descarta as cópias e os simulacros mal-acabados, intenta que se aproximem ao máximo de uma ideia de cidadão óbvia, esperada, dogmática.

Quinto postulado: o “negativo” do erro.

E o que será o erro a não ser uma falsa reconhecimento? E onde virá o erro senão de uma falsa repartição dos elementos da representação, de uma falsa avaliação de oposição, da analogia, da semelhança e da identidade? O erro é apenas o reverso de uma ortodoxia racional e ainda testemunha em favor daquilo de que ele se desvia, em favor de uma retidão, de uma boa natureza e de uma boa vontade daquele que é dito enganar-se. Portanto o erro rende homenagem à verdade [...]. (DELEUZE, 2006a, p. 214-215)

A diferença de alguns modos de existir tomada como erro natural. Esse erro é o negativo

⁸⁶ Nesse quarto postulado Deleuze (2006a) utiliza a problemática da representação, da colonização assujeitadora e transcendente, como o momento para ele falar da falência dessa imagem do pensamento em figurar definitivamente o que é o pensar. Resumidamente, o autor pretende mostrar que pensar tem menos a ver com reconhecer, remeter, assemelhar, opor, recriar, e mais, ligado a uma quantidade de violência que os encontros com os entes do mundo geram forçando um pensar: “há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um *encontro* fundamental e não de uma *reconhecimento*” (p. 203)

da ideia de cidadão. É possível ter família, emprego e não ter carro. É possível ter carro, ser solteiro, desempregado e saudável (embora existirão procedimentos de fomento a constituir família e procurar emprego, ou atualmente, tornar-se empreendedor). Uma pessoa que romper demasiadamente com muitos itens, como um morador de rua rompe, será a diferença-erro. Será o negativo do cidadão. O cidadão fracassado, perdedor. O negativo do cidadão, incapaz de estar com todos por não ter evoluído/aprendido/se constituído como todos. Aquele de que sem tem dó (e medo, asco), aquele que atualiza a *zoé*. O erro aqui estaria no processo evolutivo da pessoa que falhou, ou do fora que atrapalhou o desenvolvimento do projeto de ser cidadão: o louco, o ladrão, delinquente, drogado, inútil, infiel, por exemplo. Ambos motivos, a falha da/na pessoa e o social forçando o erro, realimentam a reconhecimento, a manutenção do certo e verdadeiro como transcendências, onde “os corretivos só podem aparecer como ‘arrepentimentos’ que vêm complicar ou perturbar por um momento a imagem, sem subverter seu princípio implícito” (p. 217). O negativo do cidadão não é o mesmo que o não-cidadão.

Nesse postulado Deleuze fala ainda sobre a besteira (de ser besta, fera), o processo de besteira que um Eu humano repulsaria e tende a vigiar. A besteira, como o indeterminado menos referente a um Eu e mais ao processo de individuação, que posteriormente poder-se-á chamar de Eu, trazendo a superfície uma não-forma, intolerante a esse Eu, e esse EU pouco se relaciona com essa indeterminação, a não ser, vendo nela a emersão premente de um hediondo pois constitui “o não reconhecido de toda reconhecimento” (p. 219). Assim o regime do pensamento do Eu imbui-se a si e a outros de legislar modos de repulsar essa besteira. O erro como a designação a ser expulsa da vida humana cidadã⁸⁷.

Sexto postulado: “o privilégio da designação”. *Os moradores de rua não conseguem casa, porque não conseguem parar num emprego e porque usam drogas?* Ao enunciar essa questão a verdade está dada nos termos associados. Esse problema, em si, carrega uma série de representações, e propõe a estabilidade de seus termos buscando “verossimilhanças de uma simples *doxa*” (DELEUZE, 2006a, p. 226). Naturaliza-se que se precisa ter um emprego e saber permanecer nele; se não permanecer no emprego, existirá alguma situação errada interna ou externamente interferindo no descaminho desse cidadão, que inclusive ficou sem condições de ter casa; ser desempregado e drogado estão colados ao morador de rua pela designação na interrogação. O cidadão está oculto na designação, mas presente, realizando a pergunta. A reconhecimento em estado de ação inquisidora reitera locais de verdade, inviabilizando que o

⁸⁷ A premência da *zoé* como a besteira, as zootécnicas que farão o humano-cidadão animalizar-se. As zootécnicas são táticas “pecaminosas”, “o diabo” assediador do cidadão no dogmatismo do Estado – isso num Estado laico.

problema supere as identidades, as designações (verdadeiro/falso) e o cidadão, atrapalhando a geração de novas problematizações sobre o fazer e os aditivos químicos, por exemplo, inclusive, pretendendo delimitar afinamentos simplificadoros de agências – mesmo sendo os agenciamentos os produtores de sentido nas proposições, as misturas que desdobram o “ente-azul do céu” (p. 224). Isso propõe que “o sentido é a gênese ou a produção do verdadeiro, e a verdade é tão somente o resultado empírico do sentido.” (p. 222). Com isso, Deleuze (2006a) desdobra a perspectiva de serem as verdades/falsidades integrantes das designações resultantes do sentido construído nas misturas entre os entes-corpos do mundo. Nesse sentido, instaura uma confusão onde a imagem dogmática eleva ao transcendental uma verdade constituída pelo empírico, “sob a pena de deixar cair no empírico as verdadeiras estruturas do transcendental” (p. 223). Essa colonização de determinado campo empírico anterior criador de condições de possibilidade a emersão de uma verdade, gera proposições que tendem a decalcar as maneiras de colocar problemas, ou seja, mesmo no momento de se problematizar determinado campo empírico, se propõe reiteradamente determinadas designações, desencadeando uma consequente resposta restrita ao campo propositivo da questão, *apaziguadamente* transcendente.

Sétimo postulado: da modalidade das soluções.

Reconhece-se a exigência crítica, esforça-se por levar a prova do verdadeiro e do falso até os problemas, mas mantém-se a ideia de que a verdade de um problema reside tão-somente em sua possibilidade de receber uma solução. (DELEUZE, 2006a, p. 229)

“*Os moradores de rua não conseguem casa, porque não conseguem parar num emprego e porque usam drogas?*” Sugere que os movimentos de vida precisam sempre encontrar o cidadão em suas perguntas. Os desvios – o que não seria um cidadão, ou seria um cidadão do mal/fracassado/incompleto – demandam a criação de soluções para evitar não-cidadãos, ou cidadãos fracassados/incompletos/do mal. Nesse sentido, o trabalho sempre está balizado pela imagem do cidadão. Ao procurar a solução, não problematiza-se as verdades/falsidades contidas na pergunta. O cidadão sobrepõe-se novamente como imagem ao pensamento, aliando-se, derivando dessa imagem de pensamento que tende a reconhecimento, ao transcendente. O cidadão novamente como dogma, atualizando o dogma.

A modalidade das soluções disfarça e tenta sobrepor-se a um campo complexo de distinção entre “o ordinário e o singular” (DELEUZE, 2006a, p. 234) que cria condições de possibilidade à colocação dos problemas. Dito de outra forma, a solução do problema, a verdade ou a falsidade da proposição que resolveria o problema, é menos relevante para Deleuze que o campo de condições de possibilidades, habitado por múltiplas camadas, singularidades,

estratificações, encrencas e encontros entre entes, que eclode na colocação dos problemas. O conjunto de forças, a rede ações e atores compondo a premência do problema, seriam mais importantes que a solução.

Oitavo postulado: “o resultado do saber”. Deleuze problematiza o que é o aprender, uma vez que se determina socialmente o que deve ser aprendido. Nesse sentido, o saber que será considerado estará tatuado numa transcendência ao que se experimenta e se aprende. O pensamento como sofisticação de acúmulo de aprendizados, de saberes encadeados designando entes e correspondendo a memorização de convenções. Assim, o saber está ligado ao resultado concreto encontrado nas vivências e nos encontros, ocultando a sutileza do campo de condições que geraram a problemática, simplificada conseqüentemente na condensação da resposta, que por sua vez é legitimada como aprendizagem, e por conseqüência, como saber. É como se todo o campo de experiências/vivências de uma pessoa em situação de rua não tenha gerado problemas a essas pessoas, visto que, as respostas evidentes, presentes em sua vida concreta atual na rua, administra soluções inaceitáveis aos saberes ligados e esperados na imagem do cidadão. Todo o campo problemático do contato singular e imanente dos tempos e ações disruptivos nos inúmeros encontros na história de vida da pessoa em situação de rua, ficassem restritos a comparação com um transcendente saber viver. A vida atual da população de rua perde legitimidade enquanto potência problematizadora do mundo, em função dos problemas não serem levantados/apresentados com os pactos linguísticos, hermenêuticos, significantes do esperado/transcendente/óbvio/reiterado modo de produção de problemas, soluções e produção de conhecimento.

Para finalizar, Deleuze (2206a) dispara que “os postulados não têm necessidade de serem ditos: eles agem muito melhor em silêncio, no pressuposto da essência como na escolha dos exemplos; todos eles formam a imagem dogmática do pensamento” (p. 240). Essa imagem do pensamento no texto original de Deleuze é uma multidão de balões de gás erguendo consigo a imagem do cidadão. Essa imagem do pensamento sustenta e suspende uma série de outras imagens estigmatizantes, proporcionando uma rede paradoxal, disjuntiva e sutil no movimento da imagem do cidadão distendida na reiteração de inúmeras práticas, instituições, enunciados discursivos, correlação de forças germinativas em um modo complexo, com dimensões e densidades na ação, de modo até entrópico, num jeito de propor controle, disciplina, incentivo às existências para determinados horizontes, em redes de saber/poder/ser, acionando um arsenal disperso de governo, erguendo-se com balões de hábitos úteis (ou não), reiterados, atualizados constantemente, num tipo de cuidado de si e dos outros. (FOUCAULT, 2011)

De que forma essa imagem de cidadão interage com as definições preponderantes sobre

peças em situação de rua, e quais estratégias de amparo para romper, fugir, animalizar, dialogar, contrapor, subverter, tangenciar, esgarçar essa imagem do cidadão podem ser possíveis? Menos no sentido de substituir essa imagem de cidadão por uma outra imagem mais correta, mas como fazer essa imagem do cidadão, coabitar, fugir, figurando apenas como mais uma narrativa ontológica possível na zoopolítica humana, mas não necessariamente a melhor.

Décima Ladaia – a RNR e as Pessoas em situação de rua

Ao me relacionar com as políticas públicas convivi com uma série de dimensões de designações e proposições diversificadas em relação as pessoas em situação de rua. A maioria delas pretendia, no fim das contas, com pressupostos mais ou menos explícitos, uma imagem do cidadão onde a liberdade, a responsabilidade, uma qualidade de vida, o lutar por direitos, o exercício efetivo da cidadania, a construção de vínculos, a conscientização de si, dignificassem, sendo o cidadão, talvez, o objetivo último das práticas. Nesse sentido, as pessoas parecem tributárias de executarem performances que atualizem em algum grau a imagem do cidadão. Parece haver uma confusão entre ser tributário de uma imagem do cidadão, e ter dificuldade de emparceirarem-se na construção de uma noção de sujeito singular – procedimentos diferentes com objetivos diferentes. Na imagem do cidadão encontra-se a reconhecimento. Na ideia de sujeito parece abrirem-se possibilidades de construção de um outro campo etnográfico, ontoepistemológico, quiçá, para além do cidadão, paralelo ao Estado, em diálogo com o Estado, mas superando os desígnios que conferem o predicado de mal, ou de negativo ao cidadão. (Foucault, 2011). Ambos são movimentos zoopolíticos, mas erguem-se através de balões diferentes.

A ladaia paradoxal das Políticas Públicas de Assistência Social do Estado mesmo operando em um determinado platô de governo, desencadeiam com suas tarefas e demandas uma série de fluxos que multidimensionam as existências dentro da cidade.

Transcrição de um áudio enviado por Cícero⁸⁸

Bom dia meu irmão, tudo bom? Vou fazer aquela fala que tu me pediu. Vamo começar não me lembro direito acho que foi 2014, não tenho certeza... é acho que foi 2014⁸⁹. Que nós tava no Centro Pop 1... que eu tava me organizando, por que eu tava no movimento (MNPR), eu tava no jornal Boca de Rua, era facilitador social da FASC, né. Então eu acessava a rede da assistência social que é a FASC, e acessava o Centro Pop 1 pra toma banho, fazer a barba. As vezes não tinha nada pra almoçar, fazer lanche, e as vezes a gente não tinha nada pra fazer. E foi quando eles abriram umas oficinas. Que nós tinha oficina de áudio e vídeo, nós tinha oficina de teatro, tinha oficina de máscaras, oficina de costura. Tinha oficina de bastante coisa, bastante coisas pra fazer... no tempo que tinha as oficinas, né. E numa dessas oficinas, saiu a de áudio e vídeo ali com o Alexandre Missel que veio, veio ele o Tiago também, pessoas que gostam de fazer as coisas de ajudar, sei lá, passar o que eles sabem pra outras pessoas, enquanto a gente

⁸⁸ Áudio enviado em conversa virtual através do aplicativo de celular “Whatzap” em 27 de setembro de 2018. Cícero ex-morador de rua, participante ativo da RNR quando ainda se encontrava em situação de rua; hoje trabalha para superar o que chamou de sua dependência química e cuida de seus interesses sociais. Enviou esse áudio no momento da finalização dessa dissertação, desejando manifestar-se sobre a RNR, disposto e solicitando que incluísse sua fala no texto.

⁸⁹ O ano de 2012 é a data precisa de início das propostas artísticas do Circo da Cultura no Centro Pop e da RNR.

esperava não tinha nada pra fazer. E nisso nós fizemos um trabalho de voz, de imagem. E nisso deu uns aniversários: o aniversário do mês, que a gente todo mês fazia o aniversário do mês no centro pop, né. E nós tinha uma banda de pagode, os Peregrinos do Samba, que era composto só por moradores de rua com um material que nos tinha ali no Centro Pop. Nós tinha pandeiro, nós tinha cavaquinho, violão, cubana, e aí o Alexandre gravou isso e a gente começou a fazer uns trabalho ali dentro. E esse trabalho a gente fez, e de uma hora pra outra que tal, nós fizemos uma rádio, uma coisa de comunicação. E a gente foi conversando, e isso foi divulgado, e isso foi falado. As pessoas gostaram e ele teve uma ideia de fazer isso na rua, levar isso pra rua pra perguntar para as pessoas o que elas acham da possibilidade das população em situação de rua, de né, se organizar, qual a dificuldade das pessoas em situação de rua, curiosidade que as pessoas tinham sobre a pessoa em situação de rua, como eles viviam como eles moravam, como eles se organizavam, o que que eles faziam o que que eles faziam na noite, o que que eles faziam pra sobreviver, como eles faziam pra dormir, como eles faziam pra namorar, como eles faziam pra ir no banheiro? Eu acho que as pessoas têm muita curiosidade sobre isso. E quem melhor do que nós pra falar sobre isso. Então a gente levou a rádio pra nos divulgar isso pra mostrar pra eles como a gente vive na rua – não é só roubando, não é só assaltando, chineliando como eles falam. Acham que é uma sobreviv... é um mundo... é uma cidade dentro da cidade! Nós temos uma cidade só de morador de rua.. né que nos temos a nossa vivência, nos temos nossas mulheres, nos temos nossos filhos, então coisas que as pessoas queriam saber, querem saber, e querem saber o porquê que tavam ali... alguns falam, alguns não falam, por que são coisas pessoais que muitos não querem mexer nessa ferida... né... nos também queríamos saber o que que as pessoas achavam da pessoa em situação de rua, o que que ela pensa o que que a pessoa imagina daquela pessoa... as pessoas também perguntam o que que a gente sabe fazer... tem muita gente ali que é formado, tem gente que é jogador de futebol, tem gente que é profissional em qualquer área na rua, só que saiu pra rua por algum motivo... nós também queria saber também, sobre políticas, políticas públicas. Nos perguntamos também para as pessoas na rua tudo com a RNR, perguntamos também sobre... como a gente fazia também pra gente se alimentar, pra tomar banho, como hoje eu também saí da rua, como outras pessoas também saíram da rua e como estão vivendo hoje. A gente também pergunta para as pessoas como elas vivem dentro da casa. Por que a pessoa também vive e não mora na rua. As pessoas também têm dificuldade, não tem dinheiro, tem filhos, tem conta pra pagar, né e algumas dificuldades são semelhantes. Então a rádio na rua era isso, a RNR me, ela me projetou, e uma outra coisa muito importante que a RNR me ajudou muito foi que, eu não usava droga quando eu estava atuando, quando eu estava na linha, na ponta da rádio, né. Quando eu tinha assim a rádio, por que eu já tinha, que me preparava um dia antes então... era dois, três dias, ou uma semana que eu não usava, né, não usava droga pesada né, não bebia, não usava o craque, né, que era minha droga de preferência. Ainda é, só que hoje eu estou em tratamento. Mas... isso é muito importante. A RNR pra mim... eu vou dizer pra ti que... eu sinto muita falta... hoje eu não posso, eu tô afastado de todas as atividades da rua, pelo meu tratamento que eu fiz, faz dois anos que eu estou longe de tudo e vou permanecer, porque o tratamento que eu fiz ele não concorda, né, de eu voltar a fazer o que eu fazia antes pra me proteger, não das pessoas, mas da, da... da droga, da minha memória química que pode acionar e eu voltar a usar... então... mas eu tenho muita vontade... um dia que tiver a RNR e eu tiver preparado emocionalmente e forte pra poder ir... claro que eu vou ter que levar alguém junto pra me sentir mais seguro... é isso aí Alexandre... a RNR ela é... bah *deusulivre*... foi muito importante pra mim... e o Alexandre e o Tiago foram as pessoas que... bah assim ó, sem palavras mesmo, são seres humanos assim que *deusolivre*, né... e vou dizer pra ti que também que... não só a RNR que teve... teve teatro, os Invisíveis, que nós fomos até premiados, né, o teatro na rua, teve também varias coisas da secretaria da saúde, Se Essa Rua Fosse Minha, nós tivemos bastante coisa, né, que motivou o cara a sair da rua. Pelo menos eu falo de mim, que me motivou muito pra sair da rua. E hoje eu agradeço a todos esses projetos, que hoje a prefeitura não tem! Né, hoje tá carente de... se tivesse mais

essas oficinas, esses trabalhos, acho que tiraria muito mais gente da rua. Mas não tem né. Hoje as políticas públicas elas estão muito precárias. Os trabalhadores estão trabalhando num sistema precário. Então hoje muita gente tá na rua mas poderia ter saído com esses trabalhos com essas oficinas e com essas pessoas, como o Alexandre, como o Tiago, como a Cristina, como a Carolina Pommer, como várias outras pessoas fizeram as oficinas e tiraram muita gente da rua. Então, né, é muito importante isso. Que eu me lembre é isso Alexandre, se eu lembrar de mais alguma coisa... bah agente fez as coisas na esquina Esquina Democrática né, bah muito bom! Fizemos na outra esquina da Andradas também. Nós fizemos no largo Zumbi dos Palmares, fizemos em vários lugares a RNR, fizemos na Redenção. Foi muito bom, encheu de gente na Redenção, muito bom! Muitas perguntas, muitas atrações. Eu quero fazer outra RNR, vamo armar uma bem boa, né. É isso cara, um abraço pra ti, um abraço pra meninas ai, pra tua filha e pra tua esposa, um abraço mesmo de coração cara. Eu não tenho como te paga mas eu te agradeço tudo. O único jeito que eu posso te pagar é ficar bem. Um abraço.

05 de julho de 2017. Depois de alguns dias de um calor intenso esquentando a vida de inverno em Porto Alegre, nessa quarta-feira esfriou. A chuva chegou. Não gosto de me deslocar na cidade de bicicleta quando chove. Prefiro ir a pé. Caminhando na Av. João Pessoa, no sentido do hospital da Santa Casa de Misericórdia ao parque da Redenção, resolvi desviar dos pingos indo por baixo do viaduto. Mirei o caminho. Percebi uma galera desconhecida e desconfiei. Desisti: vou por cima. Quando atravesso a rua, um dos desconhecidos na verdade era um parceiro da rua. Cumprimento com alegria de ser um conhecido e de ser ele, especificamente. Trocamos alguns bons dizeres, um abraço e seguimos. Em baixo do viaduto, fiquei quase tranquilo, não fosse a imagem dele na minha cabeça: muito mais magro do que as últimas vezes que o encontrei na rua e no Centro Pop; boca branca, parecia desidratado, mãos encardidas, roupas bem sujas, cheiro forte. Anteriormente o encontrava na rua, mas, arrumado, organizado, com bochecha. Fiquei com uma sensação ruim. Em baixo do viaduto abanei para mais um parceiro da rua. Ele me viu e gritou: *“tem dinheiro, me dá um dinheiro pra comida. Dinheiro pô!”* O tom de voz era agressivo, a fisionomia brava, incomodada, impaciente. Grandes olheiras. Sem parar de caminhar falei que estava sem grana naquela hora. Segui meu rumo, com ele gritando atrás. Lembrei da constatação que a população de rua estava esvaziando as reuniões do MNPR; da notícia que o Centropop 1, além de atender apenas 15 pessoas por turno, tinha sido assaltado, levaram os computadores, e a equipe cancelou as atividades temporariamente por falta de segurança; as empresas terceirizadas para segurança e limpeza estavam em atraso com os salários e sem os repasses da prefeitura, retirando os funcionários do Centro Pop.

Desde meados de 2015⁹⁰ as políticas públicas de assistência social do Estado começaram a sofrer uma gradual retirada de recursos. Com o Impeachment da presidenta

⁹⁰ Essa data é uma especulação. Talvez a retirada de recursos já estivesse acontecendo no primeiro governo Dilma onde já se esboçava uma crise econômica que, segundo boatos, já era resultado, também, de uma crise política,

Dilma Rouseff, e o conseqüente grupo de políticos que a substituíram, juntamente com as eleições municipais de “partidos de direita”, ocorreram mudanças tanto na abordagem das populações vulneráveis, no próprio campo conceitual da vulnerabilidade⁹¹, quanto na quantidade de verba investida nos programas, instituições e projetos do SUAS. O resultado é uma desnutrição dos serviços assistenciais danificando o trabalho técnico e de apoio, desencadeando interferências na vida dos usuários dessas políticas públicas. No caso das pessoas em situação de rua, os espaços técnicos de cuidado onde os usuários encontravam uma série de encaminhamentos à saúde, documentação pessoal e ao trabalho, além de vínculos, apoio, oficinas, alimentação, banho, proteção... minguaram. O cotidiano de trabalho no Centropop 1, com investimento do Estado, nunca foi tranquilo ou fácil, nem para usuários nem para a equipe. Mas sem o investimento do Estado garantindo esse território institucional de encontros, embates, cuidados e construções, a vida na rua tende a sofrer com dificuldades básicas.

O caso narrado no viaduto não é isolado. Nos últimos meses, em outros encontros pela cidade com alguns sujeitos em situação de rua percebi algum déficit em suas condições de vida. Mau cheiro, roupas sujas e rasgadas, marcas de surras, abuso maior de drogas, magreza. A diminuição do atendimento a essa população parece subtrair um tipo de dignidade social que estava em construção.

Desta forma, o desinvestimento nas políticas além de sucatear estabelecimentos como o Centro Pop, piorando condições básicas de vida para pessoas em situação de rua, desinveste, conseqüentemente, de alianças com outros tipos de entidades, com outras perspectivas diversas de outros profissionais, com epistemologias diferentes de outros grupos, com outras propostas técnicas. O cenário de investimento anterior, instaurou vínculos entre profissionais de diferentes áreas, complexificando os tipos de abordagem aos problemas sociais. O ambiente de investimento repletou a assistência social com atores-ações, cada qual com suas possibilidades de invenção de platôs de relação entre os sujeitos, administrando outras redes de princípios, desencadeando diferentes objetivos e resultados, vasteando o cenário da assistência social.

desacordo entre a Câmara dos Deputados, Senado Federal e a Presidência da República, o que inclusive, ensejou com Impeachment da presidenta. O fato é que somente após a saída de Dilma Rouseff aconteceu uma evidente desnutrição do SUAS.

⁹¹ A mudança conceitual a que me refiro e a qual não desenvolverei nesse trabalho, se refere, no meu ponto de som, ao neoliberalismo e um foco na meritocracia: “todos somos cidadãos lúcidos, livres e responsáveis, nossa condição atual é fruto da quantidade de dedicação que despendemos para alcançar determinados fins”. Com isso a narrativa dos subalternos, pobres, populações vulneráveis em geral, como resultados negativos do sistema econômico vigente no mundo, implicando o Estado na mediação e contrabalanceio dessas defasagens existenciais com políticas públicas, é substituída pela análise de desempenho individual, onde a narrativa é que, mesmo sendo pobre, é possível encontrar forças e meios de inventar a própria transição social. Quem não transita é por que ou está satisfeito, não se dedicou o suficiente, ou tem algum acometimento que precisa de correção/cura/educação.

A RNR é resultado de uma dessas alianças institucionais no profícuo período de investimento financeiro; proporcionou meu encontro com o Centropop, com a FASC, com a população de rua, com os técnicos, com o Circo da Cultura. Durante 3 anos a RNR foi custeada por um projeto cultural vinculado a FASC. Atualmente a RNR acontece esporadicamente sem apoio do Estado. Inclusive, a RNR precisará descobrir como acontecer com o platô de trabalho do Centro Pop, em paralelo, desnutrido – sem suas camadas/modos de intervenção que investiam em cuidar de necessidades básicas das pessoas em situação de rua.

Ladaia da RNR, Circo da Cultura, PPAS/SUAS

Esse período de investimento com a proliferação de parcerias institucionais gerou a presença do projeto Circo da Cultura no Centro Pop abrindo possibilidades a artistas da cidade problematizarem-se com uma *artistagem*⁹² (CORAZZA, 2006), em um estabelecimento do Estado, interagindo com o público das políticas de assistência. O Circo da Cultura como mediador dessa interação se inseriu como um projeto de uma ONG de artistas que trabalham com produção cultural, com produção de conhecimento artístico e pedagógico, estudando complexamente a ampliação de horizontes estéticos, éticos e políticos através da arte, selecionando um grupo de artistas-pesquisadores para estudar, experimentar, criar, num hibridismo entre arte, performance, política e treino de habilidades musicais, de cinema, de dança, teatro, junto aos usuários do Centro Pop. O momento de profusão de contratos era tão repleto de encontros variados, que o tipo de vínculo formal com a Prefeitura de Porto Alegre precisou de um arranjo inusitado entre as Secretaria da Cultura e a FASC – a ONG Rede do Circo precisava ser contratada pela Secretaria da Cultura, por se tratar de uma ONG com o estatuto voltado a área da cultura, sendo o projeto do Circo da Cultura: Ações Culturais no Centro Pop, uma bricolagem entre Cultura e a Assistência. Esse inusitado arranjo institucional é resultado da política de investimento e da abertura dos serviços em procurarem modos diversificados de abordar as demandas sociais.

A idealização, curadoria e a coordenação do projeto do Circo da Cultura no Centro Pop realizada pela atriz e arte-educadora Luciana Paz teve a intenção de selecionar artistas,

⁹² “O termo "artistagem" foi cunhado pela Profa. Dra. Sandra Corazza (UFRGS) para se referir, ao mesmo tempo, a uma estética, uma ética e uma política a se inventar; trata-se, em suma, de fazer arte sem ser artista, uma prática que busca o não-sabido, o não-olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito.” (SILVA; KROEF, 2016, p. 1)

pesquisadores, ativistas culturais, e não apenas oficinairos, operando outros entrelaçamentos entre oficina na assistência social e criação artística. Fui contratado pelo misto de profissões: psicólogo, pesquisador, músico, compositor, performer, técnico de som; mas, talvez, principalmente, por Luciana Paz querer minha postura de artista/oficineiro que arrisca, que procura diversificar as linhas de criação artística, implicado com a proliferação de agenciamentos ontológicos, de camadas de análise e crítica social, num misto de arte, psicologia, esquizoanálise, clínica, política e performance. Junto comigo, havia uma colega das artes dramáticas, atriz, performer, pesquisadora, com propostas artísticas híbridas com performance, teatro, filosofia da diferença, imagem fotográfica, vídeo – criou uma intervenção: o corpo sutil. Ao sutilar o corpo, fotografando esse corpo junto a entes do mundo; esse trabalho virou sua dissertação de mestrado. Essa artista/oficineira, Carina Sehn, no Centro Pop desenvolveu vários procedimentos: batia fotos 3x4, filmava conversas, propunha diálogos íntimos e descompressores das tramas vividas no cotidiano das pessoas que buscavam o Centro Pop. Resultou em um mural 1,5 x 1,5 metros de fotos de rostos de entrevistados com mais de 30 pessoas, entre profissionais, usuários, estagiários, fixado na parede do pátio do Centro Pop. Outra artista convidada, foi uma dançarina, diretora de arte, criadora de espetáculos de dança contemporânea e performances do corpo, Luciana Hoppe. Ela criou o método *atrapalhativo* – consistindo em inserir objetos ou organizar objetos de um ambiente institucionalizado, de maneira caótica/artística, para atrapalhar o uso comum desses espaços disparando outros comportamentos aleatórios, instigando constantemente o desvio de performatividades do corpo no espaço; suas produções artísticas e acadêmicas administram um cenário do corpo condensador de intensidades e dispersor de potências. Um time de trabalho escolhido para produzir arte performática, crítica, inventiva, criadora e política no Centro Pop. O Circo Da Cultura convergiu artistas que não se limitavam a instrução pedagógica, ou a arte como entretenimento, tão pouco a instrução. A coordenação estimulava todo o tipo de ideia de Jerico⁹³; depois da intenção insólita ancorada artística, sensível e politicamente, se pensava em formas de execução. Foi a primeira vez que minhas ideias ganharam condições de possibilidade e estímulo, sem serem desencorajadas ou julgadas como impróprias. Algumas pessoas do teatro

⁹³ Jerico é o nome dado a espécie equina dos burros, asnos, mulas. Jerico é um tipo de jumento, um perissodáctilo. A diferença dele para todos os equinos é que ele é o mais improdutivo aos humanos; dificilmente obedece a comandos. A subespécie dos jericos é a menos utilizada no trabalho por essa desobediência. Os humanos confundiram essa desobediência com ter menos inteligência. Normalmente falam que uma ideia de jerico é uma ideia absurdamente ignorante, desprovida de razão, uma tolice. Acontece que o Jerico é um dos poucos equinos que consegue ser preterido ao trabalho, ficando mais livre. Essa improdutividade desobediente do Jerico faz dele um insubordinado, um parceiro de ideias indomáveis. As Ideias de Jerico extrapolam limites, sondam o inimaginável, o virtual, o ilimitado, tangência; é necessário dedicar-se para atualiza-las.

têm dessas extravagâncias, de criar cenários e indumentárias insondáveis, inventando condições de possibilidades de atualização de horizontes alargados.

Esses 3 anos dentro do Centro Pop, relacionando-me com parte da população em situação de rua atendidas nesse local, me relacionando com outras entidades da cidade, convivendo e conhecendo as pessoas da rua, possibilitou os balões que ergueram a RNR.

Simultaneamente ao trabalho do Circo da Cultura acontecia o amparo técnico dos trabalhadores da rede de assistência social do Centro Pop cuidando de necessidades das pessoas em situação de rua: nos encontrávamos no microfone com os usuários do Centro pop de banho tomado, com roupas trocadas, depois de conversas com psicólogos e assistentes sociais, cuidados com o pessoal da enfermagem, com encaminhamentos para abrigos, albergues, benefícios, médicos, exames, tratamentos, contatos com familiares. A RNR foi possível junto a essa camada fundamental de trabalho do Centro Pop.

No entanto, nesse rizoma de linhas diferentes de trabalho com as pessoas em situação de rua, cada grupo, cada oficinairo, cada profissional, atualizava com cada pessoa, com os grupos de usuários, em cada dia de trabalho, perspectivas paradoxais sobre o que era se relacionar com pessoas em situação de rua. As políticas públicas com seus PNAS, na tipificação dos serviços com a população de rua pretende determinados reestabelecimentos: retorno ao emprego, sobriedade, retorno a família, ou estabilização de outros vínculos, viabilização de moradia individual, restabelecimento de determinada saúde física e mental. Uma série de interesses que reiteram a imagem do cidadão às pessoas em situação de rua. Desempenham procedimentos acordados pela política e outros tantos atos técnicos inventados no dia a dia; em suas reuniões semanais discutiam casos numa gestão horizontal, crítica e implicada em desenvolverem constantemente novas tentativas técnicas. Mesmo que algumas camadas de trabalho no Centro Pop, incitados pelos documentos do SUAS e pelas demandas diretas da população da rua, reiterem ao seu modo a imagem do cidadão, abrem-se a criação de intervenções, e principalmente a outras propostas, de outros profissionais, como o Circo da Cultura, administrando outras perspectivas ontológicas sobre o pessoal em situação de rua. A camada de aplicação da política pública de assistência social do Estado à população de rua é fundamental para o trabalho paralelo de outras políticas públicas, financiadas pelo Estado, direta ou indiretamente, mas não necessariamente administrando os princípios e mandatos técnicos dos documentos do SUAS. O trabalho no Circo da Cultura, aplicando política pública, aliado, mas não necessariamente do Estado⁹⁴, permitia que administrássemos/construíssemos

⁹⁴ Na primeira oportunidade que falei sobre a RNR no primeiro semestre do mestrado, Luís Artur tratou de esclarecer o paradoxal: a RNR como uma política pública de assistência social, mas não do Estado,

outras perspectivas sobre as pessoas em situação de rua, dimensionando outras ontologias, outras práticas, outros horizontes técnicos, outros instrumentos e ferramentas a serem incluídos na relação de trabalho.

Ao conviver com os usuários do Centro Pop fora das salas de oficinas, no pátio, e depois através dos microfones, na rádio, cada vez mais percebia vidas complexas, potentes, afirmativas, disruptivas, entrópicas as definições da imagem de cidadão. Mas constantemente tendo suas práticas e atos comparados, medidos, colonizados por essa imagem do cidadão de bem. Percebi histórias singulares de vida que atualizavam rupturas sensíveis e viscerais com instituições da sociedade, não por loucura, maldade, delinquência, abuso de drogas, falência, mas por terem em si um modo visceral de resistir as práticas subalternizantes das instituições (QUIJANO, 2005). Dessa forma, a RNR foi um modo de tentar conversar o máximo possível com o pessoal da rua, assim como, do pessoal da rua com as pessoas da cidade (como já faz o jornal impresso Boca de Rua), presentificando, atualizando esses tangenciamentos, mais do que condenando ou visando recolocá-las, reencaminhando-as. De alguma forma, pretender outras ontologias sobre a vida das pessoas em situação de rua tangenciando as perspectivas da imagem do cidadão de bem nas políticas públicas dos estabelecimentos do Estado, instaura outros planos de ações relacionais multiplicando possibilidades ao que pode ser legitimado, incentivado, apoiado, afirmando entropias para além do negativo da imagem do cidadão.



Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. (RIBEIRO, 2017, p. 83-84)

Quando entrei no Centro Pop embarquei como um agente pago por uma instituição responsável por aplicar políticas públicas assistenciais do Estado para a população em situação

necessariamente. Isto se deu por que levei para a aula RNR como uma intervenção urbana conflitando com as políticas públicas, como uma crítica a essas políticas, justamente por perceber as pessoas em situação de rua com outra perspectiva que a da imagem negativa do cidadão a ser recuperado. Mas o paradoxo, os platôs paralelos de ação foram incentivados nessa aula.

de rua. Entrei, também, sendo o homem branco cis, sujeito hegemônico e privilegiado designado para propor ações de recuperação às pessoas em situação de rua através da arte. Pertencço também a uma classe, a uma raça e a um gênero que normalmente imbui-se de ser agente de políticas na condução de vidas. No Centro Pop, seria para os usuários, o artista agente da política pública, o professor, como me chamavam. Quando entrei, percebi também que era o homem branco cis, filho da classe média operária, graduado em psicologia, e incentivado a desenvolver-se artisticamente. Com isso, considerei essa procedência, para atentar a essa implicação, para me desinteressar, não necessariamente do meu lugar, mas do que esse lugar tendia a agenciar previamente sobre as pessoas em situação de rua, emitindo juízos, moral, regime de sensibilidades, salvacionismos, vitimizações: o despreparo aos aromas da rua, ao tipo de trocas corporais, aos hábitos de comportamento e movimentos da galera da rua, às palavras, às violências, ao aparente fracasso de vidas sem trabalho, sem casa, com o corpo adoecido de droga e de má alimentação; todo o arsenal de saber e poder produzido e reiterado pela indústria ontoepistemológica do senso comum urbano, residencial, ocidental branco hetero cis se apresentava a minhas sensações e pensamentos, toda a imagem de cidadão me beliscava pedido passagem; precisei me desfazer dessas tendências, em mim e dos outros comigo; analisar minha implicação ajudou a não me interessar por determinadas filiações e construir outras alianças, disposto a me relacionar com as pessoas com outra política ontológica.

A RNR além de criar ferramentas para a constante construção do multilinear lugar de fala das pessoas em situação de rua, além de incentivar a criação de ferramentas de expressão da vida e da cultura da rua, além de criar um ambiente de trocas e relacionamento entre pessoas de diferentes estratos sociais da cidade, é a invenção coletiva surgida da cumplicidade de diferentes atores sociais com diferentes lugares sociais ao prescindirem de determinados marcadores categóricos de identificação, ou de determinados discursos refinados e sofisticados de enfraquecimento e despolitização invisibilizantes e silenciadores dos movimentos complexos contidos nas agências da vida de quem está em situação de rua. Um dos principais elementos a me despertar o interesse é o tangenciamento – constantemente presente nas histórias de vida das pessoas, com lugares e ações de ruptura com instituições sociais, com demandas e expectativas de papéis/lugares sociais. Rupturas que preferi designar como resistências viscerais (Fátima Lima fala de abertura do SenaCorpus no CEDIC da Universidade Federal do Rio Grande no dia 21 de março de 2018), ou ainda como entropia. Ou seja, um modo de atualizar no comportamento automaticamente uma refração e desvio ao que está sendo proposto como conduta correta (imagem do cidadão) dentro de uma sociedade que confinaria as existências num status desprivilegiado afetiva e socialmente.

Ruptura, Entropia e Fluxo

Soliene: tô na rua desde os 8 anos. Saímos juntas eu e a Rita. É que na rua a gente tinha liberdade, né. (hoje, uma mulher com 25 anos de rua)

Parece importante salientar a diferença de procedimentos para não misturar perspectivas. Num momento do pensamento, vasculha-se as sutilezas de agenciamentos complexos nas vidas das pessoas em situação de rua, para conferir a situação atual de habitar a rua, uma outra profundidade, estendendo esse indivíduo em complexas tramas de intensidades, decisões, de rupturas com instituições sociais (mesmo que essas rupturas sejam conduzidas a extremos “negativos” da imagem do cidadão de bem), para evitar, como princípio, a demonização dos tangenciamentos na vida de uma pessoa, em função do julgamento moral/transcendente feito sobre sua situação atual. Nesse sentido, ao encontrar sutilezas potentes nas vidas das pessoas da rua, as rupturas com as instituições sociais e a desistência/rejeição de mandatos da imagem de cidadão do bem, normalmente designadas/significadas/propostas como falências/fracassos/patologias/delinquências do indivíduo que rompe, são complexificadas mostrando tanto a limitação existencial do indivíduo socialmente, quanto percebendo legitimidade, e vontade de “outra coisa” nos movimentos de ruptura. O fato de a ruptura com instituições sociais serem bruscas, violentas, fugas, sumiços, evasões, muitas vezes, acompanhadas de delinquências, tende a deslegitimar essas rupturas como movimentos questionadores, problematizadores do social estabilizado, esperado, reiterado e exigido. Como abordam Deleuze e Parnet (1998), “uma verdadeira ruptura pode se estender no tempo, ela é diferente de um corte significativo demais, ela deve ser continuamente protegida não apenas contra suas falsas aparências, mas também contra si mesma, e contra as reterritorializações que a espreitam.” (p.32). Disso extrai-se a disponibilidade de cuidar, de não patologizar/negativar um movimento entendido como disruptivo, procurando descobrir que tipo de diferença ele administra, para emparceirar-se desse movimento de diferença – como retoma Lapoujade (2017) lembrando Souriau, não é apenas o fato disruptivo a questão, mas o ponto de vista que muda com o fato disruptivo que é o acontecimento.

Sérgio: Me separei da minha mulher depois de perder meu emprego, sem dinheiro, aí comecei a beber, ela teve um caso, e abandonei a casa e os filhos. Melhor assim. Deixa eles lá”

Falar de ruptura aqui, tem pouco a ver com estimular a ruptura numa perspectiva militante, de combate dialético ao sistema vigente, aos modos hegemônicos, as

compulsoriedades da vida na cidade, no Estado. Falar em hegemonia, estigmatização, estereótipo, não serve para que isso seja atacado, no sentido de que depois do ataque, poderemos fazer um mundo livre de estratificações e estigmas. Salientar e positivar as rupturas como movimentos intensos, como uma resistência visceral, com uma inteligência comprimida, como um agenciamento complexo necessário de ser vastiado para desmembrar suas sutilezas, como entropia, a germinação de novos pontos de vistas, não significa combater o hegemônico, necessariamente, mas principalmente multiplicar a legitimidade de múltiplas ontologias.

Entropia é essa desagregação. Uma desagregação irreversível: quebrar um copo de vidro, tentar colar suas partes novamente não nos trará o mesmo copo. Em termodinâmica fala-se em uma quantidade grande de energia pra manter entes unidos evitando sua entropia. A entropia tende a carregar uma carga negativa, pois degrada a condição “estável”, anterior. Atualmente, acontece um esforço para pensar as rupturas e desagregações como possibilidades de novos agenciamentos e conexões. A degradação de algo como a criação de outro. A ruptura ganha possibilidade de ser potência de criação com esses novos desdobramentos do conceito de entropia (Ulgiati, 2016).

Focar no movimento de desfiliação, de drogadição, de suportar morar na rua, de desemprego, de pouca higiene, na ruptura como erro, sugere-me uma moralização que coloniza o movimento entrópico presente na disputa ontológica do problema da existência humana, algo que poderia ser proposto analiticamente como em constante expansão, vastidão. Positivar a ruptura e se emparceirar da entropia, ao contrário de procurar o copo, é esforçar-se por conhecer os estilhaços cortantes. Afirmar a ruptura aqui como propositiva de mundos é muito mais para aliar-se ao fluxo da diferença, aos ritornelos em cada humano e/ou, que cada individuo humano é do ser humano – o que repete, se repete, repetimos, e o que difere, se diferencia, diferimos. Falar de ruptura é apenas um momento da conversa, um momento inicial; tal como disse Deleuze, profundidade/superfície interessa para falar desse momento inicial de constatação de que o mundo é vastidão comprimida em juízos simplificadores, onde o sutil é um conceito impreciso para designar a rede de ações complexas e intensas condensadas em diferentes platôs, atuando no mundo. Esse parece um primeiro movimento, profundidade/superfície, o sutil, povoando as rupturas de complexidade, positivando as entropias ao presentificar suas agências diferentes/divergentes, mas é apenas, parte de uma máquina que posteriormente mirará/precisará do fluxo, de um Corpo sem Órgãos, pretendendo estimular o surfe no devir – “a oposição superfície-profundidade não preocupa mais em absoluto. O que me ocupa mais são as relações entre o corpo pleno, um corpo sem órgãos, e fluxos que fluem.” (DELEUZE, 2006b, p. 329).

Emparceirar-se no fluir é diferente de estimular o romper (inclusive diferente de combater o estratificado). Aliar-se/mirar o fluir, a conexão, os encontros, a atualização de si em conexões variadas desencadeadoras de novidades é diferente de estimular a ruptura contra determinado sistema/funcionamento/estrato – embora o fluxo tangencie, evada; embora o estratificado tenda a estabilizar numa hegemonia, e o hegemônico a simplificação da diferença. A RNR é a vontade paradoxal de criar vastidão, descomprimir sutilezas simplificadas em definições sobre a galera da rua e sobre a galera de casa, e simultaneamente, emparceirar-se dos fluxos, que por vezes, poderão ser disruptivos, entrópicos, divergentes. Ao mesmo tempo que se estimula perceber a vida como ruptura de padrões, problematiza-se como viver no fluxo de conexões com condições de possibilidades variadas em negociação e disputa ontológica constantes e afirmativas de existências múltiplas a surfarem na vitalidade do mundo, na criação de modos existenciais, com compartilhamento de singularidades presentificadas pelas entrevistas funcionando como atos propositores de mutação onde “arriscamos menos nossas convicções do que nossos modos de existências” (PELBART, 2011, p. 42).



“São os signos que, na sua força, violentam o pensamento” (GELAMO, 2008, p.169). O índio é o “selvagem” que coabita com o Estado. É considerado um humano original, primitivo, quase infantil. Consegue ser um não-cidadão se quiser, desde que viva num território definido e se comporte do seu modo não-cidadão esperado. Se estiver na cidade, ou em qualquer local que dialogue diretamente com entes do Estado será abordado com grande chance como se devesse proceder como um humano-cidadão. O indígena é um ente com condições de contrapor o cidadão, ou coabitar, mas sem necessariamente gozar dos benefícios de ser cidadão. Mas considerado enquanto uma existência com uma positividade relativa. O morador de rua parece interdito em um possível e especulado *status* de não-cidadão. Talvez possa situar-se como não-cidadão se for entendido/designado como um não humano, ou um desumano, ou ainda um animal. Enquanto for sobrecodificado, esperado e identificado como um humano, será automaticamente exigido como cidadão, e identificado como cidadão do mal/fracassado/incompleto.

Um mecanismo possível para contrapor essa sobrecodificação criando platôs de existência legítimos e simultâneos a uma imagem do cidadão, paradoxalmente, foi operado por Viveiros de Castro (2002) com o perspectivismo ameríndio: um mapa complexo da vida dos ameríndios. Uma minuciosa transdução das diferentes intensidades vividas pelos índios em suas

práticas cotidianas. Viveiros de Castro (2014) criou com esse perspectivismo ameríndio uma possibilidade de atualização da existência dos ameríndios qualificando-a como contemporânea e simultânea ao Estado, e não necessariamente, como antropotécnicas primitivas ou infantis em relação às práticas e táticas na cidade/civilização. Segue um trecho de sua escrita:

A etnografia da América indígena contém um tesouro de referências a uma teoria cosmopolítica que imagina um universo povoado por diferentes tipos de agências ou agentes subjetivos, humanos como não-humanos – os deuses, os animais, os mortos, as plantas os fenômenos meteorológicos, muitas vezes também os objetos e os artefatos –, todos providos de um mesmo conjunto básico de disposições perceptivas, apetitivas e cognitivas, ou em poucas palavras de uma “alma” semelhante. Essa semelhança inclui um mesmo modo, que poderíamos chamar performativo, de apercepção: os animais e outros não-humanos dotados de alma “se veem como” pessoas, e portanto, em condições e contextos determinados, “são” pessoas, isto é, são entidades complexas, com uma estrutura ontológica dupla face (uma visível e outra invisível), existindo sob os modos prenominais do reflexivo e do recíproco e os modos relacionais do intencional e do coletivo. O que as pessoas veem, entretanto – e que sorte de pessoas elas são –, constitui precisamente um dos problemas filosóficos mais sérios postos por e para o pensamento indígena. (p. 44)

Assim como fez Pierre Clastres (2012) analisando as sociedades sem organização hierárquica de Estado, ambos realizaram etnografias produtoras de platôs possíveis de existências diferentes, complexas, intensas, produtivas, paradoxais ao mundo ocidental e as cidades urbanas “civilizadas”.

A Rádio Na Rua na rua, radializando a vitalidade da cidade troça da ideia transcendente da imagem do cidadão ao conversar com transeuntes, que cada qual ao seu modo, tangenciam cotidianamente essa imagem. Misturando farpas, fiapos, sobras, desinteressâncias, a RNR microfona um cenário em movimento constante de entropia. Estilhaços cortantes para tudo que é lado. Microfonar corpos que se pensam copos, performatizam o copo, narram seu ser-copo, mas já estão estilhaços, devir-estilhaços. Isso auxilia a vivermos o cortante desses novos entes, trazendo novos pontos de vista estilhaçados, menores. Deste movimento, cada RNR executa procedimentos complexos de perceber durezas, distrair reiterações, problematizar performatividades e esquizofonias, procurar as divergências, inventando o som e sonorizando a dissidência.

Mãe Gorda: Me disseram pra esperar o trâmite. Várias vezes me diziam que a coisa não andava por causa do trâmite. Daí um dia eu disse, me diz logo quem é esse trâmite pra eu falar com ele. Tu vê, eu não sabia que trâmite era... tipo um processo. Daí eu me dei conta que precisava voltar a estudar na EPA. Até pro cara não ser enrolado

Isso foi uma conversa nos microfones da RNR no centro da cidade de Porto Alegre. A potência desse depoimento nos autofalantes é um agente gerador de perspectivas. Além de trazer a força das alianças com a EPA, com as letras, com a política. O estudar percebido como necessidade de melhorar o conhecimento para continuar tensionando os órgãos públicos, com uma nova qualificação. Não porque estudar dignifica o homem, nem porque todo homem bom é estudado, ou para por no currículo. É, fundamentalmente, por que estudar, nesse caso, é uma ferramenta de luta, de sobrevivência.

Ladaia Da Pessoa Em Situação De Rua

Em contraponto paradoxal a todo um arranjo convencional da imagem do cidadão, com alguma substancialização nos PNAS (2004), NOB/SUAS (2005), Tipificação Nacional dos Serviços de Assistência Social (2007), simultaneamente as políticas públicas também incentivam estudos e formações continuadas desenvolvendo-se constantemente pesquisas ampliadoras das próprias noções/restrições ontológicas presentes nos documentos.

Atualmente a produção de conhecimento sobre pessoas em situação de rua conjura um repertório extenso de novas políticas ontológicas, etnografias e cartografias sobre as pessoas em situação de rua. Trabalhos como: a dissertação de Elissandra Siqueira Da Silva (2017) cartografando o Me Apoia Aí, versando sobre o apoio como tão necessário a população de rua quanto o vínculo; inclusive como condição ao vínculo. Tiago Lemões da Silva (2012) com suas produções científicas referentes ao vínculos na rua falando da força das alianças de cuidado mutuo, das “famílias da rua” como um ponto fundamental da vida na rua, para além de reiterar filiações à família de origem; sua tese de doutorado sobre o funcionamento do MNPR, suas potencialidades para agenciamentos do pessoal em situação de rua pela organização e luta por direitos (SILVA, 2017a); além do trabalho sobre a passagem do escravismo no Brasil a conduta colonialista da vigilância e a criminalização da vida na rua, numa perspectiva decolonial sobre o extermínio de populações subalternas, através de políticas globais que aumentam situações de vulnerabilidade social e precarização da vida – salientando o racismo das políticas (SILVA, 2017b). A dissertação de Cunha (2015) sobre o forte vínculo entre as pessoas em situação de rua e seus cães, criando alianças e laços importantes para a vida na rua. O artigo de Kubota, Pires, e Neves (2008), falando da multiplicação de motivos que levam alguém a situação de rua, rompendo com a ideia de que a droga e a loucura sejam a prerrogativa hegemônica da ida a rua, sinalizam pessoas que migram à situação de rua, por entenderem o ambiente de casa como

estigmatizante, confinador e enclausurante – pessoas que veem e sentem a rua mesmo com suas violências e durezas, mais tolerável e libertadora que suas casas – uma questão de botões. Entre tantos outros trabalhos produzidos em dissertações e teses, artigos acadêmicos e produções coletivas de livros sobre a vida das pessoas em situação de rua. Trabalhos que pretendem legitimar a população de rua como pessoas com direitos, com peculiaridades, com singularidades, procurando narrar as sutilezas da situação de rua, para além da saída na rua como um retorno à família de origem, ao emprego, a sobriedade, a saúde, mas principalmente a constituição de uma rede de políticas ontológicas múltiplas que consigam amparar a existência divergente e peculiar da rua de modo a dar consistência ao constante processo de invenção a afirmação no mundo – superar a situação de rua talvez tenha pouco a ver com deixar a rua, mas deixar em definitivo algumas casas demasiado fechadas e gigantes, pesando demasiado nas passadas da pessoa.

Noutro movimento, trago Noguera (2015) com a criação da filosofia afroperspectivista num modo de afirmar e construir uma série de conceitos importantes a funcionarem com razões políticas e epistemológicas que legitimem outros modos de saber, com conceitos como o de sulear, o Sul, ao contrário de nortear – sulear é uma maneira de contrapor a escolha colonialista de colocar o Norte como parte mais relevante do mapa, longe de ser uma necessidade cartográfica é apenas uma escolha política. O filósofo Renato Noguera entende a necessidade de amparar a existência dos negros no Brasil com outro arsenal ontoepistemológico. Produz vários conceitos como o de pluriverso: “é o reconhecimento de várias possibilidades, de muitas perspectivas. A pluriversalidade é o reconhecimento das diferenças, da diversidade radical, do mundo como um vasto conjunto de interpretações e perspectivas, sistemas e teorias.” (p. 14). Noguera (2015) refaz o conceito da palavra negro, com as línguas bantufonas e nilóticas, como revitalização, convergindo à palavra enegrecer ao significado de revitalizar, restauração, um poder regenerativo. Noguera (2015) criando diversos conceitos pretende positivar e dar consistência a uma filosofia negra, uma filosofia brasileira, com afroperspectivas: “denegrir, vadiagem, drible, mandinga, enegrecimento, roda, cabeça feita, corpo fechado etc.” (p. 17)

Segue Noguera (2015) propondo outras produções de conhecimento, epistemologias, outros modos de viver, escolher, outras ontologias, e assim afirmando potências filosóficas em lugares inusitados como: vadiagem, drible, mandinga. Nesse sentido a malandragem, o drible, o “dar um jeitinho”, é um modo de positivar avaliado como tangente, desvio. Pode-se fugir de instituições do estado apenas por malandragem, por aplicação de táticas de drible – ainda mais instituições que aplicam tendências eurocêntricas e, desta forma, ainda colonialistas,

violentando epistemologicamente possibilidades divergentes de modos de vida. (QUIJANO, 2005)

A malandragem do brasileiro é menos algo a ser demonizado e mais a ser estudado, valorizado, principalmente por ela ser um modo ativo de propor a vida, de propor o desvio de cotidianos subalternos, propondo até o não trabalho – num país como o nosso, onde a meritocracia, e o reconhecimento do trabalho obedecem a cor da pele, gênero, classe social. A malandragem esta mais para a criatividade do que para o tirar vantagem – confundiram a malandragem com mais valia. A malandragem é justamente o confrontar a opressão, desviando. Confrontar a ordem não remunerada, ou mal remunerada do patrão, desviando do olhar e do chicote do capataz, e a cada vez que ele não estiver, vadiar. A malandragem procura a brecha, pode nos ajudar a ser um país com novos valores, de fazeres não alienados e subalternos, por exemplo; inclusive questionando determinados tipos de compulsoriedades produtivistas, empreendedoras, com contratos de trabalho alienantes como o modo balizador da vida.

(Malandro é malandro, mané é mané, samba de Bezerra da Silva)

E malandro é malandro, mané é mané! Podes crer que é / Malandro é malandro e mané é mané. Diz aí! Podes crer que é / Malandro é o cara que sabe das coisas malandro é aquele que sabe o que quer / Malandro é o cara que tá com dinheiro e não se compara com um Zé Mané / Malandro de fato é um cara maneiro que não se amarra em uma só mulher / Já o Mané ele tem sua meta não pode ver nada que ele cagueta / Mané é um homem que moral não tem vai pro samba, paquera e não ganha ninguém / Está sempre duro é um cara azarado e também puxa o saco prá sobreviver / Mané é um homem desconsiderado e da vida ele tem muito que aprender.

O Sambo, logo Penso (SILVA, 2015), onde o malandro, o driblador, são possíveis menos pelo racionalismo lógico de verdades designadoras em enunciados, por exemplo, sobre a população de rua, e mais em extra-corpos, efeitos, incorporais vinculados diretamente ao campo dos encontros dos corpos, das misturas, justamente com um empírico acionando a produção de sentido, no não-hermenêutico, mesmo esse novo existindo entre a “fugacidade de um objeto e a eternidade de seu sentido [...]” (DELEUZE, 2006a, p. 225). Ou seja, todos desdobramentos nesse tempo de trabalho com algumas pessoas em situação de rua foram possíveis no campo vivencial, no empírico do convívio nas oficinas no Centro Pop, na busca por alternativas de coabitação e coexistência que desembocaram nas RNRs ocupando o espaço público, encontrando entes e variações produtoras de incorporais a distender o ser-repórter de uma pessoa, distendendo e inventando também outras pessoas, inclusive, nos outros envolvidos.

Epílogo

Mensagem recebida num incorporal

Sou a cartografia. Escrevo a vós minha biografia. Nesse caso, ao esticar-me nessas páginas, caminho, pé a pé, com sapatos feitos de alfabeto, deixo pegadas letradas que traduzem meus trajetos. Minha prima de mesmo sobrenome, da família Grafia, será minha companheira nesse relato para que eu possa registrar meu espírito. Nossa família Grafia, é grega. Significa escrita. A família dos registros, da inscrição de algo; da forma como esse algo se inscreve. A *Biografia*, no caso é uma prima bem novelesca. Adora as badalações das vidas alheias: uma divindade, uma celebridade, um rei, um anônimo excêntrico ou um assassino. Isso porque seu primeiro nome significa *Vida*. Não qualquer vida, tipo a vida de todos os seres vivos. *Bio*, significa a vida dos humanos dentro de seu sistema político, econômico, social, cultural, afetivo (PELBART, 2011). Assim, com a biografia, escreverei sobre meu existir com humanos. Cartografia, em grego significa escrita na carta, no papel. Minha força não está no meu nome, está no meu movimento. Sou a escritura dos fluxos de forças da natureza e dos entes no mundo. Minha *vibe bio* é inscrever no mundo os movimentos intensivos, inventivos e sensíveis das pegadas e flutuações da diferença, dos ritornelos.

Eu, cartografia, fluxo de suspensão da sobrecodificação e invenção. Eis que o que mais gosto é de cavalos. Cavalos humanos. São meus veículos preferidos. Com eles corro pelos entes. Percorro rastros. Realizo associações e trechos. Invento trecos. Vivo em redes de conexões de multiplicidades. Além de percorrer esses ponteados galopando a pelo, sou invadida por tudo que este cavalo humano vive – é um conglomerado de memórias, conceitos, dores, conexões, sentimentos, sensações, mas também uma potente máquina corporal de produzir diferença.

Com meus sentidos atentos, como diria Kastrup (2007), uma atenção quase flutuante. Como a freudiana. Interessante chamam Freud e psicanálise, me divirto assistindo meu cavalo enjoando. Ele se incomoda. A linhagem de construção de conceitos que a psicanálise administra pertencem a um mundo dentro do bem o do mal, pretendem esse mundo moderno, e a produção de axiomas nesse mundo – adoram a profundidade escondida, ou o desertação que será salva pela linguagem. Ah! Lá se foi meu cavalo pro banheiro. Ele enjoa. Hahaha! Enfim, Kastrup se propôs a falar de mim. Não pensem mal, ela é legal. Isso não faz dela uma fofqueira. Mas sair por aí falando em atenção me cansa um pouco. Pensa em alguém atento... aff, lembro da polícia em manifestação. Prestam atenção em tudo, mas procurando sempre o mesmo. É sempre uma coisa que ela busca. E a psicanálise? Aff. Prefiro os desatentos, atenção flutuante flatulenta, acabam flutuando sempre em elementos mofados.

“a atenção não seleciona elementos num campo perceptivo dado, mas configura o próprio campo perceptivo.” (KASTRUP 2007, p.16)

O difícil é estar suficientemente desatento. Perder o foco. Adoecer a atenção. Para que esse adoecimento permita que a potência dos entes nos surpreenda. E de verdade, ser surpreendido, está mais pra ordem do susto, do que da atenção flutuante. Para ser surpreendido por uma potência é preciso distrair-se, desatentar. Aqui, talvez surja um dos primeiros movimentos que moram no meu espírito: aprender a desatentar dos pressupostos e de binarismos tipo verdade-falsidade. Uma desatenção flutuante, politicamente desejada. Balões de gás. Esse jogo do verdadeiro e do falso, do certo e do errado, a mistura entre julgamento, ciência e verdade, as ferramentas dadas a analisar os objetos, os fenômenos ou os sujeitos, aff. Gosto do nu, despir os personagens/atores de determinados entrelaçamentos com algumas verdades repetidas, desejando conhecer as ações singulares que compõem seus trechos, suas misturas. Tá bem eu sinto que os julgamentos, as “verdades”, também atuam em suas misturas, tô só querendo percorrer outros trechos pra multiplicar narrativas. Só com essa disciplina se poderá ficar desatento o suficiente para ser surpreendido por uma potência. É preciso suspender rigorosamente a força das definições. A capacidade do meu cavalo de suspender o máximo possível de convenções sociais, semânticas, induções, preconceitos, dirá de sua abertura a desatenção e do seu encontro com o surpreendente. A eureka é uma surpresa, um susto, prima do rigor e da disciplina, tipo produzir pensamento para o tal de Deleuze.

Três movimentos da cartografia – A Intuição como Método (Bergson)

1º movimento – desarticular a dupla razão-inteligência – Quando em contato com combinações de personagens e atores variados, preciso suspender as pré concepções do meu cavalo humano. Uma tarefa nada fácil para um animal criado para lembrar e raciocinar. A razão na maioria das vezes é uma das minhas inimigas e bem novelesca também. Ela coloniza qualquer coisa. Ela se apropria de entes e os define, circula seu campo de ação, de possibilidades, de restrições. A razão, utiliza-se da inteligência para legislar e deliberar ações transcendentais aos encontros. Ela tem uma preferência: os olhos. Tudo pra ela é em termos de ver. Ela pode ficar de longe vendo as coisas, observando os movimentos e catalogando. Tudo com os olhos. Ela não precisa ir lá cheirar, tocar. Ela questiona fundamentalismos, mas anda de burca – só olhos importam! Ela não percebe que todo encontro é uma raridade e guarda a virtualidade de transformar os entes que se encontram, multiplicando-os. Como se cada ente pudesse abandonar suas definições e identificações, no exato momento desse novo encontro com um novo ente. Abrindo-se a experiência, a experimentação das potências desse ente, para descobrir o que podem juntos. Esse é um dos meus trabalhos. Desarticular o uso que a

inteligência, subjugada a razão (ocidental, talvez), faz dos encontros. Suspender os conceitos para permitir que os entes descubram outros estados de potência e problematizem encontros.

2º movimento – descobrir potências – Eis o banho onde me esqueço. Nado, mergulho, me inundo com as potências dos entes. Os humanos quando se conectam e se abrem para esse encontro produtivo, descobrem conexões poderosas. Conexões como a abelha e a flor, como o peixe e a água. Encontrar potências é uma das caçadas mais bonitas. Diria que é a única caçada onde ocorre mais vida, e não vida certa. Após, ou simultaneamente, a suspensão da inteligência/razão e suas supervisões com seus super conceitos, precisamos experimentar conexões, descobrir possibilidades. Esse momento criativo do ato de se conectar entes é pura eureka. Está mais para a dança contemporânea, ou dança de contato, quando um quase erro, inventa uma nova partitura corporal.

3º movimento – a inscrição – Ao mesmo tempo em que suspendo as verdades absolutas e colonizadoras, conecto os entes entre si, clinâmen, vivendo o contato criativo, artístico, com potências, rasgo a realidade com monstros, com bricolagens, com mutantes, com diferenças. Não é o parecido, não é o semelhante. Possa crer em mim como um feitiço, o espírito da bruxa, a sopro de invenção além do bem e do mal. A intensidade do encontro me engravida de diferença. Parto monstros! Me use sem moderação! Façam isso, ou estejam abertos para que eu os realize em vocês, por vocês e convosco! Meu espírito traspassará riscando, tatuando, arranhando todo real, criando outro real, criando outro real, criando outro real... uhuhu! Me deixa, bixa! Sou assim infreável. Gosto do gosto e do gasto e ainda deixo a rocha toda lascada com um: ESTIVE AQUI!

Comigo, cartografia, toda uma geografia no pensamento se desenha ao mesmo tempo que se vive/experimenta. Eu sou assim, enquanto vivemos inventamos o lugar no mesmo momento em que caminhamos esse lugar. E caminhar um lugar é caminhar com o corpo numa direção na terra, e ao mesmo tempo disparar passos em outros platôs para diferentes sentidos no ar. Eu sou assim multidirecional. Experimentar, cartografar é um malabarismo de dimensões. Aff, cansei. Sinto que gastei lábia demais. Tô pela ladaia, pela encrenca e pela desatenção flutuante! Fui!

Trazendo, novamente, a imagem do pensamento nos 8 postulados filosóficos de Deleuze (2006a), como trabalhar tecnicamente em psicologia de modo a superar “o triplo nível suposto de um pensamento naturalmente reto, de um senso comum naturalmente de direito, de uma reconhecimento como modelo transcendental” (p. 196), iniciando o contato com cada pessoa/grupo/demanda diferente, sem pressupostos, ou suspendendo pressupostos, rejeitando a ortodoxia? Inclusive, “sinto essa pergunta como necessária à retornar eternamente” (CLÁUDIA

PAZ, 2018, arquivo pessoal – conversa na sala de casa as 18 horas e 15 minutos do dia 25 de novembro de 2018), se presentificando novamente, em cada nova agenciamento atual, surgindo em looping/ritornelo em cada novo encontro clínico, técnico, artístico, institucional – a problematização constante numa metodológica aliança com o novo, aquele novo:

Quando Nietzsche distingue a criação de valores novos e a reconção de valores estabelecidos, esta distinção não deve, certamente, ser compreendida de uma maneira relativa, histórica, como se os valores estabelecidos tivessem sido novos em seu tempo e como se os novos valores precisassem apenas de tempo para se estabelecer. Trata-se, na verdade, de uma diferença formal e de natureza; o novo permanece para sempre novo, em sua potência de começo e de recomeço, como o estabelecido já estava estabelecido desde o início, mesmo que tivesse sido preciso um pouco de tempo empírico para reconhecê-lo. O que se estabelece no novo não é precisamente o novo, pois o próprio novo, isto é, a diferença. É exigir, no pensamento, forças que não são as da reconção, nem hoje, nem amanhã, potências de um modelo totalmente distinto, numa terra incógnita nunca reconhecida, ne reconhecível. (p. 198)

Conclusão

Concluo para o fim desse programa radiodissertativo, que o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS me acolhendo desacomodou restrições pessoais ao mundo universitário. Todas as cadeiras que vivi desde as políticas do texto com Luciano Bedin, A Problematização como Método com a Fernanda Amador, e principalmente as obrigatórias com Luís Artur Costa, Carlos Antônio Cardoso Filho e Paula Sandrini foram fundamentais para complexificar minhas perspectivas, girar meu pensamento e forçá-lo ao paradoxal, a invenção paradoxal, a perceber o paradoxal nas múltiplas práticas. Lembro da aula no início do curso onde insinuei a RNR como um contraponto combativo às políticas públicas de assistência social do Estado, e fui provocado a percebe-la paradoxalmente como mais uma política pública, só que não do Estado. A precisão com que os conceitos de pensadores como Deleuze, Guattari, Foucault, Spivak, Despret, Costa, Cruz, são repassados aos alunos engravida e expande o mais ensimesmado pesquisador. Fico grato por ter sido torcido e rearticulado em minhas convicções iniciantes. Esse trabalho foi uma radialização possível por esses tensionamentos conceituais, paradigmáticos, metodológicos do PPG, mas também, e principalmente, pelos desdobramentos sensíveis. Na figura de minha orientadora Lilian Rodrigues da Cruz tive carinho, paciência, estímulo, cobrança e auxílio amoroso na organização do estudo. Lilian me cuidou dentro dessa instituição.

Por outro lado, concluo que poderia gerar mais umas 100 páginas de desdobramentos dos *loopings* vividos durante esses dois anos de mestrado e mirar uma próxima temporada de estudos de uns 4 anos no mínimo de tão entusiasmado que termino essa dissertação.

Definitivamente por fim, faço votos que os cursos desse PPGPSI sigam recebendo incentivos e financiamentos federais para perpetuarem o necessário ao desenvolvimento científico e corajoso da Psicologia.

Se trata, portanto, de tolerar fins em aberto, enfrentar dilemas, habitar dúvidas. Um buraco nunca terá um fundo - nós é quem temos e damos a ele. Ele, em si, jamais nos dirá: é aqui que você deve parar, nesta pedra, neste bloco de concreto - nós é que diremos a ele, para mim chega, não tenho as ferramentas, nem o tempo ou a energia para seguir a diante, ou ainda, iremos até o magma, o cruzaremos e chegaremos do outro lado do mundo com a mesma conclusão: buracos não tem fundo. Este trabalho é um buraco e, por ora, este é o seu fundo. (RODRIGUES, 2018, p. 55)

Referências Bibliográficas

- ABREU, Ovídio de. **Deleuze e o Eterno Retorno da Diferença**. DoisPontos, Curitiba, São Carlos, vol. 8, n. 2, p.27-55, outubro, 2011.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra travessia, Florianópolis, nº. 5, 2005. ISSN 2176-8552. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 21 set. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.
- AGUIAR, Douglas. **Urbanidade e Qualidade na Cidade**. In: PEDRO, Rosa; RHEIMGANTZ, Paulo A. *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: Controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/PROARQ, 2012.
- ALICE, T., ARAÚJO, A. **A ação disruptiva no espaço urbano: um treinamento ativista**. BRAGA, Bya (Org.). *Treinamentos e Modos de Existência*. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2013.
- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. **Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, abr. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100004&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 12 nov. 2018.
- ANTONELLI, M. **Deleuze: três perspectivas sobre o niilismo**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 20, n. 34, p. 253-270, 14 jul. 2015.
- ANTUNES, Elton. **Temporalidade e Produção do Pensamento Jornalístico**. Revista Em Questão v. 13, nº 1, 1º semestre de 2007. ISSN 1808-5245. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/1997/1325>. Acesso em: 01 sep. 2018.
- ARAUJO JR., Anastácio Borges de. **A natureza dos números na República de Platão**. Kriterion, Belo Horizonte, v. 51, n. 122, p. 459-471, Dec. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000200008&lng=en&nrm=iso access on 13 Oct. 2018.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BEY, Hakim. **Zonas Autônomas**. Organização Coletivo Protopia. Porto Alegre: Deriva, 2010.

BIZZIO, Michele R. **Condomínios residenciais Fechados: a urbanização do grupo Encalço Damha em São Carlos – SP**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate À Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. [online] Reimpressão 2009. Recuperado em 18 de maio de 2017, http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate À Fome. **Política Nacional de Assistência Social/PNAS**. [online] Resolução CNAS nº 145, 15 de outubro de 2004. Recuperado em 18 de maio de 2017 <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/sala-de-imprensa/arquivos/PNAS.pdf/view>

BRASIL. **Norma Operacional Básica – NOB/Suas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005. Disponível em https://www.mds.gov.br/webarquivos/public/NOBSUAS_2012.pdf acessado em 18 de agosto de 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Trad.: Renato Aguiar. 7a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2.ed., 9.reimp., São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARDOSO JUNIOR, Hélio R. **Acontecimento e História: pensamento de Deleuze e problemas epistemológicos das ciências humanas**. Revista Trans/Form/Ação, São Paulo, 28(2): p. 105-116, 2005.

CARMELINO, Ana C. **Efeito de Sentido Humorístico e Ocesso Evenemencial**. Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas. Coleção Mestrado em Linguística. v. 6, Editora Unifran França/SP, p. 53-71, 2011.

CARVALHO, Jairo D. **Plano de Imanência e Univocidade do Ser em Deleuze**. DoisPontos, Curitiba, São Carlos, vol. 8, n. 2, outubro, 2011.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. **Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Acessado no endereço na web http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102434/9_CastroGomez.pdf em 22 de setembro de 2017.

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORAZZA, S. M. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- COSTA, Luciano Bedin da. **O ritornelo de Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis**. In: II Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências, 2006, Santa Maria. II Seminário Nacional de Filosofia e Educação. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2006.
- COSTA, Luis Artur. **O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social**. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 26, n. spe, p. 551-576, 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000500551&lng=pt&nrm=iso. acessado em 22 out. 2018.
- COSTA, L. A. **Brutas Cidades Sutis: Espaço-Tempo Da Diferença Na Contemporaneidade**. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13404/000632050.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 out. 2018
- COSTA, L. A. **Desnaturando desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano**. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55684>. Acesso em: 18 out. 2018.
- CUNHA, Juliana Gomes da. **Pessoa Em situação de Rua e seus Cães: fragmentos de união em histórias de fragmentação**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.
- DA SILVA, E. S. **Me Apoia Aí: Para Entender Tem Que Conviver – Um Grupo com Pessoas em Situação de Rua e seus Agires em Saúde**. (Dissertação de Mestrado). Saúde Coletiva (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad.: Luiz Roberto Farina Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009a.
- DELEUZE, Gilles. **O bergsonismo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad.: Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2a ed. Rio de Janeiro Graal, 2006a.
- DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta: e outros textos**. Ed. Preparada por David Lapoujade. Trad.: Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006b.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – V. 2.** Trad. de Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. V. 1** São Paulo: Ed. 34, 2004.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor.** Trad. Cíntia Vieira da Cunha. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, G e PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DESCARTES, R. **Princípios de Filosofia.** Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2006.
- DIAS, S. **Lógica do Acontecimento – Deleuze e a Filosofia.** Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- DOS SANTOS, Maria Adriana M. **Os condomínios fechados horizontais e as dinâmicas recentes da produção do espaço urbano: bairro Passaré em Fortaleza-CE.** Dissertação (Mestrado em Geografia: Estrutura Dinâmica do Espaço Regional, Urbano e Rural) no Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE.
- ESTEVES, Maria Aparecida V. NOGUEIRA, Marly. **A proliferação e a consolidação de condomínios fechados: um estudo de caso em uma cidade média - Divinópolis (MG).** *Geografias* Vol. 9, no 1, Belo Horizonte, 17 de janeiro - 06 de junho de 2013
- FOUCAULT, Michel. **Polêmica, política e problematizações.** In: FOUCAULT, Michel. *Ética Sexualidade e Política.* Organização de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos & Escritos IV).
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 22º ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. **From the empire of looking to the art of seeing.** *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 151-162, october 1995.*
- GELAMO, Rodrigo Peloso. **Pensar sem pressupostos: condição para problematizar o ensino da filosofia.** *Pro-Posições, Campinas, v. 19, n. 3, p. 161-174, Dec. 2008.* Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072008000300008&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Nov. 2018.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. 1º ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo.** Trad.: Suely Rolnik. 2º ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Trad: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.
- HILLESLEIM, Betina. **Entre a literatura e o infantil: uma infância**. 2006. 136f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- JUSTO, M. G. Vinas Ruas de São Paulo e Alternativas Possíveis? Um enfoque sócio-ambiental. *Interfac EHS (Ed. Português) V. 3, p. 1-27, 2008*. Disponível em <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/070qrt-42008-6.pdf> acessado em 18 de outubro de 2018
- KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. *Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, Apr. 2007*. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso. access on 05 Nov. 2018
- KUBOTA, A. C.; PIRES, C. B.; NEVES, L. P. **O Morador de Rua: Perspectivas conceituais**. *Revista Bioéthikos – Centro Universitário São Camilo, V. 2, N. 2, p. 223-233, 2008*. Disponível em <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/64/223a233.pdf> acessado em 18 de outubro de 2018.
- LE BRETON, D. **Antropologia dos Sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- LEAL, Natacha S. **Dos manuais que fazem raça: técnicas e enunciados sobre purezas zootécnicas**. *Revista de @ntropologia da UFSCar, 10 (1), jan./jun. 2018*.
- LOURAU, R. **A Análise Institucional**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MATEUS, Samuel. A Configuração Enemencial da Publicidade. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura, [S.l.], n. 1o, setembro. 2013. ISSN 1645-2585*. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/3712> Acessado em 01 de setembro de 2018.
- MEDEIROS, Claudio Vinícius Felix. O conceito de “matéria sutil” na filosofia natural de René Descartes. *Ítaca, [S.l.], n. 29, p. 65 - 81, jul. 2016. ISSN 1679-6799*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/3491>. Acesso em: 12 Out. 2018.
- MENEZES, A. L. T. de; SILVEIRA, V. F. **Epistemologias indígenas e as visões sobre a pobreza: Estética e espiritualidade como resistência**. In: XIMENES, Verônica Morais *et al.* *Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências*. Fortaleza: Expressão Gráfica

e Editora, 2016.

MOEHLEKE, Vilene. FONSECA, Tania Maria Galli. **Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil.** *Rev. Dep. Psicol., UFF*, Jun 2005, vol.17, no.1, p.45-59. ISSN 0104-8]023

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** Trad.: Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: prelúdio para uma filosofia do futuro.** Trad.: Paulo César de Souza. 2a ed. 5a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOGUERA, Renato. **O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol e do epistemicídio na filosofia.** In: *Revista Z Cultural (UFRJ)*, v. VIII, p. 34, 2013.

NOGUERA, Renato. **Introdução: Concentrando e Esquentando os Tamborins.** In.: SILVA, W. L (organizador). *Sambo, Logo Penso: Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba.* Hexis, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2015.

PERRINI, Edival A. L. **Uma aproximação ao mundo dos conteúdos oníricos e a cesura.** *Revista Brasileira de Psicanálise* · Volume 43, n. 3, 71-79, 2009.

PELBART, Peter P. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: loucura e desrazão.** São Paulo: Iluminuras, 2009.

PELBART, Peter P. **Vida Capital: ensaios de biopolítica.** São Paulo: Iluminuras, 2011.

PORTO, C.M. **A física de Aristóteles: uma construção ingênua?** *Rev. Bras. Ensino Fís.* São Paulo, v. 31, n. 4, p. 4602-4609, Dec. 2009. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172009000400019&lng=en&nrm=iso access on 13 Oct. 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** Editora Clara Luz, São Carlos, 2005.

RIBERIO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, Jorge Alberto da Costa. **Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

RODRIGUES, Júlia M. **“Diabetes Tipo A Minha”:** **Crônicas etnográficas de uma experiência com a Diabetes.** Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS, 2018.

ROMANDINI, Fabián L. **A Comunidade dos Espectros: I. Antropotecnia.** Trad. Alexandre Nodari e Leonardo D'Ávila de Oliveira. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.

- SALES, Alessandro C. **Do Sentido Como Produção de Sentido em Deleuze**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência. Vol. 8, nº 2 – pp.33-53. 2015.
- SCHAFFER, R. M. **A Afiinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.
- SCHAFFER, R. M. **O Ouvido Pensante**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.
- SEHN, Carina. **Um corpo performático para romper com a representação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação com ênfase em Arte) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SCHECHNER, Richard. “**O que é performance?**”, em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006
- SILVA, W. L (organizador). **Sambo, Logo Penso: Afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. Hexis, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2015.
- SILVA, Rodrigo Lages. **A ficção: uma aposta ético-política para as ciências**. Fractal, Rev. Psicol. Rio de Janeiro, v. 26, n. spe, p. 577-592, 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000500577&lng=en&nrm=iso . Access on 06 Nov. 2018.
- SILVA, Thiago Lemões da. **A Família, a Rua e os Afetos: Uma etnografia da construção de vínculos entre homens e mulheres em situação de rua**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- SILVA, Thiago Lemões da. **De vidas infames à máquina de guerra: etnografia de uma luta por direitos**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017a.
- SILVA, Thiago Lemões da. **O Lado Brutal Da Modernidade E A Produção Histórica Da “Mendicância” Como Argumento para a Violência Estatal No Brasil**. Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, Vol. II, N. 11, Ago/Dez, 2017b.
- SILVA, I. G.; KROEF, A. B. G. **Artistagens Ético-Estéticas: Experimentações Audiovisuais Com A Filosofia Da Diferença**. XXV Encontro de Iniciação à Docência. Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará. V. 1, N. 1, Fortaleza, 2016. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/16426>, acessado em 20 de novembro de 2018.
- SOERENSEN, Claudiana. **A Carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin**. Revista Travessias, Cascavel, V. 5, n. 1, p. 318-331, 2011. Available from <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4370/3889>. Access on 06 Nov. 2018.

- SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?** *Civitas*. Porto Alegre, v.14, n.2, p.272-284, maio/ ago. 2014. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17148> acessado em 24 de outubro de 2018.
- STERNICK, Mara Viana de Castro. **A imagem do corpo em Lacan**. Reverso, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 31-37, jun. 2010. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 13 out. 2018.
- STUMPF, B. O.; BERGAMASCHI, M. A. **Elementos Espirituais, Simbólicos e Afetivos na Construção da Escola Mbyá Guarani**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.42, n.4, p.921-935 out./dez, 2016.
- ULGIATI, Sergio. **Verbetes 20: Entropia**. In: D'ALASIA, Giacomo. DEMARIA, Federico. KALLIS, Giorgos. Decrescimento: Vocabulário Para Um Novo Mundo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016.
- VEYNE, P. **Como se Escreve a História; Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4a ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **A Inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.